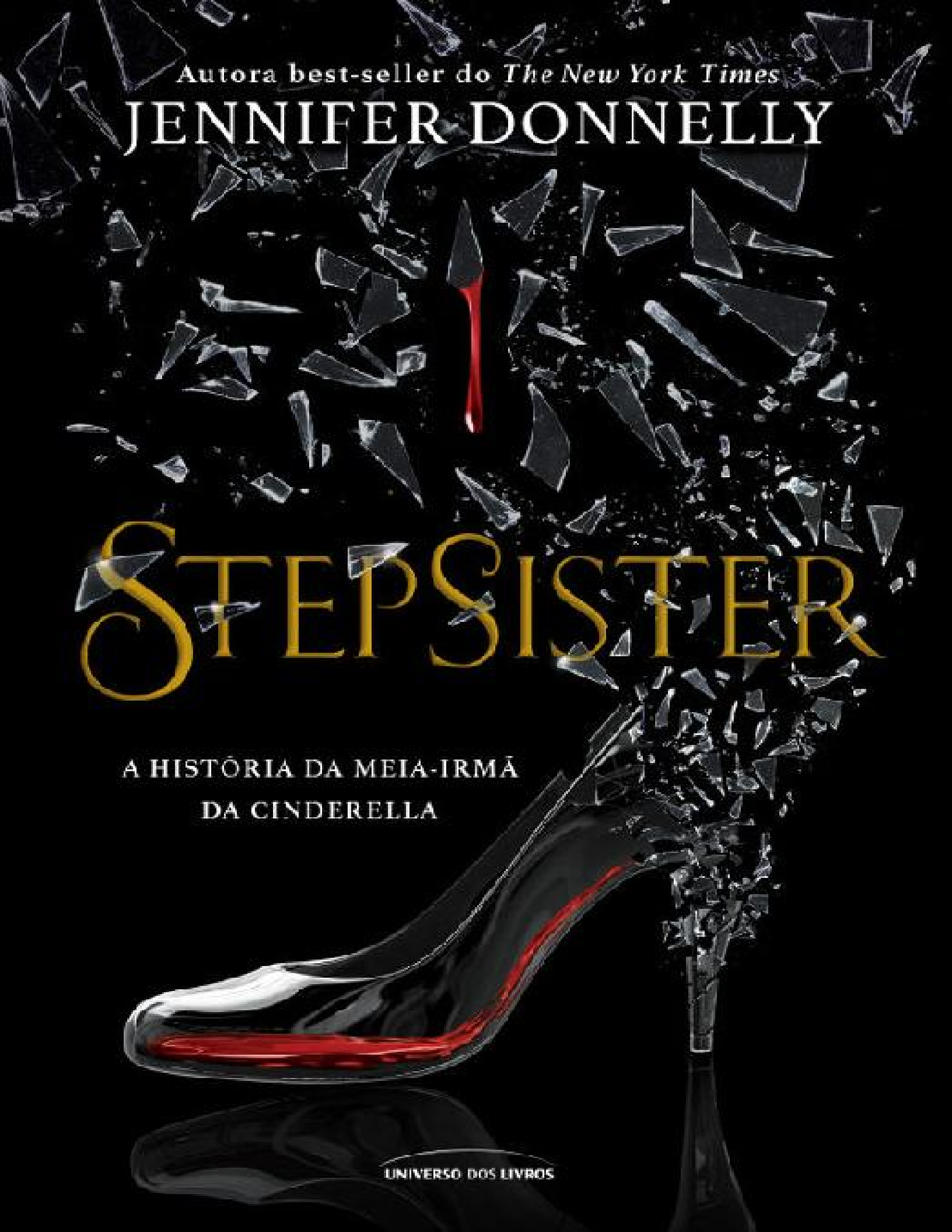
Autora best-seller do *The New York Times*

JENNIFER DONNELLY

STEPSISTER

A HISTÓRIA DA MEIA-IRMÃ DA CINDERELLA



UNIVERSO DOS LIVROS

StepSister

Revisão: **Luisa Tieppo e Cristina Lasaitis**
Arte e adaptação de capa: **Valdinei Gomes**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

D739s

Donnelly, Jennifer

Stepsister: a história da meia-irmã da Cinderella / Jennifer Donnelly; tradução de Michelle Gimenes. – São Paulo: Universo dos Livros, 2019.

464 p.

ISBN: 978-85-503-0461-8
Título original: Stepsister

1. Ficção norte-americana 2. Contos de fadas I. Título II. Gimenes, Michelle

19-1763 CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

Autora best-seller do *The New York Times*

JENNIFER DONNELLY

StepSister

A HISTÓRIA DA MEIA-IRMÃ DA CINDERELLA

São Paulo
2019

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

A todos aqueles que já sentiram que não eram bons o bastante.

Esta é uma história sombria. Uma história assustadora.

É uma história de outra época, em que lobos esperavam por garotas na floresta, feras andavam por corredores de castelos amaldiçoados e bruxas ficavam à espreita em casas feitas de pão de mel com telhados de confeitos.

Essa época acabou faz muito tempo.

Mas os lobos continuam por aqui, e agora são duas vezes mais espertos. As feras ainda existem. E a morte ainda se esconde na poeira.

É assustador para qualquer garota que se perde em seu caminho.

Mais assustador ainda para uma garota que perde a si mesma.

Saiba que é perigoso desviar do caminho.

Mas é muito mais perigoso não fazê-lo.

PRÓLOGO

ERA UMA VEZ, em uma antiga cidade litorânea, três irmãs que trabalhavam à luz de velas.

A primeira era uma donzela. Seus cabelos, longos e soltos, eram da cor do sol da manhã. Ela usava um vestido branco e um colar de pérolas. Em suas mãos delicadas, segurava uma tesoura dourada, que usava para cortar metros do mais fino pergaminho.

A segunda, uma matrona forte e robusta, trajava um vestido carmim. Rubis adornavam seu pescoço. Seus cabelos avermelhados, tão incandescentes quanto um pôr do sol de verão, estavam presos em uma trança. Ela segurava uma bússola prateada.

A terceira era uma velha feia, corcunda e astuta. Seu vestido era negro; tinha como único adorno um anel de obsidiana, entalhada no formato de caveira. Os cabelos brancos como a neve estavam presos em um coque; seus dedos nodosos manchados de tinta seguravam uma pena.

Os olhos da velha, como os de suas irmãs, eram de um cinza ameaçador, tão frios e impiedosos quanto o mar.

Ao som repentino de um trovão, ela ergueu os olhos da mesa comprida em que trabalhava para as portas abertas de sua varanda. Uma tempestade uivava, atingindo a cidade. A chuva lavava os telhados dos grandes palácios, relâmpagos cortavam a noite, em cada torre de igreja sinos soavam em sinal de alerta.

– O nível da água está subindo – ela disse. – A cidade vai inundar.

– Estamos bem acima do nível da água. Não pode nos atingir. Não pode nos deter – afirmou a matrona.

– Nada pode nos deter – reforçou a donzela.

Os olhos da velha se estreitaram.

– *Ele* pode.

– Os criados estão atentos – avisou a mãe. – Ele não entrará.

– Talvez ele já tenha entrado – pontuou a velha feia.

Ao ouvir tais palavras, a matrona e a donzela ergueram a visão. Seus olhos desconfiados vasculharam o cômodo cavernoso, mas não viram nenhum intruso, apenas os criados de capa e capuz cuidando de seus afazeres. Aliviadas, elas voltaram ao trabalho, mas a velha permaneceu vigilante.

Feitura de mapas era o negócio das irmãs, mas ninguém jamais tinha ido comprá-los, pois não podiam ser adquiridos por valor algum.

Cada mapa era ricamente desenhado, usando penas de um cisne negro.

Cada mapa era suntuosamente colorido com tintas feitas de uma mistura de índigo, ouro, pérola-da-terra e outras coisas muito mais difíceis de obter.

Cada mapa usava o tempo, em vez da distância, como unidade de medida, pois cada um deles traçava o curso de uma vida humana.

– Rosas, rum e ruína – a velha resmungou, farejando o ar. – Não sentem o cheiro dessas coisas? Não sentem o cheiro *dele*?

– É apenas o vento – a matrona tranquilizou-a. – Ele traz os cheiros da cidade.

Ainda resmungando, a velha feia mergulhou a ponta da pena no vidro de tinta. As chamas tremeluziram no candelabro de prata enquanto ela desenhava o cenário de uma vida. Um corvo, preto como carvão e de olhos brilhantes, estava empoleirado no aparador da lareira. Havia um carrilhão de coluna feito de ébano encostado em uma das paredes; seu pêndulo, um crânio humano, oscilava devagar de um lado para o outro, tiquetaqueando segundos, horas, anos, vidas.

A sala tinha formato de aranha. O local de trabalho das irmãs, no centro, era o corpo da criatura. Longas fileiras de estantes altas partiam do centro do cômodo como se fossem as muitas pernas da aranha. Portas de vidro que davam para a varanda ficavam de um lado da sala; um par de portas de madeira entalhada, do outro.

A velha terminou seu mapa. Segurou um bastão de cera vermelha de selar documentos sobre a chama de uma vela, pingou um pouco

de cera na ponta do pergaminho e então pressionou seu selo sobre o líquido. Quando o selo endureceu, ela enrolou o mapa, amarrou-o com uma fita negra e o entregou a um criado. O homem desapareceu entre as fileiras de estantes para guardar o mapa, levando consigo uma vela para iluminar o caminho.

Foi então que aconteceu.

Outro criado, de cabeça baixa, passou entre a velha e as portas abertas da varanda atrás dela. Ao fazê-lo, uma rajada de vento o atingiu, enchendo a sala com um cheiro forte de fumaça e condimentos. As narinas da velha se dilataram e ela se virou.

– Você aqui! – a mulher exclamou, investindo contra ele. Sua mão em garra segurou o capuz dele, que caiu de sua cabeça, revelando um jovem de olhos cor de âmbar, pele escura e longas tranças negras. – Agarrem-no! – ela sibilou.

Uma dúzia de criados correu na direção do homem, mas, quando eles se aproximaram, outra rajada de vento apagou as velas. Depois que conseguiram fechar as portas e reacender as chamas, tudo o que restava do homem era sua capa, jogada e amontoada no chão.

A velha feia andava de um lado para o outro, gritando com os criados, que corriam por entre as estantes empoeiradas, com suas capas esvoaçantes, tentando encontrar o intruso. Pouco depois, ele saiu de repente de trás de um dos móveis, derrapando até parar a alguns passos da velha. O homem disparou até as portas de madeira e tentou desesperadamente abri-las, mas estavam trancadas. Praguejando baixinho, virou-se para as três irmãs, lançou-lhes um sorriso inesperado e se curvou em uma mesura.

Ele vestia uma sobrecasaca azul-celeste, calça de montaria de couro e botas de cano alto. Uma argola de ouro pendia em uma orelha; um sabre de marujo estava preso junto à cintura. Seu rosto era tão belo quanto o alvorecer, seu sorriso tão fascinante quanto a madrugada. Seus olhos prometiam o mundo e tudo o que há nele.

Mas as irmãs não se comoveram com aquela beleza. Uma de cada vez, elas falaram:

– Sorte – sibilou a donzela.

– Risco – cuspiu a matrona.

– Perigo – rosnou a velha.

– Prefiro Chance. Soa melhor – o homem replicou com uma piscadela.

– Fazia um bom tempo que você não nos visitava – falou a velha.

– Eu deveria aparecer mais vezes – disse Chance. – É sempre um prazer visitar as irmãs Fate. Vocês são tão espontâneas, tão livres e imprevisíveis. É sempre uma festa este lugar. Um bacanal constante. É. Tão. *Divertido.*

Um punhado de criados surgiu de entre as estantes, ofegantes e com as faces coradas. Chance desembainhou seu sabre de marujo. A lâmina cintilou à luz das velas. Os criados recuaram.

– De quem é o mapa que você roubou desta vez? – perguntou a velha. – Que imperatriz ou general lhe implorou esse favor?

Ainda segurando seu sabre de marujo com uma mão, Chance puxou um mapa de sua sobrecasaca com a outra. Ele arrancou a fita com os dentes e chacoalhou o pergaminho. O mapa desenrolou e ele o ergueu. Quando as três mulheres olharam para o mapa, suas expressões passaram de raiva para confusão.

– Vejo uma casa, a Maison Douleur, no vilarejo de Saint-Michel – falou a velha feia.

– É a casa de… – disse a matrona.

– Uma garota. Isabelle de la Paumé – completou a velha.

– *Quem?* – perguntou a donzela.

– Toda essa confusão por causa de uma simples garota? – perguntou a velha, examinando Chance com atenção. – Ela não é nada, uma ninguém. Não possui nem beleza nem inteligência. É egoísta, maldosa. Por que ela?

– Porque não resisto a um desafio – respondeu Chance. Ele enrolou novamente o mapa com uma mão, usando o peito como apoio, e então o enfiou de volta em sua sobrecasaca. – E que garota não aceitaria o que eu ofereço? – Ele indicou a si mesmo, como se nem ele acreditasse no quão irresistível era. – Darei a ela a chance de deixar o caminho que está seguindo. A chance de trilhar seu *próprio* caminho.

– Idiota – retrucou a velha feia. – Você não sabe nada sobre os mortais. Nós, as Fate, traçamos os mapas de suas vidas porque eles assim desejam. Mortais não gostam de incertezas, não gostam de mudanças. Mudar é assustador. Mudar é doloroso.

– Mudar é um beijo no escuro. Uma rosa em meio à neve. Uma estrada solitária em uma noite de vento – Chance replicou.

– Monstros vivem no escuro. Rosas morrem na neve. Garotas se perdem em estradas solitárias – rebateu a velha.

Mas Chance não desistia. Ele embainhou seu sabre de marujo e estendeu a mão. Como num passe de mágica, uma moeda de ouro apareceu em seus dedos.

– Vamos fazer uma aposta – ele sugeriu.

– Você me irrita – a velha rosnou, com a fúria se delineando feito uma tempestade em seus olhos.

Chance jogou a moeda para a velha. Ela a agarrou no ar e a colocou com violência sobre a mesa.

A tempestade começou.

– Acha que uma *moeda* paga o que você libertou? – ela disse, enfurecida. – Um déspota causa destruição na França. A morte faz uma colheita de ossos. Um reino fica à beira da ruína. Tudo por *sua* causa! O sorriso de Chance sumiu. Por alguns segundos, sua bravata explosiva diminui.

– Vou consertar isso. Prometo.

– Com o mapa *daquela* garota?

– Ela já foi corajosa. Ela já foi boa.

– Sua cabeça é mais vazia do que suas promessas – concluiu a velha. – Abra o mapa novamente, e o leia desta vez. Veja o que acontece com ela.

Chance obedeceu. Seus olhos seguiram o caminho da garota pelo pergaminho. Ele ficou sem ar ao observar aonde aquilo levava… as hachuras e os desbotamentos, as linhas vigorosas. Seus olhos buscaram os da velha.

– Esse fim… Isso não… *Não* pode ser…

– Ainda acha que pode consertar isso? – zombou a velha.

Chance deu um passo na direção dela, de queixo erguido.

– Vamos aumentar as apostas. Se eu perder, jamais voltarei ao palácio.

– E se *eu* perder?

– Você me deixará ficar com este mapa. Permitirá que a garota trilhe seu próprio caminho para todo o sempre.

– Não gosto dessa aposta – disse a velha. Ela fez um sinal, e seus criados, que se aproximavam lentamente de Chance, apressaram-se na direção dele. Alguns seguravam sabres de marujo. Chance estava encurralado, ou assim parecia.

– Nem sonhe em fugir. Devolva o mapa – ordenou a velha, estendendo a mão.

– Nunca deixo de sonhar – respondeu Chance, enfiando o mapa em sua sobrecasaca. Com uns poucos passos, ele correu, deu um salto mortal e passou voando por cima das cabeças dos criados. Aterrissou na mesa de trabalho com a graça de uma pantera e percorreu toda a extensão do móvel. Quando chegou à outra extremidade, saltou para o chão e disparou para a varanda.

– Agora acabou para você, seu vigarista! – a velha gritou para ele. – Estamos no terceiro andar! O que vai fazer? Saltar para o outro lado do canal? Nem mesmo *você* teria tanta sorte!

Chance abriu as portas da varanda e subiu no gradil. A chuva havia parado, mas o mármore ainda estava molhado e escorregadio. Seu corpo balançava para a frente e para trás. Seus braços abertos se agitavam. Bem quando parecia que ele ia cair, conseguiu se equilibrar com cautela na ponta dos pés.

– O mapa. *Agora* – exigiu a velha. Ela havia se dirigido à varanda e estava a apenas alguns passos dele. Suas irmãs a acompanhavam.

Chance lançou um olhar para as irmãs Fate; e então deu um salto acrobático no ar. A velha arquejou e correu até o gradil, com as irmãs logo atrás de si, esperando ver Chance se afogar nas águas revoltas lá embaixo.

Mas não foi isso que viram. Ele estava deitado de costas sobre o toldo de uma gôndola. A embarcação oscilava violentamente de um lado para o outro, mas Chance estava bem.

– Reme, meu bom camarada! – ele gritou para o gondoleiro. O homem obedeceu. A embarcação começou a se mover.

Chance se sentou, fitando as irmãs Fate com um brilho de diamante no olhar.

– Vocês *precisam* aceitar minha aposta agora! Não têm escolha! – ele gritou.

A gôndola foi ficando cada vez menor enquanto avançava pelo canal. Pouco depois, desapareceu numa curva.

– Isso é péssimo – concluiu a velha, sombria. – Não podemos deixar que os mortais façam suas próprias escolhas. Quando isso acontece, logo vem o desastre.

A donzela e a matrona voltaram para dentro. A velha feia as seguiu.

– Prepare um baú – ela ladrou para um criado. – Precisarei de penas e tintas… – Sua mão pairava sobre frascos em cima da mesa. Ela escolheu um da cor do ébano. – *Medo*, sim. *Inveja* também será útil – ela disse, esticando a mão na direção de um vidrinho verde venenoso.

– Para onde você vai? – perguntou a donzela.

– Para o vilarejo de Saint-Michel – respondeu a velha.

– Você impedirá Chance de tomar conta da garota? – perguntou a matrona.

A velha deu um sorriso sinistro.

– Não, não posso fazer isso. Mas farei o que as irmãs Fate fazem desde sempre: impedirei a garota de agarrar uma chance.

UM

Na cozinha de uma grande mansão, uma garota estava sentada segurando uma faca.

Seu nome era Isabelle. E ela não era bonita.

A jovem apoiava a lâmina sobre as chamas que ardiam na lareira. Atrás dela, esparramada semiconsciente em outra cadeira, estava sua irmã, Octávia.

O rosto de Octávia era de uma palidez cadavérica. Seus olhos estavam fechados. A meia em seu pé direito, que já fora branca, agora era carmim – de tanto sangue. Adélie, a velha babá das irmãs, arrancou a peça empapada de sangue e arquejou. O calcanhar de Octávia já era. Sangue pingava do ferimento que havia em seu lugar e formava uma poça no chão; embora ela tentasse se conter, deixou escapar um gemido de dor.

– Shhh, Tavi! – Maman repreendeu. – O príncipe vai ouvi-la! Só porque você perdeu sua chance não significa que sua irmã não possa ter uma.

Maman era a mãe das garotas. Ela estava parada diante da pia, lavando o sangue de um sapatinho de cristal.

O príncipe estava à procura daquela que usara aquele calçado. Ele havia dançado a noite toda com uma bela moça em um baile de máscaras três dias atrás e se apaixonado por ela, mas à meia-noite a garota fugira, deixando para trás apenas um sapatinho de cristal. Ele jurara se casar com a dona daquele sapato. Com ela e ninguém mais.

Maman estava determinada a fazer com que uma de suas filhas fosse aquela garota. Ela havia recepcionado o séquito real no saguão e pedido permissão para que Isabelle e Octávia experimentassem o sapato a sós. O príncipe havia concordado. O grão-duque havia estendido uma almofada de veludo para ela.

Maman havia retirado cuidadosamente o sapatinho dali e o levado para a cozinha. Suas filhas a haviam seguido.

– Deveríamos ter esquentado a lâmina para Tavi – Maman agora se afligia. – Por que não pensei nisso? O calor cauteriza os vasos sanguíneos. Faz parar o sangramento. Ah, bem. Será melhor para você, Isabelle.

Isabelle engoliu em seco.

– Mas, Maman, como vou andar? – ela perguntou com um fiapo de voz.

– Tolinha! Você será *carregada*. Em uma carruagem dourada. Os criados a colocarão e a tirarão dela.

As chamas lamberam a lâmina de prata, que ficou vermelha. Os olhos de Isabelle se arregalaram de medo. Ela pensou em um cavalo, agora perdido, que tivera e amara.

– Mas, Maman, como poderei galopar pela floresta?

– Chegou a hora de deixar as coisas de criança para trás – disse Maman, enxugando o sapato. – Eu me endividei tentando atrair pretendentes para você e para a sua irmã. Lindos vestidos e joias bonitas custam uma fortuna. A única esperança de uma moça nesta vida é arranjar um bom casamento, e não há candidato melhor do que o príncipe da França.

– Não posso fazer isso – sussurrou Isabelle. – *Não posso*.

Maman baixou o sapatinho. Caminhou até a lareira e segurou o rosto de Isabelle entre suas mãos.

– Ouça o que eu digo, criança, e ouça com atenção. Amor é dor. Amor é sacrifício. O quanto antes você entender isso, melhor.

Isabelle fechou os olhos com força e balançou a cabeça.

Maman a soltou. Ela ficou em silêncio um instante. Quando finalmente voltou a falar, sua voz era fria, mas suas palavras queimavam.

– Você é feia, Isabelle. Sem graça. Desajeitada e corpulenta. Não consegui convencer nem mesmo o idiota de pernas tortas, filho do professor, a se casar com você. Agora um príncipe está aguardando do outro lado daquela porta – um *príncipe*, Isabelle – e tudo que você tem que fazer para tê-lo é cortar fora alguns dedos do pé. Só uns dedinhos inúteis…

Maman brandia a vergonha como um assassino brande uma adaga, e então a enfia direto no coração de sua vítima. Ela venceria; ela sempre vencia. Isabelle sabia disso. Quantas vezes ela havia cortado fora partes de si mesma por ordem de sua mãe? A parte que ria alto demais. Aquela que a fazia cavalgar demasiadamente rápido e saltar muito alto. A parte que a fazia desejar uma segunda fatia de bolo, maior e mais gostosa.

Se eu me casar com um príncipe, serei uma princesa, pensou Isabelle. *E, um dia, rainha. E ninguém jamais ousará me chamar de feia novamente.*

Ela abriu os olhos.

– Boa menina. Seja corajosa. Vai ser rápido – disse Maman. – Corte na articulação.

Isabelle tirou a lâmina das chamas.

E tentou esquecer todo o resto.

DOIS

O MINDINHO foi o mais difícil.

O que não foi nenhuma surpresa. Geralmente são as menores coisas que doem mais – um olhar frio, uma palavra cortante, uma risada interrompida quando você adentra o recinto.

– Continue – incitou Maman. – Pense no que ganharemos: um príncipe para você, talvez um duque para Tavi, um lar para todas nós no palácio!

Isabelle ouviu o desespero na voz de sua mãe. Ela sabia que o costureiro havia cortado o crédito delas, e que o açougueiro havia mandado um garoto com uma conta pendurada e ainda não paga. Então segurou com mais força o cabo da faca e terminou o que havia começado.

A dor cegante, o cheiro de carne chamuscada e a visão de seus próprios dedos na lareira foram tão horríveis que, por alguns instantes, Isabelle achou que fosse desmaiar, mas então Adélie estava ao seu lado com mãos gentis e palavras tranquilizadoras.

Trouxeram um chumaço de algodão. Uma meia fina branca e limpa. Conhaque. E o sapatinho de cristal.

Maman o entregou a ela.

– Calce. Depressa – disse.

Isabelle pegou o sapato. Era pesado em suas mãos e frio ao toque. Conforme deslizou seu pé para dentro dele, a dor a atacou, selvagem, com seus dentes afiados. Subiu pela perna e por todo o corpo, e ela sentiu como se estivesse sendo devorada viva. O sangue sumiu de seu rosto. Ela fechou os olhos e agarrou os braços da cadeira.

E, ainda assim, quando Maman ordenou que se levantasse, Isabelle o fez. Abriu os olhos, respirou fundo e ficou em pé.

Isabelle conseguia fazer o impossível porque ela tinha um dom – um dom que era muito mais valioso do que um rosto bonito ou pés

delicados.

Isabelle tinha uma determinação inabalável.

Ela não sabia que essa era uma coisa boa para uma garota ter, porque sempre lhe haviam dito que era uma coisa terrível. Todos diziam que uma garota determinada acabaria mal. Todos diziam que uma garota deveria ajustar suas vontades aos desejos daqueles que sabem o que é melhor para ela.

Isabelle era jovem, tinha apenas dezesseis anos; ela ainda não havia aprendido que toda unanimidade é burra.

TRÊS

Cada passo era uma agonia.

Na metade do corredor que ligava a cozinha ao saguão, Isabelle vacilou. Ouviu um gemido agudo e crescente. Será que o som tinha saído dela?

– É a Ella – Maman disse, pessimista. – Depressa, Isabelle. Precisamos acabar com isso. E se o príncipe escutá-la?

Pouco antes de o príncipe chegar, Isabelle havia trancado Ella no sótão. Ella chorara, implorara a Isabelle que a deixasse sair. Ela queria ver o príncipe, queria experimentar o sapatinho de cristal.

– Não seja ridícula – Isabelle lhe havia dito. – Você nem foi ao baile. Só iria nos constranger com esses trapos que veste.

Era cruel fazer aquilo. Ela sabia disso antes mesmo de girar a chave na fechadura, mas isso não a impediu de fazê-lo. Nada mais a impediria. *Deus do céu, no que me transformei?,* perguntou a si mesma ao ouvir novamente os gemidos.

Maman a examinou com atenção, tanto que Isabelle achou que estivesse enxergando dentro dela.

– Deixe que ela saia, Isabelle. Deixe – Maman disse. – O príncipe olhará para ela apenas uma vez e se apaixonará perdidamente por ela, como todos os outros homens que a veem. O que você quer: ser bondosa ou ter o príncipe?

Isabelle tentou, mas não conseguiu encontrar uma resposta. As escolhas que Maman lhe dava eram tão difíceis de fazer quanto o era calçar o sapatinho. Uma imagem surgiu de repente em sua mente, uma lembrança de muito tempo atrás. Ela, Tavi e Ella brincavam sob a velha tília que crescia na lateral da mansão.

Uma carruagem encostou diante do jardim e dois homens, sócios do pai de Ella – o padrasto de Isabelle e de Tavi – desceram do veículo. Cordiais e de boas maneiras, pararam para falar com as garotas, mas o que aconteceu em seguida mudou tudo.

Isabelle gostaria de poder voltar no tempo e parar o que começou naquele dia, mas não sabia como.

E agora era tarde demais.

Quem nos colocou uma contra a outra, Ella?, Isabelle se perguntava. *Será que foram aqueles homens? Foi a Maman? Ou foi este mundo cruel?*

QUATRO

– Mantenha seu peso nos calcanhares. Isso ajudará com a dor – aconselhou Maman. – Vamos. Depressa.

Ela beliscou as bochechas de Isabelle para deixá-las coradas e, juntas, mãe e filha continuaram caminhando pelo corredor.

O príncipe, o grão-duque e os soldados que os acompanhavam estavam todos no saguão, esperando por ela. Isabelle sabia que não poderia falhar como sua irmã havia falhado.

Tavi enganara a todos no início, mas quando saíra da casa e fora na direção da carruagem do príncipe, seu calcanhar sangrava tanto que ela deixara pegadas escarlates no chão.

Ninguém havia notado o rastro de sangue com toda a agitação, mas, quando Tavi se aproximava da carruagem, uma pomba branca voara da tília. A ave pousara no ombro do príncipe e começara a cantar.

Sangue no chão! Sangue no sapato!
Esta garota falsa está mentindo para você!

O príncipe ficara pálido ao ver tanto sangue. O grão-duque, um homem esguio com feições lupinas, ficara furioso ao perceber que seu soberano havia sido enganado. Ele ordenara que Maman devolvesse o sapatinho de cristal, mas ela recusara. Ela insistira que Isabelle também tinha o direito de experimentá-lo, pois o príncipe havia decretado que todas as moças solteiras do reino deviam fazê-lo.

– Está pronta? – Maman agora sussurrava para Isabelle conforme elas se aproximavam do saguão.

Isabelle assentiu e continuou andando para cumprimentar o príncipe. Ela o havia visto de relance no baile, apenas de longe, e,

quando ele chegara à mansão, Maman rapidamente a conduzira até a cozinha.

Agora, parada a apenas alguns passos dele, ela podia ver que seus olhos eram azuis como um céu de verão, e que seus cabelos loiros, que desciam soltos e compridos por seus ombros, tinham mechas feitas do mais puro ouro. Ele era alto e tinha ombros largos. Seu rosto era rosado.

Ao olhar para ele, Isabelle se esqueceu do ferimento, da dor e do próprio nome. Estava atordoada e não conseguia falar. Ele era bonito a esse ponto.

O príncipe também estava calado. Ele observava Isabelle com atenção, seus olhos registrando cada traço e cada ângulo do rosto dela.

– Oh, viram só? Ele reconhece seu verdadeiro amor! – ronronou Maman.

Isabelle se encolheu ao ouvir a mentira da mãe. Todos no baile usaram máscaras que cobriam a parte de cima de seus rostos. Ela sabia o que o príncipe estava fazendo: ele procurava na curva de seus lábios, na linha de seu maxilar e na curva do seu queixo traços da moça por quem ele se apaixonara.

Mas aquela moça não estava ali.

CINCO

Isabelle e o príncipe continuaram se olhando. Constrangidos. Calados. Até que Maman assumiu o controle da situação.

– Sua Alteza – ela chamou, puxando Isabelle para que fizesse uma mesura junto a ela. – Minha filha mais nova é a moça que vocês procuram. O sapatinho de cristal serviu perfeitamente.

– Espero que tenha certeza disso, madame – advertiu o grão-duque. – O príncipe não será benevolente se houver uma segunda tentativa de enganá-lo.

Maman baixou a cabeça.

– Por favor, perdoe Octávia – ela disse ao príncipe. – Ela não é uma moça desonesta. O único erro dela foi estar totalmente apaixonada por você. E que garota não estaria?

O príncipe corou ao ouvir tais palavras; o grão-duque, não.

– Podemos ver o sapato? – o grão-duque perguntou, impaciente.

Isabelle e Maman se levantaram. Isabelle sentiu um nó no estômago ao erguer a barra do vestido. Todos os olhares se voltaram para o pé dela. Para seu imenso alívio, não havia sangue. A meia fina continuava tão branca quanto a neve, e o algodão que Adélie havia enfiado ali preenchia o lugar dos dedos. O próprio sapato brilhava com uma espécie de luz azul.

– Serviu – o príncipe falou, desanimado.

O grão-duque e os soldados – cada um deles – se curvaram diante de Isabelle.

– Vida longa à princesa! – gritou o capitão.

– Vida longa à princesa! – o restante do pelotão ecoou.

Quepes foram jogados para cima, houve aclamação e Isabelle girou lentamente, atônita. Pela primeira vez na vida, ela era o alvo da admiração, não sua meia-irmã Ella. Pela primeira vez na vida, ela se sentia orgulhosa, poderosa, querida. Instantes atrás, não fora

considerada boa o bastante para o filho do professor; agora, seria uma princesa.

– Precisamos ir para o palácio, mademoiselle – o príncipe disse a ela, com um sorriso tenso. – Há muitas coisas a serem preparadas para o casamento.

Ele se curvou secamente, e então se dirigiu para a porta. Isabelle notou que agora o jovem andava curvado e que a luz em seus lindos olhos se apagara.

O príncipe ama outra pessoa; ele a deseja, pensou Isabelle. *Se eu continuar com isto, não estarei ganhando um marido, e sim criando um prisioneiro*.

Ela se sentiu enjoada, envenenada por uma coisa que achou que quisesse. Como daquela vez quando era pequena e Adélie havia assado uma fornada de bolinhos de cereja e os deixado para esfriar, e ela comera todos eles.

Isabelle se virou para a mãe, pronta para dizer “isto é errado”, mas, ao fazê-lo, ela viu Maman radiante, sorrindo para ela. Por alguns segundos preciosos, saboreou a afeição do sorriso de sua mãe, algo que raramente via.

– Estou orgulhosa de você, filha – Maman disse. – Você nos salvou da ruína. Venderei esta casa lúgubre, pagarei nossas dívidas e jamais olharei para trás.

Os protestos de Isabelle morreram em sua garganta. Era terrível partir o coração do príncipe, mas era ainda pior partir o de sua mãe. Ela não considerou, nem por um segundo, o que o seu próprio coração queria, pois os desejos de uma garota não importavam.

Maman segurou no braço de Isabelle e desceu com ela os degraus de pedra da porta da frente da mansão, que levavam à entrada de cascalhos. Isabelle podia ver uma carruagem dourada puxada por oito cavalos brancos. O príncipe e o grão-duque estavam parados ao lado do veículo, esperando por ela, envolvidos em uma conversa.

Havia rugas na testa do príncipe. A tristeza enevoava seus olhos. Isabelle sabia, como todo mundo, que o pai dele estava gravemente doente, e que um duque estrangeiro, Volkmar von Bruch, havia farejado a morte do rei e atacado brutalmente os vilarejos ao longo da fronteira norte do reino.

Maman abraçou Isabelle, prometendo que ela e Tavi a encontrariam no castelo assim que pudessem. E então, atordoada, Isabelle começou a se dirigir para a carruagem, mas descer os degraus exigia que ela colocasse todo o seu peso sobre o pé machucado. Na metade dos degraus, as veias cauterizadas se abriram. Ela podia sentir o sangue, úmido e quente, vazando para sua meia fina. Ao chegar ao último degrau, a meia estava encharcada.

Acima de sua cabeça, nos galhos da tília, as folhas começaram a farfalhar.

SEIS

A CARRUAGEM ESTAVA A APENAS DEZ PASSOS de distância. E depois a sete. E a cinco.

Um soldado abriu a porta para ela. Isabelle olhava para a frente, seu olhar treinado. O príncipe e o grão-duque, ainda envolvidos em sua conversa, nem olharam para ela. Ela conseguiria. Estava quase lá. Só mais alguns passos. Mais três… dois… um…

Foi então que ela ouviu – o barulho de asas batendo.

Uma pomba branca desceu do galho da tília e voou ao redor de Isabelle. Maman, que observava a cena parada na porta principal, desceu os degraus freneticamente e tentou espantar a ave, mas o pássaro, esperto, se mantinha fora do alcance dela. Voando ao redor de Isabelle, a pomba começou a cantar.

Sangue no chão! Sangue no sapato!
Esta garota não é nem honesta nem verdadeira!

O príncipe parou de falar. Ele olhou para a pomba, e depois para Isabelle. Seus olhos se voltaram para a barra do vestido, que estava manchada de sangue, e então para o rastro escuro que ela deixara no solo.

Isabelle deslizou o pé para fora do sapatinho de cristal e deu um passo para trás. O calçado tombou, derramando mais sangue no chão. A parte da frente da meia era de um vermelho-vivo. Ela foi invadida pela culpa.

– Você cortou seus dedos fora – o príncipe disse, balançando a cabeça em descrença.

Isabelle assentiu, agora se sentindo assustada, além de envergonhada. Ela o havia enganado. Só Deus sabia o que ele faria com ela. Já ouvira histórias terríveis sobre as masmorras do castelo e sobre cabeças empaladas. Seria esse seu destino?

Mas o príncipe não ordenou que seus soldados a agarrassem. Não havia raiva no rosto dele, apenas tristeza. E mais alguma coisa, algo que Isabelle não esperava ver – bondade.

– Como aguentou a dor? – ele perguntou.

Isabelle baixou os olhos para o chão. As palavras de Maman, proferidas mais cedo na cozinha, voltaram à sua mente.

Feia… sem graça… desajeitada e corpulenta…

– Estou acostumada – ela respondeu.

O príncipe franziu o cenho.

– Não entendo.

Isabelle ergueu a cabeça. Ela olhou para o lindo rosto dele, que era de uma tristeza de partir o coração.

– Não – ela disse. – Você não entende.

O grão-duque se aproximou deles com os olhos faiscando de fúria.

– Conheço soldados de guerra que não conseguiriam fazer o que você fez, mademoiselle – ele disse a Isabelle. E então se voltou para o príncipe. – Uma garota capaz de um ato desses é capaz de qualquer coisa, senhor. Ela é uma aberração. Desequilibrada. Perigosa. – Ele fez um sinal para uma dupla de soldados. – Peguem a garota.

O coração de Isabelle acelerou de pavor quando os dois homens começaram a ir em sua direção, mas o príncipe os deteve.

– Deixem a garota em paz – ele ordenou, sinalizando para que se afastassem.

– Mas, Alteza, certamente não deixará que uma segunda mentira fique sem punição – ponderou o grão-duque. – Ser enganado uma vez já é bem ruim, mas duas…

– Eu disse *deixe a garota em paz*. Ela causou uma lesão grave a si mesma. O que mais eu poderia fazer a ela?

O grão-duque assentiu com um movimento rápido. E então se dirigiu a Maman.

– Suponho que você não tenha mais nenhuma filha ansiosa para cortar fora partes de si mesma no intuito de se casar com o príncipe, tem?

– Não – Maman disse, amarga. – Não tenho mais nenhuma filha.

– Então nós já vamos andando – disse o grão-duque. – Tenha um bom dia, *madame*.

Uma fonte gorgolejava no centro da entrada da casa. Enquanto o príncipe entrava na carruagem, o grão-duque, que ainda segurava a almofada de veludo, ordenou ao soldado que lavasse o sapato na água. O soldado assim o fez, e voltou a colocar o calçado sobre a almofada. Maman continuava a observá-los, tensa de tanta raiva.

Isabelle, zonza devido à experiência traumática, se sentou em um banco sob a tília. Ela fechou os olhos, tentando fazer sua cabeça parar de girar. Estava levemente ciente dos cavalos que pateavam o chão, ansiosos para partir; dos insetos que zumbiam no calor da tarde; da pomba que agora arrulhava nos galhos acima dela.

Mas então um novo som foi ouvido acima dos demais, urgente e agudo.

– Esperem! Não vão embora! Esperem, por favor, por favor!

Era a voz de uma garota – e vinha da mansão. Ela gritava, implorava.

Isabelle abriu os olhos.

A moça descia os degraus correndo. Ela estava descabelada. Seu vestido não passava de trapos. Seu rosto e suas mãos estavam cobertos de fuligem, e seus pés estavam nus.

Mas mesmo assim, ela era espantosa, dolorosa e incrivelmente linda.

Era Ella – a meia-irmã de Isabelle.

SETE

O grão-duque fuzilou Maman com o olhar.

– Este é mais um de seus truques, madame? Mandar uma jovem criada imunda experimentar o sapato? – ele perguntou, indignado.

Maman estreitou os olhos ao encarar sua enteada.

– Ella, como ousa? – ela gritou. – Volte para dentro agora mesmo! Mas Ella nem a ouviu; seus olhos estavam voltados para o príncipe, assim como os dele estavam voltados para ela. O rapaz já estava fora da carruagem, andando depressa na direção da garota.

Ao observá-los, Isabelle viu algo que nunca vira antes. Nem entre sua mãe e seu padrasto nem entre sua mãe e seu pai. Era primitivo e avassalador. Poderoso, profundo e verdadeiro. Era amor.

Quando Isabelle viu esse amor, intangível embora tão real, percebeu que Ella era a moça com quem o príncipe havia dançado no baile, aquela que ele procurava.

Os dentes pontudos e afiados da inveja se enterraram fundo no coração de Isabelle. Maman havia feito de tudo para impedir que Ella fosse ao baile, mas ainda assim ela dera um jeito de ir. De algum modo, aquela garota, que não tinha nada, havia conseguido cavalos e um condutor, um vestido de festa cintilante e um par de sapatinhos de cristal. *Como?,* Isabelle se perguntava.

O príncipe e Ella pararam a centímetros um do outro. Com delicadeza, o príncipe tocou no rosto da jovem. Seus dedos percorreram a linha do maxilar dela.

– É você – ele disse. – Finalmente a encontrei. Por que fugiu?

– Porque temi que, se você descobrisse quem eu era – apenas uma garota comum do interior –, não me amaria mais – Ella respondeu.

– Não há nada de comum em você, Ella – disse o príncipe, tomando as mãos dela entre as dele. Ele se virou para o grão-duque. – Traga o sapatinho de cristal – ordenou.

Para a surpresa de Isabelle – e de todo mundo – o grão-duque não se mexeu. Seus lábios estavam crispados. O desdém tornava sombrios seus olhos impiedosos.

– Alteza, esta garota é uma *criada* – ele argumentou. – Ela não estava no baile. Os guardas *jamais* deixariam alguém vestindo trapos entrar no palácio. Minha nossa! A simples ideia de…

O príncipe o cortou:

– O sapato. *Agora.*

O grão-duque se curvou, rígido. Ele caminhou na direção do príncipe e de Ella segurando a almofada de veludo à sua frente. Quando estava a poucos metros deles, a ponta de sua bota negra e brilhante topou em algo – uma pedra, ele diria mais tarde – e ele tropeçou.

O sapatinho de cristal escorregou da almofada de veludo. Atingiu o chão.

E se quebrou em mil pedacinhos cintilantes.

OITO

O PRÍNCIPE GRITOU DE DESESPERO.

O grão-duque pediu desculpa levando a mão ao peito.

Os soldados se remexeram nervosos, suas espadas tilintando em suas cinturas.

Maman riu. Isabelle arquejou. Apenas Ella continuou calma. Logo ficaria claro o porquê.

– Está tudo bem. Tenho o outro pé aqui comigo – ela disse, sorrindo. Enquanto todos observavam, puxou o outro pé do sapatinho de cristal do bolso. Ela o colocou no chão e ergueu a barra da saia. Quando deslizou seu pezinho delicado para dentro do calçado, uma luz azul irrompeu, e o sapato cintilou como se fosse feito de diamantes.

Coube perfeitamente.

O príncipe riu de alegria. Ele puxou Ella para junto de si e a beijou, sem se importar com quem estava olhando. Os soldados aclamaram mais uma vez. O grão-duque enxugou o suor da testa. Maman deu as costas para a cena, de punhos cerrados, e caminhou na direção da casa.

Isabelle sorveu cada instante, desejando, como fizera milhões de vezes anteriormente, que fosse bela. Que fosse apreciada. Que importasse.

– Ella venceu – disse uma voz às suas costas.

Era Tavi. Ela saíra mancando da mansão e agora se apoiava no encosto do banco, mantendo seu pé machucado suspenso no ar. Ela deu a volta no banco e se sentou.

– A beleza sempre vence – falou Isabelle, amargurada.

Enquanto as duas irmãs conversavam, uma terceira pessoa se aproximou delas: Ella.

Tavi a recebeu com um sorriso sarcástico.

– Que maravilha – comentou. – Aqui estamos nós três de novo. Sob a tília.

Ella mal a ouviu. Ela observava os pés de Isabelle e de Tavi com tanta tristeza no olhar que quase parecia um pesar.

– O que vocês fizeram? – Ella perguntou, com lágrimas se acumulando em seus olhos.

– Não se atreva a chorar por nós, Ella – Tavi disse veementemente. – Não se *atreva.* Você não tem o direito. Você teve o que merecia, assim como nós.

Ella ergueu os olhos e sustentou o olhar de Tavi.

– Tivemos? Mereci a crueldade de vocês? Vocês mereceram esses machucados? É isso que merecemos?

Tavi desviou o olhar. Então, com dificuldade, ela se levantou.

– Vá embora, Ella. Deixe este lugar e não volte nunca mais.

Ella, com lágrimas escorrendo pelo rosto, observou Tavi mancar até a mansão. Então se voltou para a outra meia-irmã.

– Você me odeia tanto assim, Isabelle? Ainda?

Isabelle não pôde responder; parecia que sua boca estava cheia de sal. A lembrança que sufocara antes agora emergia. Ela tinha nove anos novamente. Ella e Tavi tinham dez. Maman estava casada com o pai de Ella havia um ano.

Elas estavam todas juntas sob a tília.

Irmãs.

Meias-irmãs.

Amigas.

NOVE

Era uma tarde de verão.

O céu estava azul; o sol brilhava.

Rosas se esparramavam por cima dos muros de pedra que cercavam a mansão. Pássaros cantavam nos galhos da tília e, sob esses galhos, três garotas brincavam. Ella criava colares de margaridas e inventava histórias sobre Tanaquill, a rainha fada, que morava no oco da árvore. Tavi rabiscava com giz equações em uma pequena lousa. E Isabelle usava o cabo de um velho esfregão como espada, fazendo de conta que defendia as irmãs de um ataque do Barba Negra.

– É hora de morrer, pirata desprezível! *En garde!* – gritou, avançando contra o galo Bertrand, que vagava perto da árvore. Ela preferia muito mais Félix, o filho do cavalariço, como parceiro de duelo, mas ele estava ocupado com um novo potro.

O galo se empertigou. Bateu as asas, cacarejou alto e atacou. O bicho perseguiu Isabelle em volta da árvore, e então ela correu atrás dele, e assim por diante, até que uma Tavi exasperada gritou:

– Minha nossa, Izzy! Você não para quieta *nunca*?

Incapaz de despistar o galo, Isabelle subiu em um galho da tília, torcendo para que ele perdesse o interesse. Assim que ela se sentou em um galho, uma carruagem encostou diante da casa. O galo lançou um olhar para ela e fugiu. Dois homens saltaram do veículo. Um tinha cabelos grisalhos e era encurvado. Ele trazia uma bengala e uma caixa de seda rosa com flores pintadas nela. O mais jovem carregava uma bolsa de couro. Isabelle não os reconheceu, mas não era uma situação incomum. Às vezes, homens vinham de Paris para ver seu padrasto. A maioria era comerciante como ele, e o motivo da visita era tratar de negócios.

Os homens não viram Isabelle, nem Ella, que estava bem debaixo da copa da árvore, apenas Tavi, que estava sentada no banco.

– O que está fazendo, garotinha? Praticando caligrafia? – perguntou o cavalheiro mais velho.

– Tentando provar o quinto postulado de Euclides – Octávia respondeu, com a testa franzida. Ela não tirou os olhos da lousa.

O mais velho riu e cutucou o companheiro com o cotovelo.

– Minha nossa! Parece que temos uma acadêmica aqui! – ele exclamou. E então se dirigiu a Tavi novamente: – Agora me escute, pequena, você não deve se preocupar com álgebra.

– É geometria, na verdade.

O velho fez uma cara feia ao ser corrigido.

– Ah, sim, tanto faz. A mente feminina não foi feita para isso – ele advertiu. – Você vai sobrecarregar seu cérebro. Vai ter dores de cabeça. E dores de cabeça causam rugas, sabe.

Tavi ergueu os olhos.

– É assim que funciona? Então como é que você arranjou as suas rugas? Não consigo imaginar você sobrecarregando *seu* cérebro.

– Bem, eu nunca… Em toda a minha vida… Que garota rude! – o velho balbuciou, agitando sua bengala na direção dela.

Foi quando Ella deu um passo à frente.

– Tavi não teve a intenção de ser rude, senhor…

– Eu tive, sim – Tavi disse baixinho, só para si mesma.

– … é que Euclides a deixa irritada – concluiu Ella.

O velho parou de balbuciar. E sorriu. Ella tinha esse efeito nas pessoas.

– Que garota bonita você é. Tão delicada e agradável – ele elogiou. – Pedirei ao seu pai para casá-la com meu neto. Então você terá um marido rico, morará em uma bela casa e usará lindos vestidos. O que acha?

Ella hesitou e então disse:

– Posso ter um cãozinho em vez disso?

Os dois homens caíram na gargalhada. O mais jovem tocou o queixo de Ella. O mais velho acariciou seus cachos loiros, disse que a menina era uma *linda rosa* e deu a ela um bombom da caixa que havia trazido para Maman. Ella sorriu, agradeceu e então comeu o doce avidamente.

Isabelle, ainda sentada no galho da árvore, observou a cena babando de vontade. Ela adorava bombons. Com o cabo do

esfregão na mão, saltou do galho, assustando o velho. Ele ganiu, cambaleou para trás e caiu.

– Que diabos você está fazendo com esse cabo de madeira?! – ele gritou, com o rosto vermelho.

– Lutando contra o Barba Negra – Isabelle respondeu enquanto o homem mais jovem ajudava o outro a se levantar.

– Você quase me matou!

Isabelle lançou para ele um olhar incrédulo.

– Estou sempre caindo. De árvores, de cavalos, até do palheiro, uma vez. E nada disso *me* matou – ela contou. – Poderia me dar um bombom também, por favor?

– Claro que não! – retrucou o velho, batendo a poeira da roupa. – Por que eu daria um doce tão fino a uma pestinha feia de mãos grudentas e folhas nos cabelos?

Ele pegou a caixa rosa e sua bengala e rumou para a mansão, resmungando o tempo todo com o companheiro. Sua voz era baixa, mas Isabelle, que ainda tinha esperança de ganhar um bombom, seguiu a dupla e pôde ouvir o que o velho dizia.

– Aquela é uma garota linda e encantadora que será uma excelente esposa um dia, mas as outras duas… – Ele balançou a cabeça, profético. – Bem, suponho que sempre possam ser freiras ou governantas… ou sabe-se lá mais qual ocupação têm as garotas feias.

Isabelle parou, mortificada, e levou a mão ao peito. Havia dor em seu coração, uma dor nova e estranha. Alguns minutos antes, ela matava piratas, sem fazer a menor ideia de que tinha uma deficiência. De que não era boa o bastante. De que era uma *pestinha feia,* não uma *linda rosa*.

Pela primeira vez, entendeu que Ella era bonita, e ela não.

Isabelle era forte. Era corajosa. Derrotava Félix nas lutas com espada. Com seu cavalo, Nero, saltava sobre cercas que todo mundo temia. Uma vez, tinha espantado um lobo do galinheiro usando apenas uma vara.

Essas coisas também têm valor, ela pensou enquanto permanecia parada no mesmo lugar, desnorteada e desolada. *Elas têm valor, não? Eu tenho valor, não tenho?*

Foi nesse dia que tudo mudou entre as três garotas.

Elas não passavam de crianças. Ella havia ganhado um doce e se sentido envaidecida com tanta atenção. Isabelle ficara com inveja; não conseguira evitar. Ela também desejara um doce. Também queria palavras gentis e olhares de admiração.

Às vezes é mais fácil dizer que você odeia algo que não pode ter do que admitir o quanto gostaria de ter aquilo. E então Isabelle, ainda parada sob a tília, disse que odiava Ella.

E Ella respondeu que também a odiava.

E Tavi disse que odiava todo mundo.

E Maman permaneceu no terraço escutando, com um brilho novo e perigoso em seus olhos impiedosos e vigilantes.

DEZ

– Isabelle, estou indo embora agora. Eu… eu não sei se a verei de novo um dia.

A voz de Ella arrancou Isabelle de suas lembranças. Ella se curvou e deu um beijo na testa da meia-irmã, seus lábios uma marca de ferro quente na pele de Isabelle.

– Não me odeie mais, Isabelle – ela sussurrou. – Para o seu próprio bem, não o meu.

Então ela partiu e Isabelle ficou sozinha no banco.

Ela pensou na pessoa que fora um dia e naquela que se tornara. Pensou em todas as coisas que lhe haviam dito para desejar, nas coisas que ela havia se mutilado para conseguir, nas coisas importantes. Ella agora tinha todas elas e Isabelle não tinha nada. A inveja ardia dentro dela, como vinha ardendo havia anos.

Isabelle olhou para a esquerda e viu Tavi subindo os degraus da mansão com dificuldade, mancando ao cruzar o umbral e fechar a porta. Ela olhou para a direita e viu o príncipe ajudando Ella a entrar na carruagem, para depois subir atrás dela, e então fechar a porta.

O grão-duque subiu sozinho e se sentou ao lado do condutor. Ele gritou uma ordem para os soldados à sua frente, todos já montados em seus cavalos, e eles começaram a se mover. O condutor estalou o chicote e oito cavalos brancos arrancaram em seus arreios.

Isabelle observou a carruagem percorrer a longa via, seguir pela estreita estrada local e subir uma colina. Instantes depois, o veículo desapareceu.

Ela permaneceu no mesmo lugar por um bom tempo, até o dia esfriar e o sol começar a se pôr. Até os pássaros voarem para seus ninhos e a raposa de olhos verdes se embrenhar na mata para caçar. Então ela se levantou e sussurrou para as sombras que se alongavam:

– Não é você quem eu odeio, Ella. Nunca foi. Sou eu.

ONZE

– Devolva o globo ocular, Nelson. *JÁ.*

Um vivaz macaquinho preto, cuja cara era emoldurada por pelos brancos, disparou pelo convés da embarcação. Em uma das mãos, ele segurava um olho de vidro.

– Nelson, estou *avisando…*

O homem que falava – alto, bem-vestido e de olhos faiscantes cor de âmbar – parecia ser uma figura de comando, mas o macaco o ignorou. Em vez de entregar seu tesouro, ele escalou o mastro principal e saltou para o cordame.

O contramestre da embarcação, tapando com a mão a órbita ocular vazia, corria desajeitadamente atrás da criatura, pedindo sua pistola aos gritos.

– Sem armas de fogo, por favor! – exclamou uma mulher que usava um vestido vermelho de seda – Você tem que *persuadi-lo* a descer. Ele gosta de ópera.

– Ah, sim, vou persuadi-lo – rosnou o contramestre. – Com uma bala!

Horrorizada, a diva levou a mão ao peito farto, e começou a cantar “Lascia ch’io pianga”, uma ária de heroína sobre pesar e rebeldia. O macaco inclinou a cabeça, piscou, mas não saiu do lugar.

A belíssima voz da diva, enchendo o convés e chegando até as docas, atraiu dezenas de espectadores. A embarcação, um veleiro batizado de *Adventure*, havia acabado de chegar ao porto de Marselha, depois de três semanas no mar.

Enquanto a mulher seguia cantando, outra integrante da comitiva do homem de olhos cor de âmbar – uma vidente – consultou depressa suas cartas de tarô. Uma a uma, ela as virou no convés. Quando terminou, seu rosto estava tão branco quanto as velas.

– Nelson, desça! – ela gritou. – Isso não vai acabar bem!

Uma mágica fez surgir uma banana, jogou a casca por cima de seu ombro, e agitou a fruta no ar. Uma atriz chamou suplicante pelo macaco. E então um garoto que fazia parte da tripulação veio do andar inferior brandindo a pistola do contramestre. Quando a diva a viu, sua voz subiu três oitavas.

Enquanto o contramestre pegava sua arma e a engatilhava, um grupo de acrobatas, todos vestindo lantejoulas, cruzou o convés dando piruetas e se lançou no cordame. O macaco subiu pelo mastro até a gávea. O contramestre mirou, mas, ao fazer isso, o pirofagista cuspiu chamas em sua direção. Ele, então, cambaleou para trás, pisou na casca de banana e perdeu o equilíbrio. Em seguida, caiu, bateu a cabeça no convés e desmaiou. A arma disparou – o tiro passou longe do alvo, assim como as chamas.

Suas línguas laranja lamberam a parte de baixo do cordame, causando de imediato um incêndio, então as labaredas subiram, devorando as cordas alcatroadas. Assustado, o macaco se lançou da gávea até o mastro principal. Um de cada vez, os acrobatas saltaram atrás dele, feito estrelas cadentes.

Quando o último acrobata aterrissou, uma gota flamejante de alcatrão caiu no pavio de um canhão que havia sido preparado para o uso imediato no caso de um ataque de piratas. O pavio acendeu; o canhão disparou. A bola pesada de ferro cruzou o porto zunindo e abriu um rombo em um barco de pesca. Gritando e xingando, os pescadores pularam na água e nadaram enlouquecidamente na direção da praia.

Certos de que o *Adventure* estava sendo atacado, seis músicos de sobrecasaca lavanda e peruca empoada tiraram seus instrumentos dos estojos e começaram a tocar uma música fúnebre. O som deles foi quase totalmente abafado pouco depois pela brigada de incêndio da cidade, que descia ruidosamente a rua numa carroça puxada por cavalos.

A diva, no fim de sua ária, entoou uma nota aguda. A brigada de incêndio, bombeando água das docas em um ritmo frenético, lançou jatos no cordame, apagando as chamas e encharcando a cantora e todos os que estavam no convés. Mesmo assim, a mulher continuou cantando, de braços abertos e queixo erguido, sustentando sua última nota. A multidão nas docas explodiu em estrondosos

aplausos. Chapéus foram jogados para cima. Homens choraram, mulheres desmaiaram e, na cabine do capitão, todas as janelas se estilhaçaram.

A diva terminou sua ária. Ensopada, ela caminhou até o gradil da embarcação e fez uma mesura. A multidão gritou: *Brava!*

O macaco desceu do mastro principal e pulou nos braços de seu dono. O homem de olhos cor de âmbar arrancou o globo ocular da mão da criatura, poliu o objeto na lapela, e então o colocou cuidadosamente no lugar. Ele não fazia ideia se o olho de vidro estava na posição certa, e o contramestre, ainda desmaiado, não tinha como lhe dizer.

O capitão surgiu de sua cabine, espanando os estilhaços de suas mangas. Ele parou no convés, colocou as mãos atrás das costas e examinou a cena à sua frente.

– Senhor Fleming! – ladrou para o imediato.

– Senhor! – o imediato bradou de volta, batendo continência.

– Quem é o responsável por isto? Por favor, não me diga que é…

– O Marquês de la Chance, senhor – respondeu o imediato. – Quem mais poderia ser?

DOZE

O Capitão Duval estava furioso.

Chance se esforçava ao máximo para parecer arrependido – algo em que ele era muito bom, pois tinha muita experiência.

– E o cordame que você queimou, as janelas que quebrou, e o barco de pesca que destruiu? – o capitão esbravejou. – Vai custar uma fortuna substituir tudo isso!

– Então será uma fortuna bem gasta! – replicou Chance, dando seu sorriso mais charmoso. – Não creio que eu já tivesse ouvido uma interpretação mais primorosa de “Lascia ch’io pianga” em toda a minha vida.

– Não é esse o ponto, senhor!

– Prazer é sempre o ponto, senhor! – Chance rebateu. – Não é do cordame queimado e das janelas quebradas que você se lembrará em seu leito de morte, e sim da visão de uma diva ensopada, do vestido colado a cada curva voluptuosa e bem-feita de seu corpo, da voz magnífica soando enquanto o canhão disparava e as chamas cresciam. Deixe que os contadores de centavos contem suas moedas, senhor. Você e eu devemos contabilizar momentos de êxtase, momentos de alegria!

O capitão, tendo suportado muitos discursos daquele tipo durante a viagem, apertou a ponte do nariz.

– Então me diga, marquês: como o macaco conseguiu o olho de vidro, para início de conversa?

– Foi feita uma aposta no carteado. Eu desafiei o contramestre e apostei cinco ducados contra seu olho de vidro. O idiota tirou o globo ocular e o colocou sobre o monte de moedas. Eu lhe pergunto, capitão: já viu um macaco resistir a um olho de vidro?

O capitão apontou para Nelson, sentado no ombro de Chance.

– Talvez eu devesse pedir ao macaco que pague pelo prejuízo?

Chance enfiou a mão em sua bolsa, que estava no convés, aos seus pés, e tirou de lá um moedeiro de couro recheado.

– Isto basta? – perguntou, largando a bolsa de moedas na mão do capitão.

O capitão abriu, contou as moedas que estavam ali, e assentiu.

– A prancha será baixada logo, logo – ele disse. – Da próxima vez que você decidir fazer uma viagem marítima, marquês, por favor, vá na embarcação de outra pessoa.

Mas Chance não estava escutando. Ele já havia se virado para verificar se todos os membros de sua comitiva permaneciam no convés superior. Todas e cada uma das pessoas eram necessárias. Ele rumava para o interior. Não havia casas de ópera lá, nem grandes teatros ou salas de concerto. Ah, mal havia cafeterias, e pouquíssimas confeitarias, livrarias ou restaurantes. Chance não sobreviveria cinco minutos sem seus músicos, seus acrobatas e atores, sua diva, sem as bailarinas, a mágica, a vidente, o engolidor de espadas, o pirofagista, o cientista e o cozinheiro.

– Espere! Está faltando o cozinheiro! – Chance exclamou ao finalizar a contagem de cabeças. Ele olhou para Nelson. – Onde ele está?

O macaco tapou a boca com as mãos e inflou as bochechas.

– De novo não – Chance resmungou.

Pouco depois, um homem baixinho e careca, vestindo um comprido casaco de couro preto e usando um lenço vermelho amarrado no pescoço, veio cambaleando do convés da popa. Ele estava amarrotado e tinha o semblante anuviado. Seu rosto estava acinzentado feito mingau velho.

– Enjoo marítimo – ele disse ao se aproximar de Chance.

– Enjoo marítimo, é? É assim que se diz em francês “bebi gim demais ontem à noite”? – Chance perguntou, erguendo a sobrancelha.

O cozinheiro se encolheu de vergonha.

– Precisa falar tão alto? – Ele apoiou a cabeça na amurada. – Por que diabos estão demorando tanto para baixar a prancha? A propósito, para onde estamos indo? Diga que é Paris.

– Receio que não. Saint-Michel.

– Nunca ouvi falar.

– É no interior.

– Detesto o interior. Por que estamos indo para lá?

As mãos de Chance agarraram a amurada com mais força. Ele pensou no mapa da garota – Isabelle era o seu nome – e visualizou o fim do caminho dela; as manchas vermelhas, as linhas violentas traçadas no pergaminho, como se um louco as tivesse desenhado.

E então se lembrou que um louco havia mesmo feito isso.

– O caminho dela pode ser mudado – ele sussurrou. – Eu posso mudá-lo. *Vou* mudá-lo.

– Que caminho? – o cozinheiro perguntou. – Do que está falando? Por que você…

A frase ficou pela metade. Algo abaixo deles chamou sua atenção. Chance também notara.

Uma veloz carruagem preta abria caminho pela rua barulhenta que corria ao longo das docas. Um rosto era emoldurado pela janela do veículo – um rosto de mulher, pálido e enrugado. Ela deve ter pressentido que estava sendo observada, porque de repente olhou para cima. Seus olhos cinzentos encontraram os de Chance e a mulher o encarou. Em seu olhar impiedoso, ele viu que não haveria clemência nesta briga, nem adiantava pedir.

O cozinheiro inspirou profundamente e então soltou o ar.

– É por causa *dela* que estamos aqui, não é? – ele perguntou.

Chance assentiu.

– Isso *não* é bom. Essa moça é a pior das três, para dizer o mínimo. Por que ela veio para cá? Por que nós viemos? Você pretende me contar um dia?

– Para uma batalha – Chance respondeu.

– O que está em jogo desta vez? Ouro? Glória? Seu orgulho? – Havia um tom mordaz em sua voz.

Chance observou a carruagem das irmãs Fate dobrar uma esquina e desaparecer, e então respondeu:

– A alma de uma garota.

O cozinheiro assentiu.

– Devia ter dito logo. Isso é algo pelo qual vale a pena lutar.

O semblante do cozinheiro não estava mais anuviado; seu rosto agora mostrava determinação. Ele colocou seus dedos indicadores na boca e emitiu um assovio ensurdecedor. Então saiu andando a

passos largos, berrando com um infeliz marinheiro, ordenando que o homem baixasse a maldita prancha. A mágica, os acrobatas e o restante da comitiva de Chance, todos perambulando pelo convés, juntaram suas coisas e o seguiram apressados.

Chance pegou sua bolsa, que pendurou no ombro, e foi atrás do cozinheiro. Se tinha alguma esperança de vencer aquela batalha, precisava estar um passo à frente de Fate, e ele já estava dez passos atrás dela.

TREZE

ISABELLE, SUADA, SUJA E MACHUCADA, inclinou-se para a frente em sua sela e falou com seu cavalo.

– Maman tentou vendê-lo, Martin. Sabia disso? Para um abatedouro, onde eles ferveriam seus ossos para fazer cola. Fui eu quem a impediu. Talvez você devesse pensar nisso.

Velho, lento e rabugento, Martin ainda tinha lordose, pernas tortas e gostava de morder, mas ele era tudo que Isabelle tinha.

– Vamos lá – ela o incitou. Com os calcanhares, pressionou os flancos dele, tentando fazê-lo trotar no terreno ao redor do celeiro. Mas Martin tinha outras ideias. O bicho se lançou em um meio-galope emburrado e então parou subitamente, arremessando Isabelle para fora da sela. Ela atingiu o chão com toda a força, rolou e ficou deitada de costas na terra, gemendo.

Era a terceira vez que Martin a derrubava naquela manhã. Isabelle era uma amazona habilidosa, mas agora tudo estava diferente. Ela não conseguia distribuir direito seu peso nos estribos. Não havia apoio no ponto em que os dedos do seu pé direito deveriam aderir à sola. Incapaz de se equilibrar devidamente, tinha dificuldade para corrigir sua postura quando Martin empinava, pinoteava ou simplesmente parava de repente.

No entanto, as quedas não a desencorajavam. Não se importava com seu rosto sujo, com os hematomas, com a dor. Eles a impediam de lembrar que Ella tinha ido embora, tinha vencido. Que Ella agora tinha tudo enquanto Isabelle não tinha nada.

Ela ainda estava deitada no chão, observando as nuvens que se moviam depressa no céu, quando um rosto se inclinou sobre ela, bloqueando sua visão.

– Quantas vezes já caiu hoje? – Tavi perguntou. Ela não esperou pela resposta. – Você vai acabar se matando.

– Se eu tiver sorte.

– Pare com isso. Você não consegue mais cavalgar.

O medo cresceu no estômago de Isabelle diante de tal ideia. Não era verdade – não deixaria que fosse verdade. Cavalgar era tudo o que lhe restava. Era a única coisa que a fazia seguir em frente enquanto seu pé cicatrizava. Enquanto se acostumava a mancar em vez de andar. Enquanto os criados partiam. Enquanto Maman fechava as persianas e trancava as portas. Enquanto as ervas daninhas se espalhavam pelos muros de pedra.

– Por que veio aqui? – ela perguntou a Tavi, já que a irmã preferia ficar dentro de casa com seus livros e equações.

– Vim para dizer que precisamos ir ao mercado. Não podemos mais adiar.

Isabelle arregalou os olhos.

– Não é uma boa ideia.

Os rumores tinham se espalhado. Sobre o sapatinho de cristal e o que elas haviam feito a si mesmas para fazê-lo caber. Sobre Ella e como elas a haviam tratado. As crianças haviam jogado lama na casa delas. Um homem havia atirado uma pedra através de uma das janelas. Isabelle sabia que a única coisa que elas arranjariam se fossem ao vilarejo seriam mais problemas.

– Tem outra ideia melhor? – perguntou Tavi. – Precisamos de queijo, presunto, manteiga. Faz semanas que não comemos pão.

Isabelle suspirou. Ela se levantou e bateu a terra das roupas.

– Precisamos levar a carroça – ela disse. – Não podemos andar. Não com nossos…

– Tudo bem. Arreie Martin. Vou buscar umas cestas – Tavi disse bruscamente, rumando para a cozinha. Ela não gostava de falar sobre os ferimentos, sobre Ella, sobre nada daquilo.

– Certo – Isabelle disse, mancando até o seu cavalo.

Ela ainda não estava acostumada com seu andar lento e vacilante. O ferimento de Tavi não era tão grave; depois de cicatrizado, a irmã voltaria a andar normalmente. Isabelle duvidava que o seu caminhar voltasse ao normal.

– E, Izzy…

Isabelle se virou. Tavi franzia a testa.

– O que foi?

– Comporte-se no vilarejo. Acha que consegue?

Isabelle ignorou a pergunta de Tavi e pegou as rédeas de Martin. Mas a verdade era que não fazia ideia se conseguiria. Ela tentara se comportar durante anos. Em salas de estar e salões de baile, em festas ao ar livre e jantares. Com suas mãos tensas e sua mandíbula retesada, tentara ser tudo o que Maman lhe orientara a ser: agradável, delicada, atenciosa, bondosa, modesta, gentil, paciente, cordata e discreta.

Às vezes funcionava. Por um dia ou dois. Mas sempre acabava acontecendo alguma coisa.

Como daquela vez que, em um jantar chique que Maman dera, um cadete do primeiro ano da escola militar dissera que a Segunda Guerra Púnica havia terminado depois que Cipião vencera Aníbal na Batalha de Canas, quando qualquer idiota sabia que fora na Batalha de Zama. Isabelle o corrigira, e ele rira, dizendo que ela não sabia do que estava falando. Então ela fora buscar seu livro favorito – *História ilustrada dos maiores comandantes militares do mundo* – na biblioteca e provara que sabia, sim, do que estava falando, ao que ele reagira chamando-a de um nome feio. Em voz baixa. Furiosa, ela também o xingara. Mas não em voz baixa.

Maman ficara uma semana sem falar com ela.

E também houve outra vez, em que ela fora a um baile no *château* da baronesa, achara a dança entediante e decidira dar uma volta. Nunca fora sua intenção se envolver em um duelo com o barão, mas ele a encontrara admirando um par de sabres pendurados em uma parede do saguão e se oferecera para mostrar seus movimentos. Isabelle também mostrara os seus, arrancando vários botões do casaco dele e cortando o queixo dele na sequência.

Em tal ocasião, Maman deixara de falar com ela por um mês.

Sua mãe dissera que o comportamento dela havia sido execrável, mas Isabelle não achava que arrancar os botões de um barão fosse tão ruim assim. Ela sabia que podia fazer pior. Muito pior.

Alguns meses atrás, enquanto revirava seu guarda-roupa atrás da sombrinha cor-de-rosa que Maman insistia que ela usasse – *Rosa favorece seu tom de pele, Isabelle!* – e de um medonho par de sapatilhas de seda – *Não importa se apertam; fazem seus pés parecerem pequenos!* –, ela encontrara um livro sobre Alexandre, o

Grande, que havia escondido ali para impedir que Maman desse um fim nele.

Ela se sentara no chão de seu quarto de dormir, amarrotando o vestido espalhafatoso, e abrira o livro com avidez. Era uma relíquia de uma época feliz, de antes de compreender que os guerreiros e generais eram todos homens, e que demonstrar interesse em espadas, cavalos de batalha e estratégias militares era algo impróprio para uma garota. Enquanto virava as páginas do livro, Isabelle se viu mais uma vez lutando ao lado de Alexandre, o Grande, enquanto ele abria caminho pelo Egito. Lágrimas de anseio frustrado se acumularam em seus olhos durante a leitura.

Bem quando ela as enxugava, Ella entrou no quarto, trazendo uma bandeja de prata. Sobre a bandeja havia uma xícara de chocolate quente e um prato de madeleines.

– Ouvi Maman gritar com você por causa da sombrinha e das sapatilhas. Achei que isso poderia ajudar – ela dissera, depositando a bandeja ao lado de Isabelle.

Fora um gesto gentil. Mas a gentileza de Ella só deixara Isabelle ainda mais irritada.

Ela olhara para a meia-irmã, que não precisava de sombrinhas e sapatilhas que apertavam os pés, que parecia uma deusa com seu vestido remendado e suas botas velhas. Baixara os olhos e vira a si mesma, esquisita e desajeitada naquele vestido ridículo, e então pegara a xícara de chocolate quente e a arremessara contra a parede. Depois, fora a vez das madeleines. E da bandeja de prata também.

– Limpe – ela ordenara, com um brilho maldoso no olhar.

– Isabelle, por que está tão aborrecida? – Ella perguntara, magoada.

Fervendo de raiva, com os punhos cerrados, Isabelle disse:

– Pare, Ella. Pare de ser legal comigo. Apenas *pare*!

– Desculpe – Ella dissera docilmente enquanto se abaixava para juntar os cacos.

Aquela docilidade devia ter apaziguado Isabelle, mas só servira para aumentar ainda mais sua raiva.

– Você é patética! – ela gritara. – Por que não se defende? Deixa Maman maltratar você! Você é boa para mim e para Tavi, ainda que

sejamos terríveis com você! *Por quê,* Ella?

Ella havia juntado com cuidado os cacos de porcelana sobre a bandeja.

– Para tentar desfazer tudo isso. Para tentar melhorar as coisas – ela respondera com delicadeza.

– Você *não* pode melhorar as coisas. A menos que possa me transformar em você!

Ella ergueu os olhos, surpresa.

– Não diga isso. Não se transforme em mim. *Nunca.*

Isabelle parara de gritar, emudecida pela veemência das palavras de Ella. E então os passos de Maman foram ouvidos no corredor, e tudo o que Isabelle conseguira fazer foi esconder seu livro e pegar a sombrinha antes que a mãe entrasse no quarto, mandando, aos berros, que se apressasse. Minutos depois, elas partiram para uma festa ao ar livre, tão enfadonha que Isabelle se esquecera de sua intenção de pressionar Ella em busca de uma resposta. E agora era tarde demais.

Martin, cansado de ficar parado, mordeu de repente o braço de Isabelle, dissipando suas lembranças dolorosas.

– Você também não é muito bom em se comportar, não é, meu velho? – a garota disse a ele.

Isabelle conduziu o cavalo até os estábulos de pedras frias e removeu o equipamento de montaria. Ela não queria amarrá-lo. Martin era um cavalo de poucas ambições, e fugir não era uma delas. Antes de colocar o arreio nele, o escovou. Não era necessário; ele não havia trabalhado muito duro, mas Isabelle queria senti-lo sob suas mãos, sentir o toque aveludado do focinho contra sua bochecha, seu hálito em lufadas com cheiro de capim.

Quando terminou, ela o conduziu até a carroça. Enquanto andavam pelos estábulos, Isabelle olhou de relance para as baias vazias. O par de graciosos árabes puro-sangue que costumavam puxar a carruagem e os enormes cavalos de tração franceses que trabalhavam nos campos não estavam mais lá; tinham sido vendidos depois da partida do cavalariço.

Embora tentasse desviar o olhar, Isabelle não pôde deixar de mirar a última baia, que também lhe trouxe lembranças de anos atrás. Nero – um garanhão negro de mais de 1,70m de altura, olhos

de ônix e crina sedosa e ondulada. Cavalgá-lo era como cavalgar uma tempestade. Ela ainda podia sentir sua força ao patear o chão e dançar debaixo dela, impaciente para sair.

Ainda podia sentir Félix também. Ele estava sentado atrás dela, os braços ao redor de sua cintura, os lábios dele perto de sua orelha, os olhos voltados para o muro de pedras diante dos dois. Ele ria, e sua risada era um desafio.

– Não, Isabelle! – Ella gritara. – É perigoso demais!

Mas Isabelle não a escutara. Tocara com os calcanhares as laterais de Nero e, um segundo depois, eles galopavam na direção do muro. Ella cobrira os olhos com as mãos. Isabelle se inclinara para a frente na sela, seu peito perto do pescoço de Nero, suas mãos agarrando o alto de sua crina, Félix se inclinando junto a ela. Sentira cada músculo tenso do corpo do cavalo, e então percebera como era voar. Ela e Félix soltaram um grito de empolgação ao aterrissarem, e então cruzaram o prado em disparada rumo a Wildwood, deixando Ella para trás.

Tão rápido quanto surgiram, as imagens desapareceram, e tudo o que restou foi uma baia vazia com teias de aranha nos cantos.

Nero já era. Félix também. Levados embora por Maman, como muitas outras coisas: sua calça de montaria de couro, seu chapéu de pirata, as pedrinhas brilhantes e os crânios de animais e os ninhos de pássaros que ela havia colecionado. Sua espada de madeira, seus livros. Uma a uma, todas essas coisas haviam desaparecido, cada perda um golpe com um cinzel esculpindo sua carne, aparando as bordas. Fazendo com que ficasse mais parecida com a garota que Maman gostaria que ela fosse.

Isabelle cortara fora seus dedos, mas às vezes ela ainda os sentia.

Maman arrancara seu coração.

Às vezes, ela ainda o sentia também.

QUATORZE

– Seis soldos – disse a esposa do padeiro, com os braços roliços cruzados sobre o peito avantajado e sardento.

– Seis? – Isabelle repetiu, confusa. – Mas a placa diz três. – Ela apontou para uma tabuleta na banca do padeiro com o preço escrito com giz.

A mulher cuspiu na palma da mão, apagou o *3* e em seu lugar escreveu *6.*

– Para você, seis – retrucou, insolente.

– Mas é o dobro do preço. Não é justo! – Isabelle protestou.

– Tratar a meia-irmã feito escrava também não – disse a mulher. – Não negue. Você foi cruel com uma garota indefesa. Mas teve o castigo merecido, não é? Ella agora é rainha e está mais linda do que nunca. E você? É apenas a meia-irmã feia dela.

Isabelle baixou a cabeça, suas bochechas ardiam. Ela e Tavi mal haviam chegado ao mercado e os insultos já estavam começando.

Respirando fundo para se controlar, ela se lembrou do conselho da irmã: *Comporte-se.* Ela contou as moedas de seu bolso e as entregou. A esposa do padeiro lhe deu um pão pequeno com a parte de baixo queimada, acompanhado de um sorriso de desdém.

– Perfeito para ela – pontuou uma mulher que estava na fila.

– Pão queimado é bom demais para ela – fungou outra.

As mulheres ficaram lá, concordando com a cabeça, apontando e fazendo comentários, derramando sobre si mesmas conchas de moralidade, como se fossem um peru no forno, sendo que outro dia mesmo a primeira delas havia estapeado com tanta força a filha pequena por ter derramado o leite que a bochecha da criança ainda apresentava um vergão, e a segunda havia beijado o marido da irmã atrás da taverna.

Ninguém grita mais insultos em uma execução do que o assassino que escapou da morte.

– Espero que você se engasgue com esse pão – disse a esposa do padeiro, e Isabelle enfiou o pão na cesta, toda atrapalhada.

A garota sentiu a raiva arder dentro de si. Palavras duras subiram por sua garganta, mas ela as fez voltar para onde vieram.

– Espero que sua irmã feia também se engasgue.

Ao ouvir a menção à irmã – Tavi, que desde a partida de Ella emagrecera, raramente sorria e mal tocava na comida –, o temperamento explosivo de Isabelle veio à tona.

No centro da banca do padeiro havia uma pirâmide cuidadosamente construída com pãezinhos dourados. Isabelle jogou o braço para trás e acertou o topo da pilha. Uma dúzia de pãezinhos rolou banca abaixo e aterrissou na rua barrenta.

– Espero que você se engasgue com *isto* – ela disse à esposa tarta-muda do padeiro e às suas clientes guinchantes.

A expressão no rosto da mulher, seu guincho de indignação, sua consternação… tudo aquilo deu a Isabelle uma sensação boa, por um instante. *Eu venci,* ela pensou. Mas, enquanto se afastava da banca, percebeu, com uma sensação de náusea e desânimo, que não tinha vencido. Sua raiva vencera, mais uma vez.

Ella não teria feito aquilo, Isabelle pensou*. Ella teria desarmado todas elas com um sorriso doce e palavras gentis.*

Ella nunca ficava com raiva. Nem quando era obrigada a cozinhar e limpar para elas. Ou fazer suas refeições sozinha na cozinha. Nem quando Maman não a deixava ir ao baile.

Ella ocupara um quarto frio no sótão e dormira em uma cama dura; Isabelle e Tavi tinham lareiras em seus quartos de dormir, bem como colchões de plumas. Ella tivera apenas um vestido esfarrapado para usar, enquanto Isabelle e Tavi possuíam dúzias de roupas bonitas. Ainda assim, dia após dia, era Ella quem cantava e sorria. Não Isabelle. Não Tavi.

Por quê?, Isabelle perguntava a si mesma, desesperada por uma resposta, certa de que se soubesse do que se tratava, também ela poderia aprender a ser boa e gentil. Mas não encontrou a explicação, e sim uma dor, profunda e inquietante, do lado esquerdo do peito.

Se Isabelle tivesse perguntado às velhas esposas de Saint-Michel, todas sentadas perto da fonte na praça do vilarejo, elas

poderiam ter-lhe explicado o que causava aquela dor. Afinal, tais mulheres tinham um ditado: *Um lobo nunca é mais perigoso do que quando está enjaulado.*

No limite de Saint-Michel fica Wildwood. Os lobos que vivem lá saem à noite para caçar. Eles rondam campos e fazendas, ansiando por galinhas e pela carne macia de jovens cordeiros. Mas existe um outro tipo de lobo, muito mais traiçoeiro. É a esse tipo que as velhas esposas se referem.

– Corra se o vir – elas orientam às suas netas. – A língua dele é de prata, mas seus dentes são afiados. Se ele a capturar, a comerá viva.

A maioria das garotas do vilarejo faz o que lhes mandam, mas vez ou outra alguma se recusa a fazê-lo. Ela mantém sua posição, fita o lobo nos olhos e se apaixona por ele.

As pessoas a veem correr para a floresta à noite. E a encontram na manhã seguinte com folhas nos cabelos e sangue nos lábios. *Isso não é apropriado*, dizem. *Uma garota não deve amar um lobo.*

Então decidem intervir. Vão atrás do lobo com armas de fogo e espadas, e o caçam em Wildwood. Mas a garota está com ele e vê as pessoas do vilarejo chegando.

Os moradores erguem seus rifles e miram. A moça abre a boca para gritar, e, ao fazer isso, o lobo pula para dentro dela. Rapidamente a garota o engole inteiro: dentes, garras e pelos. Ele deita enrodilhado sob o coração dela.

Os moradores do vilarejo baixam as armas e vão para casa. A jovem suspira aliviada. Ela acredita que esse acordo dará certo e acha que ficará satisfeita com as lembranças dos olhos dourados do lobo, pensa que ele ficará feliz tendo um lugar quentinho para dormir.

Mas logo percebe que cometeu um erro terrível, pois o lobo é uma criatura selvagem, e criaturas selvagens não podem ser enjauladas. Ele quer sair, mas a garota é toda escuridão por dentro e o lobo não consegue encontrar a saída.

Então ele uiva no sangue dela. Ele a rasga até os ossos.

E quando isso não funciona, ele come o coração da moça.

O uivo e a mastigação… deixam a garota maluca.

Ela tenta cortá-lo para fazê-lo sair, abrindo talhos em sua própria pele com uma lâmina.

Tenta queimá-lo para que saia, segurando a chama de uma vela contra sua própria pele.

Tenta matá-lo de fome, se recusando a comer até ela própria ficar só pele e ossos.

Em pouco tempo, ambos terminam em uma sepultura.

Um lobo vive dentro de Isabelle. Ela se esforça muito para mantê-lo sob controle, mas a fome dele cresce. Ele parte sua espinha e devora seu coração.

Corra para casa, feche a porta, passe o trinco. Nada disso vai adiantar.

Os lobos das florestas têm dentes afiados e garras compridas, mas é o lobo interior que vai fazê-la em pedaços.

QUINZE

Isabelle conseguiu terminar as compras sem maiores problemas. Ela recebeu um olhar cortante do queijeiro e algumas palavras duras do açougueiro, mas os ignorou.

Agora se dirigia à praça do vilarejo. Ela e Tavi tinham decidido se separar para que pudessem acabar a tarefa mais depressa, marcando de se reencontrar na carroça. Isabelle rumava para lá, mas as ruas lhe pareciam diferentes, e ela torcia para que estivesse indo na direção certa. Maman raramente as deixava ir a Saint-Michel. *Apenas garotas vulgares perambulam pelo vilarejo*, ela dissera.

Isabelle queria voltar logo para casa. O pavimento de pedras sulcadas dificultava a caminhada e seu pé doía. O cheiro dos mantimentos que havia comprado – fatias de presunto salgado, conserva de minipepinos, um roquefort acre com veios azuis – emanava de sua cesta. Seu estômago se retorcia de fome. Fazia semanas desde que ela desfrutara de tais iguarias pela última vez.

Isabelle fez questão de manter a cabeça baixa ao chegar à praça, evitando ser notada. Embora não conseguisse ver muita coisa com os olhos voltados para o chão, podia ouvir bastante.

Os moradores se juntavam diante de lojas e tavernas fazendo fofoca com vozes tensas. Volkmar von Bruch havia atacado outro vilarejo. Ele estava indo para o oeste. Não, estava indo para o sul. Os refugiados estavam por toda parte. A boa Rainha Ella – que Deus a abençoasse – tentava ajudar. Ela havia ordenado que as famílias nobres abrissem seus solares e castelos para abrigar as crianças que ficaram órfãs nos ataques.

Enquanto Isabelle se apressava, ouviu o som de cascos batendo nas pedras do calçamento. Ela se virou e viu um grupo de soldados se aproximando da praça. Na liderança estava um homem alto montado em um lindo cavalo branco. Isabelle mancou para longe do

caminho deles, juntando-se à multidão perto da fonte. Ninguém a incomodou; as pessoas só tinham olhos para os soldados. Ouviu-se gritos animados enquanto eles cruzavam a praça.

– Bendito seja, Coronel Cafard! – gritou uma mulher.

– Deus salve o rei! – berrou outra.

O coronel estava sentado ereto e empertigado em sua sela, olhando para a frente. Seu casaco azul-escuro e sua calça de montaria branca se apresentavam impecáveis, as botas tão lustrosas que brilhavam.

– Pelo menos Saint-Michel está a salvo – um morador falou enquanto os soldados passavam. Outras pessoas concordaram. O rei não havia enviado seus melhores homens? O bom coronel não os havia instalado nos campos de Levesque, fora dos limites do vilarejo? E não havia mais de dois mil soldados naquele acampamento? Não havia nada a temer.

Embora não fizesse frio, Isabelle sentiu um calafrio percorrer seu corpo. *Alguém acaba de profanar o seu túmulo*, Adélie costumava falar quando isso acontecia.

Ela não tinha ideia de que o sanguinário Volkmar havia avançado tanto na França. Mas também, fazia um mês que ela, Tavi e Maman não saíam de casa. A última notícia que elas tinham ouvido – que o velho rei morrera, que o príncipe fora coroado rei e que Ella se tornara rainha – havia saído da boca dos criados antes da partida deles.

Distraída pela conversa dos moradores do vilarejo, Isabelle não viu o buraco à sua frente até enfiar o pé nele. Uma dor lancinante subiu por sua perna. Ela reprimiu um grito, mancou até um poste de iluminação e se apoiou para aliviar o peso de seu pé dolorido. Desesperada, lançou um olhar para o outro lado da rua, esperando ver sua carroça, mas não havia nem sinal dela.

No entanto, ela viu Odette, a filha do dono da hospedaria, vindo em sua direção, batendo com a bengala nas pedras do calçamento. Odette era cega e usava a bengala para se orientar nas ruas sinuosas do vilarejo.

E então Isabelle viu outra coisa.

Cecile, a filha do prefeito, e seu bando de amigas andavam atrás de Odette. Cecile estava com os olhos fechados; sua língua

pendurada para fora. Ela agitava a sombrinha à sua frente como se fosse uma bengala, zombando de Odette. As amigas dela davam risadinhas.

O medo tomou conta de Isabelle. Sabia que devia ir até Odette para defendê-la. Mas seu pé doía e ela não tinha ânimo para mais um confronto. Disse a si mesma que Odette não sabia o que estava acontecendo. Afinal, ela não podia ver Cecile, mas ela, Isabelle, podia e sabia que ela mesma seria a próxima vítima da garota. Olhou ansiosa à sua volta em busca de um lugar para se esconder, mas era tarde demais. Cecile a tinha visto.

– Isabelle de la Paumé, é *você*? – ela falou com afetação, esquecendo-se de Odette.

Conforme Cecile falava, os olhos de Isabelle focaram na entrada de um beco. Não se deu ao trabalho de responder, e, em vez disso, rumou depressa para a passagem estreita, ignorando a dor que sentia. O beco estava úmido e cheirava a esgoto. Um rato disparou à sua frente e alguém quase esvaziou um penico em sua cabeça, mas ela conseguiu evitar Cecile e sair na rua exata em que havia deixado a carroça.

Isabelle foi tomada por uma onda de alívio. Tavi ainda não estava lá, mas ela estava certa de que a irmã logo chegaria. Enquanto isso, podia se sentar. Agora seu pé doía como se estivesse em chamas. Entretanto, enquanto mancava na direção da carroça, sentiu uma pontada de culpa. Pensou em Odette. Será que Cecile a havia deixado em paz? Ou será que tinha ficado tão frustrada por não ter conseguido zombar de Isabelle que decidira atormentar em dobro a garota cega?

Os livros de História dizem que reis, duques e generais dão início a guerras. Não acredite nisso. Nós as iniciamos, você e eu. Toda vez que viramos as costas, ficamos calados, não nos envolvemos – nos comportamos.

A coisa errada, a coisa covarde, a coisa fácil. Você faz isso depressa. Você a deixa para trás. Acabou, você diz a si mesmo enquanto se afasta rapidamente. Para você, essa coisa acabou.

Mas essa coisa talvez não ache que tenha acabado.

Isabelle sentira tanta pressa de escapar que correra na direção da carroça sem olhar para trás.

– Isabelle, querida! *Aí* está você! – chamou uma voz.
Isabelle sentiu um nó no estômago. Devagar, ela se virou.
Atrás dela, sorrindo feito uma víbora, estava Cecile.

DEZESSEIS

Cecile, loira e má, se aproximou de Isabelle. Ela usava um vestido amarelo, trazia nas mãos uma sombrinha combinando e atrás de si uma dúzia de garotas de menor importância.

– Há *quanto* tempo, Isabelle! – ela trinou. – *Ouvi* falar sobre Ella e o príncipe. Conte pra gente, como foi o casamento real?

Houve risadinhas. Sussurros. Olhares mordazes. Todos sabiam que Isabelle, Octávia e Maman não tinham sido convidadas para o casamento de Ella.

– Você tem seu próprio quarto no palácio? – perguntou uma das garotas.

– Ella arranjou um duque para ser seu esposo? – disse outra com a fala arrastada.

– Quem vai se casar com um duque? Quem me dera! – falou uma terceira, sorrindo animada. Ela havia acabado de entrar para o grupo. Seu nome era Berthe. Ela era baixinha, rechonchuda e tinha os dentes da frente proeminentes.

Cecile se virou para ela.

– Um *duque*? O que um duque poderia querer com *você,* Berthe? Acharemos um caçador para ser seu marido. *Eles* gostam de coelhinhos gordos.

O sorriso de Berthe desapareceu. Suas bochechas ficaram manchadas de vermelho. As outras garotas caíram na risada. Elas não tinham escolha. Cecile se lembraria de cada garota que não risse, consideraria tal ato um desafio e faria dessa garota sua próxima vítima.

Sob o belo vestido de Cecile, debaixo de seu corpete de seda e de sua combinação de linho, havia um coração que era como um pedaço de tronco apodrecido. Vire-o ao contrário e as coisas que se escondem debaixo dele fugirão da luz. Coisas como inveja, medo, raiva e vergonha. Isabelle sabia disso porque seu próprio coração

se tornara assim, mas, diferentemente de Cecile, ela sabia que a crueldade nunca vem de uma parte forte; vem daquela parte mais escura, mais úmida e mais fraca dentro de você.

Algo na rua chamou a atenção de Cecile. Era um pequeno repolho estragado. Ela o chutou na direção de Berthe.

– Vamos lá – Cecile ordenou. – Ela merece. É feia. Uma meia-irmã feia.

Berthe olhou para o repolho, incerta.

Cecile estreitou os olhos.

– Está com medo? *Vamos!*

O desafio encorajou as outras garotas. Feito um bando de hienas, elas incitaram Berthe. Relutante, Berthe pegou o repolho e o arremessou. Ele acertou as pedras do calçamento aos pés de Isabelle, sujando suas saias. A gritaria aumentou.

O medo percorreu a nuca de Isabelle feito uma unha afiada. Ela sabia que Cecile estava apenas começando. Em seu interior, ouviu uma voz. *Eu não temeria um grupo de leões conduzido por uma ovelha, mas teria medo de um rebanho de ovelhas conduzido por um leão.*

Quando se via em dificuldade, Isabelle ouvia generais em sua cabeça; isso acontecia desde que ela atingira idade suficiente para ler sobre eles. Agora era Alexandre, o Grande, quem falava com ela, e Isabelle percebera que ele tinha razão: as lacaias de Cecile, desesperadas por sua aprovação, obedeceriam a qualquer comando dela.

Isabelle sabia que podia vencer uma garota, mesmo com um pé machucado, mas não uma dúzia. Ela precisava encontrar outro modo de se safar.

– Já chega, Cecile – ela disse. Embora estivesse sentindo muita dor, ela se afastou mancando, indo na direção do mercado, imaginando que Cecile se cansaria do jogo se ela se recusasse a participar dele.

Mas Cecile não tinha a menor intenção de deixá-la desistir. Ela se abaixou e pegou uma pedra solta do calçamento.

– Fique onde está, Isabelle. Ou atirarei isto no seu cavalo.

Isabelle parou imediatamente. Ela se virou.

– Você não faria isso – ela disse. Aquilo era demais, até mesmo para Cecile.

– Faria, sim. – Cecile apontou para as outras. – Todas elas fariam. – Como se para provar que falava sério, ela passou a pedra para Berthe. – Atire. Duvido.

Berthe olhou para a pedra; ela arregalou os olhos.

– Cecile, não. É uma *pedra* – a garota disse.

– Medrosa.

– *Não* sou – Berthe protestou com voz trêmula.

– Então atire.

Isabelle se colocou na frente da cabeça de Martin, para protegê-lo. Berthe atirou a pedra, mas acertou a carroça.

– Você errou de propósito – Cecile acusou.

– Não fiz isso! – Berthe exclamou.

Cecile pegou outra pedra do calçamento e a colocou na mão de Berthe.

– Chegue mais perto – ela disse, empurrando a menina.

Berthe deu alguns passos hesitantes na direção de Isabelle, segurando a pedra com tanta força que os nós de seus dedos ficaram brancos. Quando ergueu o braço novamente, seus olhos encontraram os de Isabelle; estavam rasos d'água. Isabelle sentiu como se estivesse olhando num espelho. Viu a angústia da jovem e reconheceu a sensação; era a mesma que ela sentia.

– Que bom que você ainda é capaz de chorar – Isabelle sussurrou para ela. – Quando você para de chorar, está perdida.

– Cale a boca. Não estou chorando. *Não* estou – Berthe replicou, movendo o braço para trás e se preparando para atirar a pedra.

Isabelle sabia que ser atingida por uma pedra a machucaria. Talvez a matasse. Se aquele fosse seu destino, paciência. Ela se recusava a abandonar Martin. De olhos fechados e punhos cerrados, ela esperou pela dor.

Mas a dor não veio. Os segundos se arrastaram e ela abriu os olhos. As garotas tinham desaparecido, debandado feito pardais. Parada no lugar onde Cecile estivera pouco antes estava uma mulher idosa toda de preto.

DEZESSETE

A MULHER CONTEMPLAVA o fim da rua, observando as garotas que fugiam.

Seu rosto era marcado por rugas. Seus cabelos brancos da cor da neve estavam trançados e presos em um coque na nuca. Um anel negro enfeitava uma de suas mãos em formato de garra. Para Isabelle, ela parecia o retrato da fragilidade senil, tão instável e quebradiça quanto um ramo sob o peso do gelo.

Isso até ela se virar e olhar para Isabelle, que sentiu como se estivesse se afogando nas profundezas daqueles velhos olhos cinzentos, puxada para o fundo por uma força muito maior do que a sua própria.

– Aquela de vestido amarelo, a líder do grupo, ela acabará mal – a mulher assinalou sabiamente. – Eu garanto.

Isabelle balançou a cabeça, tentando clarear as ideias. Sentia-se desnorteada e desequilibrada, como se saísse de um mar agitado e violento.

– Você… você as perseguiu? – ela perguntou.

A mulher riu.

– Se eu as *persegui?* Criança, estas velhas pernas não conseguem perseguir nem uma lesma. Eu vinha falar com você; as garotas fugiram assim que me viram. – Ela fez uma pausa, e então continuou: – Você é uma das meias-irmãs feias, não? Acho que ouvi as garotas chamarem-na assim.

Isabelle se encolheu, esperando uma chuva de insultos, mas ela não veio. A mulher apenas fez um som de desaprovação e disse:

– Você é tola por aparecer em público. Palavras duras não podem matá-la, mas pedras, sim. Você deve ficar em casa, em segurança.

– Até as garotas feias precisam comer – Isabelle respondeu, com as bochechas ficando vermelhas.

A mulher balançou a cabeça com tristeza.

– As pessoas não esquecem. Ou perdoam. Uma garota feia é uma ofensa grande demais. Acredite em mim, sou velha e já vi muita coisa. Ah, já vi uma garota desonesta que havia roubado um monte de joias ser perdoada porque tinha um sorriso bonito. E uma garota violenta que assaltava veículos à mão armada se livrar da cadeia por causa de seus longos cílios negros. Ah, conheci até uma assassina que escapou da forca graças aos seus lábios carnudos e às suas co-vinhas; o juiz se apaixonou perdidamente por ela. Mas uma garota feia? Ah, criança, o mundo pertence aos homens. Uma garota feia não pode jamais ser perdoada.

As palavras da mulher eram como uma faca entrando entre as costelas de Isabelle. Elas a perfuraram tão fundo que ela se pegou engolindo o choro.

– Quando eu era pequena, achava que o mundo pertencia a mim – Isabelle confidenciou.

– As crianças sempre acham isso – a mulher disse, compreensiva. – Assim como os lunáticos. No entanto, tenho certeza de que agora você sabe que isso não é verdade. Tenha cuidado. Duvido que aquelas garotas voltem a importuná-la, mas outras pessoas o farão.

– Obrigada, madame – Isabelle disse. – Eu lhe devo uma.

– Terá a chance de retribuir – a mulher replicou, apontando para a carroça de Isabelle. – Posso incomodá-la e pedir uma carona? Chegamos à hospedaria do vilarejo na noite passada, minha criada e eu, e desde hoje cedo estou tentando chegar à fazenda dos meus parentes, mas não acho ninguém para nos levar até lá.

– É claro. Eu a levarei lá, madame… ahm, madame… – Isabelle se deu conta de que não sabia o nome da mulher.

– Madame Sévèrine. Sou a tia-avó do pobre monsieur LeBenêt, que faleceu há alguns meses, que Deus o tenha. *Tante* Sévèrine é como ele me chamava quando criança. Tantine, como apelido. E você também pode me chamar assim, minha querida. Quero ir para a propriedade dos LeBenêt.

Isabelle se animou.

– Não poderia ser mais fácil, madame. Os LeBenêt são nossos vizinhos. Que coincidência! – ela exclamou, feliz em poder prestar auxílio àquela mulher que tinha sido tão boa ao ajudá-la.

– Sim, que coincidência – concordou a idosa. Um sorriso curvou para cima os cantos de seus lábios; mas não chegou aos seus olhos.

Isabelle explicou que precisava esperar sua irmã, mas que, assim que Octávia chegasse, elas passariam pela hospedaria para buscar o baú da madame e sua criada.

– Tantine – a mulher corrigiu.

– Tantine – Isabelle repetiu. – Gostaria de se sentar enquanto aguardamos? – perguntou.

– Sim, estes velhos ossos se cansam facilmente.

Isabelle a ajudou a subir na carroça e depois se juntou a ela no assento de madeira. Estava enternecida com aquela idosa gentil.

– Obrigada, minha criança – agradeceu Tantine. – Acho que seremos boas amigas, você e eu.

– Que sorte nossos caminhos terem se cruzado – Isabelle ponderou, sorrindo.

A idosa assentiu. Ela deu tapinhas na mão de Isabelle.

– Alguns diriam que é sorte. Eu? Eu diria que é destino.[1]

Na última frase há um jogo de palavras com a palavra “destino” e o sobrenome da senhora, sendo ambos representados pela palavra “fate”. No original: “Some might call it luck. Myself? I’d call it *fate*”. (N. T.)

DEZOITO

FALTAVA POUCO PARA O MEIO-DIA quando Isabelle e Tavi deixaram o vilarejo com Tantine sentada entre elas. O sol estava a pino e aquele dia de agosto estava escaldante.

Losca, criada de Tantine, era uma garota pequena com nariz adunco, olhos brilhantes e cabelos cor de ébano presos em uma longa trança, e estava sentada na parte traseira da carroça, sobre o baú de Tantine. Ela não proferiu uma palavra o trajeto todo; apenas observou a paisagem que ficava para trás, inclinando a cabeça e piscando.

Martin atravessou a estrada o mais devagar possível, o que deu a Tantine tempo de sobra para contar às garotas por que tinha vindo a Saint-Michel.

– Vim por causa desse Volkmar – ela explicou, triste. – Eu moro em Paris, sabe, e ele pretende atacá-la. O rei fortificou a cidade, mas os moradores ainda estão fugindo aos bandos. Planejo ficar aqui com meus parentes num futuro próximo. É o mais seguro a fazer – devemos sempre seguir o caminho mais seguro.

– Os LeBenêt ficarão muito aliviados por tê-la sã e salva com eles, Tantine – Tavi disse. – Devem estar preocupados com você.

– Os LeBenêt não fazem ideia de que estou chegando – falou Tantine. – Não somos próximos. Na verdade, nunca conheci madame LeBenêt. Meu marido é que era parente de monsieur LeBenêt. Meu falecido marido, devo dizer. Ele faleceu recentemente também.

Isabelle e Tavi expressaram suas condolências. Tantine agradeceu.

– Em seu testamento, meu marido deixou uma soma em dinheiro para monsieur LeBenêt – ela acrescentou. – Agora me pergunto o que fazer com isso. Fiquei sabendo que ele tem um filho, Hugo, mas não conheço nada a respeito do garoto. Antes de entregar a

herança a ele, quero saber se ele é do tipo que honrará o nome da família.

Boa sorte com isso, Isabelle pensou. Ela conhecia Hugo desde que eram crianças. Ele havia brincado de piratas e mosqueteiros com ela e com Félix algumas vezes, sempre carrancudo por trás das lentes grossas de seus óculos. Durante todos aqueles anos que ela o conhecia, Hugo mal havia grunhido três palavras para ela. Isabelle duvidava que ele fosse grunhir alguma coisa para Tantine.

Conforme o sol aumentava, e Martin continuava puxando de má vontade a carroça através de prados, campos de trigo e pomares, a velha senhora seguia falando. Ela contava às garotas sobre sua casa elegante em Paris quando um grito, rouco e alto, cortou o ar.

Isabelle se sentou empertigada. Tavi se sobressaltou. Elas trocaram olhares assustados, e então olharam à sua volta depressa, na tentativa de encontrar a origem do grito. Losca se debruçou na lateral da carroça, esticando o pescoço.

– Lá – Tantine disse, apontando direto para a frente.

Um veículo militar, puxado por dois cavalos robustos, havia chegado ao topo da colina e agora descia na direção delas. Mesmo à distância, Isabelle conseguia ver que a farda do condutor estava manchada de vermelho. Quando a carroça se aproximou, e ela viu seu conteúdo, soltou um grito abafado.

Na parte traseira da carroça, desprotegidos sob o sol inclemente, havia pelo menos trinta homens, todos gravemente feridos. Ataduras encharcadas de sangue envolviam cabeças e torsos. Alguns membros estavam faltando. Um homem jazia esticado em um banco de madeira, com as pernas mutiladas. Fora ele quem gritara. Uma das rodas passou em um sulco, chacoalhando o veículo, e ele urrou outra vez.

Quando o veículo terminou de passar, Tavi estava agarrada ao assento, e as mãos de Isabelle tremiam tanto que ela teve de apertar as rédeas de Martin para firmá-las. Os lábios de Tantine estavam crispados de tristeza. Ninguém falou nada.

Isabelle se lembrou de seu livro, *História ilustrada dos maiores comandantes militares do mundo.* Ela e Félix costumavam examiná-lo com atenção quando eram crianças, observando as cenas coloridas à mão que retratavam batalhas famosas. As imagens

faziam com que parecessem gloriosas e empolgantes, e os soldados que participaram delas pareciam audaciosos e destemidos. Mas o sofrimento que ela acabara de testemunhar não parecia nem um pouco glorioso; deixara-a atordoada e enojada. Tentou imaginar o homem responsável por aquilo: Volkmar. Um duque, segundo ouvira dizer. Será que ele tinha medalhas penduradas em sua farda? Usava uma faixa sobre o peito? Montava um cavalo? Carregava uma espada?

Por um instante, Isabelle deixou de enxergar direito. Ela não via mais a estrada à sua frente, os muros de pedras que a margeavam, as rosas que pendiam por sobre os muros. No olho de sua mente, um ser alto e poderoso avançava a passos largos em sua direção num campo de batalha. Estava envolto em fumaça branca, que obscurecia seu rosto, mas ela conseguia ver a espada que ele empunhava, sua arma de lâmina afiada. Um calafrio percorreu seu corpo, exatamente como acontecera no mercado.

Tavi falou e a imagem desvaneceu.

– Para onde eles vão? – ela perguntou.

– Para um acampamento do exército do outro lado de Saint-Michel. Ouvi o pessoal do vilarejo comentando a respeito – Isabelle respondeu, espantando a estranha visão e deixando a sensação de pavor para trás.

– Vi muitas carroças dessas de Paris até aqui – contribuiu Tantine. – Ah, garotas, receio que esta guerra não será boa para nós. Nosso rei é jovem e inexperiente, e Volkmar é cruel e ardiloso. Suas tropas são menores, e mesmo assim toda vez vencem as do rei.

As três ficaram novamente em silêncio. Os únicos sons eram os cascos arrastados de Martin, o rangido da carroça e o zumbido dos insetos. Logo elas chegaram à saída para a fazenda LeBenêt. Uma via poeirenta levava a uma antiga casa de fazenda de pedra. Cortinas brancas puídas estavam penduradas nas janelas; persianas vergadas as emolduravam. Galinhas ciscavam perto da porta azul desgastada pelo tempo.

O estábulo das vacas e o galpão de laticínios, também feitos de pedra, eram ligados à casa. Atrás deles, o gado pastava em um campo cercado, e plantações de repolhos, batatas, nabos e cebolas se estendiam até os limites da propriedade com Wildwood.

Losca desceu da carroça antes que ela parasse. Enquanto Isabelle ajudava Tantine a descer, e Tavi abria a parte traseira do veículo para pegar o baú da senhora, Madame LeBenêt, ela própria puída e desgastada pelo tempo, saiu para cumprimentá-las, se é que se pode chamar aquilo de cumprimento.

– O que vocês querem? – ela ladrou, com uma expressão azeda o suficiente para fazer talhar o leite.

– Trouxemos sua tia-avó, madame – Isabelle disse, indicando Tantine com um movimento de cabeça. – Ela veio de Paris com sua criada.

Madame LeBenêt estreitou os olhos; sua carranca ficou ainda pior.

– Eu não tenho tia-avó – ela respondeu.

– Sou Madame Sévèrine, a tia-avó do seu falecido marido – Tantine explicou.

– Meu marido nunca falou de você.

– Isso não me surpreende. Havia uma briga de família, tanta animosidade…

Madame LeBenêt a interrompeu rudemente:

– Acha que sou idiota? Atualmente, todos os dias, estranhos fogem de Paris para Saint-Michel e fingem ser uma pessoa que alguém não vê há muito tempo só para conseguirem comida e abrigo. Não, madame, sinto muito. Você não pode ficar aqui. Você e sua criada vão acabar com nossas provisões.

Acabar com as provisões dela?, Isabelle pensou. *Esta senhorinha? E sua criada esquelética?* Ela baixou a cabeça e mexeu numa fivela do arreio de Martin. Ela não ousava olhar para cima com medo de que madame a visse revirando os olhos.

Todo o vilarejo sabia que Avara LeBenêt era sovina. Ela tinha não só plantações abundantes, como também duas dúzias de galinhas poedeiras, dez vacas leiteiras, arbustos de frutas silvestres, macieiras e uma grande horta. Ela fazia uma pequena fortuna todos os sábados no mercado, e mesmo assim não parava de reclamar do quão pobre era.

– Ah, sinto muito saber que você não tem lugar para mim – Tantine disse, suspirando de tristeza. – Acho que terei de tratar sobre a herança com outro membro da família.

Madame LeBenêt de repente se interessou, como um cão de caça que descobre um delicioso pato gordinho.

– Herança? Que herança? – ela perguntou com rispidez.

– A herança que meu falecido marido me instruiu a entregar ao seu falecido esposo. Pensei que fosse possível entregá-la ao seu filho, mas agora…

Madame LeBenêt deu um tapa na própria testa.

– Tia *Sévèrine*! – ela exclamou. – Mas *é claro*! Meu marido falava frequentemente de você! E com *tanto* carinho. Deve estar exausta da viagem. Venha que vou lhe preparar uma xícara de chá.

– Ela deveria estar num palco – Tavi confidenciou a Isabelle.

Madame LeBenêt escutou o que ela falou.

– E vocês duas, estão esperando o quê? – falou com rispidez. – Tragam o baú dela!

Com grande dificuldade, Isabelle e Tavi conseguiram arrastar o baú para fora da carroça e carregá-lo para dentro da casa. Isabelle esperava que Losca as ajudasse, mas a garota examinava atentamente um gafanhoto na roseira sem poda que ficava perto da porta de Madame LeBenêt, totalmente absorta. Madame instruiu Isabelle e Tavi a levarem o baú para um pequeno quarto, e então sumiu depressa casa adentro a fim de preparar o chá. Quando as garotas voltaram para a carroça, viram que Tantine permanecia parada ao lado do veículo.

Tavi subiu na carroça e se sentou, mas Isabelle hesitou.

– Você vai ficar bem nesta casa? – ela perguntou.

– Ficarei ótima – Tantine lhe garantiu. – Posso lidar com Avara. Mais uma vez, obrigada pela carona.

– Não foi nada. Obrigada por me salvar da morte certa pelas mãos de Cecile – Isabelle disse, irônica.

Ela se virou para partir, mas, assim que o fez, Tantine segurou sua mão. Isabelle ficou surpresa com a força daqueles dedos nodosos.

Elas ficaram lá paradas por um instante, olhando uma nos olhos da outra, totalmente imóveis. Fate, uma criatura sem coração e sem alma, que havia caminhado com a poeira de Alexandria em seus sapatos, com as cinzas de Pompeia na barra de suas vestes, com o

barro vermelho de Xiam em suas mangas. Tão velha quanto o tempo; sem começo nem fim.

E uma garota humana. Tão malfeita. Apenas carne macia, unhas roídas e um coração despedaçado que batia em uma caixa torácica frágil.

Isabelle não fazia ideia a quem pertenciam aqueles olhos insondáveis que ela mirava. Ela não fazia ideia de que Fate pretendia vencer a aposta que fizera, a qualquer custo.

– Precisamos ir agora, Tantine – a garota disse por fim. – Tem certeza de que ficará bem?

Fate assentiu. Ela deu um último aperto na mão de Isabelle.

– Tenho, e espero que você também fique bem. Tome cuidado com aqueles que vêm fugidos de Paris, criança – ela advertiu. – Nem todos os refugiados são velhas feias e inofensivas como eu. Alguns são vigaristas que querem apenas desviar jovens garotas do caminho. Seja cautelosa. Feche as persianas, tranque as portas. E, acima de tudo, não confie em ninguém – não dê chance ao azar.[2]

Na última frase, há um jogo de palavras impossível de manter em português, pois Tantine diz “(…) trust nothing to *chance*”. “Chance” pode significar azar, acaso, mas é também o sobrenome do adversário da senhora Fate. (N. T.)

DEZENOVE

MUITAS HORAS DEPOIS, SOBRE UMA TOALHA de piquenique de damasco azul, em um campo bem ao sul de Saint-Michel, uma diva, uma mágica e uma atriz estavam sentadas debaixo de um carvalho comendo frutas e doces.

Ao redor delas, músicos tocavam. Um malabarista jogava tochas flamejantes para cima. Um engolidor de espadas enfiava um sabre goela abaixo. E três macacos-pregos barulhentos pulavam de um lado para o outro nos galhos do carvalho enquanto um quarto se sentava na toalha de piquenique, de olho nas pérolas da diva.

– Cuidado, o ladrãozinho está planejando seu próximo roubo – avisou a mágica.

– Nelson – advertiu a diva, fazendo "não" com o dedo. – Nem pense em…

Suas palavras foram interrompidas por um berro alto.

Agora?

Não!, foi a resposta gritada.

As três mulheres se voltaram para a origem da algazarra. Chance, com as mãos nos quadris, estava parado ao lado de uma grande carruagem pintada. Ele havia atirado seu casaco longe. Sua camisa branca de babados estava aberta no pescoço, suas longas tranças estavam unidas e amarradas com o cadarço de alguém. Suor brotava em sua testa.

De pé sobre a carruagem, e em cima dos ombros uns dos outros, estavam quatro acrobatas. O que estava na base havia firmado suas pernas fortes no teto da cabine; o que estava no topo segurava um telescópio junto ao olho.

– Vá – Chance ordenou a um quinto, indicando a carruagem. – Diga o que você vê.

Um instante depois, um garoto esguio escalava a torre humana até o topo.

– Alguma coisa? – Chance gritou assim que o garoto pegou o telescópio do acrobata abaixo dele. – Você procura um vilarejo chamado Saint-Michel. Tem uma igreja com uma estátua do arcanjo nela…

– Não estou vendo!

Chance praguejou.

– Você é o próximo! – ele disse para um segundo garoto franzino.

– *Mais um*? – perguntou a diva, virando o rosto. – Não quero nem ver.

Chance e seus amigos estavam perdidos. O condutor estivera navegando por instinto e errara o caminho. Ele não tinha um mapa rodoviário para consultar; Chance não gostava de mapas. Eles estragavam a diversão, dizia. Agora a noite se aproximava, o vilarejo de Saint-Michel não estava em lugar algum à vista e Chance esperava que seus acrobatas pudessem encontrá-lo.

A diva pegou um macaron de uma bonita caixa de papelão que estava no centro da toalha de piquenique e mordeu o doce. Seu frágil merengue se partiu; migalhas caíram no seu decote. O macaco correu em sua direção e as pescou.

– Nelson, seu atrevido! – ela exclamou, dando um tapinha nele. Nelson passou seus braços peludos ao redor do pescoço dela, beijou-a e saiu em disparada. Se a diva não estivesse tão zangada com as travessuras dele, teria notado que o bicho arrastava algo pela grama.

– A velha já está lá. Posso sentir – a mágica se afligiu, girando uma moeda de prata por entre seus dedos longos e ágeis.

– Se ela encontrar a garota antes de Chance, ela a envenenará com dúvidas e medo – disse a diva.

– Mas essa Isabelle, ela é forte, não? – perguntou a atriz.

– Foi o que ouvi dizer – respondeu a mágica. – Mas será que é forte o bastante?

– Ele acha que sim – emendou a diva, indicando Chance com um gesto de cabeça. – Mas vai saber… Você sabe o quanto é difícil se livrar da velha feia. É uma luta, como nós, que já passamos por isso, bem sabemos. E lutas causam ferimentos.

Ela arregaçou a manga. Uma cicatriz feia ia do seu pulso até o cotovelo.

– Foi o meu pai. Ele veio atrás de mim com uma faca quando eu lhe disse que não iria para um convento, como ele queria que eu fosse, e sim para Viena estudar ópera.

A mágica abriu a gola de sua jaqueta para mostrar sua cicatriz, violácea e brilhante, pouco abaixo da clavícula.

– Foi uma pedra. Atirada por um padre que me chamou de capeta. Porque as pessoas da cidade gostavam mais dos meus milagres do que dos dele.

A atriz levou a mão até um medalhão pendurado em sua jaqueta, na altura do coração. Ela o abriu e mostrou às outras miniaturas pintadas de uma garota e de um garoto.

– Não tenho cicatriz, e sim uma ferida que jamais cicatrizará – ela disse, com lágrimas brilhando em seus olhos. – Meus filhos. Tirados de mim por um juiz e entregues ao meu marido bêbado. Porque só uma mulher imoral se exibiria em um palco.

A mágica puxou a atriz para perto, beijou-lhe a bochecha e enxugou suas lágrimas com um lenço. Então fez uma bola com ele e o apertou entre as palmas de suas mãos. Quando as abriu novamente, o lenço havia sumido, e em seu lugar estava uma borboleta.

Enquanto as três mulheres observavam, a borboleta saiu voando, levada pela brisa.

Ela passou pelo macaquinho que brincava com o colar de pérolas. Por um violinista e por um trompetista, por um cozinheiro, por um cientista e por três bailarinas, todos com suas próprias cicatrizes.

Sobrevoou um homem de olhos cor de âmbar, furioso ao cair da noite, que xingava as estradas traiçoeiras e construía sua instável torre humana que ficava cada vez mais alta.

Um sorriso, discreto mas desafiador, curvou os grossos lábios vermelhos da mágica.

– É isso o que fazemos com nossa dor – ela concluiu, observando a borboleta voar mais alto. – Nós a transformamos em algo belo.

– Nós a transformamos em algo significativo – disse a diva.

– Fazemos com que tenha importância – sussurrou a atriz.

VINTE

Enquanto a noite caía, Fate bebia uma xícara de chá de camomila com Madame LeBenêt, Chance tentava achar o caminho para Saint-Michel, e Isabelle, de pé em sua cozinha, lançava um olhar preocupado para a irmã.

Tavi fazia o que transformara em hábito à noite: estava sentada perto da lareira com um livro aberto no colo. Mas as rugas em sua testa estavam mais fundas naquele momento, as sombras mais escuras sob seus olhos.

Sempre estudiosa e introvertida, essas características se intensificaram ainda mais desde a partida de Ella. Às vezes, Isabelle sentia como se observasse a irmã desaparecer lentamente, como brasas que esfriam, e que um dia ela viraria cinzas e seria levada pelo vento.

As duas irmãs tinham diferença de idade de um ano e eram muito parecidas. Ambas tinham cabelos castanho-avermelhados, testa alta, sardas no nariz e olhos da cor de um café forte. Tavi era mais alta e esguia; Isabelle era mais curvilínea. Mas eram suas personalidades, mais do que qualquer outra coisa, que as diferenciavam. Tavi era tranquila e contida; Isabelle era tudo, menos isso.

Enquanto Isabelle colocava fatias de presunto, maçã, pão e queijo em um prato, para levar à mãe no quarto, pensava em como arrancar a irmã dali.

– O que está lendo, Tav? – ela perguntou.

– *Livro compêndio sobre cálculo por reparação e balanceamento,* do estudioso persa Al-Khwarizmi – Tavi respondeu ser tirar os olhos do livro.

– Parece viciante – Isabelle provocou. – Quem é Al-Khwarizmi?

– O pai da álgebra – Tavi disse, erguendo os olhos. – Embora muitos creiam que o matemático grego Diofanto também possa ser

considerado como tal.

– É uma palavra engraçada, *álgebra*. Não acha? – Isabelle perguntou, querendo que a irmã continuasse falando.

Tavi sorriu.

– Vem do árabe. De *al-jabr*, que significa “a reunião de partes quebradas”. Al-Khwarizmi acreditava que o que foi quebrado pode se tornar inteiro novamente aplicando-se a equação certa. – Seu sorriso murchou um pouco. – Se ao menos houvesse uma equação dessas para usar com pessoas…

Ela estava prestes a dizer mais alguma coisa, mas uma voz estridente veio do umbral, interrompendo-a.

– Isabelle! Octávia! Por que ainda não estão vestidas? Vamos nos atrasar para o baile!

Maman entrou na cozinha, seus lábios formando um beicinho de desaprovação. Ela usava um vestido invernal de cetim da cor do céu e uma pluma de avestruz branco em seus cabelos desleixadamente presos. Seu rosto estava pálido; seus olhos emitiam um brilho febril. Suas mãos esvoaçavam ao redor de seu corpo feito pombas, ajeitando os cabelos num segundo, mexendo em suas pérolas em seguida.

Isabelle sentiu um aperto no peito ao ver a mãe; ela não estava bem desde a partida de Ella. Às vezes, agia como se fosse ela mesma, competente e imperiosa; outras, como naquela noite, parecia confusa. Perdida no passado. Convencida de que elas iriam a um jantar, a um baile ou a um palácio.

– Maman, você confundiu as datas – ela comentou, abrindo um sorriso apaziguador.

– Não seja boba. Estou com o convite bem aqui. – Maman mostrou a Isabelle o convite impresso que segurava, sua superfície cor de marfim manchada, suas bordas amassadas.

Isabelle reconheceu o convite; havia chegado meses atrás.

– Sim, estou vendo – ela disse, alegre. – Mas veja, Maman, esse baile já foi.

Maman olhou fixamente para as palavras impressas.

– Eu… eu acho que não vi a data… – ela disse, deixando a frase pela metade.

– Venha. Vou ajudá-la a tirar o vestido. Pode colocar uma roupa confortável de ficar em casa e deitar um pouco.

– Tem certeza sobre a data, Isabelle? – Maman perguntou, seu tom tirânico dando lugar a um confuso.

– Tenho. Agora volte para o quarto. Vou levar seu jantar – Isabelle a persuadiu, conduzindo a mãe pelo braço.

Mas Maman, de súbito irritada de novo, se livrou da mão da filha.

– Octávia, largue esse livro! – ela ordenou. – Vai estragar os olhos com todos esses números. – Ela atravessou o cômodo a passos largos e tomou o livro das mãos de Tavi. – Sinceramente! Acha que um homem pensa: *Oh, como eu adoraria conhecer uma garota que consegue resolver uma equação*? Vá se vestir. Não podemos deixar a condessa esperando!

– Pelo amor de Deus, Maman. Pare com isso! – explodiu Tavi. – Esse baile foi há décadas e, mesmo se não tivesse sido, a condessa não quer nos ver mais. Ninguém quer!

Maman permaneceu imóvel. Não disse nada por uns instantes. E, quando falou novamente, sua voz não passava de um sussurro;

– É claro que a condessa quer nos ver. Por que não iria querer?

– Porque ela *sabe* – replicou Tavi. – Sobre Ella e como a tratamos. Ela nos odeia. O vilarejo todo nos odeia. O *país* todo nos odeia. Somos párias!

Maman levou a mão à testa e fechou os olhos. Quando os abriu de novo, o brilho febril havia sumido e eles estavam mais uma vez límpidos. Mas havia mais alguma coisa neles – uma raiva fria e ameaçadora.

– Você se acha muito esperta, Octávia, mas não é – ela disse. – Antes de o príncipe vir atrás de Ella, eu já havia recebido cinco propostas de casamento para ela. *Cinco.* Mesmo que eu tivesse feito dela uma criada. Sabe quantas propostas recebi para você? Zero. Resolva *esta* equação, minha querida.

Tavi, zangada, desviou o olhar.

– O que exatamente você espera conseguir com todo esse estudo? – Maman perguntou, agitando o livro no ar. – Quer ser professora? Cientista? Essas coisas são só para homens. Se eu não arranjar um marido para você, quem a sustentará quando eu não estiver mais aqui? O que você fará? Será a governanta dos

filhos de outra mulher, morando em um quarto frio no sótão, comendo as sobras da mesa dela? Trabalhará como costureira, cosendo dia e noite até ficar cega? – Maman balançou a cabeça, desgostosa. – Mesmo vestida com trapos, Ella ofuscou você. Ela era bela e agradável, e você? Você se enfeia com seus números, suas fórmulas, suas equações ridículas. Isso tem que acabar. Isso *vai* acabar.

Ela caminhou até a lareira e atirou o livro no fogo.

– *Não!* – Tavi gritou. Ela se levantou da cadeira num pulo, agarrou o atiçador e tentou resgatar o livro, mas as chamas já haviam enegrecido suas páginas.

– Terminem de se vestir, vocês duas! – Maman ordenou, deixando o cômodo a passos largos. – Jacques! Traga a carruagem!

– Tavi, você tinha que provocá-la? – Isabelle perguntou, irritada. – Maman! – ela chamou, correndo atrás da mãe. – Onde você está?

Ela a encontrou abrindo a porta principal, ainda pedindo a carruagem. Isabelle demorou muito tempo para fazê-la subir as escadas. Quando conseguiu levá-la para o quarto, ajudou a mãe a se despir e deu a ela um copo de conhaque a fim de acalmá-la. Tentou fazê-la comer, mas Maman se recusou. Por fim, Isabelle conseguiu colocá-la na cama, mas, enquanto puxava as cobertas para cima, Maman se sentou e agarrou seu braço.

– O que será de você e de sua irmã? Me diga – ela perguntou, com os olhos cheios de medo.

– Ficaremos bem. Daremos um jeito. O padrasto nos deixou algum dinheiro, não?

Maman riu. Era um riso de cansaço e desesperança.

– Seu padrasto não deixou nada que não fossem dívidas. Vendi o Rembrandt, a maior parte da prataria, várias de minhas joias…

Isabelle estava exausta. Sua cabeça doía.

– Shhh, Maman – ela disse. – Durma agora. Falaremos sobre isso amanhã.

Quando voltou para a cozinha, encontrou Tavi ajoelhada diante da lareira, olhando fixamente para o fogo. Isabelle tirou o atiçador da mão dela e tentou puxar o livro da lareira, mas era tarde demais.

– Pare, Iz. Esqueça. Já era – disse Tavi, com a voz embargada.

O coração de Isabelle sofria pela irmã. Sensata, a racional Tavi nunca chorava.

– Sinto muito. Eu só queria ajudar – Isabelle disse, baixando o atiçador.

– Quer ajudar? Penteie meus cabelos então – Tavi falou de modo entrecortado. – Passe ruge em minhas bochechas. Me faça ser bonita. Pode fazer isso?

Isabelle não respondeu. Se ao menos ela pudesse tornar Tavi bela… E a si mesma. Como suas vidas seriam diferentes…

– Achei mesmo que não pudesse – inferiu Tavi, olhando para as cinzas de seu amado livro. – Eu poderia resolver todas as equações diofantinas, ampliar o trabalho de Newton sobre séries infinitas, completar a análise de Euler sobre números primos, e ainda assim nada importaria. – Ela olhou para Isabelle. – Ella é que é bonita. Você e eu somos as meias-irmãs feias. E assim o mundo nos reduz, nós três, ao nosso menor denominador comum.

VINTE E UM

Nas profundezas da Maison Douleur, um carrilhão de coluna, com seu pêndulo oscilando de um lado para o outro feito uma foice, marcava a passagem dos minutos.

Maman e Tavi estavam na cama, mas Isabelle não conseguia dormir. Ela sabia que ficaria se remexendo e se revirando se tentasse, então permaneceu na cozinha, sentada perto da lareira, beliscando o prato que havia preparado para Maman.

Antes, ela adorava a noite. Descia pela grossa trepadeira que se sustentava do lado de fora da janela de seu quarto para se encontrar com Félix. Eles observavam o céu noturno e contavam estrelas cadentes; às vezes, ficavam imóveis feito pedras e, com sorte, conseguiam ver uma coruja investir contra sua presa ou um veado sair das matas de Wildwood, com sua galhada se erguendo sobre a cabeça, tal qual uma coroa.

Agora a escuridão assombrava Isabelle. Ela via fantasmas por todo lado – nos espelhos e nas janelas, no reflexo de uma panela de cobre. Ouvia-os no rangido das portas, os sentia tremulando nas cortinas. Não era a escuridão que era assombrada, contudo; era a própria Isabelle. Fantasmas não são os mortos que voltam do túmulo para atormentar os vivos; os fantasmas já estão aqui. Eles vivem dentro de nós, ávidos pelas cinzas de nossas tristezas, atolados na lama espessa e grudenta de nossos arrependimentos.

Enquanto Isabelle olhava fixamente para as brasas que se apagavam na lareira, os fantasmas a cercaram.

Ela viu Ella, Tavi, Maman e a si mesma na carruagem. Maman elogiava Ella em profusão.

– Como você está bonita hoje! – ela ronronou. – Viu o olhar de admiração que o filho do prefeito lhe lançou?

Outras imagens ganharam vida. Maman fazendo cara feia para o bordado de Tavi, alegando que ela deveria praticar até ser capaz de

bordar tão bem quanto Ella. Maman se retraindo ao ouvir Isabelle cantar e então pedindo para Ella apresentar uma canção.

Inveja, mágoa, vergonha – Maman havia esfregado esses sentimentos no coração de Isabelle e de Tavi até esfolar. Maman era sutil; era esperta. Ela tinha começado logo no início, discretamente. Ela sabia que até mesmo os pequenos ferimentos, se não tratados, podem infeccionar, inchar e matar um coração.

Mais fantasmas surgiram. O fantasma de um cavalo negro. O fantasma de um garoto. Mas Isabelle não podia suportar esses, então ela se levantou para levar o prato até a pia.

O relógio bateu doze horas, suas badaladas ecoando abominavelmente pela casa. Isabelle disse a si mesma que era hora de dormir, e então se lembrou que não havia trancado a porta dos estábulos nem fechado as galinhas no poleiro. Com toda a confusão que Maman tinha causado, ela acabara esquecendo.

Conforme mancava até a lareira para empilhar as brasas, um movimento súbito chamou sua atenção. Um camundongo se aventurava na lareira cavando em uma fenda entre as pedras. Enquanto o animal cavucava, imerso em fúria, dois filhotes minúsculos correram ao seu lado. Um instante depois, o camundongo se ergueu nas patas traseiras, guinchando triunfante. Entre suas patas estava um grão de lentilha verde. O camundongo partiu o grão em dois e entregou uma metade a cada um de seus filhotes, que o mordiscaram avidamente.

Os dedos magros e frios da culpa agarraram Isabelle ao se lembrar de como aquela lentilha tinha acabado ali.

Ella tinha ouvido Maman dizer a Isabelle e Tavi que o príncipe ofereceria um baile e que todas as moças solteiras do reino estavam convidadas. Ela perguntara se podia ir e, em resposta, Maman pegara uma tigela de lentilhas e a arremessara dentro da lareira.

– Havia mil grãos de lentilha nessa tigela. Junte todos eles das cinzas e poderá ir – ela replicara com um sorriso cruel surgindo em seus lábios.

Era uma tarefa impossível, mas mesmo assim Ella conseguira cumprir. Isabelle acabava de descobrir como: o camundongo a havia ajudado. Quando ela mostrara a tigela cheia, Maman a tomara de suas mãos e espalhara as lentilhas sobre a mesa da cozinha para

contar os grãos. E então anunciara, triunfante, que faltava um grão e que Ella não poderia ir ao baile.

Como será que Ella se sentia sendo tão solitária e sem amigos, exceto pelo camundongo?, Isabelle se perguntava. Então, com uma pontada de dor, ela percebeu que não precisava imaginar – ela sabia.

Os filhotes de camundongo terminaram de comer e olharam para sua mãe, mas ela não tinha mais nada a oferecer. Ela mesma não havia comido nada.

– Esperem! – Isabelle pediu aos camundongos. – Esperem aí! – Ela correu até a bandeja do jantar, mas se moveu tão desajeitadamente que assustou as criaturas. Elas fugiram em disparada.

– Não! Não vão embora! – Isabelle exclamou, inconsolável. Ela pegou um pedaço de queijo da bandeja e mancou de volta até a lareira, mas os camundongos não estavam em nenhum lugar visível.

– Voltem – ela implorou, procurando os animais. – *Por favor.*

Ajoelhando-se diante da lareira, colocou o queijo em sua entrada. Depois, ela se sentou na cadeira. Esperando. Torcendo. Mas os camundongos não voltaram. Os bichinhos acharam que a jovem queria machucá-los. E por que pensariam outra coisa? Era isso que ela fazia.

Sem serem convidadas, vozes do mercado invadiram a mente de Isabelle. Tantine dizendo a ela que as pessoas não esquecem nem perdoam. Cecile a chamando de feia. E, o pior de tudo, as palavras da esposa do padeiro: *Você foi cruel com uma garota indefesa.*

O remorso se contorcia ao redor do coração de Isabelle feito uma serpente, apertando. Lágrimas escorreram por suas bochechas. De cabeça baixa, ela não viu a sombra na janela da cozinha. Nem a mão, pálida como o luar, espalmada contra a vidraça.

Quando Isabelle ergueu a cabeça novamente, a sombra havia sumido. Enxugando os olhos, a garota se levantou. Os estábulos e o galinheiro ainda esperavam por ela. A jovem se arrastou até a porta, acendeu uma lanterna que estava pendurada em um gancho perto do batente e saiu para a noite, com a tristeza a envolvendo feito uma mortalha.

Se Isabelle tivesse esperado apenas mais alguns segundos, teria visto a mamãe camundongo rastejar das sombras de volta para a lareira. Ela teria visto a criatura faminta pegando o queijo. Presenciado o animal, com os bigodes agitados, piscar surpreso ao olhar para a janela por onde a sombra havia passado.

E então se encolher. E fugir.

VINTE E DOIS

Isabelle se sentiu grata por ter levado a lanterna.

A lua estava cheia naquela noite, mas havia desaparecido atrás das nuvens. Antes, ela conseguia percorrer as terras da Maison Douleur no escuro, mas já fazia muito tempo desde a última vez em que se aventurara ao ar livre após a meia-noite.

Os anexos ficavam a oeste da mansão. Isabelle seguiu o caminho de pedras brancas em meio ao gramado que circundava a tília, cruzava um portão na cerca de madeira e descia suavemente pela colina.

O galo Bertrand abriu um olho, desconfiado, quando Isabelle iluminou o galinheiro com a lanterna. Depois de uma rápida contagem de cabeças, ela passou o trinco na porta e foi para os estábulos. Martin cochilava em sua baia. Ele acordou brevemente enquanto ela o olhava, bufou de irritação, e voltou a dormir. Isabelle trancou a porta do estábulo e rumou de volta à mansão.

Foi quando ela fechava o portão que aconteceu.

Do nada, a suave brisa noturna se transformou em um vento brutal, que fez seu cabelo se soltar, bateu o portão com força e apagou sua lanterna. E então parou.

Isabelle levou a mão ao peito, assustada. Felizmente, o vento também havia dissipado as nuvens. A luz da lua agora iluminava as pedras brancas que serpenteavam em meio ao gramado, possibilitando que a moça encontrasse o caminho. Ao passar pela tília, os galhos frondosos da árvore balançaram com a brisa, acenando para ela.

Isabelle se aproximou da tília, pensando na pomba que avisara o príncipe sobre a mentira dela. Será que estava empoleirada naqueles galhos agora? Só observando? A ideia fez a garota tremer de medo.

Ela baixou a lanterna e ergueu os olhos para a árvore, lembrando dos dias que passara subindo naqueles galhos, fingindo que estava escalando o mastro de um navio pirata ou os muros da fortaleza de um inimigo, indo cada vez mais alto.

Os fantasmas que tentara afastar mais cedo agora a cercavam de novo. Ela viu a si mesma quando criança, abrindo caminho destemidamente por entre os galhos da árvore. Viu Tavi com sua lousa e suas equações, e Ella com seus colares de margaridas. As três eram tão inocentes naquela época. Tão felizes juntas. E boas o bastante.

O remorso que havia apertado seu coração agora o dilacerava.

– Sinto muito. Eu sinto muitíssimo – sussurrou para as três garotinhas, sofrendo com a perda e com a saudade. – Gostaria que as coisas fossem diferentes. Gostaria que *eu* fosse diferente.

As folhas murmuraram e suspiraram. Isabelle quase achou que a árvore estava falando com ela. Ao balançar a cabeça ante a própria tolice, seguiu seu caminho.

Ela só tinha dado alguns passos quando viu… algo que se movia na escuridão.

Isabelle gelou. Seu coração vacilou de medo.

Não estava sozinha.

Havia alguém parado sob a tília.

E a observava.

VINTE E TRÊS

A FIGURA SAIU DAS SOMBRAS.

Isabelle, com o coração ainda batendo contra suas costelas, viu que se tratava de uma mulher – alta, elegante, pálida como um osso. Longos cabelos avermelhados flutuavam em volta de seus ombros. Ela usava uma coroa alta feita de roseira-brava entrelaçada. Mariposas de voo diurno vivas, com suas asas azul-esverdeadas cintilantes, enfeitavam a coroa. Um falcão de olhos amarelos estava empoleirado em seu ombro. Os olhos da mulher eram de um verde-esmeralda, seus lábios eram negros. O vestido que ela usava tinha cor de musgo.

A mulher segurava pelo cangote um coelho que se debatia. Enquanto Isabelle observava, ela levou o animal para perto do rosto, aspirou seu cheiro e lambeu os lábios. Seus dentes afiados brilharam à luz da lua.

Isabelle nunca a havia visto, mas mesmo assim foi capaz de reconhecê-la.

Quando Ella era pequena, costumava contar histórias fantásticas sobre uma criatura mágica que morava no oco da tília. Às vezes era uma mulher; outras, era uma raposa. Ela era um ser selvagem, majestoso e belo, mas também astucioso e feroz. Isabelle sempre achou que as histórias de Ella fossem apenas isso: histórias.

Até aquele momento.

A mulher sorriu para ela, o mesmo sorriso que dera para o coelho pouco antes de arrancá-lo de um canteiro de trevos. E então ela começou a ir em sua direção, passo a passo, devagar.

Cada fibra do corpo de Isabelle lhe aconselhava a correr, mas ela não conseguia; estava hipnotizada. Aquela não era uma criatura alada diáfana que bebia orvalho das pétalas das flores. Nem era uma fada madrinha velha rechonchuda e simpática, toda sorrisos e rimas. Tratava-se de um ser sombrio e perigoso.

Aquela era Tanaquill, a rainha fada.

VINTE E QUATRO

– VOCÊ ME INVOCOU – a rainha fada explicou, parando a um passo de distância de Isabelle.

– Eu… eu não invoquei. Não. Acho que não. Inv-invoquei? – Isabelle gaguejou, com os olhos arregalados.

O olhar de Tanaquill brilhava de uma maneira sombria. Seus dentes pareciam mais afiados de perto. Ela tinha garras longas e negras na ponta dos dedos.

– Seu *coração* me invocou. – Tanaquill soltou uma risada fria. – O que resta dele.

Ela colocou a mão pálida sobre o peito de Isabelle e inclinou a cabeça, escutando. Isabelle sentiu as garras da rainha fada pressionando-se contra o tecido de seu vestido e ouviu as batidas do seu coração amplificadas na palma da mão de Tanaquill. O som ficava cada vez mais alto. Por um instante, temeu que ela fosse lhe arrancar o coração, vermelho e pulsante, do peito.

Por fim, Tanaquill baixou a mão.

– Destruído pedacinho por pedacinho por pedacinho – ela constatou. – O coração de Ella não era assim.

Como ela podia saber disso?, Isabelle se perguntou, e então, com um movimento brusco, olhou para a criatura:

– Foi *você* – Isabelle sussurrou, espantada. – Foi você que ajudou Ella a ir ao baile!

Ela e Tavi tinham tentado descobrir como a meia-irmã arranjara uma carruagem, cavalos, lacaios, um vestido e sapatinhos de cristal. E como conseguira escapar do quarto em que Isabelle a havia trancado quando o príncipe trouxera o sapato. Agora ela sabia.

– Uma abóbora transformada em carruagem, alguns camundongos em cavalos, um lagarto ou dois em lacaios… Fácil – Tanaquill fungou. Ela observava novamente seu coelho.

Os batimentos cardíacos de Isabelle aceleraram. *Se a rainha fada pode transformar uma abóbora em carruagem, o que mais ela pode fazer?,* se perguntou. Por um instante, até se esqueceu do medo que sentia. A esperança ardia dentro de si.

– Por favor, Sua Graça – ela disse –, poderia me ajudar também?

Tanaquill desviou o olhar do coelho.

– Foi fácil ajudar Ella, mas não posso ajudar alguém como você. Você é muito amarga. A amargura preenche todo o espaço que seu coração ocupava – ela retrucou, dando as costas para a garota.

Isabelle cambaleou atrás dela.

– Não! Espere! Por favor!

A rainha fada se virou, seus lábios repuxados num rosnado.

– Para quê, garota? Ella sabia qual era seu maior desejo. Você sabe?

Isabelle titubeou, assustada, mas seus anseios lhe cederam coragem. Havia uma dúzia de desejos guardados dentro dela, todos eles fruto de suas lembranças mais felizes. No fundo de sua mente, ela viu espadas e livros, cavalos e Wildwood. Dias de verão. Colares de margaridas. Ela se lembrou de uma promessa e de um beijo.

Isabelle abriu a boca para pedir essas coisas, mas bem quando as palavras estavam prestes a sair de sua boca, ela as engoliu de volta.

A vida toda, tudo que ela desejara, tudo que amara… sempre foram as coisas erradas. Coisas que a colocaram em enrascadas. Que partiram seu coração. Não eram desejos para ela; o mundo lhe havia dito isso. Então, para que fazer tais pedidos? Eles só trariam mais tristeza.

Havia um desejo, entretanto, que poderia consertar tudo. Poderia fazer com que as pessoas deixassem de odiá-la. Poderia fazer dela o que Maman esperava que fosse, o que a esposa do padeiro, Cecile, os moradores do vilarejo, o velho comerciante, todos os pretendentes que tinham ido até sua casa e todo o mundo exigiam que ela fosse.

Isabelle mirou Tanaquill nos olhos e declarou:

– Desejo ser bela.

Tanaquill produziu um rosnado baixo em sua garganta e Isabelle achou que tivesse dado a resposta errada, mas a rainha fada não a

havia rejeitado. Em vez disso, ela disse:

– Desejos não são simplesmente atendidos. É preciso merecê-los.

– Eu faço qualquer coisa – Isabelle replicou com fervor.

– É isso o que dizem todos os mortais – Tanaquill falou com uma risada de escárnio. – Que farão *qualquer coisa.* Qualquer coisa, menos o que devem fazer. Só uma condição pode livrar você da amargura que carrega dentro de si. Faça isso e talvez eu a ajude.

– Eu faço. *Juro* – Isabelle disse com as mãos unidas. – O que é?

– Encontre os pedaços perdidos do seu coração.

VINTE E CINCO

Isabelle piscou, confusa.

– Encontrar os pedaços do meu coração? – ela repetiu como se não tivesse escutado direito as palavras da rainha fada. – Eu… eu não entendo. Como vou encontrar os pedaços de um *coração*? Como Ella conseguiu?

– Ella não precisou.

Isabelle fez uma careta.

– É claro que não. Aposto que tudo que *ela* teve que fazer foi sorrir.

Suas palavras, provocadas pelo ressentimento, foram ácidas e desrespeitosas. Os olhos cor de esmeralda de Tanaquill se endureceram; ela deu as costas para a garota.

O pânico explodiu dentro de Isabelle feito um copo de vidro que se espatifa. Por que ela *nunca* conseguia se controlar?

– Desculpe. Me diga que pedaços são esses, onde posso encontrá-los? *Por favor* – ela implorou, correndo atrás da rainha fada.

Tanaquill cedeu.

– Você sabe que pedaços são esses.

– Não sei! – Isabelle protestou. – Não faço ideia!

– E você deve descobrir sozinha como encontrá-los.

– Como? Mostre para mim – Isabelle implorou, cada vez mais desesperada. – Me ajude.

Ainda segurando o coelho que se debatia, Tanaquill se abaixou perto da base da tília e, com a mão livre, revolveu os ossinhos espalhados pela grama em volta da árvore. Ela pegou uma mandíbula pequena e estreita que pertencera a um animal astuto e veloz – uma doninha ou uma marta – e a metade da casca vazia de uma noz e os entregou a Isabelle. Depois, esticou a mão na direção da roseira-brava que subia pelo tronco da tília, arrancou uma vagem

abrolhada de sementes entre os espinhos afiados e também a entregou à garota.

– Estes presentes a ajudarão a realizar o desejo do seu coração – Tanaquill esclareceu.

Isabelle olhou para as peças que segurava e, ao fazer isso, as emoções que tentava segurar explodiram como uma febre, enfraquecendo tudo que era sólido e convicto dentro dela. Seu sangue parecia fino, suas vísceras aquosas, seus ossos farelentos como argamassa velha. O pedido de desculpa feito instantes atrás já fora esquecido. Irritada, ela deixou palavras de inveja escapar de seus lábios.

– Presentes? Estes *presentes*? – Isabelle gritou, olhando para o osso, a casca de noz e a vagem de sementes. – Você deu para Ella um lindo vestido e sapatinhos de cristal! Uma carruagem e cavalos! *Aqueles* eram presentes. Você deu para *mim* um punhado de *lixo*!

Ela ergueu os olhos, mas Tanaquill havia lhe dado as costas novamente. Enquanto Isabelle observava, a rainha fada desapareceu no oco da árvore em um redemoinho de cabelos avermelhados e saias verdes. Isabelle mancou atrás dela, mas ao fazê-lo ouviu um grito agudo e alto e parou abruptamente – era o lamento de morte do coelho. Ela deu um passo desconfiado para trás.

Seu olhar se voltou para os objetos em sua mão. A rainha fada estava zombando dela com aquilo, era evidente, e tal certeza era dolorosa.

– Feia – ela disse quando seus dedos tocaram a mandíbula. – Inútil – falou quando eles roçaram a casca da noz. – Espinhosa – afirmou quando a vagem de sementes espetou seus dedos. – Exatamente como eu.

Ela jogaria os objetos na lareira de manhã. Pelo menos eles poderiam ajudar a acender o fogo. Isabelle os enfiou no bolso da saia e então percorreu o restante do caminho até a casa, convencida de que não havia nada capaz de ajudá-la; não havia esperança. Só havia o desespero, enorme e profundo, pesando sobre o que ainda sobrava de seu coração despedaçado.

A maioria das pessoas luta se houver esperança de vencer, não importa o quão pequena ela seja. Elas são chamadas de valentes.

Apenas algumas continuam lutando mesmo quando não há esperança alguma. Essas são chamadas de guerreiras.

Isabelle já fora uma guerreira, embora tenha se esquecido disso.

Será que se lembrará? Isso não parece nada bom. Mas, de novo, poucas coisas parecem boas no meio da noite. As primeiras horas da madrugada são a ruína de muitos. A luz das velas lança sombras nas paredes de nossos espíritos, sombras que podem transformar um camundongo em monstro, uma queda em um desastre.

Se você decidir, nas primeiras horas da madrugada, se enforcar… Bem, é uma escolha sua.

Mas não fique procurando uma corda até o amanhecer.

Porque até lá você já terá encontrado um uso melhor para ela.

VINTE E SEIS

ENQUANTO ISABELLE SUBIA A ESCADA que levava ao seu quarto, Fate caminhava pelas matas de Wildwood.

Ao avistar uma árvore caída, ela parou, puxou uma centopeia para fora do tronco apodrecido e arrancou sua cabeça com os dentes.

– Perfeito – ela atestou, lambendo as gotas negras de seus lábios. – Sangue amargo dá uma tinta amarga.

Ao jogar o corpo ainda em movimento na cesta que ela carregava, Fate olhou para os galhos altos acima de sua cabeça e disse:

– Preciso de acônito. Fique de olho. Um broto de beladona também seria útil.

Um corvo, empoleirado em um ramo de pinheiro, alçou voo e Fate retomou sua caminhada. Uma aranha marrom roliça foi parar na cesta, um crânio de morcego coberto de musgo, flores brancas do tipo dama-da-noite, chapéus-de-cobra sarapintados – todos ingredientes para as tintas em preparo.

Fate cutucava a caixa torácica de um veado morto havia tempo, na esperança de espantar alguns besouros dali, quando seu corvo veio voando e pousou ao seu lado. Pouco depois, uma garota surgiu onde o pássaro estivera; ela tinha olhos brilhantes que piscavam e usava um vestido preto. Ela jogou um botão de flor roxa dentro do cesto de Fate.

– Ah! Você encontrou beladona. Muito bem, Losca. Suas sementes dão um brilho lindo às tintas mais escuras, como *Dúvida* e *Negação*. Obviamente, preciso pegar o mapa da garota antes de fazer as alterações. Chance acha que *ele* pode redesenhá-lo, mas tal tarefa pode se revelar mais difícil do que imagina. Viu algum sinal dele?

Losca balançou a cabeça, negando.

– Ele virá. Nunca vi Chance desistir de uma aposta. Devo ganhar este jogo, mas não sem lutar. Ele geralmente consegue uma vantagem, embora por pouco tempo, graças à total imprevisibilidade. Os mortais perdem a cabeça perto dele. As pessoas começam a acreditar em seus sonhos e esperanças, coitadas. Chance *de fato* faz com que se acreditem capazes de qualquer coisa. – Ela estalou a língua, em reprovação. – E ele tem a audácia de dizer que *eu* sou cruel.

Fate continuou caminhando, cutucando e cavando, feliz por deixar a desconfortável casa de Madame LeBenêt por algumas horas. Losca a seguiu. Absortas na coleta dos ingredientes, elas só perceberam que haviam chegado aos limites de Wildwood quando ouviram as vozes.

– O que é isso? – Fate resmungou, espiando por entre os ramos de um arbusto. Ela logo viu uma colina baixa e verdejante que descia de onde estava e se transformava em um amplo pasto. Ao longo desse pasto, até onde a vista alcançava, havia fileiras organizadas de barracas de lona branca. Fogueiras tremulavam aqui e ali. Um cavalo relinchava. Alguém tocava uma melodia doce e triste em um violino.

Fate puxou o capuz de sua capa e cobriu a cabeça. Ela estava curiosa para ver de perto o acampamento do Coronel Cafard.

– Segure isto – ela disse, entregando a cesta a Losca. Ao fazê-lo, notou a cauda de uma pequena cobra pendurada para fora da boca da garota. Fate olhou feio para ela. – O que eu lhe disse sobre comer os ingredientes? – ela a repreendeu.

Envergonhada, Losca sugou a cauda para dentro da boca e a engoliu, feito uma criança comendo espaguete.

– Fique por perto e não faça qualquer barulho – Fate advertiu. Losca assentiu.

As duas seguiram pelas margens do acampamento em busca de não serem vistas. Embora fosse tarde, os homens estavam reunidos ao redor de brasas, incapazes de dormir. Eles falavam de Volkmar e o que fariam com ele assim que o capturassem. Fate ouviu o tom de bravata em suas vozes, mas viu o medo em seus olhos. Um sargento grisalho se sentou entre eles, tentando elevar seus ânimos ao contar feitos de glórias em campos de batalha – até que um grito

agudo e estridente soou ao longe, encerrando abruptamente a contação de histórias.

Fate ouviu o bater de asas, e então sentiu um peso pousar em seu ombro. A cesta que Losca carregava agora repousava no chão.

– Calma, calma, criança. Não há nada a temer – murmurou, acariciando as costas do pássaro.

Ela pegou a cesta e então tentou descobrir a origem do grito. Sua busca a conduziu até a extremidade do acampamento, onde existia um hospital. Lá, havia homens deitados em camas de campanha, gemendo e se contorcendo, alguns com feridas letais, outros delirantes por causa da dor e da febre. Um cirurgião e seu assistente se moviam em meio a eles, cortando e suturando, administrando morfina, enxugando testas encharcadas de suor.

Uma mulher também se movia entre eles.

Graciosa e esguia, ela usava um vestido da cor da noite com mangas esvoaçantes e gola alta. Seus longos cabelos negros desciam até a cintura. Ela parecia deslocada entre todos aqueles soldados, era impossível não notá-la, e mesmo assim ninguém parecia vê-la.

Um homem gritava. Ele chamava pela amada e implorava pela morte. A mulher foi até ele. Se ajoelhou ao lado da cama e segurou sua mão. Assim que ela o tocou, ele revirou os olhos, que se abriram para o céu, e seu corpo torturado sossegou.

A mulher se levantou, e Fate viu o que o soldado tinha visto – não um rosto, mas uma caveira – seus olhos eram poços negros escancarados, sua boca formava um sorriso largo e infeliz. Ela cumprimentou Fate com um movimento de cabeça e se deslocou até outro soldado, um garoto de dezesseis anos, que chamava por sua mãe.

– A morte está ocupada esta noite – Fate constatou, sombria –, e não tem tempo para cordialidades.

Fate já vira o bastante; ela se virou e se dirigiu novamente para a escuridão envolvente de Wildwood. Ao chegar onde ficavam as árvores, lançou um último olhar na direção do acampamento e do vilarejo adormecido que ficava mais adiante.

– Volkmar está lá. Posso senti-lo – ela disse. – Escondido nas montanhas e nos vales. Mais perto a cada dia. O que será lançado

sobre estas pobres pessoas inocentes?

O corvo sacudiu as penas. E estalou o bico.

– Quem é o responsável? Ah, Losca, você precisa perguntar? – Fate indagou, séria. – Isto é culpa *dele,* é claro. Tudo culpa dele. Quando é que aquele idiota inconsequente de olhos âmbar vai aprender?

VINTE E SETE

Isabelle, ainda com os olhos embaçados de sono e os cabelos presos em uma trança bagunçada, enfiou um vestido limpo pela cabeça e o abotoou.

Ela havia dormido mal, sendo acordada a noite toda por imagens de Tanaquill. Quando o sol nasceu, ela já havia convencido a si mesma de que apenas sonhara com a rainha fada. Criaturas como aquela não existiam.

Mas, ao juntar do chão o vestido usado no dia anterior com o intuito de colocá-lo no cesto de roupa suja, algo caiu de um dos bolsos. Isabelle se abaixou para pegar o objeto, que mal tinha cinco centímetros, era preto e coberto de pequenos espinhos.

Era uma vagem de sementes.

Ela enfiou a mão no bolso e pescou mais dois objetos: uma casca de noz e uma mandíbula. Um calafrio percorreu seu corpo quando se lembrou onde arranjara aqueles itens. A criatura sombria que ela encontrara perto da tília não fora um sonho.

Desejo ser bela, ela dissera à rainha fada. E a rainha fada lhe mandara encontrar os pedaços perdidos de seu coração.

Isabelle examinou os três presentes, um de cada vez. Tanaquill informou que eles a ajudariam, mas como? Não fazia mais sentido agora do que fizera na noite passada. *Talvez eles se transformem em alguma coisa*, ela raciocinou. Tanaquill não contara que havia transformado uma abóbora e camundongos para Ella?

Ela virou a casca de noz em sua mão. *Isso daria um lindo chapéu*, pensou. Correndo o dedo pelos minúsculos dentes da mandíbula, ela imaginou que o objeto poderia se transformar em um bonito pente de cabelo. Depois, analisou a vagem de sementes, mas não conseguiu imaginar como aquela peça nodosa e espinhenta poderia se transformar em algo belo.

Frustrada, Isabelle enfiou os três objetos no bolso, depois jogou o vestido sujo no cesto de roupas. Ela calçou as botas e desceu a escada. Já bastava de mistério da rainha fada por enquanto. Os afazeres domésticos a aguardavam.

Enquanto atravessava o saguão a caminho da cozinha, um aroma forte e penetrante chegou até ela. *Tavi já acordou e fez café,* pensou. *Espero que tenha preparado uns ovos mexidos também.*

Bons tempos foram aqueles quando ela descia a escada e encontrava um desjejum completo preparado pelos criados. Qualquer coisa que agora ela e Tavi quisessem teriam que preparar elas mesmas.

Arranjar comida suficiente no verão não era difícil. As galinhas botavam ovos, as árvores frutíferas estavam carregadas e coisas boas cresciam na horta. Mas o que aconteceria quando o inverno chegasse? Alguns dias atrás, Isabelle decidira tentar fazer conservas de legumes e Tavi prometera ajudar. Aquele parecia um bom dia para começar. A horta estava repleta de pepinos e elas tinham comprado sal no mercado. Se seus esforços dessem resultado, guardaria as conservas no porão para os meses frios. Ela abriu a porta da cozinha, ansiosa para ver o que a irmã havia preparado para o desjejum.

Descobriu que não havia nada.

Exceto uma bagunça impressionante.

VINTE E OITO

TAVI ESTAVA SENTADA À COMPRIDA mesa de madeira, examinando algo com uma lupa.

A mesa estava coberta de pratos e tigelas, todas com comida, mas tudo estava estragado. Uma fatia de pão verde de mofo. Uma tigela com leite azedo. Uma ameixa murcha.

– O que está *fazendo*, Tavi? Que nojo! – Isabelle exclamou. Sua irmã estava sempre fazendo experimentos, mas em geral incluíam alavancas, rampas e polias, não mofo.

Tavi baixou a lupa.

– Estou procurando organismos minúsculos, possivelmente unicelulares – ela contou, empolgada. – Coloquei tudo isso na prateleira de cima da despensa uns dias atrás. Escolhi a prateleira mais alta porque o ar quente sobe, é óbvio, e acelera o crescimento de organismos. Veja como cresceram!

Isabelle torceu o nariz.

– Mas *por quê*?

Tavi abriu um sorriso largo.

– Que bom que perguntou – ela disse. – A teoria dominante sobre doenças propõe que uma enfermidade ocorre quando o miasma, ou ar malcheiroso, é emanado da matéria em decomposição, e então inalado. Mas *eu* acho que ocorre quando certo tipo de organismo, invisível ao olho humano, passa de uma pessoa doente para uma saudável. – Ela apontou para uma pilha de livros sobre a mesa. – Ah, é só ler Tucídides sobre a Peste de Atenas. Ou Girolamo Fracastoro em *De contagione et contagiosis morbis.*

– Vou reformular minha pergunta. Por que procurar esses organismos *agora*? Deveríamos fazer conserva de pepinos hoje. Você prometeu me ajudar.

– É exatamente por isso que estou conduzindo minha pesquisa – Tavi respondeu. – Quando você mencionou alimentos em conserva,

comecei a pensar sobre os processos envolvidos: mecânicos, químicos, biológicos.

– Mas é claro – Isabelle disse, reprimindo um sorriso. Sua felicidade ao ver a cor nas bochechas de Tavi e brilho em seus olhos era muito maior do que sua irritação com a bagunça. Só havia uma coisa que conseguia afastar Tavi da matemática, e essa coisa era a ciência.

Observando a irmã, Isabelle se perguntava como alguém podia achá-la feia. Ela queria dizer a Tavi que a intensidade em seus olhos e a paixão em sua voz eram de tirar o fôlego – tal qual um falcão em pleno voo. Ou um lago plácido ao amanhecer. Ou mesmo uma lua de inverno alta no céu. Mas a súbita sensação de nó na garganta a impediu de exprimir tudo isso.

– Usemos a geleia como exemplo – Tavi prosseguiu. – Aplica-se calor à fruta e acrescenta-se açúcar, certo?

Isabelle engoliu em seco. Assentiu.

– É por isso que a geleia não estraga? O calor mata os organismos? O açúcar tem alguma função? E com relação às conservas? O vinagre inibe o crescimento de organismos? Dependendo do tipo de organismo presente, e do que ele coloniza: leite, repolho, massa ou o corpo humano… você pode acabar com queijo, chucrute, pão ou Peste Negra! – concluiu com alegria. – Mas o que *é* esse organismo, Iz? É isso que estou louca para saber. Você não está?

– Não. Estou louca para saber quando você pretende parar de teorizar sobre conservas e me ajudar a preparar algumas.

– Logo, logo! – Tavi disse, pegando a lupa de novo. – Fiz café. Sirva-se – acrescentou.

Isabelle balançou a cabeça.

– Não, obrigada. Perdi a fome. Vou alimentar Martin e soltar as galinhas.

Isabelle se dirigia à porta da cozinha quando parou na metade do caminho, se virou e fitou a irmã, que continuava examinando as matérias com sua lupa, e pensou: *Tavi é tão inteligente. Talvez ela possa me ajudar a descobrir o que tenho que procurar.*

A mão de Isabelle foi até o bolso, seu corpo começou a mancar de volta até a mesa, então parou. Tavi era tão lógica, tão cética, que

provavelmente não acreditaria em Tanaquill. E, se ela contasse à irmã sobre a rainha fada, também teria que contar o que desejara, e ela tinha vergonha de admitir que pedira para ser bonita. Tavi zombaria, caçoaria dela.

Como se pressentisse que Isabelle continuava lá, Tavi tirou os olhos do trabalho.

– Tudo bem – ela bufou, impaciente. – Eu vou.

– Vai aonde? – Isabelle perguntou, confusa.

– Aos estábulos. Ao galinheiro. Era isso que você estava prestes a me pedir, não era? Para abandonar minhas pesquisas científicas e fazer o importantíssimo trabalho de remover estrume de cavalo com uma pá?

– Não tenha pressa – Isabelle disse, feliz por ter decidido não falar sobre Tanaquill com a irmã. *Sarcasmo é a arma dos feridos*, ela pensou, *e Tavi sabe usá-la de forma letal.*

Enquanto Tavi rabiscava números em um caderno, Isabelle tirou a cesta de ovos do gancho. Então pegou um canivete na prateleira, guardou-o no bolso e saiu da cozinha. Um minuto depois, ela descia a colina na direção do galinheiro. Ao chegar ao fim da descida, uma raposa – de olhos verdes e pelos de um castanho-avermelhado intenso – saiu em disparada. Ela parou, observando a criatura correr pela grama.

Nas histórias que Ella costumava contar, Tanaquill às vezes assumia a forma de uma raposa. *Será que era ela?,* Isabelle se perguntou. *Ela está me observando? Esperando para ver se cumprirei a tarefa que ela me deu*?

A garota não teve muito tempo para pensar no assunto. Assim que a raposa desapareceu em algum arbusto, um som agudo, alto e horripilante cortou o ar.

Só havia uma criatura capaz de produzir um som tão terrível.

– Bertrand, o galo – Isabelle sussurrou enquanto começava a correr.

VINTE E NOVE

O SOM SE REPETIU.

Aquela raposa não é rainha fada coisa nenhuma, Isabelle pensou. *É uma ladra de galinhas. E parece que tem uma no galinheiro*.

Ela, Tavi e Maman dependiam das galinhas para terem ovos. A perda de uma que fosse já seria um desastre.

Isabelle continuou correndo, o mais rápido que conseguia, ignorando a dor que seu pé machucado causava.

– Aguente firme, Bertrand! – ela gritou. – Estou indo!

O galo era uma criatura feroz com esporas curvas e afiadas nas pernas. Ele já havia perseguido Isabelle muitas vezes, obrigando-a a se refugiar na árvore. Mas não era páreo para uma raposa.

Ou para um lobo, ela pensou. Seu sangue gelou ante tal ideia. Temera tanto pela vida de Bertrand e das galinhas que correra para o galinheiro levando apenas uma vara para defender o poleiro e a si mesma.

Ao passar correndo pelos estábulos, ruborizada e ofegante, seus olhos se voltaram para o galinheiro. Viu que a porta estava aberta e fora das dobradiças.

Ela também observou que não era nenhuma raposa que estava roubando suas galinhas, tampouco um lobo.

Era um homem – sujo, magro e desesperado.

TRINTA

O HOMEM SEGURAVA UM SACO DE PANO que se mexia e cacarejava. No chão, perto do galinheiro, jazia Bertrand com o pescoço quebrado.

A raiva sufocou o medo dentro de Isabelle.

– O que fez com meu galo?! – ela gritou. – Deixe essas galinhas aí!

– Ah, me desculpe, mademoiselle! – o homem disse com um sorriso bajulador. – A casa está toda fechada. Eu não fazia ideia de que alguém morava aqui.

– Bem, agora você já sabe. Então, vá embora – Isabelle ordenou, apontando para a estrada.

O homem deu uma risadinha e saiu do galinheiro. Seus olhos perscrutaram Isabelle de cima a baixo, se demorando em seus lábios, em seus seios.

A oportunidade de derrotar o inimigo é ele mesmo quem oferece.

Desta vez, as palavras na cabeça de Isabelle não eram de Alexandre, o Grande, como na vez em que enfrentara Cecile, e sim de Sun Tzu, o general chinês que vivera mais de dois mil anos antes.

Ela colocou em prática o ensinamento. Enquanto o homem a olhava cobiçosamente, a jovem o avaliou e determinou que estava desarmado. Não havia nenhuma espada na cintura, nenhuma adaga enfiada em sua bota. A garota também notou a existência de um forcado encostado em uma árvore, a uma curta distância atrás dele. Tudo que ela precisava fazer era chegar até lá.

O olhar do homem foi dela para a casa.

– Por que está aqui sozinha? Onde está seu pai? Seus irmãos?

Isabelle sabia bem como responder àquela pergunta.

– Aquelas galinhas são tudo que minha família possui. Se você as levar, morreremos de fome – ela replicou, tentando apelar para o

lado bom dele.

– Mas se eu não as levar, sou *eu* quem morrerá de fome. Não faço uma refeição decente há semanas. Sou um soldado do exército real e estou faminto – o homem justificou-se.

– Que tipo de soldado deixa o quartel para roubar galinhas?

– Está me chamando de mentiroso, garota? – o homem perguntou, dando um passo ameaçador na direção dela.

– E de desertor – completou Isabelle, mantendo sua posição.

O homem estreitou os olhos.

– E se eu for, qual o problema? Fomos conduzidos a um campo de batalha feito cordeiros levados ao abatedouro. Volkmar sabe cada movimento do rei antes que o próprio rei os saiba. Os outros podem morrer, se quiserem. Eu não quero.

– Pode levar alguns ovos se estiver com fome – Isabelle sugeriu, inflexível. – Mas deixe o saco aí.

O homem riu. Ele indicou com a cabeça o forcado atrás dele.

– Ou o quê? Ou você me atacará com aquela ferramenta enferrujada em que está de olho? Já segurou uma ferramenta alguma vez na vida? – Ele deu mais um passo na direção dela e ofereceu com lascívia: – Quer segurar a minha?

– Vá embora. *Agora.* Ou vai se arrepender – Isabelle enfrentou-o, ignorando a piadinha de mau gosto.

– Levarei quatro galinhas. É assim que vai ser – ele falou.

A fúria ardia dentro de Isabelle. Sua mãe e sua irmã não passariam fome para que aquele ladrão se empanturrasse. Mas o que ela podia fazer? Ele agora estava exatamente na frente do forcado, bloqueando o acesso dela à ferramenta.

Preciso de uma arma, ela pensou, olhando com desespero à sua volta. *Um rastelo, uma pá, qualquer coisa.*

Ao se lembrar do canivete, ela baixou a cesta de ovos que ainda segurava e enfiou a mão no bolso. Sentiu uma dor, aguda e inesperada, nos dedos. Soltou um grito baixo, mas o desertor, que havia entrado de novo no galinheiro, não a ouviu.

Ela puxou a mão para fora do bolso e viu que seu dedo indicador e seu dedo médio estavam sangrando e com as pontas cortadas. Puxando o bolso para enxergar melhor, ela deu uma olhada lá dentro, imaginando que o canivete talvez estivesse aberto, mas não.

Um objeto branco, fino e sujo de sangue se projetava. Ela percebeu que era a mandíbula que Tanaquill lhe dera.

Ela tirou o objeto do bolso e viu que os dentinhos é que a haviam cortado. Com um rangido, a porção angulosa da mandíbula de repente se endireitou em sua mão, fazendo Isabelle arquejar, surpresa. A extremidade que se unia ao crânio do animal se alargou, formando uma empunhadura. A outra extremidade se esticou e virou uma lâmina, com sua borda serrilhada feita de dentes afiados.

Para sua surpresa, Isabelle descobriu que segurava uma espada, bem equilibrada e letal. Enquanto ela observava maravilhada a sua arma, o homem saiu do galinheiro. A moça avançou de imediato na direção dele.

– Você vai colocar minhas galinhas no chão e vai embora. *É assim* que vai ser – reivindicou.

Ele ergueu os olhos, rindo, mas o riso morreu quando viu a espada medonha na mão dela.

– Onde arranjou isso? – ele perguntou.

Mas Isabelle não estava para conversa. Ela o golpeou, e a lâmina abriu um talho no braço dele. O homem soltou um ganido e largou o saco no chão.

– Este é por Bertrand – Isabelle disse. Seu sangue não estava mais gelado. Ela sentia como se houvesse fogo em suas veias.

O homem levou uma mão ao ferimento. Quando a removeu, sua palma estava carmim. Ele ergueu os olhos e encarou Isabelle.

– Você vai pagar por isso – ele rosnou.

– Isabelle? O que está acontecendo? Aquele é… o *Bertrand*? O que aconteceu com ele?

– Fique aí, Tavi – Isabelle advertiu. Sua irmã escolhera a hora errada para aparecer.

– Suma daqui. *Agora* – ela ordenou ao homem, mantendo a espada apontada para ele. Quando o ladrão não se mexeu, ela investiu contra ele novamente. O invasor recuou bem a tempo e, devagar, ergueu as mãos.

– Tudo bem – ele disse. – Você venceu.

Ele está indo embora, Isabelle pensou. *Ainda bem.*

E isso era exatamente o que o homem queria que ela pensasse.

Isabelle ficara tão furiosa ao encontrar um ladrão roubando o galinheiro que não notara a bolsa jogada na grama a alguns passos de distância nem a espada largada ao lado dela. O gatuno se lançou na direção de sua espada, puxou-a da bainha e se virou para encarar Isabelle, com sua arma em punho.

O medo desceu pela coluna de Isabelle feito chuva fria em uma calha. Ela quase perdeu a coragem. O invasor era um soldado do exército real, treinado para usar uma espada. Ela havia duelado com Félix. Na infância. Usando um cabo de esfregão.

– Vou fazer picadinho de você. Quando tiver acabado com você, os abutres levarão seu corpo, pedacinho por pedacinho. O que me diz, sua vadiazinha burra?

Isabelle engoliu em seco. Dentro de si, o lobo, adormecido sob seu coração havia tanto tempo, abriu os olhos.

Ela ergueu a espada e encarou o homem.

– Eu digo: *en garde*.

TRINTA E UM

Algumas pessoas acreditam que o medo é um inimigo que deve ser evitado a todo custo.

Elas fogem ao menor sinal dele. Elas entram em casa para se proteger da tempestade só para serem esmagadas quando o telhado cai.

O medo é a mais incompreendida das criaturas. Ele só quer o melhor para você. Ele o ajudará, se você permitir. Isabelle sabia disso. Ela escutou seu medo e deixou que ele a guiasse.

Ele é mais rápido que você!, seu medo gritou quando o ladrão de galinha correu atrás dela. Então ela se escondeu sob os galhos baixos da árvore, que arranharam o rosto dele e espetaram seus olhos, fazendo com que ele ficasse mais lento.

Ele é mais forte que você!, seu medo uivou. Então ela o fez passar por cima das raízes salientes da árvore e tropeçar.

Ela defendeu cada ataque e investida do desertor e conseguiu acertá-lo com mais um golpe, deixando uma faixa de sangue em sua coxa. Xingando, o soldado se afastou da árvore, pressionando o ferimento. Pelo canto do olho, Isabelle viu Tavi tentando se aproximar de ambos a fim de pegar o forcado.

Não, Tavi, não!, ela gritou mentalmente.

Mas era tarde demais. O homem também a vira e fora atrás dela.

– Corra, Tavi! – Isabelle gritou, deixando seu refúgio sob a árvore para correr atrás do desertor.

Ele a ouviu e deu meia-volta. Agora ele a tinha em campo aberto. Com um rugido, ele correu na direção dela, querendo sua cabeça.

– Não! – Tavi gritou.

Isabelle parou a espada dele com a sua. A colisão do metal fez ondas de choque percorrerem seus braços.

Usando toda a sua força, a garota conseguiu girar a espada dele, se afastar aos tropeços e colocar alguns passos de distância entre

eles. O homem enxugou o suor do rosto e então investiu contra ela novamente. Ele fintou para a esquerda e estocou à direita. Isabelle saltou para trás, mas bateu com o calcanhar em uma pedra saliente e caiu. Por instinto, ela rolou para a direita ao atingir o solo. Faíscas voaram quando a espada de seu oponente acertou a pedra.

Enquanto Isabelle se levantava vacilante, o homem ergueu sua espada mais uma vez. Sôfrega e com os músculos dos braços doendo devido aos esforços, Isabelle ergueu a arma para bloqueá-lo de novo, mas ele era mais forte e tinha um bom equilíbrio, e ela sabia que, dessa vez, a força do golpe lhe arrancaria a espada das mãos. Ela ficaria indefesa quando isso acontecesse, totalmente à mercê dele. Então, se preparou para o pior.

Mas bem quando o homem se lançava contra ela, um tiro cortou o ar. Isabelle se agachou com o coração aos pulos. A lâmina passou raspando por cima de sua cabeça sem atingi-la; a espada caiu no chão.

De onde veio esse tiro?, ela se perguntou, confusa.

Isabelle ergueu os olhos para o desertor. Ele tinha a mão onde antes estava a espada erguida. Sangue corria pela palma de sua mão. Faltavam dois dedos. Ele não olhava para Isabelle, e sim para algo, ou alguém, atrás dela. Os olhos do soldado estavam arregalados.

– Estou indo. J-juro – ele gaguejou. – Por favor… me deixe pegar minhas coisas. – O ladrão ergueu a mão ferida em sinal de rendição e juntou sua espada com a outra. Recuando de costas, ele pegou seus pertences e correu.

Isabelle baixou sua arma e ergueu as mãos. Uma espada não era páreo para uma arma de fogo. Ofegante, ela se levantou e se virou devagar, certa de que havia outro desertor atrás de si, apontando a pistola direto para a sua cabeça.

Ou talvez fosse um bandido. Um bandoleiro. Um salteador de sangue frio.

Nunca, nem por um instante, ela imaginou que veria um macaco usando pérolas.

TRINTA E DOIS

Isabelle levou um minuto cronometrado para acreditar no que seus olhos viam.

Um macaquinho preto com pelos brancos emoldurando sua cara estava sentado a um metro dela. Com um colar de pérolas adornando o pescoço, ele brandia uma pequena pistola prateada.

Enquanto ela o examinava, o animalzinho bateu com a pistola no chão, espiou o cano e correu para os lados dos estábulos, ainda segurando a arma de fogo.

Isabelle levou a mão ao peito, tentando acalmar seu coração acelerado.

– Tavi! – ela chamou. – Cuidado! – Ela deu um passo hesitante para a frente. – Tem um macaco… ele… ele tem uma arma…

– Eu o vi! – Tavi exclamou, correndo para junto de Isabelle. Ela havia pegado o forcado e o agarrava como quem agarra a própria vida.

O pé de Isabelle latejava, mas ela foi mancando atrás do macaco mesmo assim, preocupada porque ele podia atirar em si mesmo, ou em Tavi, ou nela própria.

– Macaco? Macaquinho, você está aí? – ela chamou, seguindo os passos da criatura.

O macaco saiu guinchando de um cocho d'água, disparou pelo caminho de pedras e correu em linha reta até uma bétula. Uma mulher, de cabelos presos para cima com pentes cravejados de joias e peitos que saltavam feito brioches do decote de seu vestido florido, estava parada ao pé da árvore, olhando para os galhos acima de sua cabeça. Ela se virou ao ouvir o guincho do macaco.

– *Aí* está você, Nelson! Devolva a pistola! Vai acabar matando alguém! – ela o repreendeu. O macaco se aproximou dela e escalou o tronco da árvore. Outros três macacos já estavam lá. O quarto iniciou um jogo, passando a pistola de um macaco para o outro

enquanto a mulher ficava lá embaixo agitando o punho cerrado para eles.

Isabelle piscou, surpresa. *É uma alucinação. Deve ser,* disse a si mesma. Ela fechou os olhos com força e os abriu novamente. A mulher continuava lá.

– Você também está vendo isso? – ela perguntou à irmã.

Tavi assentiu, sem palavras.

Isabelle se aproximou com cautela da mulher, esperando que ela também não estivesse lá para roubar galinhas. A jovem não achava que conseguiria participar de outra luta de espadas.

– Madame, com licença, mas o que faz aqui diante de nosso estábulo? Com um macaco? – ela perguntou. – Como veio parar aqui?

– Como você acha? – a mulher disse por cima do ombro, apontando com o dedão para algo atrás dela. – De que outro modo alguém chega a este cafundó no meio do nada?

Os olhos de Isabelle seguiram na direção apontada pela mulher. Ela ficou boquiaberta. Lá, um pouco mais abaixo no caminho de pedras, mas com uma visão clara do galinheiro, estava a carruagem mais magnífica que ela já vira.

TRINTA E TRÊS

À FRENTE DA ENORME CARRUAGEM PINTADA havia quatro cavalos cinzentos sarapintados balançando a cabeça e pateando o chão.

Lá em cima, no assento do condutor, estava sentado um homem que vestia jaqueta verde-jade e calça rosa. Uma pérola em formato de gota balançava em uma de suas orelhas. Ele cumprimentou Isabelle e Tavi com um movimento de cabeça.

De olhos arregalados, elas retribuíram o cumprimento. Atrás do condutor, uma dúzia de baús jazia amarrada sobre o teto da carruagem. Sobre eles havia sentado um grupo de acrobatas, dentre os quais um de olhos vendados fazendo malabarismo com facas. Perto dele, um pirofagista produzia anéis de fumaça preguiçosamente; uma mágica pegava esses anéis e os transformava em moedas. Músicos seguravam seus instrumentos como se estivessem em uma sala de concerto, à espera do maestro. Isabelle estava encantada.

A porta da carruagem se abriu e um homem desceu. Isabelle viu de relance hipnotizantes olhos âmbar, longas tranças negras, o brilho de um brinco de ouro. Ele começou a bater palmas e os outros o seguiram no gesto. Os aplausos eram ensurdecedores. Então o homem fez um movimento com a mão e o som parou.

– Aquele foi um duelo e tanto, mademoiselle! – ele parabenizou Isabelle. – Nós vimos da estrada e viemos ajudar, mas, antes que eu pudesse abrir a porta da carruagem, Nelson decidiu sozinho pôr mãos à obra. Patas, eu deveria dizer. Embora eu não devesse ter deixado minha arma sobre o assento. Já viu algum macaco resistir a uma pistola prateada? – De repente, ele estalou os dedos. – Desculpe, nem me apresentei.

Ele tirou o chapéu, se curvou, depois se endireitou novamente e, com um sorriso – um sorriso tão encantador que em um único dia em Marselha inspirara três capitães de navio a partir para Cabo

Horn, uma duquesa a fugir com seu jardineiro, e dois irmãos chamados Montgolfier a inventar o balão de ar quente – disse:

– Marquês de la Chance, ao seu dispor.

Assim que essas palavras saíram de seus lábios, os músicos se puseram de pé no topo da carruagem e começaram a tocar uma fanfarra animada.

O marquês se encolheu de vergonha. Ele virou para o grupo e disse:

– Um pouco demais para o interior, não acham?

A música parou. Os tocadores de trompa baixaram o olhar para os seus sapatos. O trompetista poliu uma mancha imaginária em seu instrumento.

Isabelle, que havia feito uma mesura e puxado a atordoada Tavi consigo, agora se erguia.

– Isabelle de la Paumé, Sua Graça. E esta é minha irmã, Octávia. Estamos… – *O quê?,* ela pensou. *Chocadas? Atordoadas? Totalmente surpresas?* – … *encantadas* em conhecê-lo.

– Talvez saiba me dizer como chegar ao Château Rigolade – disse o marquês. – Tenho a impressão de que fica aqui perto, mas estamos um pouco perdidos. Eu ganhei esse lugar.

– Você *ganhou* o lugar? – Tavi repetiu, obviamente perplexa.

– Sim, em um jogo de cartas. Preciso de um lugar para ficar. Eu e minha trupe. – Ele indicou a carruagem. – Paris está um caos no momento, com a besta do Volkmar destruindo todos os lados. Tudo que eu preciso é de paz e silêncio. Estou escrevendo uma peça, sabe.

– Você é dramaturgo, senhor? – Isabelle perguntou.

– Não, nada disso – o marquês respondeu. – Nunca escrevi nada. Mas estou sempre fazendo coisas que nunca fiz. Do contrário, nunca faria nenhuma delas.

Enquanto Isabelle tentava seguir aquele raciocínio, o marquês disse:

– Agora, sobre o *château*…

Isabelle rapidamente lhe deu instruções:

– Não fica longe. Vire à esquerda no final da entrada da nossa propriedade. Siga a estrada por cerca de um quilômetro e meio. Quando chegar a uma bifurcação na estrada…

Os olhos do marquês brilharam.

– Uma bifurcação na estrada! Que maravilha! *Adoro* bifurcações na estrada! Elas significam oportunidades!

– Mudança! – gritou um acrobata.

– Aventura! – trinou um músico.

– Empolgação! – cacarejou o pirofagista.

Isabelle olhou para o marquês e seus amigos, indecisa.

– Sim, então… quando chegar a *essa* bifurcação, vá para a direita. Siga em frente por mais ou menos setecentos metros, e então verá a entrada da propriedade. O *château* fica numa área elevada. Não tem como errar.

– Seremos para sempre gratos – disse o marquês. – Mas antes de partirmos, eu gostaria de lhe dar um conselho…

O marquês se aproximou de Isabelle e segurou as mãos dela entre as suas. Ela prendeu a respiração. O toque dele era como se um relâmpago tivesse acabado de cortar os céus. Como se ela tivesse roubado uma bolsinha cheia de diamantes. Encontrado um baú cheio de ouro.

Mas enquanto eles permaneceram perto um do outro, Isabelle viu que a alegria que brilhava nos olhos dele, o entusiasmo que se via em cada movimento, o tom provocador que se percebia em sua voz, tudo isso tinha desaparecido e sido substituído de repente por uma ferocidade inquietante.

– Você é boa com a espada, mas não boa o bastante – ele lhe disse. – Pratique. Fique mais rápida. Melhore. Há na França criaturas piores do que ladrões de galinha. Muito piores. Prometa que fará isso, jovem Isabelle. *Prometa.*

Parecia ser muito importante para o marquês que ela aprendesse a se proteger. Isabelle não fazia ideia do motivo, mas obviamente o homem não a deixaria em paz se ela não atendesse ao seu pedido.

– Eu… eu prometo, Sua Graça – disse.

– Ótimo – o marquês falou e a soltou. – Agora, se vocês, garotas, me derem licença…

Ca-blam!

Outra bala passou rasgando o ar. Acertou o cata-vento no topo do celeiro e o fez girar. Tavi saiu correndo em busca de abrigo.

Os cavalos também se assustaram.

De olhos arregalados e relinchando, eles arrancaram de repente em seus arreios, puxando com tanta força a carruagem na parte circular do caminho de pedras que o veículo se inclinou e ficou equilibrado sobre duas rodas durante alguns segundos tensos. O condutor se lançou ao assento para se segurar. Todos que estavam no teto se abaixaram. O marquês correu atrás da carruagem, conseguiu agarrar a porta aberta e se pendurou ali com todo o seu peso. Finalmente, as rodas suspensas voltaram a tocar o chão. A carruagem fez uma curva sob a bétula e, nesse momento, os macacos saltaram dos galhos da árvore para o teto do veículo. O marquês, agora seguro do lado de dentro, se esticou entre a mágica e o cozinheiro e se debruçou na janela.

– Obrigado! – ele gritou. – Adeus!

– Adeus, Sua Graça! – Isabelle e Tavi responderam.

Elas continuaram acenando até a carruagem descer pelo caminho de pedras, entrar na estrada e desaparecer.

Com toda a confusão, elas não viram que o macaco havia tirado as pérolas de volta do seu pescoço, esticado um braço peludo lá do teto da carruagem e jogado o colar na grama.

TRINTA E QUATRO

DEPOIS DA AGITAÇÃO DA MANHÃ, o restante do dia passou devagar para Isabelle, que tinha um monte de tarefas a fazer do lado de fora e de dentro da mansão.

O anoitecer a encontrou sentada à mesa da cozinha. Tavi havia preparado para elas uma deliciosa omelete com estragão. Isabelle havia limpado o prato e agora, perdida em seus pensamentos, mirava fixamente a espada que a rainha fada lhe dera.

Ela havia pendurado a espada em um gancho perto da porta. Tavi lhe perguntara onde tinha arranjado aquilo. Isabelle inventara uma mentira e dissera que encontrara a espada em um baú nos estábulos um tempo atrás, e que a pegara assim que vira o ladrão de galinha.

A voz de Tanaquill reverberava em sua mente: *Destruído pedacinho por pedacinho por pedacinho…* Ela dissera a palavra *pedacinho* três vezes. *Será que aquilo era uma pista?* Isabelle se perguntava. *Será que eu tenho que encontrar três pedaços?*

– Deveríamos lavar os pratos, Izzy – Tavi disse.

– Sim, deveríamos – Isabelle concordou, mas não se mexeu.

Tavi seguiu o olhar da irmã.

– Você ficou o jantar todo franzindo a testa e olhando para aquela espada. Por quê?

Isabelle suavizou a expressão.

– Estava pensando, Tav… O que é um coração exatamente?

– Que pergunta esquisita. Por que estava pensando nisso?

– Eu só… – Isabelle deu de ombros. – Queria saber.

– O coração é um órgão que tem quatro câmaras e parece uma bomba; ele faz o sangue circular por todo o corpo por meio de contrações rítmicas.

– *Além disso,* eu quis dizer. Em poemas e canções, o coração é o lugar de onde vem a bondade.

Tavi olhou para ela desconfiada.

– Está escrevendo poesia agora?

– Isso! Estou escrevendo, sim. Como adivinhou? – Isabelle disse, animada. Era outra mentira, e ela se sentia mal por isso, mas *era* a desculpa perfeita para perguntar o que queria saber sem ter de mencionar por que queria saber. – No meu poema, a personagem principal…

– Poemas têm personagens principais?

– Este tem, e ela perdeu seu coração. Ou melhor, pedaços dele. Preciso encontrá-los. No poema, quer dizer. Para a protagonista. O que acha que esses pedaços do coração poderiam ser?

Tavi se recostou na cadeira com uma expressão séria. Então pegou um castiçal que estava sobre a mesa e aproximou a chama dos olhos de Isabelle.

– O que diabos você está fazendo? – Isabelle perguntou, se afastando da chama.

– Vendo se as suas pupilas estão se dilatando e contraindo devidamente. Estou preocupada porque você tem caído muitas vezes do Martin. Está batendo a cabeça com muita frequência.

Isabelle revirou os olhos.

– Eu *não* perdi o juízo, se é isso que você está sugerindo. Responda à minha pergunta, Tavi. Hipoteticamente.

– Bem, digamos, hipoteticamente, que era sobre você que estávamos falando. Eu diria que a espada que você fica encarando é um pedaço do seu coração.

Isabelle balançou a cabeça, intransigente.

– Acho que não. Não.

– Por que não? Você amava espadas. Adorava lutar esgrima e… Félix. Nossa, vocês dois…

– Sim, eu adorava – Isabelle disse, cortando a irmã bruscamente. As palavras de Tavi eram como sal em uma ferida profunda que jamais cicatrizava. – E o que ganhei com isso? Félix fez uma promessa e então a quebrou. E me quebrou junto a ela.

– Não estamos mais falando hipoteticamente, não é?

Isabelle baixou os olhos para as próprias mãos.

– Não – admitiu.

– Sinto muito. Eu não devia ter mencionado o nome dele.

Isabelle gesticulou indicando que não era preciso se desculpar.

– Quaisquer que sejam os pedaços do meu coração, ele não faz parte. Nem as espadas.

– Então o que você incluiria? E como vai encontrá-los? – Tavi perguntou.

– Não sei – Isabelle respondeu. Ela pensou bastante e então disse: – Já que o coração é de onde vem a bondade, talvez eu devesse fazer algumas boas ações.

Tavi caiu na gargalhada.

– Fazer boas ações? *Você?*

Isabelle olhou para a irmã, furiosa, ofendida.

– Sim, *eu*. O que tem de engraçado nisso?

– Você nunca fez uma boa ação!

– Fiz, sim! – Isabelle insistiu. – Dei uma carona a Tantine até a casa dos LeBenêt outro dia. Já é um começo.

– Oh, Izzy – Tavi disse com delicadeza. Ela esticou o braço por cima da mesa, segurou a mão da irmã e a apertou gentilmente. – É tarde demais para boas ações. As pessoas gritam coisas para nós. Jogam pedras em nossas vidraças. A maldade é tudo o que nos resta. Tudo o que podemos fazer é nos tornar cada vez mais maldosas. Boas ações não mudarão nada.

Isabelle repetiu o gesto da irmã.

– Talvez elas mudem *a mim,* Tav.

Tavi se levantou para lavar os pratos, e então Isabelle, vendo o quão escuro estava ficando, avisou que ajudaria a irmã depois que trancasse os animais.

– Leve a espada com você – advertiu Tavi. – Só por precaução.

E foi isso que Isabelle fez. Enquanto tirava a espada do gancho, ela pensava novamente em como o presente da rainha fada a ajudaria a realizar o desejo do seu coração. Ela estava feliz por ter a espada, pois a peça salvara sua vida mais cedo naquele dia; só que garotas bonitas giravam sombrinhas e abanavam leques. Elas não empunhavam espadas.

Mesmo assim, quando saiu da casa e sentiu como o cabo da espada se encaixava perfeitamente em sua mão, como a lâmina apresentava um peso tão bem equilibrado, Isabelle não resistiu ao impulso de golpear uma roseira, e então sorriu quando várias flores

cor-de-rosa caíram no chão. Ela decapitou dois lírios enquanto caminhava, e depois arrancou uma hortênsia azul rechonchuda de um arbusto.

– O marquês me aconselhou a praticar – ela falou em voz alta, quase se sentindo culpada, como se alguém escondido pudesse acusá-la de estar se divertindo.

Pessoas perigosas estavam a caminho. Ela só estava garantindo que saberia se defender, nada mais.

A espada era mágica, incrível, impressionante. Ela não podia negar.

Mas não era seu coração.

E jamais seria.

Ela não permitiria que fosse.

TRINTA E CINCO

Enquanto Isabelle lutava esgrima no escuro, Chance, confortavelmente instalado no Château Rigolade, examinava no balão de vidro o líquido prateado que ele havia preparado.

À sua volta, os integrantes de seu séquito cuidavam de seus afazeres. Apenas a mágica não estava por ali.

Focado no balão, Chance mal notava as pessoas ao seu redor. O líquido prateado fervia em um bico de gás no centro de um sistema de destilação diabolicamente complexo. Sua cor era intensa e brilhante, mas Chance não estava satisfeito.

Seu cientista havia montado o equipamento sobre a enorme mesa no meio da sala de jantar do *château* assim que eles chegaram. Era cercado por balanças de latão, prensas e extratores, um pilão e um almofariz, e vidros de boticário contendo todos os tipos de ingredientes.

Chance pegou um desses vidros. Tirou a tampa e extraiu um pedaço de renda amarelada, que jogou no balão. Uma colher de violetas secas foi acrescentada depois, seguida de teia de aranha, um fragmento de partitura, uma madeleine esfarelada e números arrancados do mostrador de um relógio.

O líquido borbulhava e girava em espiral depois da adição de cada ingrediente, mas Chance ainda não estava satisfeito. Ele percorreu os olhos pelos recipientes em busca do último ingrediente e o encontrou com um triunfante *a-há*: um par de asas cintilantes de mariposa. Quando ele as depositou dentro do balão, a cor do líquido mudou para um lindo malva-claro.

– Perfeito! – Chance declarou. Com um par de pinças, ele tirou o balão da chama com cuidado e o colocou sobre uma placa de mármore a fim de esfriá-lo.

– Preciso de um nome para esta tinta – confabulou com seu cientista, que trabalhava perto dele. – Um nome para a sensação

que se tem ao rever uma pessoa. Depois de muitos anos. Alguém que você tinha perdido ou achava ter perdido. E você se lembra dessa pessoa de certa maneira; em sua mente, ela nunca envelhece. Mas de repente essa pessoa aparece de novo. Mais velha, mudada pelo tempo. Diferente, mas exatamente igual.

O cientista ergueu os olhos de seu trabalho. Ele olhava para Chance por cima das lentes dos óculos.

– Essa pessoa significou alguma coisa para você? – ele perguntou.

– Talvez. Poderia ter significado. Quase significou. Teria significado – Chance disse. – Se o momento fosse o certo. Se você tivesse sido mais esperto, mais ousado, melhor.

O cientista, contido e rigoroso, não um homem dado a caprichos da imaginação, levou a mão ao peito. Fechou os olhos. Um sorriso maroto surgiu-lhe nos lábios.

– Maravilhamento – ele determinou. – Este é o nome.

Chance sorriu. Ele escreveu *Maravilhamento* em uma etiqueta de papel e a colou no frasco, que levou para a extremidade mais distante da mesa. Lá, enrolado, estava o mapa da vida de Isabelle de la Paumé. Nunca se sabe quando uma reunião será convocada. É preciso estar preparado para qualquer eventualidade.

Outras tintas que ele criara estavam espalhadas ao redor do mapa. Havia *Rebeldia*, uma tinta vermelho-alaranjada serpenteante feita de dentes de leão triturados em uma mistura com sangue de touro. *Inspiração* era de um dourado claro, feita de chá preto misturado com cacau, uma pitada de terra da sepultura de um poeta e quatro gotas de lágrimas de um lunático, fermentada à luz da lua cheia. E *Furtividade*, a cor da meia-noite, composta por hálito de coruja, penas de falcão e pó de ossos de dedo de batedor de carteira.

Será que os pigmentos são fortes o bastante e as fórmulas são poderosas o bastante para desenhar novos caminhos?, ele se perguntava ao colocar o frasco de *Maravilhamento* sobre a mesa. Chance tentara fazer essa tinta antes, muitas vezes, mas nunca conseguira inventar uma cor preponderante o suficiente para desfazer o trabalho da velha feia.

O medo tagarelava agora em sua mente. Ele se serviu de uma generosa dose de conhaque direto de um decantador de cristal com o intuito de calar aquela voz. Depois de beber todo o conteúdo do copo num só gole, o rapaz se sentou diante do mapa. Ao desenrolá-lo e esticá-lo, não pôde deixar de admirar a beleza do trabalho das Fate. O pergaminho delas era o mais fino que ele já vira, as tintas que usavam eram excelentes, a qualidade do traçado era inigualável.

O nome completo de Isabelle estava no topo do mapa, manuscrito em grego, a língua materna das Fate. Cobrindo o restante do pergaminho estava o cenário lindamente colorido de sua vida. Chance viu seu local de nascimento, outras cidades em que ela havia morado, Saint-Michel. Ele viu os picos e vales, as planícies ensolaradas e as matas escuras por onde ela havia passado. Enxergou o caminho dela, uma linha grossa e preta, bem como as linhas pontilhadas, tracejadas e hachuradas das vidas que cruzavam com a dela.

Mas era o que Chance não conseguia ver que o inquietava tanto.

TRINTA E SEIS

– Está pronto? – ele perguntou, impaciente.

O cientista, polindo com um pano macio um par de óculos com armação de metal, assentiu e o levou até Chance.

– É potente? – Chance perguntou, pegando o objeto.

– Muito. Eu mesmo produzi as lentes. A da esquerda mostra o passado; a da direita, o futuro.

Chance segurou os óculos contra a luz.

– Rosa? – ele comentou enquanto olhava através das lentes. Não era sua cor favorita.

– *Rosé* – William corrigiu. – É difícil observar a vida de um mortal de outro modo. Observe através de lentes claras e seu coração ficará partido.

Chance colocou os óculos, prendendo as hastes curvas do objeto atrás de suas orelhas. Ao olhar para o mapa através das lentes, ficou sem ar. Todo o pergaminho parecia feito de páginas de livros infantis com figuras tridimensionais que saltam do papel.

Ninguém, certamente nenhum mortal e nem mesmo o próprio Chance, tinha a visão aguçada das Fate. Elas desenhavam com tantos detalhes que era impossível ver a olho nu a maior parte de sua arte. Chance já havia roubado muitos mapas das três irmãs, mas nunca conseguira enxergar o trabalho delas com tanta clareza.

Ao longo de todo o caminho de Isabelle, os momentos de sua vida se destacavam em cenas tridimensionais vibrantes. Ele a viu criança, brincando de espadas com um garoto. Enxergou-a parada diante de um espelho, com um vestido bonito e lágrimas nos olhos. E a observou no mercado do vilarejo, apenas alguns dias atrás, discutindo com a esposa do padeiro.

– Você é um gênio – ele sussurrou.

O cientista sorriu, satisfeito.

Mas Chance não sorriu de volta. Sua alegria de poder, com os novos óculos, ver o passado de Isabelle tão claramente foi diminuída por saber que as lentes também revelariam detalhes do futuro dela. Ele já conhecia o que a aguardava no fim do caminho, pois vira o destino dela quando estava no palácio das Fate, mas não sabia com precisão quando isso ocorreria.

Talvez tivesse semanas para impedir a ocorrência, até meses. Mas talvez tivesse apenas alguns dias.

Seus olhos correram até a parte inferior do mapa, buscando uma resposta para a sua pergunta. Lá estava a legenda, que explicava que dois centímetros e meio equivaliam a um ano e informava a data de nascimento de Isabelle.

O selo das Fate também estava lá. A velha colocava um selo no mapa de cada mortal quando terminava de fazê-lo, pingando cera vermelha derretida no canto do pergaminho e pressionando seu anel de caveira sobre ela. A impressão resultante era a data da morte, e quanto mais um mortal se aproximava do fim de seu caminho, mais escura a caveira se tornava, a cor mudando de vermelho-sangue para preto.

A caveira no mapa de Isabelle era de um vinho sombrio, raiada de cinza.

– Ela só tem algumas semanas de vida. *Semanas* – Chance disse. Ele levou a mão trêmula à cabeça. – Como diabos poderei desfazer isso? – murmurou.

Ele pegou sua pena que estava sobre a mesa, molhou a ponta em *Rebeldia*, e começou a traçar um novo caminho para Isabelle, um que a afastasse de seu destino terrível. A tinta cintilava com notável intensidade no pergaminho.

– Rá! *Rebeldia*, de fato! – ele grasnou, confiante.

Mas pouco depois a tinta começou a esmaecer e então sumiu por completo; o pergaminho a sugara assim como a areia do deserto absorve a água da chuva.

Chance mudou de abordagem. Ele mergulhou a ponta da pena na tinta *Rebeldia* mais uma vez e tentou riscar o que estava no fim do caminho de Isabelle, mas não importava quanta tinta ele usasse para rabiscar, pontilhar, hachurar e derramar sobre o pergaminho, o

destino de Isabelle reaparecia, feito um cadáver boiando na superfície de um lago.

Praguejando, Chance deixou a pena de lado. Ele tirou os óculos e os colocou sobre a mesa. Aquilo era um desastre. Suas tintas não eram fortes o bastante nem para traçar um desvio, quanto mais para impedir os vermelhos violentos e os pretos arrasadores que haviam sido colocados ali não pelas Fate, e sim por aquele cujo poder de mudar os caminhos ficava maior a cada dia.

O cientista ergueu os olhos de seu trabalho.

– Qual o problema? – ele perguntou.

Chance estava prestes a responder quando uma batida forte e insistente na porta o impediu. O som ecoava por todo o *château*, chacoalhando os móveis e estremecendo as janelas.

O cozinheiro, que havia acabado de ir da cozinha para a sala de jantar, deixou de lado a bandeja de prata cheia de lindos bolos que carregava. Ele saiu depressa da sala de jantar, cruzou o saguão principal do *château* e foi até uma janela que ficava perto da porta.

– O destino chama – gritou para os outros, desviando o olhar da janela.

O engolidor de espadas ergueu as mãos.

– Todos calados! – ele sussurrou. – Quem sabe ela vá embora!

– Não seja ridículo. Ela sabe que estamos aqui – admoestou a diva. – Todo o vilarejo sabe. Nós não somos do tipo que se mistura com facilidade à multidão.

Ouviu-se novamente uma batida na porta. Chance gemeu de frustração. Uma visita da velha feia era a última coisa de que ele precisava.

– Abra a porta – ele disse por fim. – Deixe que ela entre. Mas fiquem de olho no mapa, todos vocês.

TRINTA E SETE

– Meu querido marquês – disse Fate ao entrar na sala com um corvo em seu ombro. – Que casa bonita. E que… – Ela parou, caminhou até a mesa e examinou o equipamento de destilação. – … apetrecho *interessante*. Para fazer gin, talvez? Perfume? – Ela levou a mão ao queixo, pensativa. – Ou, quem sabe, tinta?

Chance se curvou numa mesura.

– Minha querida madame – ele replicou. – A que devo o prazer de sua visita?

– Ah, política da boa vizinhança, é claro – Fate respondeu. – Estamos morando no mesmo vilarejo, não é? Devemos manter uma relação cordial.

Ela andou devagar pela enorme sala, absorvendo tudo. Enquanto fazia isso, os membros da comitiva de Chance pararam suas tarefas para olhá-la, intrigados.

– Este *é* um magnífico *château* – ela disse, invejosa. – Quem me dera minhas acomodações tivessem a metade deste charme.

– Não está na hospedaria do vilarejo? – Chance perguntou.

– Estava, mas agora estou hospedada com… – Ela sorriu, inclinando a cabeça. – Parentes com quem eu não tinha contato fazia tempo.

Enquanto continuava caminhando, seus olhos pousaram no mapa de Isabelle.

– Nem pense nisso – Chance disse. – Você não chegaria até a porta.

Fate fez um som de censura com a língua.

– Espero que não tenha estragado meu trabalho – ela disse, correndo os dedos nodosos pelo caminho de Isabelle.

Quando sua mão chegou perto do fim do caminho, parou de repente, como se tivesse atingido um obstáculo. A boca de Fate se retorceu. Seus olhos se estreitaram. E então, como se se lembrasse

que olhos a observavam, ela rapidamente colocou de volta em seu rosto uma expressão de tranquilidade espantosa.

Será que foi minha imaginação?, Chance se perguntou. O cozinheiro estava parado do outro lado de Fate. Ele deu a Chance um aceno breve e quase imperceptível? *Ele também notou*, Chance pensou. *O que isso significa?*

– Por que você se dá o trabalho? – Fate perguntou alegremente ao se virar para Chance. – Você preparou um novo lote de tintas, mas duvido que elas sejam páreo para as minhas. Meu traçado não pode ser alterado. Nem por você.

– Mas *eles* podem alterá-lo – Chance disse. – Com um pouco de sorte, os mortais podem fazer coisas incríveis.

Fate deu a ele um sorriso condescendente.

– E alguns realmente fazem. Mas é preciso determinação para mudar o destino de alguém. Coragem. Força. Coisas que a maioria dos mortais não têm. É preciso ser excepcional, e a garota Isabelle com certeza não é.

– Ela tem coragem e força. Uma tremenda determinação também – Chance contra-atacou. – Ela só precisa reencontrar esses atributos.

O sorriso de Fate se tornou irritadiço.

– Como sempre, você está se metendo onde não deveria. Deixe a jovem aproveitar o pouco tempo que lhe resta. Você partirá o coração dela ao encorajá-la a desejar coisas que ela não pode ter. E um coração partido pode matar uma garota.

Chance resfolegou.

– Aqui estão alguns fatores que podem matar uma garota: fome, doença, acidente, parto e violência. É preciso mais que um coração partido para matar uma garota. Garotas são duronas como rochas.

Fate fez uma pausa, como um gato antes de enfiar os dentes em um camundongo, e então disse:

– Mas Volkmar é mais durão.

A culpa encheu os olhos de Chance. Ele deu as costas para Fate, tentando disfarçar, mas ela percebeu e fez um contorno para ficar de frente para ele e dar o golpe final.

– Volkmar obviamente mudou o destino *dele,* não foi? – ela disse. – Mas ele *é* um mortal excepcional. Excepcionalmente impiedoso.

Excepcionalmente cruel. – Ela indicou o mapa com um movimento de cabeça. – É obra dele aquele rabisco horroroso no fim do caminho de Isabelle, como você bem sabe.

O cientista espremeu os olhos, confuso.

– Não entendo… *Volkmar* redesenhou o mapa da garota?

– Não com penas e tintas como eu, mas apenas com sua determinação – Fate respondeu. – Ele é tão destemido, tão forte, que consegue mudar seu destino. E, ao fazê-lo, muda o destino de milhares de outras pessoas.

– Então as ações de Volkmar forçaram as suas tintas a redesenharem o mapa dele – raciocinou o cientista. – E os mapas das vidas que ele influencia.

– Exatamente – concluiu Fate. – Volkmar deseja dominar o mundo e começou sua campanha cruel pela França. Uma a uma, as cidades e vilarejos cairão aos seus pés conforme ele apertar o cerco ao redor de Paris. Saint-Michel também cairá, e com tanta selvageria que o jovem rei não terá escolha a não ser se render. Volkmar matará Isabelle a sangue frio. A irmã dela, a mãe, os vizinhos. Cada pessoa deste fim de mundo.

Várias pessoas que estavam na sala arquejaram. A diva soltou um grito.

Fate se virou para ela, com uma falsa expressão de inocência.

– Você não sabia? Ele não havia contado a você?

A diva, com os olhos enchendo de lágrimas, balançou a cabeça em negativa.

– Já *chega*, velha feia – Chance rosnou.

Mas Fate, com o olhar ainda fixo na diva, ignorou as palavras dele.

– Oh, minha querida, não percebe?

– Eu disse para *parar*.

Mas Fate não parou. Com um brilho maldoso no olhar, ela foi até a diva e segurou as mãos dela.

– *É por isso* que o seu marquês está tão desesperado para mudar o destino de Isabelle. Porque foi ele mesmo quem o causou!

TRINTA E OITO

Fez-se um silêncio mortal no salão principal.

Chance permanecia imóvel, de punhos cerrados, com o coração marcado com o ferro em brasa da vergonha e do arrependimento. Ninguém se movia. Ninguém falava.

Até que Fate, dando a volta para ficar de frente para ele, disse:

– Aceitarei, embora relutantemente, sua aposta. Jogaremos nosso velho jogo. Você conhece as regras… nenhum de nós pode forçar a escolha da garota. Ou comprá-la. Ela pode aceitar ou não o que lhe for oferecido.

Chance assentiu, tenso. Quando Fate olhou para ele, algo parecido com tristeza escureceu os olhos dela.

– Se você ama esses mortais, deveria deixá-los…

– À sua mercê? – ele cuspiu as palavras.

– … em paz.

– É porque os amo que não farei isso. Eles merecem uma chance. Alguns deles jamais têm uma. Essa garota terá.

– Mas será que ela aproveitará essa chance? – Fate perguntou.

– Obrigado pela visita, mas preciso voltar ao trabalho – Chance disse rudemente.

Fate riu, balançando a cabeça.

– Ela *não aproveitará.* Humanos são o que são… sonhadores, loucos, mas principalmente idiotas.

Ela deixou o Château Rigolade e desapareceu na noite, mas sua risada, irritante e desdenhosa, permaneceu nos ouvidos de Chance. Ele fechou a porta com força assim que ela saiu e encostou a testa contra a madeira. Após um instante, ele se virou para os amigos e tentou se explicar.

– Houve uma festa…

O cozinheiro balançou a cabeça.

– Sempre há.

– … em um castelo na Floresta Negra. Foi um jantar suntuoso. Eu bebi muito champanhe. Depois do jantar, teve carteado. As apostas eram altas.

– O quão altas? – o cozinheiro perguntou.

Chance fez uma careta.

– Um milhão de ducados de ouro.

O cozinheiro praguejou.

– Você não aprende mesmo, não é?

– Naquela ocasião, eu não sabia quem ele era… *o que* ele era. Eu não sabia o que estava planejando. Eu jamais havia sonhado… – Ele fechou os olhos, sentindo uma dor arrasadora. – Assim que conseguiu o dinheiro, Volkmar o usou para o mal. Formou seu exército, marchou sobre a França. Tudo que ele fez é culpa *minha.* Eu o criei.

Chance segurou a cabeça com as mãos. A diva correu até ele; ela apertou com gentileza o braço do marquês.

– Volkmar criou a si mesmo – a moça disse. – Ele teve escolha. Poderia ter usado sua fortuna para o bem, não para o mal.

Chance gemeu de desespero. Ele se sentia tão exausto. Seus ossos e seu coração doíam. Tudo parecia sem propósito. Era como se toda a sua energia tivesse sido sugada dele.

– A velha tem razão – Chance disse, se jogando em uma cadeira. – Mortais são idiotas. Devo me afastar. Deixá-los cuidar de suas vidas. Minha intenção é ajudar, mas frequentemente acabo estragando as coisas. E as pessoas.

– Mas você sempre nos diz que uma pessoa pode fazer a diferença – a diva contra-atacou. – Isabelle pode ser essa pessoa. Se Volkmar conseguiu mudar o destino dele, e o destino de milhares de outras pessoas, por que essa garota não pode fazer o mesmo?

Chance deu um sorriso triste.

– Isabelle mal consegue *andar.*

A diva se sentou pesadamente na cadeira. Todos pareciam apáticos e derrotados. Ninguém falava.

Até que a mágica adentrou o recinto através de portas duplas de vidro que se abriam para o terraço. Ela estava toda de preto, botas e calça de montaria e uma jaqueta justa. Seus lábios estavam

vermelhos. Sua pele, corada. Ela segurava uma flor negra em uma das mãos.

– Demorou um pouco, mas encontrei a orquídea negra que você queria. Para a *Coragem*.

Chance balançou a cabeça.

– Não preciso mais. Minhas tintas não funcionam.

O olhar da mágica passou de Chance para os outros.

– O que aconteceu? Alguém morreu? Por que estão todos aqui sentados feito cogumelos? – Ela fez uma careta. – Este lugar *fede.* A rendição, a fracasso. E a coisa podre. – Seus olhos se estreitaram. – Foi a *velha feia.* Ela esteve aqui, não foi? Quem a deixou entrar?

O cozinheiro levantou a mão, encabulado.

– Nunca, *jamais* faça isso novamente – a mágica o repreendeu, abrindo o restante das portas do terraço. – Ela é como gás sulfuroso de uma fumarola. Ar nocivo de uma mina velha. Envenena as pessoas. Faz os outros pensarem que têm que aceitar as coisas em vez de lutar para mudá-las.

Ela empurrou os bolos para fora da bandeja de prata, abriu o colarinho da camisa de Chance e o abanou com a bandeja. Depois, foi até o cozinheiro e deu tapinhas em suas bochechas.

– Acordem! – ela ordenou. – Se as tintas não funcionam, encontraremos algo que funcione.

Uma brisa entrou pelas portas abertas, refrescando o ambiente. Chance piscou, então perscrutou à sua volta como se estivesse acordando de um sono profundo. Ele recuperou um pouco seu ânimo.

– *Havia* algo no mapa. Algo… – ele começou a dizer.

O cozinheiro estalou os dedos.

– Algo que incomodou a velha. Também percebi isso. Se não é bom para ela, é muito bom para nós.

Num piscar de olhos, Chance estava de volta à mesa, com o cozinheiro logo atrás dele. Ele colocou os óculos novamente, e correu o dedo pelo caminho de Isabelle, procurando o que quer que fosse que irritara Fate.

Ele passou pelo dia em que Isabelle cortara fora os próprios dedos, o dia em que Ella saíra de casa, foi até onde começava a

linha brutal de Volkmar e, mais além, onde essa linha terminava, e então retrocedeu e seguiu de novo a linha, mas não viu nada que já não tivesse visto antes. Mesmo com os óculos, Chance não enxergava com tanta clareza quanto as Fate.

E então ele viu algo.

Estava fracamente gravado. Mas estava *lá.* Um desvio. Feito recentemente.

– É isso! – ele gritou, batendo palmas.

– O que é? *Fale,* homem! – disse o cozinheiro.

Chance tirou os óculos e os entregou ao cozinheiro, que os colocou, correu os olhos pelo mapa, e então abriu um sorriso largo.

– Rá! – exclamou. – Não me admira que a velha tenha feito uma cara de quem bebeu leite estragado! Aquele caminho…

– Não é obra de Fate, ou de Volkmar… Foi *ela.* Isabelle. As ações dela redesenharam seu caminho – Chance acrescentou com olhos dançantes. – Eu tinha razão; ela *pode* mudar, ela *vai* mudar. Venceremos este jogo. Derrotaremos as Fate.

– Calma aí. Este é apenas o começo. Não fique tão convencido – advertiu o cozinheiro.

– É *mais* do que o começo – Chance insistiu. – Não viu aonde o caminho levava?

O cozinheiro examinou o mapa mais uma vez.

– Parece uma árvore… uma velha tília… – Ele tirou os óculos. – Minha nossa! – exclamou e se virou para Chance. – Sabe quem é aquela?

– Tanaquill – Chance respondeu.

– A rainha fada? – perguntou a mágica, se juntando aos dois homens. – Chance, ela é…

– Muito, muito poderosa – Chance a interrompeu.

– Na verdade, eu estava pensando em *mortal* – corrigiu a mágica.

– Isabelle a invocou? – o cozinheiro perguntou em voz alta. – Com que propósito?

– Duvido que tenha sido para convidá-la para um chá – disse a mágica, com um tremor.

– Por pouco não deixei de ver esse caminho novo. Os óculos não são tão potentes, mas acho que Isabelle deve ter pedido a ajuda dela – presumiu Chance. Ele passou as mãos por suas tranças, e

então apontou para o cozinheiro. – Preciso de um presente. Não posso ir de mãos abanando. Tem algum coelho na despensa?

– Usei os últimos no ensopado de ontem à noite. Mas tem faisões – ele respondeu, se dirigindo para a cozinha.

– Vou levá-los – disse Chance.

– Você vai procurar Tanaquill *agora*? – perguntou a mágica. – É quase meia-noite!

– Não tenho escolha – Chance disse. – Fate também viu o desvio. Ela está caçando a rainha fada neste exato momento, com certeza. Preciso achá-la antes. – Ele correu atrás do cozinheiro.

O cientista, com uma expressão preocupada, pegou os óculos de lentes róseas e os poliu.

– Ela vai comê-lo vivo – ele disse.

A mágica espreitou na direção de Chance com uma expressão apreensiva.

– Você tem razão. – Ela tateou seu quadril, se certificando de que sua adaga estava ali, e acrescentou: – Vou junto.

TRINTA E NOVE

A RAINHA FADA ESTAVA PARADA em uma clareira em Wildwood, com uma enorme coruja de olhos amarelos empoleirada em seu antebraço.

Já passava bastante da meia-noite, mas a escuridão só contrastava com a vívida presença dela. Seus cabelos avermelhados estavam presos numa trança e enrolados. Um diadema de galhada adornava sua cabeça. Ela usava um vestido brilhante feito escamas de peixe e, sobre a peça, uma capa de plumas cinzentas presa no pescoço por um par de grandes besouros iridescentes, com suas poderosas pinças fechadas.

Chance a encontrara por causa da sua trilha de magia. Havia traços, gotas prateadas que cintilavam no chão da floresta e desapareciam lentamente. Enquanto ele e a mágica observavam, escondidos em um bosque de bétulas, Tanaquill acariciava e sussurrava para a coruja, ignorando seu bico curvo e afiado que poderia partir ossos e arrancar corações, suas garras curvas que poderiam extrair o couro de alguém.

– Pronta? – Chance sussurrou. A mágica assentiu, e os dois saíram para a clareira.

– Salve, toda-poderosa Tanaquill! – Chance saudou. – Finalmente minha busca é recompensada. É uma honra estar em sua presença.

Tanaquill riu. Era o som do vento de outono fazendo rodopiar as folhas mortas. – Você está em minha presença faz uma boa meia hora, escondido atrás das bétulas. Senti seu cheiro. E dos seus faisões.

Chance se aproximou dela, com a mágica o seguindo de perto.

– Por favor, aceite esta oferta, Sua Graça, como uma pequena demonstração de minha estima – ele disse, se curvando ao estender as aves para ela.

Com um sorriso de desdém, Tanaquill as recusou.

– Deixe-os para os abutres – ela disse. – Eles gostam de coisas mortas. Eu prefiro minhas oferendas vivas. Com o coração batendo, o sangue correndo.

Ela pôs a mão sobre o peito de Chance e se inclinou na direção do pescoço dele, sentindo o cheiro dele, lambendo os lábios. Chance estava fascinado pelos atraentes olhos verdes dela, como um camundongo hipnotizado por uma cobra. Ele a deixara chegar perto demais.

A mágica o salvou. Ela o puxou para trás e entrou na frente dele, sua mão no cabo da adaga. Tanaquill rosnou como uma raposa que acabara de perder um delicioso esquilo gordinho.

– Por que estão aqui? O que querem de mim? – ela perguntou.

– Sua ajuda. Quero salvar uma garota. O nome dela é Isabelle, você a conhece. Estou com o mapa dela, desenhado pelas Fate. Ele mostra que você falou com ela.

– E como você conseguiu esse mapa? – Tanaquill perguntou. – As Fate guardam muito bem seus trabalhos.

Chance explicou. Quando terminou de falar, Tanaquill emitiu um som de desgosto.

– Não tenho nada a ver com os jogos idiotas de vocês – ela pontuou, se afastando. – Eu não obedeço a você nem às Fate. Obedeço apenas ao coração.

Chance deu um passo desesperado atrás dela. Ele não podia deixá-la escapar. Tinha certeza de que algo importante havia acontecido entre ela e Isabelle. Algo que ele poderia usar para ajudar a garota.

– Volkmar está mais perto de Saint-Michel a cada dia que passa – ele disse.

– E daí? – questionou Tanaquill, gesticulando.

– Ele reescreveu o destino de Isabelle. Com sangue. Mas ela pode mudá-lo, se puder mudar a si mesma.

A risada de Tanaquill ecoou por toda a Wildwood.

– *Aquela* garota amarga e egoísta? Você acha que ela pode vencer um déspota?

– Não é apenas o vilarejo e os mortais que vivem aqui que cairão. Volkmar saqueia e queima tudo que estiver em seu caminho.

Wildwood e tudo que estiver aqui… nada sobreviverá ao ataque dele.

Tanaquill parou e se virou. Tristeza e raiva guerreavam no fundo de seus olhos penetrantes. Chance viu a angústia dela e tirou vantagem.

– Por favor, eu lhe imploro. O que Isabelle disse a você?

– Ela pediu minha ajuda – Tanaquill contou por fim. – Ela deseja ser *bela*. – A rainha fada cuspiu a palavra.

– E você atendeu ao desejo dela?

– Eu disse que a ajudaria – Tanaquill respondeu de um jeito que denunciou claramente a Chance que ela estava fugindo do assunto. A rainha fada continuou: – Eu também disse que ela teria que merecer a minha ajuda e, para isso, teria que encontrar os pedaços perdidos de seu coração.

– Esses pedaços… o que são? – perguntou Chance.

– Por que eu diria a você? Para que você os encontre e dê a ela de bandeja?

– Para que eu dê a ela uma *chance*. É só o que eu peço. Uma chance de redenção.

Tanaquill sorriu com malícia.

– Redenção? Isso seria para a garota? Ou para você?

Suas palavras atingiram Chance. Ele recuou, mas seu olhar não vacilou. Seu sorriso não era mais sedutor, e sim sincero e vulnerável.

– Para nós dois, se eu tiver sorte – ele concluiu.

Tanaquill sustentou o olhar dele. Era um olhar penetrante. E então ela replicou:

– Nero, um cavalo. Félix, um garoto. Ella, a meia-irmã.

Assim que as palavras deixaram os lábios da rainha fada, Chance lançou um olhar para a mágica. Ela assentiu e desapareceu na floresta.

– Obrigado, Sua Graça – Chance disse, fervoroso. Ele pegou a mão pálida e fria dela, levou-a aos seus lábios e a beijou.

Tanaquill rosnou, mas não era uma ameaça real.

– O que acontecer daqui para a frente cabe só à garota. Não a você. Não a Fate – ela advertiu quando Chance soltou sua mão.

Como se estivesse esperando uma deixa, Fate surgiu na clareira.

– Ah, Tanaquill! Que bom encontrá-la ao luar! – ela saudou e deu um sorriso presunçoso para Chance. – Aproveitando a brisa noturna, marquês? Está um pouco abafado no *château*?

Chance sentiu um frio na barriga. *Quanto da nossa conversa será que ela ouviu?,* ele se perguntava, nervoso.

Fate trazia uma cesta em seu braço e um corvo em seu ombro.

– Também está catando cogumelos? – ela perguntou à rainha fada.

– Sei por que você veio – retrucou a rainha fada, ignorando a pergunta da outra. – Mas receio que o seu adversário aqui – e indicou Chance com um movimento de cabeça – tenha sido mais rápido que você.

O sorriso de Fate morreu. Chance deixou escapar um suspiro de alívio. Talvez ela não os tivesse ouvido.

– Deixe a garota em paz, Tanaquill – disse Fate. – Esta briga não é sua, e ela não vale o seu esforço. Fique na floresta, vá caçar.

A rainha fada se virou, rosnando, furiosa. Fate cambaleou para trás. Seu corvo grasnou.

– *Não* me trate com condescendência, velha. Fui invocada por um coração humano e não serei colocada tão facilmente de volta em minha caixa – advertiu Tanaquill. – Você pode me conter tanto quanto pode conter um furacão. Sou mais velha que você. Mais velha que Chance. Mais velha que o próprio tempo.

Ela fez um gesto com a mão. Ouviu-se um guincho agudo, o ar ficou enevoado. O corvo nem viu a caçadora de olhos amarelos chegando. A coruja arrancou o pássaro do ombro de Fate e o levou para o chão. Depois, abriu as asas sobre sua presa e guinchou para Fate, a desafiando a pegar o pássaro.

Fate não aceitou o desafio. Ela permaneceu imóvel; seu corpo estava tenso. Seus olhos – de novo voltados para Tanaquill – calculavam, como os de uma leoa que deseja atacar um adversário, mas não tem certeza da vitória.

Tanaquill percebeu as intenções dela.

– Eu não faria isso, se fosse você. Esqueceu quem eu sou? Sou a primeira e a última batida do coração. Sou o cordeiro recém-nascido e o lobo que rasga a garganta dele. Sou a canção do sangue, velha.

– Ela lançou um olhar para o corvo que se debatia e sorriu. – Sou mais do que sua caixa pode conter.

E assim Tanaquill se foi, desapareceu na escuridão com sua coruja atrás de si. E no lugar do corvo ficou uma garota sentada e ofegante, percorrendo os dedos trêmulos sobre os furos em seu pescoço.

– Levante-se, Losca – Fate ordenou. – Volte para o meu quarto. Espere por mim lá.

Losca ficou de pé. Ela cambaleou para fora da clareira com suas pernas vacilantes.

– Aquela coruja poderia ter matado a pobre garota. Por que você não vai embora, antes que alguém se machuque? – Chance disse com arrogância. – Eu praticamente já ganhei esta aposta.

Fate o examinou com frieza.

– Volte para o seu *château*, marquês. Descanse. Vai precisar. Creio que você tenha que encontrar um cavalo. Um garoto. A meia-irmã, não? – ela disse, se afastando.

Chance praguejou, furioso. A velha *tinha* ouvido sua conversa com Tanaquill.

Fate parou no limiar da clareira, se virou para ele e, com um sorriso malévolo, acrescentou:

– A menos que *eu* os encontre primeiro.

QUARENTA

TAVI ESTAVA PARADA PERTO DA PORTA da cozinha, com uma tigela de ameixas recém-colhidas no colo, seu avental branco e as saias do vestido azul esvoaçando com a brisa da manhã. Ela lançou um olhar cético para o conteúdo da grande cesta que Isabelle colocara na carroça.

– Mas e se os órfãos não *quiserem* ovos? – ela perguntou.

– Claro que eles querem – Isabelle retrucou, ajustando uma fivela do arreio de Martin. – Órfãos não têm muita coisa. Eles ficarão felizes por ganharem ovos.

Tavi ergueu a sobrancelha.

– Você ao menos sabe onde fica o orfanato?

Isabelle fuzilou Tavi com o olhar. Ela não respondeu.

– Está levando sua espada?

– Não preciso dela – Isabelle disse.

A verdade é que ela não tinha uma espada. Ela acordara naquela manhã, dois dias depois de ter usado a espada para lutar contra o desertor, e descobrira que a espada tinha voltado a ser um osso, como se num pressentimento que o perigo havia passado. Ela pusera o osso de volta em seu bolso, junto aos outros presentes de Tanaquill.

– E exatamente por que você está doando nossos tão necessários ovos? – Tavi perguntou.

– Porque é algo legal de se fazer. Uma boa ação.

– Ainda tentando encontrar os pedaços do seu coração?

– Sim – Isabelle disse enquanto subia na carroça e se acomodava no assento.

– Já descobriu o que são esses pedaços?

Isabelle assentiu. Ela estivera pensando nisso sem parar.

– Bondade, gentileza e caridade – ela respondeu, confiante. – Hoje estou trabalhando a caridade.

Tanaquill havia dito que Ella não precisara procurar os pedaços de seu coração. *Porque ela não os havia perdido*, Isabelle pensou, ao se deitar em sua cama na noite anterior. *Ella sempre fora boa, gentil e caridosa. Talvez Tanaquill queira que eu também seja assim.*

– Izzy, falei sério quando disse para você não cavalgar mais. Tem andando a cavalo?

Isabelle, que estava inclinada para a frente pegando as rédeas de Martin, se endireitou no assento e olhou para a irmã.

– *Ainda* acha que estou fazendo tudo isso porque bati a cabeça?

– Acho que tudo isso é muito estranho – Tavi respondeu, levando suas ameixas para a cozinha.

Isabelle observou a irmã se afastar.

– Não perdi o juízo. As coisas vão melhorar, você vai ver – ela afirmou, baixinho. – Tudo é sempre mais fácil se você é uma garota bonita. As pessoas seguram as portas para você. As crianças colhem flores para você. Os açougueiros lhe dão uma fatia de salame de graça, só pelo prazer de ver você comendo.

Então ela estalou as rédeas de Martin e eles partiram.

QUARENTA E UM

Isabelle encontrou o orfanato, enfiado em uma estradinha atrás da igreja, sem nenhuma dificuldade.

Era administrado por freiras e ficava em um convento. Uma cerca de ferro circundava o edifício e seu terreno, mas o portão não estava trancado. Isabelle o abriu e entrou, levando sua cesta de ovos.

Crianças vestidas com um tecido áspero e cinzento brincavam em um pátio gramado. Um garoto de rosto meigo se aproximou dela. Alguns amigos vieram atrás dele.

– Tome, garotinho – Isabelle disse. – Eu trouxe ovos para vocês.

O garoto deu uns passos hesitantes na direção dela.

– Meu nome é Henri – ele informou, examinando-a de perto. – E o seu é Isabelle.

– Como adivinhou? – Isabelle perguntou, se ajoelhando e sorrindo.

– Não adivinhei. Irmã Bernadette apontou para você quando nos levou ao mercado. Ela disse que jamais deveríamos ser como você. Você é uma das meias-irmãs feias da rainha. Você é má e horrorosa.

O sorriso de Isabelle murchou. Duas garotinhas que haviam seguido o garoto se adiantaram. Elas começaram a cantar:

Meia-irmã, meia-irmã!
Feia como uma pústula!
Façam com que ela beba terebintina!
Depois a enforquem em uma trepadeira!

Antes que Isabelle percebesse o que estava acontecendo, todas as crianças deram as mãos e passaram a dançar à sua volta feito demônios, cantando:

Meia-irmã, meia-irmã,
Mamãe diz que o diabo a beijou!
Façam com que ela engula cinco caroços de pêssego,
E depois a cortem em pedacinhos!

Quando terminaram de cantar, soltaram as mãos uns dos outros e se afastaram dando risadinhas.

Isabelle decidiu ir embora antes que eles se animassem a cantar mais um verso.

– Toma, fique com eles – ela disse, empurrando a cesta para Henri. – São ovos fresquinhos.

– Eu não quero. Não vindos de *você* – falou Henri.

Isabelle sentiu uma descarga de raiva percorrer seu corpo, mas se controlou.

– Vou deixar a cesta aqui – ela insistiu. – Quem sabe um de vocês possa levá-la para dentro.

Henri deu de ombros, amuado. Ele olhou para a cesta de ovos, depois se virou para um amigo e disse: – Vai, Sébastien.

– Vai você, Henri – respondeu Sébastien. Então Henri se voltou para uma garotinha. – Émilie, vai *você*.

Isabelle desistiu. Eles que discutissem sem ela quem levaria a cesta para dentro.

Mas não era isso o que as crianças estavam discutindo.

Isabelle só tinha dado alguns passos quando sentiu uma dor, repentina e surpreendente, entre as omoplatas. A força do golpe a fizera cambalear para a frente. Ela recuperou o equilíbrio e se virou.

As crianças riam alegremente. Isabelle esticou a mão por sobre o ombro e tocou as costas do vestido. A palma de sua mão voltou coberta por uma substância amarela.

– Qual de vocês atirou o ovo? – ela exigiu saber.

Ninguém respondeu, mas Henri gingou até a cesta, pegou outro ovo e, antes que Isabelle pudesse impedi-lo, arremessou o ovo direto na cabeça dela. Sua pontaria era excelente. Ele a acertou entre os olhos.

Isabelle arquejou.

– Oh, seu… seu… monstrinho! – ela gritou enquanto o ovo escorria por seu rosto.

Era tudo o que os outros precisavam ouvir. Eles correram para a cesta, agarraram os ovos e os atiraram nela com a maior força que conseguiram.

Isabelle deveria ter corrido direto para fora do pátio e voltado para a carroça. Mas Isabelle não era do tipo que fugia. Ela se lançou na direção da cesta, pegou um ovo e o atirou em Henri. Sua pontaria não foi tão boa quanto a dele, porque ainda havia ovo escorrendo em seus olhos. Em vez de Henri, o ovo passou longe e acertou o pequeno Sébastien, bem na parte de trás da cabeça. Ele tropeçou, caiu e começou a gritar.

Isabelle atirou mais um ovo e acertou Henri no ombro. Enquanto a garota pegava um terceiro na cesta, outros três a atingiram – um deles na cara. Ela atirou o que já estava em sua mão só para se livrar dele, para que pudesse limpar os olhos. Embora não conseguisse enxergar onde o ovo havia aterrissado, pôde ouvi-lo acertar algo, um som molhado e alto.

– Meu bom Deus, o que está *acontecendo* aqui? – guinchou uma voz aguda.

Isabelle piscou; ela abriu os olhos completamente e descobriu que não fora uma criança que ela atingira, e sim uma senhora toda de branco com um rosário pendurado no pescoço.

Isabelle observou horrorizada a casca do ovo escorregar pela parte da frente do imaculado hábito e depois cair no chão. Gotas de gema pingavam nas pontas dos sapatos da mulher. A senhora olhou para a sujeira em sua roupa. Olhou para as crianças à sua volta, para Henri, que esfregava o ombro, para Émilie, que olhava fixamente para o seu avental e soluçava magoada, para o pequeno Sébastien, que agora estava sentado na grama, se lamentando:

– Isabelle, a meia-irmã feia… ela nos *atacou*!

Então a senhora olhou para Isabelle. Seus olhos, fundos no rosto enrugado, faiscaram. Suas narinas se dilataram.

– Ah, não! – Isabelle sussurrou, levando as mãos ao rosto. – Essa *não*!

Era a Irmã Claire, a administradora do convento, a velha e venerável madre superiora, e ela estava *furiosa*.

QUARENTA E DOIS

O PORTÃO DE FERRO SE FECHOU às costas de Isabelle com um clangor alto e ressoante.

Envergonhada, ela olhou para trás através das barras de ferro.

– Sinto muito – ela disse, triste.

– Não quero *nunca mais* ver sua cara perto deste orfanato! – Irmã Bernadette guinchou, apontando um dedo acusador para Isabelle do outro lado das grades. – O voto de silêncio de cinquenta anos da madre superiora quebrado… *Cinquenta anos!* Tudo por sua causa!

A freira girou nos calcanhares e se afastou, deixando Isabelle sozinha. Ainda curvada, ela mancou até sua carroça e subiu no assento. Martin olhou por cima do ombro.

– Nem me pergunte – Isabelle avisou a ele.

Ela queria desesperadamente chegar em casa, mas estava tão arrependida do que havia feito que se inclinou para a frente, pôs a cabeça entre as mãos e gemeu. Sua mente repassava cada segundo terrível do que acontecera desde que ela atingira a madre superiora no peito com um ovo.

– Você devia ter *vergonha*! – a senhora guinchara. – Jogar ovos em *crianças!* Causar o *choro* de pobres órfãos! Desperdiçando comida tão necessária quando uma guerra se aproxima! Nunca, em toda a minha vida, testemunhei comportamento tão ofensivo. Eu não queria acreditar no que disseram, fechei meus ouvidos para as fofocas… mas você, Isabelle de la Paumé, é tão terrível quando dizem por aí!

Enquanto estivera gritando com Isabelle, duas freiras que a haviam seguido até o pátio gesticulavam freneticamente para ela. Uma levara um dedo trêmulo aos lábios. A outra balançara a cabeça, de olhos arregalados.

– Irmã, o seu *voto*! – ela dissera.

Para mostrar sua piedade e devoção, Irmã Claire fizera um voto de silêncio cinco décadas atrás. Graças ao seu esforço sobre-humano, ela conseguira manter o voto, sem proferir uma palavra, comunicando-se com as outras freiras apenas por meio da escrita. Quando percebeu o que acabara de fazer, a velha senhora levara a mão à boca e desmaiara no mesmo instante.

– A-acho que ela *morreu*! – Irmã Bernadette exclamara.

No instante em que ouviram isso, as crianças – cada uma delas – haviam começado a chorar para valer. Alarmadas pelo barulho, uma dúzia de freiras chegaram correndo. Uma delas tivera a presença de espírito de sentar Irmã Claire e friccionar seus pulsos. Pouco depois, a velha senhora recuperara os sentidos. Foi quando Irmã Bernadette expulsara Isabelle.

– Oh, Martin – Isabelle lamentou, sentando-se com a coluna reta. – Joguei ovos em *crianças.* De dez anos de idade. De oito. Acho que uma delas tinha *cinco*.

Ela enfiou a mão no bolso de sua saia, sentindo a mandíbula, a casca de noz e a vagem de sementes. Os objetos ainda estavam lá, mas pareciam mais maldições que presentes. Atirar ovos em órfãos em hipótese alguma a faria conseguir a ajuda da rainha fada. Ela desejou com enorme fervor que Tanaquill não ficasse sabendo daquilo.

Isabelle voltou para casa o mais rápido que pôde. Felizmente, não encontrou ninguém na estrada. Assim que chegou aos estábulos, ela tirou a sela de Martin, o escovou e o deixou solto do lado de fora para pastar. Então enfiou a cabeça debaixo da bomba d'água para lavar os vestígios de ovo.

Pouco tempo depois, entrou na cozinha a passos largos, com os cabelos encharcados, o rosto vermelho devido à água fria, e as roupas imundas.

Tavi mexia um tacho borbulhante de geleia de ameixa. Ela ergueu as sobrancelhas ao ver a irmã.

– Parece que fazer caridade não é tão bom quando dizem – falou.

Isabelle ergueu a mão.

– Nem comece.

– Onde está nossa cesta? Alguém a roubou?

– Apenas…

– Agora terei que me virar para encontrar outra.

– … *pare!* – Isabelle gritou, tapando os ouvidos. Ela correu para fora da cozinha e subiu a escada com o intuito de trocar de roupa.

Foi um alívio tirar o vestido, que estava duro feito um merengue. Ela despejou água do jarro que estava em sua cômoda em uma bacia, umedeceu um pedaço de pano e removeu os últimos vestígios de ovo do pescoço. Pouco depois, estava no corredor, fechando os botões de um vestido limpo. Enquanto rumava para a escada, uma voz atrás dela se manifestou:

– Por onde andou, Isabelle?

Isabelle sentiu um aperto no peito. *Agora não, Maman*, ela pensou. Ainda precisava cuidar de Martin e tinha uma longa lista de afazeres a cumprir. Ela não tinha tempo para convencer sua mãe de que não havia nenhum baile, jantar ou festa ao ar livre para ir.

Tavi estava começando a subir a escada levando uma xícara de chá para a mãe.

– Ela tinha ido passear – Tavi contou, pegando Maman pelo braço e a conduzindo de volta ao quarto.

– É mesmo, Octávia? – Maman trinou, levando a mão ao peito. – Com quem? Um cavaleiro? Um visconde?

– Não, com o Duque de Ovo-ceter! – Tavi disse, dando uma piscadela para Isabelle por cima do ombro.

Isabelle fez uma careta, mas estava grata por Tavi ter distraído Maman. Assim pôde descer a escada e sair de casa discretamente sem mais perguntas.

Martin precisava ser levado até o pasto. Ela voltou aos estábulos, pegou o cabresto e foi até o cavalo.

– Bem, Martin, estou limpa. Você está escovado. Já é alguma coisa – ela atestou. – Talvez o restante do dia seja de paz e tranquilidade. – Ela deu um sorriso amargo. – Depois do desastre de hoje de manhã, o que mais poderia dar errado?

O cavalo estava parado diante dos estábulos, à sombra de uma bétula alta, de cabeça abaixada. Enquanto se aproximava dele, ela notou que o animal estava focado em algo na grama. O bicho esfregava seu focinho no objeto, depois tentava puxá-lo com a pata.

– O que você achou aí, meu velho? É camomila?

Ela sabia que Martin adorava comer as minúsculas flores brancas e amarelas que cresciam em volta dos estábulos, mas quando o cavalo levantou a cabeça Isabelle viu que não era em flores de camomila que ele estava interessado.

Pendurado na boca de Martin estava um colar de pérolas de valor incalculável.

QUARENTA E TRÊS

Isabelle e Martin galoparam suavemente pelo caminho sinuoso ladeado por árvores do Château Rigolade.

Depois que se recuperou do susto ao ver seu cavalo prestes a engolir as valiosas pérolas, Isabelle arrancou o colar da boca dele, limpou-o da saliva e colocou o objeto no bolso. O colar pertencia ao marquês ou a um de seus amigos, disso ela tinha certeza. O macaquinho – Nelson – estava usando o colar quando atirou no ladrão de galinhas.

Quem quer que seja seu dono, deve estar muito preocupado, Isabelle pensou. Cada pérola era do tamanho de uma avelã.

Quando chegou ao fim do caminho, ela procurou os estábulos, pensando que poderia deixar Martin sob os cuidados do cavalariço e pedir para ver o marquês, mas o trajeto levava direto ao *château*, com suas fontes gorgolejantes, roseiras, carvalhos e gramado bem-cuidado.

Isabelle não via ninguém – nem uma criada ou lacaio, nem o marquês ou qualquer amigo dele. Ela se sentiu desconfortável por estar montada em seu cavalo no meio da propriedade de um nobre, então decidiu bater à porta da frente do *château*; mas, ao descer da sela, ouviu música vindo dos fundos do terreno. O som parou devagar, de forma desordenada, como se um dos músicos tivesse errado e começado de novo.

Isabelle seguiu o som, conduzindo Martin pela lateral do edifício, para os fundos. O gramado descia até uma clareira margeada por carvalhos muito altos. Bem no fim da clareira, a uma boa distância, havia um palco em construção. Isabelle só conseguia ver um homem em uma escada, de costas para ela, pregando umas tábuas.

Perto dele, no terraço à sombra do *château*, os membros da comitiva do marquês pareciam ensaiar uma peça. Os músicos estavam sentados em cadeiras de um lado do terraço, encolhidos

enquanto o maestro os repreendia duramente. Atores perambulavam do outro lado. Alguns seguravam roteiros, outros brandiam espadas e escudos falsos. Baús, abertos e lotados de fantasias, estavam num canto. Quatro macacos perseguiam uns aos outros entrando e saindo dos baús, brigando por contas de vidro e coroas de papel metalizado.

Isabelle mancou até o terraço, torcendo as rédeas de Martin de nervoso. Várias mulheres ergueram a cabeça quando ela se aproximou. Elas eram mais velhas e estavam luxuosamente vestidas, e Isabelle se sentiu feia e sem graça por comparação. Ela reconheceu a diva, elegante e imperiosa; a mágica, que mordia um pêssego e de algum modo emanava um ar de mistério; uma acrobata girando um prato no dedo; e uma atriz vestida de vermelho e segurando um cetro.

A mágica foi a primeira a falar com ela.

– Isabelle, certo? Foi você quem nos ensinou o caminho, não foi? – Os olhos dela brilharam maliciosamente. – Estive perguntando a seu respeito por aí. Disseram que você é uma das meias-irmãs feias da rainha.

Isabelle se retraiu ao ouvir tais palavras. Aquelas mulheres maravilhosas sabiam quem ela era; elas provavelmente não iam querer nada com ela.

A mágica percebeu o desconforto da outra.

– Ora, ora, criança. Não é tão ruim assim ser chamada de feia. Não mesmo! – ela exclamou, cuspindo o caroço do pêssego. – Todas nós aqui já fomos chamadas disso alguma vez na vida, e não morremos por causa dos xingamentos – ela acrescentou, enxugando com a palma da mão o sumo de seu queixo.

– Na verdade, já fomos chamadas de coisa bem pior – disse a atriz.

As outras entraram na conversa. *Difícil. Obstinada. Teimosa. Rabugenta. Voluntariosa. Do contra. Anormal. Abominável. Intratável. Imoral. Ambiciosa. Escandalosa. Geniosa.*

– *Feia* não é nada – disse a diva. – *Bela… Essa* é uma palavra perigosa.

– A beleza a agarra depressa e a mata devagar – disse a acrobata.

– Chame uma garota de bela uma vez e tudo que ela desejará, para sempre, é ser chamada assim novamente – acrescentou a mágica.

Ela puxou uma corda comprida de seda de dentro da jaqueta, jogou uma extremidade da corda por cima de um galho alto da árvore que pendia sobre o terraço e a prendeu em um caule mais baixo. Depois, subiu em uma cadeira sob a árvore e fez um laço na outra ponta da corda.

– Beleza é um nó de forca que você mesma põe em volta do seu pescoço – ela disse ao colocar sua cabeça no laço que preparara. – Qualquer idiota pode apertar o nó e chutar o seu apoio. E então… – Ela perdeu o equilíbrio e oscilou para a frente e para trás na cadeira. Mexendo os braços feito pás de um moinho, ela caiu. A corda vibrou com um som repugnante. Seu corpo girou em círculos. Suas pernas chutaram desesperadamente.

Isabelle gritou, certa de que a mulher havia acabado de se matar, mas a mágica afrouxou o nó da corda, aterrissou de pé com um som surdo e caiu na risada.

– Esse foi um truque *terrível* – a diva a repreendeu, enquanto Isabelle levava uma mão ao peito. – Você quase matou a pobre garota de susto.

– Que recepção horrorosa – disse a atriz, fazendo cara feia para a mágica. Então ela se dirigiu a Isabelle: – Posso servir uma xícara de chá para você, querida? Um pedaço de bolo?

– N-Não. Não, obrigada – Isabelle respondeu, tentando acalmar seu coração acelerado. – Preciso voltar. Vim porque encontrei uma coisa, ou melhor, meu cavalo encontrou. Isto pertence a você, eu acho. – Ela puxou o colar do bolso e o entregou à diva. – Estava caído na grama, perto dos nossos estábulos.

A diva arquejou.

– Achei que o tivesse perdido para sempre! – exclamou, abraçando Isabelle. – Obrigada! – Ela prendeu as pérolas em volta do pescoço e as acariciou. – O marquês em pessoa me deu este colar. Tenho certeza de que ele também gostaria de lhe agradecer. Vá falar com ele, sim? Acho que ele está lá na clareira com o carpinteiro.

Isabelle correu os olhos pelo gramado, colina abaixo, até o palco. Parecia uma longa caminhada e seu pé estava doendo.

– Tudo bem se eu for a cavalo até a clareira? – ela perguntou, indicando Martin com um movimento de cabeça.

– É claro! – afirmou a diva. – E, Isabelle?

Isabelle se lançou sobre a sela, e então se virou.

– Sim?

– Você voltará, não? Para ver nossa peça quando estiver pronta?

– Eu adoraria – Isabelle disse timidamente.

– Excelente! Mandaremos um convite para você. Adeus! – a diva falou, acenando para ela.

– Adeus – Isabelle respondeu. Ela estalou a língua e Martin começou a atravessar o gramado.

A diva observou Isabelle se afastar, seu sorriso desaparecendo do rosto. A ela se juntaram a mágica e a atriz. As três ficaram em silêncio, com testas franzidas. Nelson desceu de um galho da árvore para o ombro da diva.

– Tem *certeza* de que encontrou o certo? – a diva disse por fim.

A mágica assentiu.

– Tenho certeza. Demorei três dias para encontrá-lo. Fui para todo lado. Fui a quatro vilarejos. Por fim, ele estava bem debaixo do meu nariz, desde o começo.

– Caçar garotos. Seu esporte favorito – a atriz disse, ácida.

Os lábios da mágica se curvaram em um sorriso malévolo.

– Eles têm *mesmo* um cheiro delicioso.

– Fate sabe o que nós sabemos – a diva falou. – Chance precisa permanecer um passo à frente dela. É melhor isso dar certo.

– Sim. É melhor – Chance concordou, surgindo atrás delas. – Acabei de ver o mapa dela…

A mágica se virou para ele, com preocupação no fundo de seus olhos.

– A data da morte dela… – ela disse.

– A caveira… – a diva falou ao mesmo tempo.

Chance assentiu, infeliz.

– Está dois tons mais escura.

QUARENTA E QUATRO

Martin caminhou vagarosamente pela clareira, parando aqui e ali para arrancar um bocado de grama ou mordiscar um arbusto.

– Será que você pode *se comportar*? – Isabelle o repreendeu, puxando as rédeas. – Ao menos uma vez na vida?

Enquanto se aproximavam do teatro, Isabelle observava a estrutura. Dava para ver que seria um local pequeno, mas elegante, completo, com bastidores, coxia e proscênio.

O carpinteiro, ela notou, ainda estava em pé na escada, martelando algo. Ele era esguio e alto, e seus fartos cabelos castanhos estavam presos na nuca. Sua camisa branca estava encharcada de suor; sua calça azul estava salpicada de aparas de madeira. Ansiosa para encontrar logo o marquês, Isabelle lançou um olhar ao redor do teatro, para as pilhas de madeira em frente à estrutura, para a bancada de trabalho entulhada de serras e brocas, mas não o viu.

Ele não está aqui; não pode estar, raciocinou. *Ele é espalhafatoso demais, escandaloso demais para passar despercebido.*

Seu olhar foi atraído pelo carpinteiro. Havia algo familiar na curva de seus ombros e no modo tranquilo como ele se equilibrava na escada, absorto em seu trabalho, ignorando o perigo. Por um instante, ela teve a certeza de que o conhecia, mas então balançou a cabeça ao pensar nisso. Maman nunca permitira que ela falasse com operários.

No entanto, ela decidiu falar com aquele, para ver se ele sabia onde estava o marquês.

Ela tinha acabado de se inclinar para a frente a fim de chamá-lo quando aconteceu um acidente. Um enorme corvo se lançou de uma árvore e atingiu Martin, batendo as asas na cara dele, enfiando as garras afiadas em seu focinho.

Martin recuou, apavorado, mas a ave não o largava. Ele relinchou, girou e pinoteou, tentando se livrar do pássaro. Isabelle perdeu o equilíbrio e ficou pendurada de cabeça para baixo na sela. Sua bota prendeu no estribo quando ela caiu e foi arrancada, rasgando sua meia e abrindo a ferida. Ela aterrissou de cara no chão, produzindo um ruído surdo ao bater o queixo. Martin saiu trotando na direção das árvores, ainda desferindo coices e tentando se livrar da ave.

Durante alguns segundos, tudo ficou branco. Mas então ela recuperou os sentidos e, com eles, veio a dor. Era estranho, mas Isabelle estava feliz por sentir dor. Sabia que só quando não se sente nada, quando não se sente as pernas, por exemplo, o caso é grave.

Gemendo, ela rolou e deitou de costas. Pouco depois, abriu os olhos e se assustou ao ver um rosto examinando-a. Embora estivesse embaçado e distorcido, parecia ser o rosto de um garoto.

Ou talvez, ela pensou, *eu esteja morta e seja o rosto de um santo. Como aqueles da igreja do vilarejo, com seus malares proeminentes e olhos tristes. Ou talvez seja o rosto de um anjo. Sim, era isso. O rosto de um anjo, trágico e bondoso.*

– Estou morta, anjo? – ela perguntou, fechando os olhos de novo.

– Não. E eu não sou um anjo.

– Santo?

– Não.

– Garoto?

– Sim.

Houve uma pausa, e então o garoto disse:

– As pessoas perdem os dedos o tempo todo, sabe. Perdem braços e pernas. Olhos e orelhas. Isso não é motivo para se matar. Era isso que você estava fazendo, não? Tentando se matar?

Quem é você, garoto?, Isabelle se perguntava. Mas ele não lhe deu chance de verbalizar a pergunta.

– Teve sorte que seu pé se soltou do estribo – ele continuou. – Você podia ter sido arrastada. Quebrado uma perna. Ou o pescoço. Martin é um animal terrível. Por que não está montando Nero? Ele teria partido aquele pássaro ao meio.

Como aquele garoto sabia de Martin? E de Nero?

Isabelle forçou seus olhos a abrirem. Devagar, eles focaram o rosto do garoto. Agora ela sabia por que os olhos dele pareciam familiares. Por que ela achava que já o tinha visto antes. Porque tinha. Todos os dias de sua infância. Subindo em árvores. Duelando com esfregões. Brincando de piratas.

Ela ainda o via toda noite em seus sonhos.

– Barba Negra – ela sussurrou.

– Anne Bonny – o garoto disse com uma mesura. E com o mais tímido e triste dos sorrisos.

QUARENTA E CINCO

– HÁ QUANTO TEMPO, RAINHA PIRATA.

Isabelle estava com medo de falar, não sabia ao certo o que sairia de sua boca. Ela só acenou com a cabeça o melhor que pôde, considerando que estava deitada de costas, esticada.

Ele está mais velho, ela pensou. *Mais alto. Tem malares bem marcados e barba espetada no maxilar. Sua voz está mais grossa, mas seus olhos continuam exatamente iguais, aquele tom desbotado de azul-índigo. Olhos de artista. Olhos de sonhador.*

Ela queria esticar a mão e tocar aquele rosto que conhecia tão bem, correr os dedos pelo contorno de seu queixo, seus lábios. Perguntar como ele arranjara a pequena cicatriz acima do maxilar direito.

– Félix – ela disse, se sentando.

– Isabelle.

– É tão… hum… – Ela procurou uma palavra. – … *maravilhoso* vê-lo novamente.

Félix olhou para ela, preocupado.

– Talvez você não devesse se levantar. Eu vi a queda. Você bateu a cabeça. Está enxergando direito?

– Estou bem – Isabelle tranquilizou-o, ficando em pé. E então ela gritou. Uma dor, aguda e quente, subiu por sua perna quando ela apoiou o peso no pé machucado.

– Acho que você deveria se sentar – Félix disse, observando o pé dela.

Isabelle seguiu o olhar dele. Sua meia branca tinha uma mancha vermelha. A dor da queda fora tão grande que ela não percebera que estava sangrando. Félix segurou sua mão e o calor do seu toque, a sensação da pele dele na sua, a fez sentir tontura outra vez.

Ele a conduziu até um banco de pedra sob uma árvore. Ela se sentou, procurando Martin com o olhar. Ele comia grama ruidosamente em uma sombra, as rédeas pendendo em seu pescoço.

– Ele tem uns arranhões no focinho. Nada de mais – Félix disse.

– Obrigada. Estou bem agora. Não quero atrapalhar – Isabelle disse, forçando um sorriso. – Você tem um palco a construir.

– Tenho. E o marquês quer que fique pronto logo. Ele está nos pagando, a mim e ao meu mestre, bem por isso.

– Seu mestre?

– Mestre Jourdan. O carpinteiro de Saint-Michel. Ele me contratou um mês atrás.

Isabelle digeriu aquela informação. Félix estava de volta a Saint-Michel. Ela não sabia se devia ficar feliz, animada, furiosa ou tudo isso ao mesmo tempo com a notícia.

– Então você agora é carpinteiro – ela disse, tentando soar indiferente. Em vez disso, soou ridícula. *Ele corta tábuas e as prega, tenha dó!,* ela ralhou consigo mesma. *O que mais ele seria?*

Félix assentiu.

– Aprendi o ofício com outros carpinteiros. Em outros vilarejos.

– Você estava sempre entalhando, eu me lembro. Queria ser escultor. Como Michelângelo.

– Eu queria muitas coisas – Félix disse timidamente, baixando os olhos para suas mãos calejadas e cheias de cicatrizes.

Instalou-se um silêncio incômodo. Isabelle queria acabar com aquilo. Desejava gritar com ele, alegar que ela também queria muitas coisas. Perguntar por que ele mentira. Mas o orgulho a impediu.

Félix olhou para cima. Seus olhos encontraram os dela. E então seu olhar desceu até a meia dela, manchada de sangue.

– Fiquei sabendo disso – ele falou. – De tudo; do príncipe, de Ella, do sapatinho de cristal.

Isabelle olhou para cima. O pássaro que assustara Martin estava pousado em um galho acima deles.

– Nunca vi um corvo tão grande – ela comentou, tentando mudar de assunto.

Félix olhou de relance para o pássaro; e então voltou a fitá-la.

– Por que fez isso? Por que mutilou metade do seu pé?

Isabelle empalideceu.

– Já ouviu falar em conversa fiada, Félix?

– Nunca fui de ficar de conversa fiada com você, e não é agora que vou começar. Por que fez isso?

Isabelle não queria falar sobre o assunto. Não com ele. Mas Félix não desistiria.

– Isabelle, perguntei…

– Eu *ouvi* – Isabelle explodiu, sentindo-se acuada.

– E então, *por quê*?

Porque você foi embora. E levou tudo com você, ela refletiu. *Meus sonhos. Minhas esperanças. Minha felicidade.*

Mas ela não podia admitir tal pensamento para ele; mal podia admitir tudo isso para si mesma.

– Para conseguir algo, *alguém…* que eu deveria desejar – ela replicou por fim.

Félix recuou.

– Fez isso consigo mesma por alguém que você *deveria* desejar?

– Sabe como Maman é. Eu não conseguia mais lutar contra ela. Não depois de ter perdido tudo que am… – Ela deixou a palavra pela metade. – Não depois de ter perdido tudo que era importante para mim. Não depois de ter me tornado a meia-irmã feia.

– Feia? De onde tirou essa ideia? Nunca achei você feia – disse Félix. – Eu gostava da sua risada. Dos seus olhos. Gostava dos seus cabelos também. Ainda gosto. É avermelhado, como um esquilo.

– Meu cabelo parece um esquilo? – Isabelle indagou, incrédula. – Essa é sua ideia de elogio?

– Adoro esquilos – Félix emendou, dando de ombros. – Eles são briguentos. E inteligentes. E lindos.

Com isso, ele colocou sua bolsa no chão de novo e se ajoelhou ao lado de Isabelle. Depois, ergueu a barra da saia dela e arrancou sua meia.

– Ei! – ela exclamou. – O que está fazendo?

Félix segurou o calcanhar dela.

– Meu Deus – ele disse com voz embargada.

Isabelle ficou horrorizada. A cicatriz estava arroxeada e em carne viva; parte dela estava aberta e sangue brotava dali. Ela tentou puxar o pé da mão dele, mas ele estava agarrando firme.

– Me solte! – ela gritou, tentando cobrir o pé com a saia.

– Está sangrando. Tenho curativo e remédio. Estou sempre me cortando.

– Não importa!

– Me deixe cuidar disso.

– Não!

– Por quê?

– Porque… porque é humilhante!

Félix se sentou nos calcanhares.

– Já vi seus pés antes, Isabelle – ele disse, gentil. – Costumávamos andar pelo córrego juntos, lembra?

Isabelle cerrou os punhos. Não era a vergonha de seus pés desnudos que a incomodava. Era o fato de Félix enxergar mais que seus pés; ele enxergava dentro dela. Ele sempre conseguira fazê-lo. E ela se sentia absurdamente vulnerável diante do olhar dele.

– Só me *solte*!

– Não. Entrou terra na ferida – Félix constatou, baixando o pé dela. – Se não fizermos nada, vai infeccionar. E daí você terá que cortar fora a perna toda. Acho que nem mesmo *você* conseguiria lidar com isso.

Isabelle se rendeu, derrotada. Ela se esquecera do quão teimoso ele podia ser. Félix foi até uma árvore próxima, pegou uma bolsa de couro e o cantil de água que estava ao pé da árvore, e os levou até Isabelle.

Ele abriu o cantil e lavou o ferimento. Depois abriu a bolsa e despejou seu conteúdo. Formões se esparramaram. Lápis, goivas, uma lima, réguas.

E um soldadinho de cerca de duas polegadas de altura.

Isabelle o pegou.

– Você fez isto? – ela perguntou, contente por abordar outro assunto que não a besteira que ela fizera com seu pé. E com sua vida.

– Esculpo soldadinhos em meu quarto à noite – Félix explicou. – Já fiz um exército inteiro, com pelotões de atiradores, fuzileiros,

granadeiros, seus comandantes… Está quase completo. Só tenho que esculpir alguns oficiais.

– O que fará com eles? – Isabelle perguntou.

– Vou vendê-los. A um nobre, como brinquedo para seus filhos. A um comerciante ou banqueiro rico. A quem pagar o meu preço.

Isabelle examinou o soldadinho de perto.

– É um soldadinho incrível, Félix – ela elogiou, maravilhada. Lindamente entalhado e pintado com esmero, o objeto era tão realista que dava para ver os botões de seu casaco, o gatilho de seu rifle e a determinação em seus olhos.

– Para variar um pouco e deixar os caixões de lado – Félix disse, triste. – Às vezes acho que teremos que cortar todas as árvores da França para termos caixões suficientes para enterrar todos os mortos.

Isabelle baixou o soldadinho.

– Está tão ruim assim? – ela perguntou baixinho.

Félix assentiu.

– O que será de nós?

– Não sei, Isabelle.

Alguns garotos teriam lhe contado uma história feliz de como o exército do rei venceria, é claro que venceria, só para não perturbar sua sensibilidade feminina. Não Félix. Ele jamais suavizara as coisas. Ela sempre amara isso nele.

Pelo menos isso não mudou entre nós, ela pensou, saudosa. *Ainda que todo o resto tenha mudado.*

Ele continuou vasculhando suas coisas até enfim encontrar o que procurava: um rolo de faixas limpas e um frasquinho de vidro. Pingou umas gotas do conteúdo do frasco no ferimento de Isabelle. Ardeu. Ela berrou. Ele a ignorou e enfaixou cuidadosamente o machucado.

– De nada – ele disse quando terminou. Então arrancou a bota e a meia do outro pé dela.

– *Félix* – Isabelle disse. – Você não pode simplesmente sair por aí arrancando as meias das garotas. É impróprio.

Félix resfolegou.

– Não tenho interesse em pés, em especial nos suados. E, a propósito, *não* saio por aí arrancando meias de garotas. Só as suas.

Ele puxou as pernas dela e as esticou, colocando seus pés lado a lado, com os calcanhares apoiados no chão.

– O que está *fazendo*?

– Talvez uma coisa, talvez nada – ele retorquiu, tirando medidas e as anotando em um pedaço de papel com um toco de lápis.

Quando terminou, ele colocou as meias e as botas de volta nela. Então ele se levantou e contou que o marquês era um empregador bondoso, mas impaciente, e que era melhor ele voltar ao trabalho. Isabelle também se levantou e o convenceu de que estava bem o suficiente para voltar cavalgando para casa. Juntos, eles foram até Martin.

– Olá, seu velho sacana. Sentiu a minha falta? – Félix disse para o cavalo.

Martin levantou a cabeça. Ergueu as orelhas. E o mordeu. Félix riu.

– Vou considerar isso como um sim – ele disse, dando tapinhas no pescoço do animal.

Isabelle notou que os olhos de Félix brilhavam. *Cavalos velhos ainda o faziam chorar. Isso também não havia mudado,* ela pensou. *Nem tornava mais fácil odiá-lo.*

Ela montou na sela mais uma vez e pegou as rédeas de Martin.

– Obrigada, Félix. Por dar um jeito em mim – agradeceu.

Félix, coçando as orelhas de Martin, não respondeu imediatamente.

– *Amava* – ele disse enfim.

– O quê? – Isabelle perguntou, enfiando os pés nos estribos.

– Agora há pouco você disse *Não depois de ter perdido tudo que era importante para mim*. Mas ia dizer *Não depois de ter perdido tudo que amava*.

– E daí? – Isabelle perguntou com cautela. – Que diferença faz?

– Faz diferença porque já cheguei a pensar… – Os olhos dele encontraram os dela. – Que eu era uma dessas coisas.

E, de repente, Isabelle perdeu toda a compostura que vinha se esforçando muito para manter. Como ele *ousava* dizer aquilo, depois do que tinha feito?

– E as pessoas dizem que *eu* é que não tenho coração? Você é cruel, Félix! – ela gritou, sua voz falhando de raiva.

– *Eu?* – Félix disse. – Mas eu não fiz…

– Não, você não fez. E foi aí que o problema começou. Adeus, Félix. Mais uma vez.

Isabelle virou Martin para o outro lado e tocou com os calcanhares nas laterais do corpo dele. Martin deve ter percebido que ela estava irritada, pois obedeceu ao comando de imediato, iniciando um meio-galope. Em instantes, eles atravessaram a clareira.

Isabelle se afastou sem olhar para trás nenhuma vez.

Félix fez o mesmo.

QUARENTA E SEIS

Na floresta de Wildwood, Fate se inclinou sobre uma área coberta de cogumelos, fantasmagóricos com seus talos delgados à pálida luz da lua crescente.

Ela arrancou um robusto.

– *Amanita virosa*, o anjo destruidor. Terrivelmente venenoso, Losca – ela disse, entregando o cogumelo à criada. – E essencial para o preparo de qualquer tinta com um tom esverdeado, como *Ciúme*, *Inveja* ou *Rancor*.

Fate havia trazido do palácio algumas tintas, e estava preparando outras, mas precisava ter o mapa de Isabelle de volta em suas mãos para poder usar tais tintas. *Ter Isabelle em minhas mãos também seria útil,* ela pensou. *Como posso convencê-la de que é tolice lutar contra o destino se nem ao menos a conheço?* Chance já tinha conseguido se encontrar com a garota duas vezes. Fate sabia que precisava puxar Isabelle com firmeza para a sua órbita. Mas como?

– Preparando tinta hoje à noite? Mesmo sem ter o mapa dela? – indagou uma voz na escuridão.

Losca grasnou de susto. Fate, que não se assustava com facilidade, se virou.

– Chance? – ela chamou, perscrutando as sombras.

Ouviu-se um zunido e então uma luz fúlgida e flamejante se acendeu. Três tochas ardentes iluminavam Chance, sua mágica e seu cozinheiro.

– Que surpreendentemente otimista! – Chance cutucou-a.

Fate deu uma risada desdenhosa.

– Como está a caveira? Aquela no mapa de Isabelle? Ficou mais clara, por acaso?

Chance olhou para ela, furioso.

– Não achei mesmo que tivesse ficado.

– Estou ganhando – Chance disse, empinando o queixo. – Eu dei a ela um pedaço do seu coração. O garoto a ama e ela ama o garoto. O amor já mudou o curso de muitas vidas.

– Ouvi dizer que o encontro não saiu tão bem como planejado – disse Fate, com um sorriso malicioso. – Disseram que eles não caíram exatamente nos braços um do outro.

– Da próxima vez que eu vir aquele corvo, darei um tiro nele – Chance rosnou, lançando um olhar ameaçador para Losca.

– Você ganhou uma batalha, não a guerra – Fate falou com arrogância. – É fácil amar o que é amável. Isabelle consegue amar quando dói? Quando tem um preço? Quando o preço desse amor pode ser a sua própria vida?

– Mortais não nascem fortes, eles se tornam fortes. Isabelle também será forte.

– Você é muitas coisas – disse Fate, balançando a cabeça. – Mas acima de tudo, você é cruel.

– E você é chata, madame – Chance disse, provocador. – Tão chata que, se dependesse de você, todo mundo iria para a cama às oito da noite com um copo de leite quente e um prato de madeleines. Não percebe que a coragem de se arriscar, de ousar, de jogar uma moeda de ouro para cima outra e outra vez, de ganhar ou perder, é a característica que faz os humanos serem humanos? Eles são frágeis criaturas condenadas, cegos feito minhocas, e ainda assim mais corajosos do que os deuses.

– Desafiar as Fate é difícil. Comer madeleines é fácil. A maioria dos mortais escolhe as madeleines. Isabelle também escolherá – Fate disse.

Enquanto ela falava, a lua desapareceu atrás de uma nuvem.

– Está ficando tarde. Já passou da meia-noite – constatou Fate. – Há criaturas perigosas à solta na floresta a esta hora, e eu e minha criada precisamos voltar para a segurança da fazenda da Madame LeBenêt.

O xale de Fate estava preso na dobra de seus braços; ela o puxou para cima e o colocou sobre os ombros. Seus olhos cinzentos pousaram nas três chamas que ardiam no ar perto de Chance e seus amigos. De repente, ela sorriu.

– Está tão escuro sem a lua. É bem difícil encontrar o caminho assim. Posso pegar uma tocha emprestada? – ela perguntou.

Chance hesitou.

– Tenha dó! – Fate ralhou. – Você certamente não negaria a uma senhora idosa uma ajuda para iluminar o caminho dela até sua casa, não é?

Chance assentiu e a mágica entregou sua tocha a Fate.

– Boa noite, marquês – despediu-se Fate. – E obrigada.

Chance observou enquanto ela se afastava, segurando a tocha à sua frente, com a criada andando apressada atrás de si. Ele não conseguia ver o rosto dela nem ouvir sua voz enquanto ela ganhava distância. Se conseguisse, teria percebido o quanto fora tolo.

– Sim, *há* criaturas perigosas à solta na floresta esta noite, Losca – Fate confabulou com sua criada. – E nenhuma delas é mais perigosa do que eu.

QUARENTA E SETE

O BÊBADO OSCILAVA PARA A FRENTE E PARA TRÁS com tamanha intensidade que parecia que ele estava de pé em um barquinho no mar bravio.

A garrafa de vinho que entornara, aquela que o fizera se sentir tão feliz uma hora antes, agora se agitava dentro de si feito água infiltrando o casco de um navio.

Era culpa de *alguém* o que havia acontecido com ele. Tinha que ser. Não sabia ao certo de quem, mas descobriria e esse alguém pagaria por isso.

Ele perdera o emprego naquele dia, porque seu empregador o pegara roubando. Então ele se embebedara com dinheiro emprestado e voltara cambaleando para casa. Sua esposa o botara para fora quando ele lhe dissera que não tinha sobrado dinheiro para alimentar os filhos. “Vá para o inferno!”, ela gritara. E agora lá estava ele, andando aos tropeços por uma estrada solitária em plena madrugada, já na metade do caminho.

Mas espere… o que era aquilo? Pessoas? Elas zombavam, gritavam. Elas atiravam punhados de lama. Em quê?

O bêbado se aproximou depressa com suas pernas vacilantes e viu que era uma casa – não, uma mansão. A lua havia saído de trás de uma nuvem, e ele podia ver que a propriedade estava toda fechada e escura.

– O que estão fazendo? – perguntou a um garoto baixinho e rústico, de olhos pequenos e dentes estragados.

– As meias-irmãs feias moram aqui – o garoto respondeu, como se fosse a única explicação necessária. Então pegou uma pedra e a arremessou contra a porta principal.

As meias-irmãs feias! O bêbado já tinha ouvido falar delas. Ele conhecia a história. *Que audácia a delas*, ele pensou. *Serem más*

quando garotas devem ser agradáveis. Serem feias quando garotas devem ser belas. Era um insulto. A ele! Ao vilarejo! A toda a França!

– Vingue-se – sussurrou uma voz atrás dele.

Ele se virou, perdeu o equilíbrio e caiu de cara. Tentou se levantar algumas vezes sem sucesso, mas, quando finalmente conseguiu ficar de pé de novo, viu quem havia falado com ele: uma senhora idosa gentil, vestida de preto, com uma cesta pendurada no braço e um corvo empoleirado no ombro. Ela segurava uma tocha.

– O que disse, vovó? – ele perguntou.

– Aqui está você no meio da rua, sem um centavo e sozinho. E lá estão elas, em uma mansão grande e confortável. Cada uma delas é uma megera, iguaizinhas à sua esposa. Como elas o envergonham, essas mulheres. Você devia fazê-las pagar por sua insolência.

O bêbado revirou tais palavras em sua mente. Um brilho, fraco mas perigoso, iluminou seus olhos injetados.

– Sim, sim, farei isso. Agora mesmo! – ele disse, com o dedo em riste. Mas então seu dedo baixou, pouco a pouco, até ficar pendurado frouxamente ao lado do seu corpo. – Mas como?

– Você parece ser um cara esperto – afirmou a velha senhora.

– Ah, eu sou, vovó, eu sou – ele concordou. – Você não encontrará ninguém mais esperto do que eu.

A velha senhora sorriu.

– Sei que achará um jeito – ela falou.

E entregou a tocha a ele.

QUARENTA E OITO

Isabelle, sentada sobre as pernas dobradas no assento sob a janela do seu quarto, piscava olhando a lua crescente prateada que brincava de se esconder atrás de nuvens translúcidas à deriva.

Ela estava bem cansada, mas não conseguia ir para a cama. Nem havia se trocado ainda.

As pessoas tinham vindo naquela noite novamente, para gritar e zombar e atirar objetos contra a casa. Elas parariam depois de um tempo, quando percebessem que ninguém abriria a porta, e por fim ficariam entediadas, mas até lá, ela não dormiria. Até lá, permaneceria acordada e alerta, espiando por entre as lâminas da persiana de tempos em tempos visando garantir que a multidão não avançasse demais no jardim, ou descesse a colina e fosse na direção dos animais.

Isabelle torcia para que o barulho não acordasse Maman e a deixasse irritada. Tavi ficaria bem. Ao contrário da janela de Isabelle, que era voltada para o jardim da frente e para o caminho de entrada, a dela dava para os terrenos dos fundos. Ela não ouviria nada.

Isabelle bocejou. Seu corpo queria dormir. Ela havia trabalhado desde que voltara do Château Rigolade até o pôr do sol, só parando um pouco para comer ao meio-dia.

Tinha esfregado o chão da cozinha, batido os tapetes para tirar o pó, lavado as janelas, enxugado os degraus, arrancado as ervas daninhas do jardim, podado as roseiras. Feito toda e qualquer coisa que a impedisse de pensar em Félix, que a impedisse de se lembrar de seus olhos bondosos e de seu sorriso assimétrico. De suas mãos gentis. De como seus cachos escapavam do rabo de cavalo e desciam por sua nuca. Da linha do maxilar coberta por barba de um dia. Das sardas sobre o lábio superior.

Pare com isso, ela repreendeu a si mesma. *Já.*

Era uma traição aquele desejo. Como alguém pode desejar exatamente a pessoa que a havia magoado mais do que qualquer outra em toda a sua vida? Era como desejar beber um copo de veneno, pegar uma cobra, apontar uma arma carregada para a própria cabeça.

Isabelle se forçou a pensar em outra coisa, mas logo se arrependeu, pois só recordações do outro desastre do dia encheram sua mente. Os insultos das crianças do orfanato soaram em seus ouvidos. Assim como o guincho indignado da madre superiora.

Ela não estava nem perto de encontrar um pedaço do seu coração, e os presentes de Tanaquill pesavam muito em seu bolso, pois a faziam se lembrar de seu fracasso.

Mas ainda tinha a esperança, embora muito frágil, de ser bonita. Ela só precisava achar outro jeito de conseguir a ajuda da rainha fada.

Tavi fez geleia, pensou. *Eu poderia levar um pouco para um idoso inválido… se eu conhecesse algum. Poderia fazer meias e levar para os soldados do Coronel Cafard… mas não sei tricotar. Ou cozinhar sopa e levar para alguém doente, ou para um refugiado, ou para uma família pobre com um monte de filhos… mas não sou uma cozinheira muito boa.*

Ainda olhando pela janela, Isabelle suspirou fundo.

– Como faz isso, Ella? Como você sempre consegue ser tão boa? Até para mim? – Encostou sua cabeça cansada na parede. Gritos, risos e palavras feias chegavam até ela vindas lá de fora. Ela sabia que não deveria dormir, mas não achou que fechar os olhos tivesse algum problema. Só por um minuto.

Isabelle apagou instantaneamente. Enquanto dormia, sonhou com muitas coisas. Com Tanaquill. Com o marquês. Com a mágica pendurada em sua corda de seda. Com um macaco usando pérolas. Com Félix.

E com Ella.

Ela estava de volta à Maison Douleur, diante da lareira, usando um vestido feito de trapos. Seu rosto e suas mãos estavam sujos de cinzas. Isabelle ficava muito feliz em vê-la, mas Ella não aparentava felicidade. Ela andava de um lado para o outro, assustada.

– Acorde, Isabelle – ela chamou com um senso de urgência. – Você precisa sair.

Um fogo ardia na lareira e, assim que ela proferiu tais palavras, ele aumentou. As chamas escapavam pelos lados da lareira e subiam até o aparador. Isabelle tossia. Era difícil respirar. Seus olhos ardiam. A fumaça, espessa e asfixiante, preenchia o ambiente. Línguas de fogo lambiam as paredes e o teto. O cômodo começava a escurecer e enrolar nas bordas, como se não fosse um cômodo real, mas apenas uma gravura.

– Isabelle, acorde!

– *Estou* acordada, Ella! – Isabelle gritava, andando freneticamente em círculos. As chamas estavam devorando tudo em seu caminho. Um lampião a querosene explodiu. Vidraças estilhaçaram. As cortinas incendiaram com um zunido estrondoso.

– Vá, Isabelle! *Depressa!* – Ella gritou. – Salve-as!

E então Isabelle observou, horrorizada, as chamas engolirem também a sua meia-irmã.

– Ella, não! – ela gritou, tão alto que acordou do sonho. Seu coração batia forte contra suas costelas. Ela ainda podia sentir o calor do fogo, ouvir as mesas e cadeiras de madeira estalando nas chamas. Era difícil de enxergar; sua visão estava embaçada de sono. Isabelle esfregou os olhos com as mãos, tentando clarear a visão.

– Era tão *real* – ela sussurrou.

Ela se levantou. O piso estava quente sob seus pés descalços. Seus olhos ardiam. Com um choque assustador, ela percebeu que não era o sono que estava embaçando sua visão; era a fumaça.

O fogo… não era um sonho – era real. Meu Deus, era *real!*

O pavor a fez atravessar o quarto às pressas.

– Maman! Tavi! – gritou, escancarando a porta de seu quarto. – Acordem. Corram. *Corram!* A casa está pegando fogo!

QUARENTA E NOVE

– Isabelle? – Tavi murmurou. – O que foi? O que está… – Ela não teve tempo de terminar a frase.

– Fogo! – Isabelle gritou, arrancando a irmã da cama. – Saia! Vá!

Ela correu para fora do quarto de Tavi e pelo comprido corredor que levava ao quarto de sua mãe.

– Maman! MAMAN! – chamou, irrompendo no quarto da mãe.

Maman não estava dormindo. Estava diante da penteadeira, experimentando um colar.

– Pare de gritar, Isabelle. Não são modos de uma dama – ela repreendeu.

– A casa está pegando fogo. Temos que sair – Isabelle disse, agarrando a mão da mãe.

Maman puxou a mão de volta.

– Não posso ir assim. Não estou vestida de acordo.

Isabelle pegou a mãe pelo pulso e em parte a convenceu, em parte a arrastou pelo corredor afora. No topo da escada, elas encontraram Tavi. Ela tinha os braços cheios de livros e mirava o incêndio no andar inferior, paralisada de medo.

– Está tudo bem, vamos conseguir – Isabelle confortou-a. – Olhe para a porta, Tavi. Não olhe para as chamas.

Tavi assentiu, inexpressiva, e seguiu Isabelle quando a irmã começou a descer os degraus. Os vidros das janelas estilhaçavam com o calor. O ar entrava através das vidraças quebradas, alimentando o fogo, soprando as chamas para o saguão. As três mulheres tinham que cruzar o saguão para chegar à porta de entrada e ficar em segurança.

– Podemos fazer isso. Fiquem perto – Isabelle disse.

– Não quero ir lá fora! – Maman protestou. – Meu cabelo está um horror!

– Ficará muito pior torrado! – Isabelle respondeu, segurando a mãe com mais força.

Isabelle continuou descendo a escada curva, puxando Maman atrás de si, forçando Tavi a seguir em frente. Quando chegaram ao saguão, as chamas já dominavam a metade do cômodo.

– O que faremos? – Tavi gritou.

– Correremos – Isabelle respondeu. – Vá, Tavi. Você primeiro.

De cabeça baixa, Tavi disparou pelo saguão. Isabelle suspirou aliviada ao vê-la desaparecer pela porta de entrada. Agora era a sua vez. Ela apertou mais o pulso da mãe e deu alguns passos na direção da saída.

Quando fez isso, uma rajada de vento que entrava por uma janela quebrada jogou uma cortina drapeada em chamas contra as duas. Por instinto, Isabelle ergueu as mãos para se proteger, soltando a mão da mãe.

Maman aproveitou a oportunidade. Com um grito animalesco, subiu outra vez a escada.

– Maman, *não*! – Isabelle gritou, correndo atrás dela.

Ela encontrou a mãe de volta em seu quarto, escovando os cabelos freneticamente. Isabelle arrancou a escova da mão dela.

– Olhe para mim! – ela disse, baixando as mãos da mãe, forçando Maman a olhá-la nos olhos. – O fogo está destruindo a mansão. Você *tem* que vir comigo.

Maman se levantou. Ela agitava as mãos no ar.

– O que vestirei? O quê, Isabelle? Me diga! – Ela juntou um vestido do chão, um par de sapatos e os apertou contra o peito. Depois tirou o pesado espelho do gancho da parede. O vestido e os sapatos caíram no chão enquanto ela agarrava o espelho. – Não! – ela gritou, tentando pegá-los. O espelho escorregou de sua mão e tombou para a frente, imobilizando-a no chão.

– Pare com isso! – Isabelle implorou, tirando o espelho de cima dela.

Mas Maman não parava. Abandonou o vestido e os sapatos, mas agarrou o espelho mais uma vez e o levou para fora do quarto. Ela chegou até o patamar da escada antes de derrubar o objeto de novo. Ele atingiu o chão com um barulho alto que ecoou. Chorando, ela se sentou perto do espelho.

Isabelle espiou por cima do gradil. Sentiu um frio na barriga de medo quando viu que o fogo subia pelas paredes até o primeiro andar. E também lambia os degraus da escada.

– Maman, não podemos levar o espelho – Isabelle disse, seu pânico aumentando.

Mas a mãe apenas olhou para o espelho com tristeza.

– Não posso deixá-lo. Sem ele não sou nada. Ele me diz quem eu sou.

O coração de Isabelle batia forte contra as costelas. Cada fibra de seu ser lhe dizia para correr. Mas ela não o fez. Em vez disso, ela se sentou ao lado da mãe.

– Maman, se não largar o espelho, você morrerá.

A mãe balançou a cabeça, obstinada.

– Maman – Isabelle continuou, com a voz embargada –, se você não largar o espelho, *eu* morrerei.

Será que a mãe se importava com isso? Isabelle não sabia. Ela não passava de decepção. Será que alguma vez na vida conseguira agradar Maman em vez de apenas deixá-la irritada?

Maman olhou para a filha. No fundo gélido de seus olhos, algo se partia e se transformava. Isabelle percebeu isso e viu que a mãe não era capaz de impedir o que estava acontecendo.

– Você é forte. Tão forte – Maman disse. – Notei isso quando você era apenas um bebezinho. Isso sempre me assustou, sua força. Eu a embalava em meus braços e pensava: *Existe um lugar neste mundo para uma garota forte assim?*

Debaixo delas, uma enorme viga de madeira que sustentava o teto cedeu e despencou no saguão, levando consigo grande parte do segundo andar. O barulho foi ensurdecedor; a poeira e a fumaça que encheram o ar eram cegantes. Isabelle cobriu a cabeça com os braços e gritou. Quando a poeira baixou, espiou por cima do gradil novamente e viu um buraco de bordas recortadas escancarado no piso do saguão, perto da escada. Na escuridão, com o fogo devastando tudo ao redor dele, o buraco parecia um portal para o inferno.

– Maman… *por favor* – ela implorou.

Mas a mãe, ainda olhando para o espelho, não pareceu escutá-la.

O estômago de Isabelle doía de pavor. Mas outra emoção nasceu dentro dela, superando o pavor: ódio.

Quantas vezes a mãe a chamara ao seu quarto, a fizera ficar parada diante daquele mesmo espelho e a olhara por cima do ombro? Fazendo cara feia, desapontada ao ver como o vestido dela sobrava aqui ou franzia ali? Desaprovando suas sardas, seu sorriso torto, seus cabelos rebeldes?

Quantas vezes Isabelle erguera os olhos para o próprio reflexo no espelho e vira uma garota esquisita e triste a encarando?

Aquele espelho, e todos os outros daquela casa, haviam lhe roubado a confiança, felicidade, força e coragem, repetidas vezes. Ele havia roubado sua alma; agora queria sua vida.

Em algum lugar da casa, outra vidraça estilhaçou. O som do vidro se quebrando informou com precisão a Isabelle o que ela tinha que fazer. A jovem se levantou, arrancou o espelho das mãos da mãe, e, com um grito selvagem, o arremessou por cima da balaustrada. O espelho atingiu o piso de pedras no andar inferior e se partiu em um milhão de pedacinhos brilhantes.

– Não! – Maman gritou, se debruçando sobre a balaustrada. Ela olhou fixamente para as chamas durante longos segundos, e depois se voltou impotente para Isabelle.

– Levante-se, Maman – Isabelle ordenou, segurando a mão dela. – Vamos sair.

Juntas, elas desceram os degraus mais uma vez. Quando chegaram à base da escada, viram que a maior parte do saguão havia desaparecido. Só restava uma faixa estreita junto à parede, apoiada no barrote em chamas. Um passo em falso e elas cairiam para uma morte incandescente.

Isabelle conduziu Maman ao longo do que restava do piso, encostadas na parede o tempo todo. Quando chegaram perto da porta, tiveram que saltar por cima de um buraco de sessenta centímetros de largura onde o piso havia cedido por completo, e então saíram e encontraram uma Tavi soluçante que corria ao encontro delas.

Isabelle rapidamente puxou a mãe e a irmã para longe do inferno e para a segurança protetora da tília. Sob os galhos da árvore, com roupas chamuscadas, rostos manchados de fuligem e braços

envolvendo umas às outras, as três mulheres observaram o fogo devastador que derrubou as paredes da Maison Douleur e levou o telhado pesado ao chão, destruindo tudo que elas possuíam, o passado e o presente delas.

– E, com alguma sorte – sussurrou uma velha senhora toda de preto que observava a cena escondida nas sombras –, o futuro delas também.

CINQUENTA

Quando o sol nasceu na manhã seguinte, Isabelle estava de pé sob a tília, olhando para a pilha de carvão em que sua casa se transformara.

Seu vestido estava encharcado. Mechas de cabelo úmido grudavam em sua pele. Uma chuva matinal pesada havia apagado as chamas, mas não antes de um vento forte levar brasas ardentes pelo jardim até o galinheiro e através da janela aberta do palheiro.

Tavi escancarara a porta do galinheiro e espantara as aves para a segurança do quintal. Agora elas tinham desaparecido na mata. Isabelle conseguira tirar Martin dos estábulos antes que o fogo atingisse o local. Ele estava sob a tília com elas, chacoalhando gotas de chuva de sua crina. Tavi e Maman estavam sentadas com as costas apoiadas no tronco da árvore, dormindo debaixo das mantas de cavalo que Isabelle conseguira salvar dos estábulos.

Tudo na mansão tinha sido destruído: roupas, móveis, comida. Qualquer dinheiro em papel que Maman tivera agora não passava de cinzas; qualquer moeda ou joia provavelmente havia derretido ou estava desesperadoramente enterrada sob pilhas de pedras quentes e vigas fumegantes.

Nenhum vizinho apareceu para ajudá-las, para ver se estavam feridas, para oferecer comida ou abrigo. Elas estavam totalmente sozinhas. Destituídas. Sem amigos. Isso apavorava Isabelle muito mais que o fogo.

Gelada da chuva e morta por dentro, Isabelle não sabia como conseguiriam comer naquele dia ou onde teriam abrigo para passar a noite. Não sabia como dar o próximo passo. Não conseguia ver um rumo a tomar.

Havia mais de uma hora que ela estava de pé, segurando os cotovelos e observando em silêncio as colunas de fumaça subindo

pelo céu. Então ouviu o som de cascos e o rangido de rodas e saiu de debaixo da árvore para ver quem era.

– Isabelle, é você? – uma voz perguntou. – Minha nossa, criança! O que aconteceu aqui?

Isabelle viu um cavalo velho e uma carroça ainda mais velha, lotada de repolhos, rangendo na direção dela. Segurando as rédeas estava Avara LeBenêt. Sentada ao seu lado, com o rosto crispado de preocupação e olhos negros tão brilhantes e agitados quanto os de um abutre, estava Tantine.

CINQUENTA E UM

– Foi um incêndio – Isabelle contou, inexpressiva. – Destruiu tudo.

Tantine levou a mão enrugada ao peito.

– Isso é terrível. Terrível, menina!

– Aqui se faz, aqui se paga – fungou Madame LeBenêt.

– Como começou? – Tantine perguntou.

– Não sei – Isabelle replicou, levando a mão à testa. – Acordei e o andar de baixo estava em chamas.

– Deve ter sido uma fagulha da lareira. Ou uma brasa que rolou para fora da grade – Tantine disse. – Onde está sua mãe? E sua irmã?

– Estão ali embaixo, dormindo – Isabelle respondeu, apontando para a tília.

– Que horrível. Você está encharcada. E com frio também, a julgar pela sua aparência. Vocês têm para onde ir?

Isabelle balançou a cabeça em negativa, mas então um pensamento lhe ocorreu.

– Talvez o marquês possa nos ajudar. Seu *château* é tão grande. Só precisamos de um quarto no sótão. Poderíamos…

Tantine ficou pálida. Ela pôs-se de pé num salto, assustando Madame LeBenêt e Isabelle.

– De jeito nenhum! – declarou. – Não quero nem saber. O marquês é um homem de moral frouxa, minha querida. Ele mora com várias mulheres, e nenhuma delas é sua esposa. Não vou ficar só olhando enquanto duas jovens são corrompidas por aquele patife!

– Mas ele parece ser tão… – *Bom,* Isabelle ia dizer.

Contudo, Tantine ergueu a mão e a fez se calar. Então se virou para Madame LeBenêt.

– Elas devem ficar conosco, Avara. Somos o vizinho mais próximo.

Avara LeBenêt quase se engasgou.

– Mais *três* bocas para alimentar, Tantine? Com uma guerra em curso e alimentos tão escassos?

Isabelle pensou nas fileiras de repolhos nos campos dos LeBenêt. Nas galinhas rechonchudas do poleiro deles. Nos galhos das ameixeiras curvados para o chão, pesados de tantos frutos. Ela não gostava da ideia de aceitar caridade daquela mulher rude e sovina, mas sabia que não tinha escolha. *Por favor, Tantine*, ela implorou mentalmente. *Por favor, a convença.*

– Sim, é um fardo – Tantine concordou. – Mas você é uma mulher generosa, Avara. Uma mulher que sempre pensa primeiro nos outros.

Madame LeBenêt assentiu vigorosamente, como alguém que aceita um prêmio, ou algo do gênero, algo que não merece.

– Tem razão. Sou bondosa *demais.* Essa é minha ruína.

– Veja o que ganhará com este arranjo: três pares de mãos incrivelmente necessitadas para trabalhar na fazenda – Tantine argumentou. – Todos os seus familiares se juntaram ao exército. Só Hugo ficou para trás, por causa de sua visão ruim. Seus repolhos apodrecerão nos campos se você não conseguir levá-los para o mercado.

Avara examinou Isabelle de cima a baixo. Semicerrou os olhos. Tirou um pedaço de comida dos dentes com a unha do dedão.

– Tudo bem – concordou por fim. – Você e sua família podem vir para a fazenda e eu darei comida a vocês se – ela ergueu um dedo – *se* vocês prometerem trabalhar duro.

Isabelle quase chorou de alívio. Elas poderiam se secar. Se aquecer diante da lareira da fazenda. Talvez até houvesse uma tigela de sopa quente para elas.

– Trabalharemos *muito* duro, madame. Prometo – ela disse. – Eu, Tavi, Maman, Martin… todos nós.

Madame LeBenêt balançou a cabeça.

– Não, de jeito nenhum. A oferta não inclui seu cavalo.

Isabelle olhou de Madame LeBenêt para Tantine, suplicante.

– Mas não posso deixá-lo aqui – ela disse. – Ele é velho. Precisa de aveia. E de uma baia seca para dormir.

– Viu, Tantine? Já estão se aproveitando de mim – Madame LeBenêt criticou, apontando para Isabelle.

– Duvido que o animal coma muito – Tantine lhe garantiu. – E você pode usá-lo também.

Madame cedeu.

– Sim, acho que sim – ela respondeu e indicou seu próprio cavalo atrelado à carroça. – O Louis aqui está acabado.

Porque você o matou de tanto trabalhar, Isabelle pensou, olhando para a pobre criatura esquelética. *E fará o mesmo conosco.* A percepção calou fundo dentro dela.

– Está combinado então – Tantine declarou com um sorriso de satisfação.

– Vão para a fazenda – mandou Madame LeBenêt. – Falem com Hugo, que está colhendo repolhos. Ele lhes dirá o que fazer. – Ela estalou as rédeas no lombo de Louis. – Tantine e eu precisamos levar esta carga até o mercado.

– Obrigada, madame – Isabelle agradeceu enquanto a carroça se afastava. – Obrigada por nos abrigar em sua casa.

Madame LeBenêt resfolegou.

– *Casa?* – ela indagou por cima do ombro. – Quem foi que disse alguma coisa sobre casa? Vocês dormirão no palheiro e serão gratas por isso!

CINQUENTA E DOIS

Fate olhava fixamente para o restinho de café fraco em uma caneca lascada repousando sobre a mesa à sua frente. E para a ponta de pão duro para molhar no café. Havia um pequeno jarro de creme perto da caneca. Nada de açúcar. Nada de biscoitos. Nada de brioches fofinhos e quentinhos.

– Talvez eu tenha sido radical no uso da minha *Seca-Alma* no mapa de Avara LeBenêt – ela comentou consigo mesma, tamborilando os dedos sobre a mesa.

A *Seca-Alma* – uma tinta preta, seca e empoeirada – era versátil. Podia gerar avareza, ou, se aplicada devidamente, encolher a alma. Também era útil para dobrar o impulso artístico, mas era preciso ter cautela; um pouco apresentava grande efeito.

Fate fechou os olhos e imaginou uma xícara de porcelana delicada cheia de café fumegante feito de grãos escuros e brilhantes. Um prato de biscoitos amanteigados de anis. Uma poltrona de veludo em que pudesse descansar seus velhos ossos.

Ah, bem, não demoraria muito até que ela deixasse Saint-Michel para sempre. Ela fizera progresso. Um bêbado idiota havia incendiado a Maison Douleur para ela, e Isabelle e sua família agora estavam desamparadas. Elas estavam presas ali na fazenda dos LeBenêt, o que significava que Fate podia controlar a garota. Chance não tinha mais vantagem.

Ela se levantou, foi até a pia antiga de pedra e despejou o café no ralo. Lavou a caneca, enxugou-a e saiu da casa. Avara e Hugo já estavam nos campos; Isabelle, Tavi e a mãe delas também.

Quando Fate se curvou para admirar os botões de fim de verão em uma roseira sem poda que subia pela parede da casa, Losca pousou acima dela, no telhado.

A velha feia sorriu, feliz em ver a astuciosa criatura.

– Por onde você andou? Espetando camundongos do campo com seu bico afiado? Roubando filhotes dos ninhos? Arrancando os olhos de coisas mortas?

Losca sacudiu as penas. Mal se contendo de empolgação, ela começou a tagarelar. A velha escutou, extasiada.

– Trezentos quilômetros a oeste daqui? Volkmar está se movendo depressa; isso é bom. Quanto antes ele estiver atrás de nós, melhor.

Losca balançou a cabeça. E então tagarelou mais um pouco.

Fate riu.

– Mas então são *duas* boas notícias! O cavalo está com uma viúva, é isso? E os estábulos estão caindo aos pedaços? – A velha assentiu. – Então ela provavelmente não tem muito dinheiro. Algumas moedas já bastarão. Não posso fazer eu mesma o serviço… Sangue demais… Mas conheço um homem que pode. Bom trabalho, minha garota! Chance encontrou o primeiro pedaço do coração de Isabelle e colocou o garoto no caminho dela, mas o cavalo é um pedaço que ele não encontrará. E sem os três pedaços, ela não conseguirá a ajuda de Tanaquill.

Ela enfiou a mão no bolso da saia.

– Aqui está! – exclamou, puxando para fora uma aranha desengonçada. Ela a jogou para Losca, que agarrou o inseto no ar com avidez.

Fate rumou para o celeiro. Ela pediria a carroça emprestada a Hugo a fim de se locomover até o vilarejo e colocar em ação seu plano para o cavalo. Ela estava satisfeita, certa de que era apenas uma questão de dias, duas semanas no máximo, até que pudesse partir daquela casa.

Volkmar se aproximava.

E ela queria estar bem longe quando ele chegasse.

CINQUENTA E TRÊS

Isabelle se endireitou – o rosto voltado para o sol – e se alongou, tentando aliviar a dor nas costas.

Suas mãos calejadas estavam tão imundas quanto suas botas. O sol havia bronzeado seus braços e acrescentado sardas ao seu nariz e às suas bochechas, apesar do velho chapéu de palha que ela usava. Suas saias estavam puxadas e amarradas acima dos joelhos para que não ficassem se arrastando na terra.

– Isabelle, Octávia, meu cabelo está bom? E se uma condessa ou duquesa vier nos visitar? – Maman perguntou, ansiosa.

– Ah, com certeza alguma delas virá, Maman. Afinal, canteiros de repolho são o destino favorito da nobreza – Tavi disse.

– Seu cabelo está lindo, Maman. Agora pegue a faca e corte alguns repolhos – Isabelle disse, lançando à irmã um olhar de censura.

Ao fazê-lo, ela notou que Tavi, que estava a uma fileira de distância, mas bem atrás dela, se inclinava sobre um repolho e o examinava atentamente.

Nenhum vegetal pode ser tão interessante assim, Isabelle pensou.

– Tavi, o que está fazendo? – perguntou, pulando da sua fileira para a da irmã.

– Nada! – Tavi respondeu depressa. – Estou só cortando um repolho!

Mas não estava. Ela havia esticado uma grande folha externa de repolho e usava uma pedra pontuda para rabiscar equações na folha.

– Não me admira que esteja atrasada! – Isabelle repreendeu a irmã.

Tavi deixou a cabeça pender.

– Desculpe, Iz – ela pediu. – Não posso evitar. Estou tão entediada que poderia chorar.

– Entediada é melhor do que morta, que é o que você vai estar se não comer, *de novo,* porque não conseguimos encher a carroça – Isabelle a censurou.

Madame LeBenêt decretara que as três mulheres deveriam encher a grande carroça da fazenda de repolhos todos os dias ou não ganhariam jantar.

– Desculpe – Tavi repetiu.

Ela parecia tão infeliz que Isabelle amoleceu.

– Você e eu podemos ficar sem uma refeição ou duas, mas não Maman. Ela está piorando.

As duas garotas lançaram olhares preocupados na direção da mãe. Maman, sentada no chão, ajeitava os cabelos, alisava seu vestido esfarrapado – o mesmo vestido de seda que usava na noite do incêndio – e conversava animadamente com as cabeças de repolho. Suas bochechas estavam mais encovadas. Seus olhos estavam baços. Parecia que seus cabelos ficavam mais grisalhos a cada dia.

Desde a chegada delas na fazenda, ela só havia escapado mais para o passado. Os poucos momentos de clareza que tivera nos degraus da Maison Douleur tinham sido engolidos pelas chamas e não retornaram mais. Isabelle culpava o trauma pela perda de sua casa e de todos os seus bens, bem como a vida dura que elas levavam agora. Mas ela sabia que tinha mais coisa envolvida; Maman achava que havia falhado na tarefa mais importante de uma mãe – ver suas filhas bem casadas – e essa falha a desequilibrara.

Isabelle havia acordado assustada em sua primeira noite no palheiro, certa de que um camundongo passara correndo sobre sua bochecha, mas fora Maman. Ela estivera sentada ao seu lado, afastando os cabelos de seu rosto.

– O que será de vocês? – ela sussurrara. – Minhas pobres filhas. A vida de vocês acabou antes mesmo de começar. Vocês são trabalhadoras braçais com rostos sujos e vestidos de trapos. Quem irá querê-las agora?

– Vá dormir, Maman – Isabelle dissera, assustada.

Sua apavorante mãe estava desaparecendo diante de seus olhos. Sempre fora difícil viver com Maman. Difícil lidar com sua constante desaprovação, sua raiva, suas regras rígidas. Mas independentemente do que acontecesse, Maman sempre fizera o necessário para ter suas contas pagas. Duas vezes viúva, ela dera um jeito de manter um teto sobre suas cabeças e comida em seus pratos. Agora, pela primeira vez, era Isabelle quem precisava fazê-lo. Às vezes com a ajuda de Tavi, frequentemente sem. E isso também era difícil.

Elas haviam chegado à propriedade dos LeBenêt uma semana antes, depois de salvar o que conseguiram de seu celeiro: mantas de cavalo, duas cadeiras de madeira, duas selas e rédeas. Por um milagre, a carroça de madeira não havia queimado, mas elas tinham demorado horas para tirá-la de lá, pois parte do teto do celeiro havia desabado sobre o veículo. Depois de carregar a carroça com seus pertences, elas atrelaram Martin e rumaram para a fazenda dos LeBenêt. Quando chegaram, Madame e Tantine já haviam retornado do mercado. Madame as pusera imediatamente para trabalhar.

Elas haviam aprendido a colher repolhos, desenterrar batatas e cenouras, alimentar porcos e ordenhar vacas.

Tavi se mostrara ainda menos habilidosa com animais do que era com repolhos, então Madame lhe encarregara de preparar o queijo. Era responsabilidade dela cuidar do leite nos barris de madeira no galpão de laticínios conforme o líquido azedava e coalhava, mexendo os coágulos delicadamente com uma comprida pá de madeira, e então colocando o produto em formas para que se transformassem em queijo. Era a única tarefa que Tavi fazia com entusiasmo, já que a transformação do leite em queijo a fascinava.

Os dias eram longos e difíceis. As refeições eram parcas, os confortos inexistentes. As camas eram as mantas de cavalo espalhadas sobre a palha. Os banhos ocorriam uma vez por semana.

Com um sorriso amargo, Isabelle se lembrou de quando perguntara a Madame, no fim do seu primeiro dia de trabalho na fazenda, se podia se banhar.

– Claro – Madame dissera. – O lago dos patos é todo seu.

Isabelle achara que ela estivesse brincando.

– O *lago dos patos*? – ela repetira.

– Esperava uma banheira de cobre e uma toalha turca? – Madame retrucara com um sorriso malicioso.

Isabelle fora até o lago. Suas mãos estavam cheias de bolhas; terra entrara debaixo de suas unhas. Seus músculos doíam. Ela fedia a fumaça, suor e leite azedo. Seu vestido estava duro de tanta sujeira.

As margens do lago não ofereciam privacidade, e Isabelle era tímida demais para se despir à vista dos outros, então simplesmente tirou as botas e meias, colocou a mandíbula, a casca de noz e a vagem de sementes dentro de uma das botas, e entrou na água totalmente vestida. Ela tiraria a roupa quando voltasse ao palheiro e a deixaria secando durante a noite. Sua combinação secaria no corpo durante o sono. Aquele vestido era tudo o que ela tinha. Os vestidos de festa de seu guarda-roupa, as sedas e cetins que Maman havia escolhido cuidadosamente para impressionar os pretendentes, agora não passavam de cinzas.

O lago brotava de uma nascente, e a água era tão fria que fizera Isabelle perder o fôlego, mas também deixara dormentes suas mãos machucadas e seu corpo dolorido. Ela soltara a fita suja que prendia sua trança, enfiara a cabeça na água e esfregara o couro cabeludo. Quando emergira, Madame estava passando por ali.

– O jogo virou, não é mesmo? – ela zombara, olhando uma Isabelle encharcada de alto a baixo. – Se a sua meia-irmã pudesse vê-la agora… como ela riria.

– Não, acho que não – Isabelle replicara, torcendo a água dos cabelos.

– É claro que riria!

Isabelle balançou a cabeça em negativa.

– Eu riria. Mas Ella? Nunca. Era essa a força dela, e a minha fraqueza.

Ela enfiou a cabeça na água novamente. Quando voltou à superfície, Madame havia sumido.

Ela observou as andorinhas cortando o ar e escutou sapos e grilos. Ela pensou em Tanaquill e na possibilidade de ajuda que ela oferecera, e tal coisa lhe pareceu mais distante do que as estrelas. Como ela encontraria os pedaços de seu coração quando tudo o

que fazia, dia após dia, era colher repolhos? Ela pensou nas pessoas que haviam incendiado sua casa, que jamais a deixariam se esquecer de que ela não era nada além de uma meia-irmã feia.

Talvez não haja saída para mim, ela pensou. *Talvez eu devesse dar um jeito de viver assim.*

Aquele certamente fora o conselho de Tantine. *Ah, criança*, ela dissera na noite posterior ao incêndio, *nossos destinos geralmente são difíceis, mas devemos aprender a aceitá-los. Não temos escolha.*

Talvez a velha senhora estivesse certa. Um sentimento de desamparo se abateu sobre Isabelle desde sua chegada à fazenda dos LeBenêt. Sua vida agora se resumia a vacas e repolhos, e parecia que seria assim para sempre.

– Já é quase meio-dia e vocês ainda não encheram meia carroça – disse uma voz a algumas fileiras atrás, arrancando Isabelle de seus pensamentos.

O ânimo de Isabelle, já abatido, piorou ainda mais. Ali estava alguém que fazia Tantine parecer uma otimista despreocupada.

Era Hugo, o filho de Madame LeBenêt.

CINQUENTA E QUATRO

Os ombros de Isabelle subiram até suas orelhas.

– Eu *sei* que ainda não enchemos a carroça, Hugo. Obrigada – ela retrucou, sarcástica.

Hugo piscou, olhando para ela através das grossas lentes dos seus óculos.

– Só estou comentando.

– É, está sim.

Havia muitas questões desagradáveis na nova vida delas: fome, exaustão, dormir no palheiro abafado, limpar o esterco das baias das vacas, mãos grossas e cheias de bolhas que estouravam e vazavam. No entanto, nada era mais desagradável do que o grosseiro e mal-humorado Hugo. Ele não gostava de Isabelle nem de Tavi e aproveitava cada chance que tinha para deixar isso claro.

– Se não encherem aquela carroça, não ganharão sopa esta noite – ele disse.

– Você poderia nos ajudar. Seria mais rápido. Já teríamos terminado a esta altura – Tavi sugeriu.

Hugo balançou a cabeça.

– Não posso. Preciso afiar o arado. E depois…

– Hugo! Ei, Hugo! – uma voz o chamou, interrompendo sua frase pela metade.

Hugo, Isabelle e Tavi se viraram para ver uma carroça que avançava pelo caminho de entrada. Dois rapazes a conduziam. Isabelle sabia quem eram eles: soldados cumprindo ordens do Coronel Cafard. Eles trabalhavam na cozinha do acampamento e vinham todos os dias buscar vegetais.

– Agora vocês têm que ajudar Claude e Remy – pontuou Hugo. – Vocês duas. Foi minha mãe quem disse. Isso levará uma hora. Vocês ficarão com fome mais uma vez esta noite.

Hugo disse isso sem malícia ou alegria, apenas com total resignação, tal qual um velho prevendo chuva.

– Você poderia nos dar um pouco do seu jantar. Poderia levar escondido para a gente no palheiro depois que escurecer – Tavi sugeriu.

– É sopa. Como eu levaria sopa escondido?

– Pão, então. Leve um pouco de pão para a gente. Enrole no seu guardanapo quando ninguém estiver olhando e enfie no bolso.

O rosto de Hugo ficou mais triste.

– Eu gostaria que vocês nunca tivessem vindo para cá. Vocês estão sempre pensando em… em *coisas* – ele disse. – Não deveriam fazer isso. Garotas não deveriam. Os homens é que devem pensar. *Eu* é quem devo pensar em levar pão escondido para vocês.

– Então pense a respeito! Pense em levar para a gente um pouco de queijo. Um pouco de presunto. Pense em *alguma coisa* antes que a gente morra de fome! – Tavi explodiu.

– Ei, Hugo! Onde estão as batatas? – Claude perguntou. – O cozinheiro disse que temos que levar batatas e cenouras hoje. Ei, Isabelle. Ei, Tavi. Ei, Madame de la Paumé.

Maman, que ainda falava com os repolhos, ficou em pé.

– Suas Excelências – ela saudou com uma mesura reverente. – Viram, garotas? – ela acrescentou, imponente. – Compensa manter as aparências. O papa veio nos visitar, acompanhado pelo rei da Espanha.

Claude e Remy trocaram olhares, confusos.

– Deixem pra lá – Isabelle disse a eles.

Hugo indicou com a cabeça a direção de onde eles tinham vindo.

– É uma nuvem de poeira e tanto aquela que vocês levantaram na estrada – ele disse aos rapazes. A estrada ficava a oitocentos metros de onde a dupla estava e uma sebe alta bloqueava a visão deles, mas acima da cerca-viva eles conseguiam ver uma enorme massa de poeira subindo no ar.

– Aquilo não é coisa nossa – Remy disse. São mais feridos.

Hugo tirou os óculos e limpou as lentes na camisa. Depois os recolocou e olhou para a nuvem de poeira novamente. Ela subia

cada vez mais alto no céu, girando feito uma tempestade em formação.

– Deve haver um monte deles – Hugo concluiu.

– Quilômetros de carroças e mais carroças – completou Remy. – Até onde a vista alcança. – Ele baixou os olhos para as rédeas em suas mãos. – Estamos perdendo.

– Vamos lá, Rem. É porque *nós ainda* não chegamos lá! – Claude se gabou, cotovelando o companheiro. – Farei Volkmar voltar correndo para a fronteira com minha espada enfiada em seu traseiro!

Remy sorriu, mas era um sorriso débil.

Isabelle sabia que os dois seriam mandados para o front em breve. Ela se perguntava se os veria novamente. Eles também seriam carregados por estradas esburacadas em uma carroça sacolejante com partes do corpo faltando? Ou acabariam em covas abertas às pressas e jamais veriam suas casas outra vez?

Tinham conversado um pouco nos últimos dias, ela, Remy e Claude, enquanto a moça ajudava a carregar a carroça deles. Ela ficara sabendo que Claude, de pele morena e olhos escuros, era do sul, de uma família de pescadores. Remy, de pele clara e loiro, era do oeste, filho de um tipógrafo que sonhava não apenas em imprimir livros, mas também escrevê-los um dia. Eles tinham querido tanto ser soldados quanto Isabelle havia desejado se casar com um príncipe. Mas ir para o campo de batalha não fora uma escolha deles, assim como a decisão de cortar fora seus dedos não fora sua.

Deixando Maman com os repolhos, Isabelle e Tavi ajudaram os rapazes. Hugo decidiu ajudar também. Quando o último saco de batatas fora carregado, Remy e Claude voltaram aos seus assentos.

– Vejo vocês amanhã – Hugo disse, semicerrando os olhos ao fitá-los.

Claude balançou a cabeça em negativa.

– Outras pessoas virão amanhã. Estamos partindo, Rem e eu.

Fez-se silêncio por um instante, então Hugo emendou:

– Então nos vemos quando vocês voltarem.

Remy engoliu em seco, então enfiou a mão por dentro da camisa e puxou uma correntinha prateada por cima da cabeça. Havia um

crucifixo pendurado nela.

– Se eu não… se eu não voltar, poderia entregar isto à minha mãe? – ele pediu a Isabelle, estendendo o objeto a ela. Remy lhe informou seu sobrenome e de que cidade viera. Parecia muito assustado e muito jovem ao fazer o pedido, e Isabelle alegou que não seria necessário, e tentou devolver o crucifixo, mas ele não o pegou de volta. Em vez disso, o rapaz a agradeceu.

– Não é nada. Eu… eu gostaria de poder fazer mais para ajudá-lo, para ajudar todos os soldados – ela comentou.

Remy sorriu para ela.

– O que você poderia fazer? Você é uma garota – ele provocou.

– Sou boa com uma espada; tão boa quanto você. Talvez melhor. Tenho praticado.

– Garotas não lutam. Fique aqui e colha os repolhos para nós, certo? Os soldados precisam comer.

Isabelle forçou um sorriso e acenou para eles. Claude e Remy avançaram com dificuldade pela fazenda e pelo caminho de entrada. Ela já havia voltado às fileiras de repolhos quando chegaram à estrada.

Durante vários e longos minutos, a garota os observou partir, segurando sua faca de colheita como se estivesse agarrando o cabo da espada de Tanaquill. Uma saudade terrível tomou conta dela ao fazê-lo, um desejo enterrado tão fundo que ela nem conseguia nomeá-lo mais. Era uma vontade mais intensa, profunda e feroz do que a necessidade de comida, um desejo que corria em seu sangue e ecoava em seus ossos.

Isabelle se virou e, com um suspiro profundo, se curvou novamente aos repolhos. Ela, Tavi e Maman ainda precisavam cortar muito mais se quisessem comer naquela noite.

Enquanto trabalhava, pensou em carroças vazias e barrigas vazias.

Ela não precisava pensar, no entanto. O desejo do estômago é fácil de satisfazer.

É o desejo dos nossos corações que nos mata.

CINQUENTA E CINCO

O CAIR DA NOITE ERA O HORÁRIO FAVORITO do dia para Isabelle.

E ela estava aproveitando o momento em seu lugar predileto, a floresta de Wildwood.

Isabelle havia cruzado as terras dos LeBenêt cavalgando Martin e apeado assim que chegaram à mata, visando conferir descanso ao velho cavalo. Enquanto andavam por entre as árvores, Isabelle respirava fundo o ar puro da floresta. Fazia anos que ela não botava os pés em Wildwood. Havia até se esquecido do cheiro inebriante da floresta: uma mistura de folhas úmidas em decomposição; agulhas de pinheiro resinosas; e as águas minerais escuras dos riachos rochosos que eles cruzaram. Ela gravava todos os marcos familiares enquanto passavam – a enorme rocha branca, a árvore partida por um raio, uma área com bétulas prateadas –, embora fosse capaz de encontrar seu caminho de olhos vendados.

Por fim, ela chegou ao seu destino – um caramanchão escondido bem no meio da floresta. Tudo estava exatamente como ela se lembrava – a cobertura de folhas, os arbustos emaranhados, até o pequeno coração. A imagem ainda estava lá, em um barranco coberto de musgos, formada por pedras e cascas de nozes. Algumas estavam faltando, mas a maioria ainda estava lá, desgastada pela chuva e pela neve.

Isabelle se sentou sobre o musgo macio e tocou as pedras. Ela havia se esforçado ao máximo para não pensar em Félix desde a sua visita à casa do marquês, mas agora tudo voltava depressa à sua mente. Ela conseguia vê-lo, e a si mesma, bem ali, como no dia em que haviam entalhado aquele coração.

Eles tinham sido melhores amigos. Almas gêmeas. Desde o dia em que sua mãe se casara com o pai de Ella e levara Tavi e Isabelle para morar na Maison Douleur. Ele era o filho do cavalariço e amava cavalos tanto quanto ela. Eles haviam cavalgado para todo lado

juntos, através de riachos e prados, até as profundezas de Wildwood.

Desde o início, Maman desaprovara. Dois anos antes, quando Isabelle completara quatorze anos, e Félix dezesseis, ela declarara que a filha já estava grandinha demais para continuar se comportando feito uma moleca. Era hora de deixar as cavalgadas para trás e aprender a cantar, dançar e fazer todas as atividades apropriadas para uma dama, mas Isabelle não queria nada daquilo. Ela continuara escapando com Félix sempre que podia. Ela o adorava. Amava. E então, um dia, descobriu que estava apaixonada por ele.

Eles tinham ido a cavalo até Wildwood e parado no topo do Vale do Diabo, um desfiladeiro arborizado. Por mais que gostassem de explorar, sabiam bem que não deviam ir ao Vale, pois era assombrado. Em vez disso, eles haviam se permitido ficar no barranco musgoso, comendo cerejas e bolo de chocolate que Isabelle havia afanado na cozinha.

Quando estavam terminando de comer, e Félix limpava uma mancha de sumo de cereja do queixo de Isabelle com a manga de sua camisa, ouviram um graveto se partindo atrás deles.

Lentamente, os dois se viraram. Um cervo castanho se atrevia a se aproximar deles. Era uma fêmea e estava a poucos metros de distância e, com ela, havia dois filhotes, ainda vacilantes com suas pernas compridas. Seus focinhos pretos e arredondados eram úmidos e brilhantes, as pelagens macias eram sarapintadas de branco, os olhos escuros eram enormes e confiantes. Enquanto a mãe pastava e os filhotes encaravam a dupla de animais estranhos sentada no barranco, Isabelle sentiu que seu coração explodiria de alegria. Ela nunca tinha visto algo tão belo. Instintivamente, esticou a mão na direção da mão de Félix. Ele a segurou e não a soltou, mesmo depois de o cervo ter ido embora.

A menina baixara o olhar para suas mãos e depois o olhara no rosto, de maneira inquisitiva, e ele lhe respondera. Com um beijo. Ela recuperara o fôlego e rira; e então o beijara.

Félix cheirava a tudo que ela amava: cavalos, couro, lavanda e palha.

Ele tinha gosto de cerejas e chocolate e garoto.

E parecia seguramente familiar e perigosamente novo.

Antes de irem embora, eles esculpiram juntos o coração. Isabelle ainda podia vê-los, lado a lado, posicionando as pedras e cascas de noz…

– Que imagem bonita – comentou uma voz ao lado de Isabelle.

Isabelle se sobressaltou; ela arquejou. As imagens desapareceram feito pétalas de rosa levadas pelo vento.

Tanaquill riu.

– Ah, a felicidade dos mortais – ela disse. – Tão efêmera quanto o crepúsculo, tão frágil quanto as asas de uma libélula. Vocês, pobres criaturas, conhecem a felicidade, perdem-na, e então passam o resto da vida se torturando com lembranças até que a idade os leva embora com uma morte lenta e indolor. – A rainha fada limpou uma mancha carmim do canto da boca com o dedão e o lambeu. – Uma morte rápida e sangrenta é melhor, na minha opinião.

– Você… você viu o que eu vi? – Isabelle disse, seu coração ainda aos pulos devido ao susto.

– Claro. O coração ecoa; o som fica no ar feito fantasma.

Tanaquill usava um vestido azul cintilante como asas de borboleta com debruns pretos. Uma coroa de rosas negras adornava sua cabeça; várias borboletas vivas estavam surpreendentemente pousadas sobre ela, suas asas diáfanas abrindo e fechando devagar.

– Já encontrou os pedaços do seu coração, Isabelle? – a rainha fada perguntou.

– Eu… eu preciso de mais tempo – Isabelle respondeu, torcendo para que Tanaquill não perguntasse o motivo. Ela não queria lhe contar como sua ida ao orfanato havia dado totalmente errado. – Agora acho que sei o que são esses pedaços, pelo menos. Bondade, gentileza e caridade.

Isabelle esperava que Tanaquill ficasse satisfeita por ela ter descoberto o que eram os pedaços, embora não os tivesse encontrado ainda, mas a rainha fada não gostou nada.

– Eu disse a você para encontrar os pedaços do *seu* coração; não de outra pessoa – ela proclamou com frieza.

– Estou tentando. Juro que estou! Eu…

– Atirando ovos em órfãos?

Isabelle baixou os olhos para suas botas, com as bochechas ardendo.

– Você ficou sabendo – ela disse.

– E o seu desejo… ainda é ser bela?

– Sim – Isabelle respondeu, resoluta, olhando novamente para cima.

Tanaquill se virou, rosnando, e então se voltou mais uma vez para Isabelle.

– Eu a observava quando você era criança. Sabia disso? – ela falou, apontando o dedo em garra para Isabelle. – Eu a vi duelar, se balançar em árvores, fingir ser generais… Cipião, Aníbal, Alexandre, o Grande. Nenhum *deles* desejou ser belo.

A frustração faiscou dentro de Isabelle.

– Alexandre não precisava ser belo – ela respondeu. – A mãe *dele* não o fazia usar vestidos ridículos nem dançar minuetos. Alexandre foi um imperador com vastos exércitos sob seu comando e um magnífico cavalo de guerra chamado Bucéfalo. Eu sou uma garota que mal consegue andar. E aquele é o *meu* magnífico cavalo de guerra. – Com um movimento de cabeça, ela indicou Martin, que, em sua avidez, havia se enfiado tanto dentro de uma moita de amoras que tudo que dava para enxergar dele era seu traseiro magro. – Ele e eu não invadiremos a Pérsia tão cedo.

Tanaquill parecia querer expressar mais alguma coisa, mas em vez disso permaneceu imóvel. Farejou o ar, escutou com atenção tal qual um animal, usando não apenas os ouvidos, mas a pele e os ossos.

Isabelle também escutou. Um graveto se partindo. Passos pesados sobre as folhas.

A rainha fada se voltou para Isabelle.

– Se empenhe mais, garota – ela aconselhou. – O tempo não está do seu lado.

E então ela desapareceu, e Isabelle ficou sozinha com quem quer que estivesse vindo. Poucas pessoas se arriscavam a entrar tão fundo nas matas de Wildwood ao cair da noite. Isabelle se lembrou do desertor que tentara roubar suas galinhas. Ele havia tentado matá-la; e tentaria de novo, ela tinha certeza.

Amaldiçoando a si mesma por ter sido idiota o bastante para ir tão longe sem espada, sem adaga, sem ao menos um canivete, Isabelle olhava ao redor freneticamente à procura de uma arma – um galho de árvore, uma rocha pesada, *qualquer coisa.* Então ela se lembrou dos presentes de Tanaquill. Enfiou a mão no bolso, esperando que algum deles se transformasse em algo que ela pudesse usar para se defender, mas eles continuavam sendo um osso, uma casca de noz e uma vagem de sementes.

Isabelle sabia que estava em apuros. Ela estava prestes a correr na direção de Martin a fim de tentar sair depressa da mata, quando uma figura emergiu das sombras, e seu coração traidor vacilou.

Não era um ladrão de galinhas que caminhava em sua direção, mas ainda assim era um desertor.

– E do pior tipo – Isabelle sussurrou.

CINQUENTA E SEIS

Félix não a viu imediatamente.

Estava ocupado demais semicerrando os olhos no crepúsculo. O que ele tentava enxergar Isabelle não fazia ideia.

O rapaz tropeçou em uma raiz de árvore, se endireitou, e então se espantou ao vê-la. Depois que o choque inicial de surpresa passou, um sorriso largo surgiu em seu rosto. Seus lindos olhos azuis se iluminaram.

Não fique feliz em me ver. Não sorria. Você não tem o direito, Isabelle disse mentalmente.

– Isabelle, é você? – ele indagou. – O que está fazendo aqui?

– Conversando com as fadas – Isabelle respondeu secamente. – O que *você* está fazendo aqui?

– Procurando uma nogueira tombada, ou pelo menos um galho bom e grosso.

– Por quê?

– Preciso de nogueira para esculpir meus comandantes. Para o meu exército de soldadinhos de madeira. Geralmente encontro aparas dos móveis que fabricamos na marcenaria. – A luz nos olhos dele diminuiu um pouco. – Só que não temos nenhum pedido de escrivaninha ou armário no momento. Apenas de caixões. Usamos pinho para isso.

Ele tirou a bolsa do ombro, colocou-a no barranco musgoso e sentou-se perto de Isabelle.

– Fiquei sabendo do que aconteceu com sua casa. Sinto muito.

Isabelle agradeceu. Ele perguntou como estava sendo morar com os LeBenêt. Isabelle disse que era melhor do que morrer de fome. A conversa poderia ter prosseguido com perguntas e respostas sucintas se os arbustos próximos não tivessem se agitado violentamente.

Félix se sobressaltou com o barulho.

– É só o Martin – Isabelle disse.

– Deixe-me adivinhar… Amoras – ele disse, rindo. – Lembra de quando ele comeu todo o balde de amoras que havíamos colhido para Adélie? – Félix se inclinou para trás ao falar, e sua mão pousou em uma das pedras que formavam o coração.

Ele se virou e ergueu a mão.

– Ainda está aqui… – constatou o garoto, observando a figura.

Seus olhos buscaram os de Isabelle, só por um instante, e o que ela viu no fundo dos olhos de Félix a fez perder o fôlego: dor, tão intensa e profunda quanto a sua própria.

Ela não esperava por aquilo. Não esperava que ele se lembrasse do coração e se perguntou se Félix se lembraria das outras coisas que haviam acontecido ali. Se ele se recordava, não dividiu suas lembranças. Seus olhos agora estavam focados em outra coisa, escondendo dela o que havia neles. Ele tinha aberto sua bolsa e procurava algo freneticamente.

– Tenho algo para lhe dar – ele disse, depressa, como se mudando de assunto para algo sobre o qual ninguém falara.

Ele pegou da bolsa as mesmas ferramentas de trabalho que Isabelle o vira tirar dali na casa do marquês, mas agora também estava mostrando outras coisas. Coisas estranhas: uma mão humana, metade de um rosto, um conjunto de dentes, dois globos oculares.

Os olhos da própria Isabelle se arregalaram de terror.

Félix notou. Ele riu.

– Não são *de verdade* – ele se explicou, pegando a mão e a estendendo para ela.

Isabelle segurou a mão, meio que esperando sentir seu calor. A pintura da pele era tão realista.

– Por que tem esses objetos? – ela perguntou.

– Eu os fiz. Agora estou fazendo muitas partes do corpo, com todos esses homens do acampamento do exército. A demanda por essas peças é tão grande que o Coronel Cafard não permite que eu me aliste. Eu tentei, mas ele disse que sou mais útil para o exército trabalhando para o Mestre Jourdan do que se estivesse trabalhando para ele.

Além disso, você não consegue atirar em linha reta, Isabelle pensou, lembrando-se de quando eles obtiveram permissão para atirar com as pistolas do padrasto dela. Félix havia acertado tudo, menos o alvo.

Félix continuou remexendo em sua bolsa, até finalmente tirar de lá um objeto e colocá-lo no colo de Isabelle.

– Aqui está. Este é para você.

Isabelle baixou a mão e mirou o que ele lhe havia dado. Era uma sapatilha de couro, costurada com destreza e esmero, com reforço e cadarço acima do arco. Ela a pegou. Era pesada.

– O que é isto? – ela perguntou.

Félix não respondeu. Em vez disso, pegou a sapatilha da mão dela, afrouxou o cadarço e tirou de dentro do objeto o que quer que fosse que o deixava pesado. Quando ele colocou a sapatilha de volta nas mãos de Isabelle, ela viu que era um bloco de madeira, entalhado no formato de dedos. Cada um deles era bem delineado, separado dos demais, lixado até ficar lisinho.

– Dedos… – ela disse, pensativa.

– Os *seus* dedos – Félix disse, pegando a peça da mão dela.

– É um presente inusitado. A maioria das garotas ganha doces. Ou flores.

– Você nunca foi como a maioria das garotas; agora é? – ele perguntou, soando irritado. Ele colocou os dedos de madeira novamente dentro da sapatilha, depois enfiou no calçado um pouco de lã de carneiro que tirara de dentro de sua bolsa. – Experimente – Félix sugeriu, entregando a sapatilha a ela mais uma vez.

Isabelle ergueu a saia e tirou a bota. Ela calçou a sapatilha e começou a amarrar o cadarço.

– Não está apertado o suficiente – Félix percebeu. – Tem que servir feito uma luva. – Ele se inclinou sobre ela, apertou mais o cadarço e deu um laço. – Fique de pé – ele falou quando terminou de amarrar.

Isabelle se levantou. A sapatilha servia melhor que uma luva; servia melhor que sua própria pele. Ela calçou novamente a bota.

– Dê um passo. Tome cuidado. Não se esqueça de que seu machucado abriu de novo quando você caiu do Martin – Félix disse, enfiando as partes de corpo de volta na bolsa.

Isabelle cerrou os punhos. Ele estava fazendo com que ela desejasse muito uma coisa. Mais uma vez. E se a sapatilha não desse certo? E se machucasse? E se só piorasse tudo? Ele tinha o dom de piorar a situação.

– Vamos lá, Isabelle. Você é mais corajosa que isso. Dê um passo.

A voz dele era desafiadora, instigante, mas Isabelle se conteve. Ele viu o medo da jovem, e ela não queria que Félix tivesse visto. Com cuidado, ela colocou o pé no chão, prendendo a respiração. Não doeu. Ela soltou o ar. Deu um passo. E depois mais um. O peso dos dedos entalhados era perfeitamente equilibrado. O ajuste do cadarço fazia os dedos se encaixarem no que restava de seu pé. Nada escorregava ou roçava. Ela jamais esperara poder caminhar sem mancar outra vez, e lá estava ela. Andando suave e facilmente.

Isabelle foi invadida pela felicidade e caminhou toda alegre de um lado para o outro.

– Vá devagar – Félix advertiu.

Ela correu de um lado para o outro.

– *Isabelle.*

Ela pulou no barranco musgoso uma, duas, várias vezes. Se equilibrou em seu novo pé. Girou. Saltou. Gargalhou. Entorpecida e animada, ela se esqueceu de tudo. Se esqueceu de que estava incomodada. Se esqueceu de que estava zangada.

– Obrigada, Félix. Obrigada! – ela exclamou, e então impulsivamente o enlaçou em seus braços.

Isabelle não viu os olhos de Félix se encherem de desejo enquanto ela o abraçava. Não viu que apenas por um instante ele pressionou sua bochecha contra a cabeça dela. Ela sentiu os braços dele rígidos parados ao lado de seu corpo, no entanto. Sentiu que ele se afastava dela.

Magoada, ela recuou.

– Isabelle, eu não posso… – Félix começou a dizer.

– Não pode o quê? Ficar tão perto? – Isabelle perguntou com voz rouca. – Não, certamente não deveria. Eu sou quebrada. E coisas quebradas arrancam sangue.

– Ou eu me afasto ou enlaço você em meus braços. E depois faço o quê?

Isabelle não conseguia acreditar no que acabara de ouvir.

– Este é algum tipo de brincadeira de mau gosto, Félix? – ela perguntou, irritada. – Acho que você deveria ir embora. Vá. Para o mais longe que puder.

– Eu já tentei isso – Félix retorquiu.

Então ele esticou a mão, vencendo a distância que os separava, e tocou a bochecha dela. Isabelle agarrou o pulso dele, na intenção de afastar sua mão. Em vez disso, seus dedos se entrelaçaram aos do rapaz. Ela se inclinou na direção da palma da mão de Félix, de sua proximidade, seu calor, baixando sua guarda.

– Não – ela disse. – Não é justo.

– Não, não é.

– Você disse que me amava, mas não era verdade. Você mentiu. Como pôde fazer isso? Como pôde mentir para mim, Félix?

Félix a beijou com lábios doces, tristes e amargos, e Isabelle retribuiu o beijo, agarrando a camisa dele e o puxando para si. Ele interrompeu o beijo, e ela olhou para cima, seus olhos buscando os dele, confusa.

– Isso é o quanto eu não a amava – ele disse com voz rouca. — Ainda não sei o quanto.

E então ele pegou sua bolsa e foi embora, deixando Isabelle sozinha na escuridão quase total.

– Está indo embora? – ela perguntou de longe para ele. – De novo?

– O que devo fazer? Deixar você partir meu coração mais uma vez?

– Eu? – ela cuspiu a palavra. – *Eu?*

Isabelle andou de um lado para o outro, furiosa. Então pegou uma noz que havia caído da árvore, redonda e verde em sua casca, e a atirou nas costas dele.

Errou muito feio.

CINQUENTA E SETE

– EU GOSTARIA DE RESERVAR UMA CARRUAGEM – Fate pediu à garota atrás do balcão. – Para Marselha. Para daqui a uma semana. Me informaram que eu conseguiria fazer uma reserva aqui.

Ela estava de pé no meio do saguão agitado da hospedaria do vilarejo. Os viajantes chegavam e partiam. Um gato se lamentava em uma cesta de vime. A criança que segurava a cesta chorava. Sua preocupada mãe tentava fazer os dois ficarem quietos.

– Sim, madame – respondeu a garota. – Para quantos passageiros?

– Só eu, minha criada e nosso baú. Meu nome é Madame Sévèrine. Estou hospedada na casa dos LeBenêt.

– Ótimo, madame – a garota disse, assentindo. – Farei os arranjos e enviarei um garoto até a fazenda para confirmar tudo. – Ela pousou as mãos sobre o balcão.

Fate franziu a testa. Ela não queria que seu pedido fosse esquecido ou saísse errado.

– É só isso? Você não deveria anotar em um livro de registros?

A garota sorriu. Ela tocou a lateral de sua cabeça.

– Este é meu livro de registros. Não sei escrever. Não se preocupe, madame. Enviarei a carruagem.

Fate ficara tão distraída com todo aquele barulho que não notara que os olhos azul-claros da garota eram voltados para cima e não enxergavam.

Ah, sim, a filha do dono da hospedaria… Odette, ela refletiu. Ela tentou evocar os detalhes do mapa da garota e se lembrou vagamente de uma vida infeliz. *Ela nunca conheceria o amor verdadeiro, não era isso?,* ela pensou. Bem, qualquer que fosse o destino traçado para ela, Volkmar certamente o havia alterado. A garota acabaria sendo uma vítima da guerra, como o resto dos moradores do vilarejo.

Fate agradeceu e se virou, ansiosa para sair logo daquela hospedaria barulhenta. Como era bom saber que logo ela diria adeus a Saint-Michel e ao assunto desagradável que a trouxera até ali. As circunstâncias estavam prestes a ficar mais desagradáveis. Muito mais.

– Já está indo embora? – indagou uma voz ao seu lado. – Você deve estar bem confiante. Nem imagino o motivo.

Aquele comentário acabou com o bom humor de Fate.

– Marquês – ela disse ao examiná-lo. – É sempre um prazer.

Chance estava elegante com seu chapéu preto, seu casaco amarelo-manteiga e seu culote caramelo. Ele ofereceu o braço a Fate e, juntos, deixaram a hospedaria.

– Onde está seu transporte? Eu a acompanho até lá – Chance disse.

Fate apontou para Losca, sentada no assento do condutor de uma carroça de madeira, segurando as rédeas de Martin, mais adiante na rua.

– Está ali. É tão confortável quanto estilosa.

Chance riu, e eles foram até lá. Ele inclinou sua cabeça na direção da senhora enquanto caminhavam.

– Só porque você incendiou a casa de Isabelle – ele disse em voz baixa – não significa que ganhará a aposta. Estabelecemos regras, lembra? Nenhum de nós pode forçar a garota a escolher.

Fate fingiu uma expressão inocente.

– Você certamente não acha que tem dedo *meu* naquilo, não?

– Só o dedo não, a mão toda – retrucou Chance. – Foi uma jogada inteligente, convidá-las a morar na fazenda dos LeBenêt. Mas eu também posso chamá-las para morar comigo. E assim o farei.

– Pode convidar, mas elas não aceitarão. Eu disse a elas que você é um homem de moral duvidosa.

– Então irei até lá falar com elas – Chance contra-atacou.

Fate sorriu, presunçosa.

– Não, acho que não. Ouvi dizer que existe uma jovem baronesa adorável que mora no vilarejo vizinho…

– Ah, é? – Chance disse, descontraído, tirando fiapos invisíveis de seu casaco.

– Ela é uma grande fã de carteado. E gosta de apostar beijos em vez de moedas… Uma tendência que seu marido reprova veementemente.

– Você nem pode *me* culpar pelo que aconteceu – Chance falou, aflito. – Ela não havia nem mesmo *mencionado* o marido!

– O barão é bom de tiro, ouvi dizer.

– Muito – Chance concordou com tristeza. – Ele acertou uma bala no meu chapéu favorito.

– Madame LeBenêt ficou sabendo da história, e a mãe das garotas também. Eu me certifiquei disso. Elas ficaram escandalizadas. Eu não colocaria os pés na fazenda se fosse você – Fate disse, então mudou de assunto. – A propósito, o que estava fazendo na hospedaria?

– Enviando um homem a Paris com o objetivo de buscar um champanhe decente – Chance respondeu. Mais uma roda de queijo Stilton. E um chá bom e forte. E os cartazes. – Seus olhos quentes encontraram os olhos gelados de Fate. – O interior é selvagem. Devemos concordar quanto a isso, pelo menos.

– De fato – Fate respondeu, pesarosa. – Recentemente, fui eu mesma a Paris buscar alguns agradinhos para suavizar a insipidez da vida com Madame LeBenêt.

– É assim tão ruim?

– A mulher é tão sovina que usa umas dez vezes os mesmos grãos de café moídos. Eu venderia minha alma por um bom bule de café. – Ela deu uma risadinha. – Isto é, se eu tivesse uma. Ah, marquês, se esses mortais soubessem, se eles tivessem o mínimo entendimento da sepultura e da eternidade que passarão lá dentro, eles comeriam chocolate no café da manhã, caviar no almoço e cantariam árias enquanto alimentam os porcos. O pior dia sobre a terra é melhor do que qualquer dia debaixo dela. Ah, bem. Em breve estaremos longe daqui. Pelo menos, *eu* estarei.

Eles chegaram à carroça. Chance cumprimentou Losca tirando o chapéu.

– Eu não teria tanta certeza – ele comentou. – Minha mágica esteve na floresta de Wildwood na noite passada e testemunhou um encontro pra lá de romântico. Ela já encontrou um pedaço de seu coração, faltam dois agora.

Fate o examinou e atestou com um sorriso sarcástico:

– Encontrar os pedaços de um coração demora. Como está a aparência da caveira? Sabe do que estou falando, não sabe? Aquela no canto inferior do mapa da jovem Isabelle. Quanto tempo ela ainda tem? Semanas? Dias?

Chance crispou os lábios. Os músculos de sua mandíbula ficaram tensos.

– *Dias*, sim. Acho que é isso – Fate ronronou. Ela deu um tapinha no braço dele. – Aproveite seu champanhe.

CINQUENTA E OITO

BETTE, RUMINANDO SUA COMIDA, piscou seus pacientes olhos castanhos.

– Boa menina, Bette – Isabelle parabenizou, dando tapinhas nas ancas da vaca.

Isabelle se sentou em um banco de madeira baixo, inclinou o rosto na direção da lateral do corpo quente e macio da vaca, e começou a ordenhá-la. A respiração lenta de Bette e o som ritmado do leite esguichando dentro do balde de madeira fizeram a cansada Isabelle se sentir ainda mais sonolenta. Ela mal havia pregado os olhos à noite. Imagens de Félix haviam ocupado sua mente; as palavras raivosas dele haviam ecoado em sua cabeça.

Como ele podia acusá-la de ter partido seu coração, se fora ele quem partira o dela?

As lembranças de Isabelle a arrastaram de volta no tempo para um lugar ao qual ela não queria ir. Depois que eles se beijaram em Wildwood, quando descobriram que estavam apaixonados, ela e Félix haviam decidido fugir. Eles sabiam bem que Maman nunca permitiria que ficassem juntos, então bolaram um plano: pegariam Nero e Martin e fugiriam a cavalo para a Itália. Félix arranjaria trabalho em Roma como aprendiz no estúdio de algum escultor. Isabelle passaria os dias dando aulas de montaria, e, à noite, ela e Félix visitariam as ruínas antigas da cidade, andariam por onde os Césares haviam caminhado, trilhando as mesmas estradas em que seus exércitos tinham marchado.

E quando Félix fosse um escultor, famoso e muito rico, eles viajariam à Mongólia e apostariam corrida de cavalo com os grandes chefes tribais. Observariam as águias caçando nas estepes russas. Andariam de camelo com os beduínos. Explorariam todo o grande e maravilhoso mundo.

Mas Maman descobrira seus planos. Furiosa, ela demitira o pai de Félix e mandara a família dele fazer as malas. Antes de partir, Félix escalara a trepadeira até o quarto de Isabelle e jurara voltar por ela. Eles se encontrariam em Wildwood. Ele precisava de uns dias para ajudar sua família a encontrar um lugar para morar, ele argumentara, e então deixaria um bilhete no oco da tília informando quando fugiriam.

Isabelle fizera a mala e a escondera debaixo da cama. Toda noite, depois que Maman ia se deitar, ela descia pela trepadeira e atravessava depressa o jardim até a tília, na esperança de encontrar um bilhete de Félix. Mas o bilhete nunca aparecera.

O verão dera lugar ao outono e depois ao inverno. Os ventos gelados e a neve volumosa a impediram de escapar discretamente do seu quarto à noite, mas àquela altura não importava mais; ela havia desistido. Félix significara o mundo para ela, mas ela não significara nada para ele.

Quantas noites ela havia chorado até dormir, com Tavi a embalando? Ella de algum modo ficara sabendo de tudo também. Ela fora mais legal do que nunca com Isabelle, mas a meia-irmã, magoada e infeliz, retribuíra a atenção de Ella apenas com maldades.

E agora Félix estava de volta. Confeccionando uma sapatilha para ela. Fazendo com que pensasse que ele ainda se importava com ela. Abraçando-a e beijando-a em Wildwood, e depois agindo como se ela fosse culpada pelo acontecido. Ou pelo que não havia acontecido.

E lá estava ela, aflita e sem conseguir dormir por causa de alguém que, independentemente do que havia feito ou dito, ainda não se importava o suficiente com ela para lhe dizer por que se afastara. Era idiotice; *ela* era idiota. Ela tinha coisas mais importantes com que se preocupar; morava em um palheiro, só possuía um vestido, sua mãe frequentemente confundia um repolho com o Duque de Borgonha.

Bette mugiu impaciente. Isabelle não percebera, mas havia secado a vaca de tanto ordenhá-la. Com esforço, ela afastou todos os pensamentos de Félix de sua cabeça e pegou o balde de leite. Bette era a última vaca que precisava ser ordenhada naquela tarde,

e Isabelle estava feliz por isso. As tarefas do dia pareciam infinitas, e ela não via a hora de terminá-las.

A jovem pegou o balde e foi depressa para o galpão de laticínios. Imersa em seus pensamentos, ela não escutou as vozes irritadas discutindo até entrar pela porta.

– Você é imbecil!

– Não, *você* é imbecil!

Hugo e Tavi estavam parados a apenas um passo de distância gritando um com o outro. Isabelle colocou o balde no chão com estardalhaço e se enfiou entre eles.

Em meio a uma torrente de gestos e comentários rudes, ela conseguira entender que Tavi havia acrescentado ingredientes a um dos queijos que colocara nas formas naquela noite. Mel das colmeias da fazenda. Sedimentos de um tonel de vinho vazio. Um pouquinho de vinagre.

– Mas não é assim que é feito! – Hugo vociferou. – Não percebe? Está feio. Não se parece com os outros. Tem manchas. E um cheiro estranho. É diferente!

– É tão ruim assim tentar algo diferente? – Tavi gritou de volta. – Tudo que eu queria era ver se e como as substâncias afetam o sabor. Mel, borra de vinho, vinagre… todos eles contêm diferentes micro-organismos…

– Do que está falando?

– Micro-organismos? – Tavi repetiu. – Formas de vida unicelulares? Sabe… Leeuwenhoek? O pai da microbiologia?

Hugo lançou a ela um olhar vazio.

– Os micro-organismos acidificam o leite – Tavi explicou. – Eles fazem o leite coalhar. O queijo vira queijo por meio do processo de fermentação.

Hugo estufou o peito.

– O queijo vira queijo por meio do processo de queijificação – ele retrucou, agressivo.

Tavi piscou, pasma, para ele. Então jogou as mãos para cima.

– Certo, Hugo – ela falou. – O que estou tentando dizer é que, se alterarmos apenas um fator do processo de… *queijificação,* nem que seja um pouquinho, o resultado será diferente.

– E daí?

– E daí que poderíamos conseguir outra coisa além de um queijo branco insosso e sem graça. Não seria interessante?

– Eu gostaria que você nunca tivesse vindo para cá.

– Somos dois então.

– Você está mudando as coisas. Por que tem que fazer isso?

– Eu me pergunto se alguém disse isso a Da Vinci, Newton ou Copérnico. – Tavi botou as mãos na cintura e falou com uma voz afetada: – *Pelo amor de Deus*, Nicolau. Você *teve* que fazer a Terra girar em torno do Sol? Gostávamos muito mais do outro jeito!

– Eles eram homens. Você é uma garota – Hugo constatou com um olhar fulminante. – Garotas não mudam as coisas. Elas assam coisas. E costuram coisas. E limpam coisas também. Como mesas. E narizes.

Tavi pegou um trapo e o esfregou na cara de Hugo.

– E traseiros – ela disse e saiu pisando duro.

Hugo praguejou. Chutou uma tábua.

– Ela gosta de fazer experimentos – Isabelle esclareceu na esperança de acalmá-lo.

– Eu vi o queijo. Está estragado – Hugo disse. – Minha mãe vai ter um chilique.

– Talvez Tavi esteja certa. Talvez resulte em algo incrível – Isabelle disse. Ela pegou seu balde e despejou o leite em um barril. – Vai ficar tudo bem, você vai ver.

Mas os pensamentos de Hugo não estavam mais nos queijos.

– Ela nunca se casará – ele profetizou. – Nenhum homem vai querer uma mulher que não faz o que lhe dizem para fazer.

Isabelle se enfureceu.

– Tavi não quer um homem. Ela quer a matemática – ela retrucou, defendendo a irmã.

– A matemática não pode tirar vocês duas daqui. Um homem talvez possa. Verei se minha mãe ou Tantine conseguem encontrar um – Hugo disse e saiu pisando duro. Isabelle revirou os olhos.

– Boa sorte. Se Maman não conseguiu arranjar um, duvido que elas consigam.

Agora sozinha no galpão de laticínios, Isabelle foi até os fundos para ver o queijo que tinha causado toda a confusão. Estava na prateleira do lado esquerdo do galpão. Ela o viu imediatamente.

Hugo o chamara de feio, mas Isabelle o achara interessante. Suas manchas verdes esquisitas, sua assimetria, seu cheiro pungente – tudo isso o destacava dos demais queijos, que lhe pareciam sem graça e presunçosos em sua mesmice.

– Você poderia fazer algo por si mesmo – ela disse para o queijo. Mas suas esperanças não eram grandes. Ser diferente não era algo tolerado em queijos.

Nem em garotas.

CINQUENTA E NOVE

A TARDE ESTAVA QUENTE E CLARA. O pôr do sol pintava o céu de tons brilhantes de laranja e rosa; o cheiro de rosas enchia o ar.

Estava tranquilo, calmo. Isabelle rezava para que durasse.

Tavi e Hugo permaneciam sentados lado a lado em um banco de madeira, à sombra do celeiro, trabalhando em silêncio. Nenhum deles havia dirigido uma palavra ao outro desde a discussão no galpão de laticínios, no dia anterior.

Pelo menos não estão mais gritando, Isabelle pensou.

Ela e Maman estavam sentadas na grama diante deles. Debulhavam vagens em uma grande tigela para uma sopa que Madame pretendia fazer. Isabelle erguia os olhos para Tavi e Hugo de tempos em tempos. Ela desejava manter a paz. Sabia que a presença delas ali era obra de Tantine, não de Madame, e definitivamente não de Hugo. Continuar na propriedade dependia de seu trabalho duro e de não se tornarem objetáveis. Ela lembraria a Tavi daquilo à noite, quando fossem dormir.

Ela e Tavi dormiam perto uma da outra no palheiro. Elas conversavam antes de adormecer, muito mais do que costumavam conversar quando tinham seus próprios quartos na Maison Douleur. Na noite anterior, Isabelle havia contado à irmã que encontrara Félix em Wildwood e mostrara a ela sua sapatilha.

– *Achei* mesmo que você estava andando melhor – ela dissera. – *E?* – ela acrescentara, ansiosa.

– *E* nada. Não há um *e*. – Isabelle decidira guardar para si a discussão e o beijo.

– Que pena. Sempre gostei de Félix. – Tavi ficara em silêncio um pouco e então continuara: – Eu estava pensando…

– Pensando em quê?

– Se você ainda estava procurando os pedaços do seu coração. Porque eu diria que ele definitivamente…

– Não é um deles – Isabelle replicara com firmeza, dando as costas para a irmã.

– A tigela está cheia – Hugo disse, dispersando os pensamentos de Isabelle.

Ela levantou e se espreguiçou.

– Vou levá-la para a Madame e buscar…

Mais uma, ela ia dizer, mas suas palavras foram interrompidas por um grito de arrepiar os cabelos.

Ela e Tavi trocaram olhares, assustadas. Maman deixou cair a vagem que segurava.

Ouviu-se um guincho novamente. Vinha do galpão de laticínios e acompanhado de uma única palavra berrada: Huuuuuuuuuuugo!

Hugo se recostou na parede do celeiro e gemeu.

– Costumava ser tranquilo por aqui. Costumava ser bom – ele atestou. – Bem, talvez não bom, mas sem dúvida tranquilo. Qualquer que seja o motivo dos gritos da minha mãe, com certeza tem a ver com vocês duas. Eu sei.

Mais um guincho foi ouvido.

– Hugo, vamos lá! – Isabelle chamou, puxando a mão dele. – Parece que ela está ferida!

Ela disparou na direção do galpão de laticínios; os outros a seguiram de perto. Quando chegaram lá, viram que Tantine já se encontrava no local.

– Eu estava na cozinha… ouvi os gritos. Alguém se feriu? – ela perguntou com uma mão pressionada contra o peito.

Antes que alguém pudesse responder, Hugo abriu a porta do galpão de laticínios e entrou. Os demais o seguiram. Quando Isabelle entrou no lugar, um fedor que fazia os olhos lacrimejarem a atingiu.

– O que é *aquilo*? – ela perguntou.

– É um monstro! – Madame LeBenêt berrou. – Uma abominação!

Ela estava parada no fundo do galpão entre os queijos que estavam maturando, apontando para um deles. Isabelle ousou se aproximar e arquejou quando viu de que Madame falava. *Era* um monstro – enrugado, deformado e peludo de tanto mofo.

– Deus do céu, que *fedor*! – Tantine disse, tapando o nariz com um lenço.

– Cheira a chulé.

– Ovos podres.

– Esgoto.

– Cheira a cachorro morto – disse Hugo.

– Cachorro morto apodrecendo no sol há uma semana – Isabelle acrescentou.

– E suando – Hugo completou.

– Tecnicamente, cachorros não suam – Tavi mencionou. – Pelo menos, não da mesma forma que os humanos. Os cães não suam principalmente quando estão mortos.

– Este cão sua – Hugo afirmou. – Veja!

No curto período de tempo em que todos eles estavam parados ali, gotas translúcidas de um líquido amarelo tinham irrompido no queijo. Elas escorriam pelas laterais e pingavam no chão.

– Para mim, já chega. Quero vocês três fora daqui. Hoje à noite! – Madame berrou.

Um sorriso surgiu no rosto de Hugo.

O coração de Isabelle acelerou.

– Não, madame, por favor! – ela implorou. – Não temos para onde ir!

– Sua irmã deveria ter pensado nisso antes de estragar meu queijo!

– Ah, Avara – Tantine disse para acalmá-la, pegando-a pelo braço. – Não vamos nos precipitar. A garota errou, só isso.

– Foi um experimento, não um erro – Tavi corrigiu, inspecionando o queijo de perto. – Preciso alterar minha hipótese.

– Fora! – Madame cuspiu a palavra. – Esta noite! – Ela se voltou para o filho. – Hugo, leve aquele… aquele cachorro morto suado para fora agora mesmo, antes que contamine os outros queijos. Largue na mata ou jogue em um buraco!

Tantine conduziu Madame até a porta. Quando Madame saiu, Tantine se voltou para Isabelle.

– Ajude Hugo a arrumar esta bagunça, menina. Vou ajeitar as coisas. – Ela deu um tapinha carinhoso na bochecha de Isabelle e depois foi depressa atrás da Madame.

Isabelle levou as mãos à testa, tentando pensar. Aquilo era um desastre. E se Tantine não conseguisse fazer Madame voltar atrás?

E se ela continuasse insistindo para que fossem embora?

– Está feliz agora? – Tavi perguntou a um ainda sorridente Hugo. – Conseguiu se livrar da gente. Não se esqueça de cobrir nossos ossos com terra em uma vala depois que tivermos morrido de fome.

– Eu… eu não achei que vocês fossem *morrer de fome* – Hugo retorquiu, seu sorriso desaparecendo.

– O que *achou* que fosse acontecer conosco? – Tavi perguntou.

– Não bote a culpa em mim! Isto não é culpa *minha.* É você quem dificulta as coisas!

– Para quem?

– Você não pode ser agradável? Não pode tentar?

Então algo mudou dentro de Tavi. Ela sempre fora tão volátil, deixando um rastro de sarcasmo atrás de si como uma duquesa deixa uma trilha de casacos de pele. Mas não desta vez. Hugo havia atravessado sua armadura e o sangue pingava do ferimento.

– Tentar ser agradável para quem, Hugo? – ela repetiu com a voz rouca. – Para os garotos ricos que vão para a Sorbonne mesmo que sejam estúpidos demais para resolver uma simples equação de segundo grau? Para o visconde que sentou ao meu lado em um jantar e que tentou erguer minha saia durante os cinco pratos servidos? Para as damas arrogantes da sociedade que me olham de cima a baixo, fazem bico e dizem não, que não sirvo para os filhos delas porque meu queixo é muito pontudo, meu nariz é grande demais, porque falo muito sobre números?

– Tavi… – Isabelle sussurrou. Ela foi até a irmã e tentou abraçá-la, mas Tavi a afastou.

– Eu queria livros. Eu queria matemática e ciência. Eu queria estudar – Tavi verbalizou com os olhos brilhantes de emoção. – Em vez disso, ganhei corpetes, vestidos de festa e sapatos de salto. Isso me deixou triste, Hugo. E depois me deixou irritada. Então, não, não tenho como ser agradável. Tentei. Várias e várias vezes. Não deu certo. E se eu não gostar de quem eu sou, quem poderá gostar?

E com isso ela saiu. E Hugo e Isabelle ficaram parados no galpão de laticínios, constrangidos e calados. Isabelle pegou o esfregão e o balde, que estavam perto da porta, para limpar a poça que se formara debaixo do cachorro morto suado.

– Parabéns, Galileu – Hugo resmungou baixinho.

Mas Isabelle ouviu o que ele disse.

– Ela poderia ser. Ela poderia ser Galileu, Da Vinci e Newton, todos ao mesmo tempo, se tivesse uma chance, mas jamais terá. É por isso que ela é assim. – Ela deu um passo hesitante na direção dele. – Hugo, não nos faça ir embora. Por favor.

– Você não entende. O motivo pelo qual… – Ele praguejou. – Deixa pra lá.

– Que motivo? Do que está falando?

Hugo balançou a cabeça. Ele foi em direção à porta.

– Aonde está indo? – Isabelle perguntou.

– Tem uma velha caixa de chá feita de madeira no celeiro. É revestida de chumbo. Com sorte, conterá o cheiro. Colocarei o cachorro morto na caixa, botarei a caixa na carroça e sairei por aí até encontrar um poço velho em que possa atirá-la. Talvez eu aproveite para me atirar junto.

Isabelle observou enquanto ele se afastava com uma expressão de medo. Aquilo era terrível. Ela teria que falar com Tantine, assim que ela e Hugo dessem um jeito naquela bagunça. Se a velha senhora não conseguisse fazer Madame LeBenêt mudar de ideia, elas ficariam desabrigadas. Desprotegidas. Praticamente mortas.

SESSENTA

Pouco antes da aurora, na floresta de Wildwood, uma raposa perseguia sua refeição.

O objeto de sua atenção, um esquilo-vermelho, estava no chão da floresta, ocupado ao colher nozes caídas.

Abraçando as sombras alongadas, a raposa se aproximou furtivamente. Ela estava tensa, com dentes à mostra, mas bem quando estava prestes a saltar, uma coruja-orelhuda enorme pousou em um galho acima dela, agitando as penas ruidosamente.

Com um guincho assustado, o esquilo largou as nozes e correu para o seu ninho. Um segundo depois, a raposa também havia desaparecido. Em seu lugar, havia uma mulher de cabelos castanho-avermelhados usando um vestido cinzento. Ela se virou, irritada. Seus olhos verdes faiscavam.

– Aquele era o meu *café da manhã*! – ela gritou para a ave.

Criaturas grandes e pequenas correram para suas tocas ao som da voz dela. Um cervo se escondeu em meio à vegetação rasteira. Os pássaros canoros abriram as asas para protegerem seus filhotes.

Mas a coruja não se abalou. Deixou a rainha fada extravasar sua fúria. A ave havia escolhido um bom galho no alto para se empoleirar. Ela agora piava para a mulher.

Tanaquill apertou os olhos.

– E por causa *disso* você rouba minha refeição?

A coruja continuou falando.

– E daí? – Tanaquill rosnou. – Fate e Chance, Fate e Chance, um ataca, o outro contra-ataca. Como se os seres vivos não passassem de peças em um tabuleiro. Os assuntos deles não são problema meu. – Ela deu as costas para a ave e, rodopiando as saias, se afastou. Mas a coruja foi atrás dela, piando desesperadamente várias vezes.

Tanaquill parou de súbito.

– Um garanhão? – ela disse. Devagar, ela se virou. – Fate fez isso?

A coruja balançou sua grande cabeça cinzenta em sinal afirmativo.

Tanaquill andou de um lado para o outro com folhas mortas farfalhando aos seus pés. A coruja fez um barulho com o bico.

– Não, não *direi* a Chance – ela respondeu. – Ele compraria o cavalo e o daria de bandeja à garota. Eu mesma resolverei isso.

Tanaquill lambeu os lábios. Seus dentes afiados brilhavam sob a pálida luz da lua.

– Isabelle recuperou o primeiro pedaço de seu coração, embora se recuse a admiti-lo. Precisará de coragem para recuperar esse segundo pedaço. – Ela estalou os dedos. – Venha, coruja. Vamos ver se lhe restou alguma.

SESSENTA E UM

O VILAREJO HAVIA quase se esquecido de Isabelle.

Saint-Michel estava tão lotado de refugiados exaustos e desnorteados loucos para comprar comida que a esposa do padeiro, o açougueiro e o queijeiro tinham tarefas melhores a fazer do que insultá-la.

Naquela manhã, ela se encontrava no mercado vendendo vegetais com Hugo porque Madame, que geralmente ia com ele, estava ocupada cuidando de uma vaca doente. Tavi era mais propensa a conduzir um experimento com os repolhos do que vendê-los, então a tarefa sobrou para Isabelle. Embora ela não gostasse da ideia de voltar ao vilarejo, aceitou a incumbência sem reclamar. De algum modo, Tantine convencera Madame a deixá-las ficar, e uma Isabelle profundamente aliviada estava determinada a não dar a ela nenhum motivo que a fizesse mudar de ideia.

Ela e Hugo ficaram sobrecarregados com os clientes desde o momento em que botaram os pés na praça do mercado. Os refugiados, todos vivendo em barracas, ou em carroças nos campos próximos, clamavam por repolhos e batatas. Isabelle não fazia ideia de onde todos eles tinham vindo, então perguntava a eles, que lhe contavam.

Volkmar havia intensificado seus ataques nos vilarejos próximos a Paris, foi o que disseram. Eles tinham visto suas fazendas serem saqueadas, suas casas serem queimadas. Muitos haviam escapado apenas com a roupa do corpo. O rei lutava bravamente, mas suas tropas estavam sendo dizimadas. O grão-duque tinha sido visto cavalgando pelo interior com um comboio de guerra, convocando os cidadãos que tivessem armas de qualquer tipo – pistolas, espadas, machados, *qualquer coisa* – a doá-las em um esforço de guerra. A rainha viajava com ele, procurando crianças órfãs e as levando para um lugar seguro.

Alguns dos refugiados estavam magros e doentes. Uma mulher idosa, arrastando quatro netos atrás de si, implorou a Isabelle que lhe desse as folhas caídas das cabeças de repolho. Isabelle deu a ela um repolho inteiro sem cobrar. A mulher a abraçou. Hugo viu o que aconteceu e fez cara feia, mas não a impediu.

Outra pessoa também viu a cena.

– Isso não muda nada, Isabelle – alfinetou Cecile, indo na direção da carroça. – Você continua sendo feia.

Isabelle sentiu seu rosto ficar vermelho de vergonha. O vilarejo *não havia* se esquecido dela. E nunca esqueceria, não com Cecile por perto para ficar lembrando a todos. Ela tentou pensar em algo para retrucar, mas antes que pudesse abrir a boca, Hugo falou:

– Isso muda as coisas para a velha senhora – ele disse.

Isabelle olhou para ele de relance. Estava feliz por ele ter saído em sua defesa, mas também surpresa. Sabia que ele não gostava muito dela. Mas, pelo maxilar tenso dele e pela frieza em seus olhos, deu para ver que ele gostava ainda menos de Cecile. Isabelle não teve muito tempo para ficar imaginando o motivo, pois outro refugiado, um senhor idoso, foi a passos lentos até a carroça e pediu meio quilo de batatas.

– Não compre dela! – Cecile exclamou enquanto ele entregava uma moeda. – Não sabe quem ela é? Isabelle de la Paumé, uma das meias-irmãs feias!

O homem soltou uma risada triste. O riso se transformou em uma tosse forte e convulsa. Quando conseguiu voltar a falar, ele disse:

– Não há nada mais feio do que a guerra, mademoiselle. – E então se afastou lentamente com suas compras.

Cecile bufou. Parecia que ela queria dizer algo inteligente e mordaz, mas inteligência não era seu ponto forte, então ela apenas se afastou com suas saias farfalhando atrás de si.

Cerca de uma hora depois que Cecile se fora, Isabelle e Hugo venderam o último repolho. Isabelle juntou as folhas verdes soltas do piso da carroça e as entregou a um garoto descalço que vestia uma camisa puída e lhe orientou a levar as folhas para sua mãe preparar uma sopa. Depois, ela tirou o avental de lona que Hugo havia lhe dado para usar – seu único bolso estava cheio de moedas – e o entregou a ele.

Mas Hugo balançou a cabeça em negativa.

– Fique com ele. Aqui está o meu também – ele disse, desamarrando o próprio avental.

– Por quê? Aonde você vai? – Isabelle perguntou, pegando o avental que ele lhe entregava.

– Eu… hã… eu tenho que tratar de um negócio. Volte sem mim. Depois alcanço você. – Ele esfregou as pontas de suas botas na parte de trás das pernas da calça enquanto falava, depois cuspiu nas mãos e as passou pelos cabelos rebeldes a fim de domá-los.

Isabelle achou que ele estava sendo muito misterioso. Ela dobrou os aventais com cuidado para que as moedas não caíssem e os enfiou debaixo do assento da carroça.

– E… Isabelle?

– Sim?

– Se você chegar em casa antes de mim, não diga nada à minha mãe sobre o meu negócio. Diga que fui consertar uma cerca no pasto ou algo assim.

Isabelle concordou com o pedido, mais intrigada que nunca. Então Hugo puxou as laterais do casaco, respirou fundo e seguiu seu caminho. Isabelle subiu no assento do condutor e estalou as rédeas. Martin começou a andar. Eles tinham terminado mais cedo as vendas no mercado e ela estava feliz por isso. Significava que ela poderia adiantar o resto de suas tarefas do dia.

Ela havia acabado de sair da praça quando avistou Hugo novamente, que ajudava Odette a atravessar a rua. Ela segurava no braço dele. O rosto dela estava voltado para o dele. Ela usava um bonito vestido azul. Seus cabelos louros estavam presos em um coque frouxo. Uma rosa cor-de-rosa completava o penteado.

Deve estar indo a uma festa ou casamento, Isabelle pensou*. Aposto que ela se perdeu e Hugo a está ajudando a encontrar o caminho*.

Era gentil da parte dele fazer isso. Odette não tinha uma vida fácil. A maioria dos moradores do vilarejo era boa para com ela, mas alguns – como Cecile – não.

Quem diria que ele sabe ser gentil?, Isabelle se perguntou, pensando menos mal de Hugo, mas só um pouco.

Alguns minutos depois, ela deixava o vilarejo rumo à bifurcação da estrada. À direita ficava o caminho que levava à fazenda dos LeBenêt. À esquerda ficava o rio e os vários negócios que não podiam funcionar no vilarejo devido aos cheiros que produziam ou ao risco de incêndio que representavam – o curtume, o ferreiro, a tinturaria, o abatedouro.

Isabelle estava tão imersa em seus pensamentos – imaginando se Tavi conseguira fazer a ordenha naquela manhã sem causar nenhum problema e se Maman estava colhendo repolhos ou conversando com eles – que não viu o animal sentado exatamente no meio da bifurcação, observando e esperando, como se aguardasse por ela.

Quando ela ergueu a cabeça e notou que uma raposa bloqueava a passagem, já era tarde demais.

SESSENTA E DOIS

A RAPOSA AVANÇOU NA DIREÇÃO DE MARTIN, com a cabeça baixa e dentes à mostra. Ela se enfiou debaixo dele e ficou trançando entre suas pernas, rosnando e tentando morder, investindo contra suas patas.

Apavorado, Martin disparou pelo caminho da esquerda, arrancando as rédeas das mãos de Isabelle. A carroça delineou uma curva brusca e a jogou para o outro lado do assento. Ela conseguiu se endireitar, mas não recuperou as rédeas.

– Pare, Martin! Pare! – ela gritou, mas o cavalo, doido de medo, prosseguia. A raposa o acompanhava, correndo ao seu lado, rosnando. A carroça seguia chacoalhando pela via esburacada até o rio, com a garota se agarrando ao assento com medo de morrer. Eles passaram a toda velocidade por edifícios e canteiros de construção. Os homens acenaram na tentativa de fazer Martin parar, mas ninguém se atreveu a entrar em sua frente. De repente, o rio surgiu no campo de visão de Isabelle.

Ele não vai parar!, Isabelle pensou. *Vai continuar galopando além do cais. Nós vamos morrer afogados!*

E então, tão depressa quanto surgira, a raposa desapareceu e um exausto Martin diminuiu a velocidade, para depois parar a alguns metros de distância da água. Isabelle saiu cambaleando da carroça com pernas que pareciam de borracha, sua respiração difícil e acelerada.

– Shh, Martin, calma. – Ela o tranquilizou, acariciando seu pescoço. – Calma, meu velho.

Os olhos de Martin estavam tão arregalados que nem dava para ver a parte branca. Seus lábios e seu pelo estavam salpicados de espuma. Ela se abaixou para dar uma olhada nas pernas dele. Não havia sangue; a raposa não o havia mordido. Ela encontrou as

rédeas enroladas nos arreios e as soltou. Depois, tirou o cabresto dele e o virou devagar. Milagrosamente, a carroça estava intacta.

A respiração de Isabelle desacelerou pouco a pouco enquanto eles voltavam para a estrada. Passaram pelo curtume e pela tinturaria. Alguns dos trabalhadores perguntaram se ela estava bem.

– Se eu fosse você, esse cavalo seria o próximo a cruzar aqueles portões – um homem lhe sugeriu enquanto ela se aproximava do abatedouro.

Isabelle olhou para ele de relance. Ele estava apoiado na cerca, fumando. Sangue escorria de seu avental de couro e pingava em seus sapatos. Isabelle ouviu um grito desesperado vindo de um animal assustado do outro lado da cerca. Ela desviou os olhos; não queria ver aquela pobre criatura sem esperança.

– Esse cavalo não é bom – o homem avaliou. – Ele podia ter matado você.

Isabelle o ignorou, mas Martin não; ele olhou direto para o homem. Suas orelhas se ergueram; suas narinas dilataram. Ele parou subitamente. Um cheiro atingiu Isabelle, e depois um fedor rançoso de sangue, medo e morte, escapando feito um fantasma através das lanças de ferro. Martin também sentiu o cheiro. Ele tremia. Isabelle receava que ele fosse sair em disparada novamente.

– Vamos, Martin, *por favor*. Temos que ir – Isabelle chamou, puxando o cavalo pelo cabresto.

Mas Martin se recusava a ir. Ele enfiou os quatro cascos na terra, ergueu bem a cabeça e soltou um relincho tão alto e agudo, tão comovente, que Isabelle soltou o cabresto.

E foi então que ela notou que Martin não estava olhando para o homem; o cavalo olhava além dele, para um cavalo do outro lado da cerca. Ela deu um passo na direção do pátio do abatedouro, devagar, como se estivesse num transe, e depois mais um. Martin relinchou novamente, e o cavalo atrás da cerca respondeu.

– Não faça isso – o homem disse. – É algo que uma garota não deve ver.

Mas Isabelle viu. Ela viu um borrão escuro por entre as barras. Olhos selvagens. Cascos mortais. Havia quatro homens fortes cercando o animal, mas eles não conseguiam domá-lo. Embora os

homens tivessem cordas e armas, e o animal não tivesse nada, eram eles que estavam com medo.

Martin tivera um amigo uma vez. Ele era magnífico. Alto, forte e destemido. Se Martin fosse humano, Martin teria odiado esse outro por ser tudo que ele, Martin, não era. Mas Martin não era humano, então ele amara aquele amigo.

Cavalos nunca se esquecem de um amigo.

Martin sentiu o cheiro de seu amigo. E o ouviu. Um cavalo tão escuro quanto a noite e dez vezes mais bonito.

Martin conhecia aquele cavalo; amava aquele cavalo.

E Isabelle também.

Ela agarrou as barras de ferro e sussurrou o nome dele: *Nero.*

SESSENTA E TRÊS

Isabelle correu.

Ao longo da cerca. Para além do homem que gritava ordenando que ela parasse. Através dos portões. E direto para o inferno.

Duas ovelhas que haviam fugido de seus cercados corriam pelo pátio, balindo, desesperadas para escapar. Bois mugiam com tristeza. Carcaças frescas estavam penduradas para sangrar; as mais antigas estavam sendo esquartejadas.

E no meio disso tudo, um cavalo negro lutava por sua vida.

Servos da morte, quatro homens fortes, o cercavam. Um deles tinha conseguido passar uma corda em volta do pescoço do cavalo. Outro havia agarrado uma de suas pernas traseiras, prejudicando seu equilíbrio. Um terceiro segurou a outra perna traseira. O cavalo tombou. Ele fez uma última e corajosa tentativa de se levantar, e então deitou na lama, ofegante, de olhos fechados.

O quarto homem se inclinou na direção de um malho. Ele segurou o cabo de madeira com as duas mãos e ergueu acima da cabeça o pesado instrumento de aço.

– Não! – Isabelle gritou. – Parem!

Mas ninguém a escutou por causa dos balidos das ovelhas e do mugido dos bois.

Isabelle correu mais rápido, gritando, implorando, berrando. Ela estava a apenas alguns passos do cavalo quando enfiou o pé em uma poça. Ela escorregou e se estabacou.

Cuspindo sujeira, Isabelle levantou a cabeça a tempo de ver o homem tirar o malho do chão e o erguer bem alto, girando o objeto ao redor do seu corpo, os músculos de seus braços fortes se retesando.

Um grito rouco explodiu, vindo direto de seu coração e subindo por sua garganta. Ela se lançou, parte rastejando, parte tropeçando

em meio à lama e ao sangue, e se atirou sobre o pescoço do cavalo.

Bem quando o homem girou o malho.

SESSENTA E QUATRO

O BURACO QUE O MALHO FEZ ERA FUNDO.

Isabelle sabia disso porque o homem que girara a ferramenta a obrigara a olhar para o local que o malho atingira. Ele agarrou as costas do vestido dela, a arrastou para longe do cavalo como se ela fosse uma boneca de pano e a largou na lama. Ela aterrissou de quatro.

– Está vendo aquele malho? Está vendo o que ele fez? – o homem gritou para ela.

Isabelle assentiu, embora só conseguisse ver o cabo do instrumento. A parte de metal estava enterrada no solo.

– Aquilo poderia estar enterrado no seu *crânio*!

O homem, um gigante musculoso, tremia feito um gatinho. Ele estava girando o malho com toda a sua força e então, num piscar de olhos, uma garota se atirara no caminho. Ele se inclinara para a esquerda no último segundo, oscilando e golpeando o chão em vez da garota.

Isabelle se levantou. Seu vestido estava sujo de sangue. Seu rosto tinha manchas de sangue. Ela não se importava.

– Não mate meu cavalo – ela implorou. – *Por favor.*

– Ele é *meu* cavalo. Eu o comprei. Você não o quer. Ele é selvagem demais.

– Eu quero, *sim*.

– Então é só pagar por ele. Quatro *livres*.

Isabelle pensou no dinheiro enfiado debaixo do assento da carroça e teve que se controlar para não sair correndo para pegá-lo. Ela não era uma ladra.

– Não tenho dinheiro – ela concluiu com tristeza.

– Então arranje, garota, e rápido. Você tem até amanhã cedo. Abrimos os portões às sete em ponto. Esteja aqui no horário e com o dinheiro, ou ele já era.

Isabelle assentiu. Ela avisou ao homem que voltaria. Ela disse a si mesma que pensaria em alguma solução. Ela arranjaria o dinheiro, de qualquer jeito.

– Coloquem ele de pé – ela disse, olhando para o cavalo.

Ninguém se mexeu.

– Coloquem. Ele. *De pé*. – Desta vez não era um pedido, mas uma ordem, e os homens perceberam. Eles removeram as cordas usadas para conter o animal. Assim que se viu livre, o cavalo se levantou. Ele olhou surpreso para Isabelle, e então se aproximou dela devagar. Ele a cheirou. Bufou em sua cara. Agitou orgulhosamente a cabeça e relinchou.

Isabelle tentou rir, mas o riso se transformou em um soluço. Ela inclinou a cabeça na direção da dele, enfiou seus dedos sujos na crina embaraçada e sem vida dele. Nero tinha sido vendido. Ela achou que nunca mais o veria. Agora lá estava ele, mas ele desapareceria para sempre se ela não conseguisse o dinheiro.

– Eu vou tirá-lo daqui. Prometo – ela sussurrou para o animal.

– Você precisa ir agora. Temos trabalho a fazer – o homem do malho disse.

Isabelle assentiu. Ela deu tapinhas carinhosos no pescoço de Nero e deixou o pátio.

Um dos homens que haviam segurado o cavalo com a corda – um garoto, na verdade – fechou os portões atrás dela. Ele permaneceu lá, vendo Isabelle partir. Naquele momento, ele teria feito qualquer coisa que ela lhe pedisse. Teria seguido-a onde quer que ela fosse. Ele teria morrido por ela.

Ele ainda não sabia disso naquela ocasião, mas a imagem da garota empertigada em seu vestido sujo e com o rosto manchado de sujeira permaneceria consigo pelo resto de sua vida. Ele baixou os olhos para a faca em sua mão e odiou o que viu.

Atrás dele, os outros homens conversavam.

– Aquela era uma das garotas de la Paumé? Achei que elas fossem feias.

– Ah, você acha que ela é *bonita*? Suja feito uma bota velha? Estridente feito uma trombeta?

– Não, mas…

– Coitado do homem que terminar ficando com ela.

– Ela tem coragem, isso não se pode negar.

– Verdade, tem mesmo. Imagine se toda garota tivesse essa força… e soubesse disso!

– Melhor torcer para que elas jamais saibam. O que seria do nosso mundo, hein?

– Rá! Um verdadeiro inferno!

– Não – o garoto sussurrou. – Um paraíso.

SESSENTA E CINCO

A PORTA DA COZINHA DE MADAME estava aberta. Isabelle respirou fundo e entrou.

O dia estava claro, mas a casa de Madame estava escura. Levou alguns segundos até os olhos de Isabelle se adaptarem. Quando se ajustaram, ela viu que Madame estava junto à mesa da cozinha amassando pão.

– Voltei. Trouxe seu dinheiro – Isabelle disse, colocando os aventais sobre a mesa.

Madame limpou as mãos em um pano de prato, ávida para contar as moedas, e examinou Isabelle.

– O que aconteceu com você? Está *imunda*! – ela guinchou.

Isabelle começou a contar o ocorrido. Madame escutou alguns segundos, mas o chamado do dinheiro era muito tentador. Ela desenrolou os aventais, despejou as moedas e as contou. Tantine estava sentada ali perto em uma cadeira de balanço, tricotando. Ao contrário de Madame, ela escutou cada palavra com atenção.

Quando Isabelle terminou sua história, ela disse:

– Preciso comprar meu cavalo de volta: Nero. Tenho que levar quatro *livres* ao abatedouro amanhã cedo ou eles o matarão.

– Sim, e daí? O que tenho a ver com isso? – Madame perguntou, indiferente. Ela tinha oito torres de moedas empilhadas à sua frente e ainda faltava empilhar metade delas.

– Por favor, madame. São apenas quatro *livres*. Trabalhei muito duro para você.

Avara parou de contar. Ela olhou perplexa para Isabelle.

– Você não está pedindo o dinheiro a *mim,* está?

– Eu devolverei.

– De jeito nenhum – Madame se recusou. – Não são apenas quatro *livres*, sabe. Você já quase me fez morar em um lar dos

pobres por me obrigar a alimentar aquele seu cavalo velho e ranzinza, Martin. Mais um cavalo me levará à falência.

Ela disse mais coisas, mas Isabelle não estava mais escutando. Ela atravessou o cômodo e se ajoelhou ao lado de Tantine.

– Por favor, Tantine. Eu lhe imploro – ela falou.

A velha senhora baixou o tricô. Ela segurou as mãos sujas de Isabelle entre as suas.

– Criança, você disse que essa criatura foi vendida ao abatedouro porque é incontrolável, não disse? E se ele a arremessasse da sela? Eu jamais poderia viver com a culpa. Um garanhão selvagem não é um animal apropriado para uma jovem dama.

Isabelle percebeu que não conseguiria qualquer ajuda ali. Ela se levantou e rumou para a porta.

Tantine ergueu a sobrancelha.

– Aonde vai? – perguntou.

– Ao Château Rigolade. Ver o marquês. Pensei que talvez ele pudesse me emprestar…

– Não. Eu a proíbo – Tantine disse, ríspida.

– Mas…

Tantine ergueu a mão para fazê-la se calar.

– Se você não pensa na própria reputação, Isabelle, pelo menos se preocupe com a da minha família. Enquanto estiver morando aqui, não deve se aproximar do Château Rigolade.

– Verdade! – Madame se intrometeu.

Isabelle baixou a cabeça, arrasada.

– Tudo bem, Tantine – ela disse.

– Em vez de se preocupar com cavalos, se preocupe com repolhos. Eles não vão ser colhidos sozinhos – Madame a repreendeu. – Garanta que aquela carroça esteja cheia novamente amanhã.

Isabelle saiu da casa e levou a carroça para os campos. Durante todo o trajeto, não parou de pensar no assunto. Tinha de haver um jeito de arranjar o dinheiro. Ela se recusava a desistir. A garota tirou os arreios de Martin e o conduziu de volta ao celeiro, e então ergueu a cabeça de novo. Seus olhos brilhavam. Enquanto o colocava em sua baia, ela lhe deu uma porção extra de aveia.

– Coma, Martin, você precisará de suas forças. Temos um trabalho a fazer esta noite – ela lhe confidenciou.

Martin ergueu as orelhas; ele gostava de um pouco de intriga. Muito mais do que de puxar carroças cheias de repolho.

Isabelle tivera uma ideia; era desesperada e arriscada. Ela precisaria da ajuda da irmã para colocá-la em prática. E da ajuda de Hugo também, o que seria mais difícil. Mas o rapaz lhe devia uma; ela não dissera nada sobre os assuntos dele.

Enquanto escovava Martin, as palavras de Tanaquill, proferidas quando elas se encontraram em Wildwood, voltavam à sua mente. Elas soavam tão claras, tão verdadeiras, que era como se a rainha fada estivesse parada ao seu lado. *Encontre os pedaços do seu coração; não de outra pessoa…*

Nero era um pedaço de seu coração. Ela sabia disso com uma certeza inabalável. Quando o cavalgava, era mais corajosa do que jamais sonhara. Admitir tal coisa a apavorava, pois sabia que perdê-lo outra vez a mataria.

– Nero não vai morrer. Não permitiremos que isso aconteça – Isabelle disse acariciando o pescoço de Martin. – Descanse um pouco, meu velho. Partiremos quando escurecer.

SESSENTA E SEIS

– O QUÃO QUENTE O FOGO DEVE estar para derreter ouro? – Isabelle perguntou.

– Muito – Hugo respondeu.

– 1948ºF – respondeu Tavi. – 1064ºC.

– Tinha essa informação na ponta da língua, não? – Hugo disse.

– O que eu deveria ter na ponta da língua? As palavras de alguma canção de amor idiota? Uma receita de almôndegas?

– Sim – falou Hugo. – Essas seriam duas coisas boas para você saber.

Tavi revirou os olhos.

Os três percorriam no escuro o trecho isolado da estrada que ia da fazenda dos LeBenêt até a Maison Douleur. Isabelle havia decidido vasculhar as ruínas de sua antiga casa na esperança de encontrar algo de valor. Ela sabia que sozinha não conseguiria mover vigas carbonizadas e pedras pesadas, e implorara a Tavi e Hugo para que fossem com ela. Tavi aceitara porque sabia o quanto Nero significava para Isabelle; Hugo porque ele fizera Isabelle prometer que, se encontrasse mais de um item valioso, ela o usaria para se mudar da casa dele.

Isabelle tivera poucas joias. Tavi também. Maman tivera muitas. Quando a Maison Douleur pegara fogo, presumiram que as chamas tinham destruído as joias, mas nunca as procuraram de fato. Agora Isabelle esperava desenterrar um colar, ou quem sabe uma colher de prata, uma moeda de ouro – *qualquer coisa* que pudesse usar para dar em troca da vida de Nero.

Martin seguia atrás deles numa guia. Ninguém o montava. Ele precisaria de toda a sua força para o que quer que o aguardasse. Hugo levava um rolo pesado de corda em um ombro. Ele e Tavi seguravam lanternas.

– Já pensou em fazer chucrute com seus repolhos? – Tavi perguntou. – Assim vocês teriam algo para vender no mercado durante o inverno.

– Já pensou em deixar as coisas exatamente como estão?

– Não. Nunca. É impossível fazer descobertas incríveis desse jeito.

Hugo riu resfolegando.

– Como o cachorro morto suado?

Tavi lançou um olhar na direção dele.

– A propósito, o que aconteceu com ele? – ela perguntou.

– Continua dentro de uma caixa na carroça, debaixo do assento. Ainda não encontrei um bom lugar para jogar aquilo. Um lugar em que o troço não mate ninguém. Espero encontrar um buraco com lava borbulhante um dia, ou uma caverna de dragão, ou os portões do inferno.

Tavi olhou para o perfil dele.

– Você é engraçado, Hugo. Quem diria?

Hugo ficou em silêncio por um instante; e então respondeu:

– Odette. Ela sabe disso.

– A Odette do vilarejo? – Tavi perguntou.

Hugo assentiu.

– Como ela poderia saber que você é engraçado? – perguntou Isabelle. Ela se lembrou de tê-lo visto ajudando Odette a atravessar a rua mais cedo no mercado.

– Porque estamos apaixonados. E queremos nos casar.

Tavi e Isabelle pararam de repente. Martin fez o mesmo. Mas Hugo continuou andando, com os punhos cerrados.

– Sua mãe sabe disso? – Tavi perguntou, correndo para alcançá-lo. Isabelle e Martin trotaram atrás dela.

– Que sou engraçado? – Hugo perguntou.

– *Não*, Hugo – Tavi disse. – Sobre Odette.

– Sabe. Eu disse a ela. Há um ano.

– Então por que ainda não se casou? – Isabelle perguntou quando o alcançou.

– Minha mãe não permite – Hugo retorquiu, infeliz.

Isabelle e Tavi trocaram olhares de incredulidade. Hugo jamais falara tantas palavras de uma vez ou com tanta emoção.

– Hugo…

– Não zombe de mim, Tavi. *Por favor* – ele advertiu.

Tavi parecia ofendida.

– Eu… eu não ia fazer isso.

– Odette praticamente administra a hospedaria. Ela mantém todas as reservas em ordem. Prepara a melhor sopa de cebola que você já provou. E faz um bolo de maçã… Eu enfrentaria o diabo em pessoa por um pedaço do bolo dela. Mas minha mãe alega que uma garota cega não é capaz de administrar uma fazenda. Ela diz que Odette será inútil, só mais uma boca para alimentar. Ela só enxerga o que Odette não é, não o que ela é.

Tavi colocou uma mão gentil nas costas dele.

– Este mundo, as pessoas… minha mãe, Tantine… elas nos categorizam. Nos colocam em caixotes. *Você* é um ovo. *Você* é uma batata. *Você* é um repolho. Elas nos dizem quem somos. O que faremos. O que seremos.

– Porque elas têm medo. Medo do que *poderíamos* ser – Tavi disse.

– Mas nós aceitamos que façam isso! – Hugo bradou, irritado. – Por quê?

Tavi sorriu para ele com tristeza.

– Porque nós também temos medo do que poderíamos ser.

Instalou-se um silêncio, tão profundo e escuro quanto uma noite sem luar.

Hugo foi o primeiro a quebrá-lo.

– O que farei? Alguma de vocês pode me dizer? – ele perguntou. – Ela é tudo para mim.

– Não acredito que está perguntando isso para nós – Isabelle assinalou. – Achei que nos odiasse.

– Eu odeio vocês. Mas estou desesperado e vocês são inteligentes.

– Case com ela mesmo assim – Tavi sugeriu.

– Vá morar na casa dela – Isabelle disse.

– Não tem espaço para mim lá. A família dela mora em um chalezinho atrás da hospedaria. Ela tem tantos irmãos e irmãs que eles escapam pelo ladrão.

– Tem de haver um jeito. Pensaremos em alguma coisa. *Pensaremos* – Tavi enfatizou.

Hugo assentiu e esboçou um sorriso. Mas Isabelle notou que ele não acreditava nela.

Continuaram avançando ao longo da estrada em silêncio, cheios de incertezas e desejos. Hugo desejando Odette. Tavi desejando fórmulas e teoremas. Isabelle desejando ser bonita. Ou era isso que dizia a si mesma.

Mas junto à vontade dolorosa, talvez por causa dela, havia também determinação.

Nem Isabelle nem Tavi ou Hugo sabiam se um dia seriam capazes de mostrar ao mundo quem eram, não quem não eram. Não tinham certeza se conseguiriam impedir que seus corações fossem partidos.

Mas naquela noite, talvez, e só talvez, pudessem salvar um cavalo. Uma criatura difícil que não sabia ser outra coisa além do que era.

Em seus âmagos, eles confiavam na salvação dele. Os três.

Porque não ousavam confiar na salvação deles mesmos.

SESSENTA E SETE

Hugo deixou escapar um assovio baixo. Ele estava parado no topo dos degraus de entrada da Maison Douleur, segurando a lanterna à sua frente. Os degraus haviam resistido ao fogo, ao contrário de todo o resto.

Isabelle e Tavi estavam paradas ao lado dele.

Era muito pior do que Isabelle se lembrava. Partes da casa que ainda estavam de pé na manhã seguinte ao incêndio haviam desabado. O telhado, três paredes, os pisos e tetos, tudo tinha vindo abaixo. Só a parede dos fundos permanecia no lugar. Pedras, argamassa e vigas de madeira estavam emaranhadas em pilhas instáveis e traiçoeiras.

– Temos que ir devagar ou faremos com que os destroços caiam em nossas cabeças – Hugo disse.

Não era aquilo que Isabelle queria ouvir. Eles já iam começar tarde. Madame e Tantine haviam demorado mais que o usual para ir dormir; Hugo não tinha conseguido sair de fininho antes das onze e meia. Isabelle precisava voltar ao abatedouro com algo de valor às sete da manhã, eles ainda nem tinham começado a busca, e agora Hugo estava sugerindo que teriam que ir devagar.

O medo cantarolava, lembrando-lhe de que não havia tempo suficiente. Que as pedras eram pesadas demais para serem removidas, e as vigas grandes demais. Que mesmo se ela cavasse até o fundo daquelas ruínas, não encontraria nada de valor, que as chamas tinham devorado tudo.

Enquanto ela permanecia parada ali, perdida sem saber por onde ou como começar, uma pedra solta despencou da parede dos fundos sobre uma pilha de entulho fazendo um barulhão. Isso a sobressaltou. Era como se a Maison Douleur estivesse avisando que se afastassem.

Isabelle pensou em Nero, parado no abatedouro encarando a escuridão. Ela desceu os degraus, escalou o que restava de sua casa e se recusou a ouvir o aviso.

SESSENTA E OITO

– Eia, Martin! Eia, garoto! – Hugo berrou, estimulando o cavalo a prosseguir.

Martin se inclinou nos arreios de corda e puxou com toda a sua força.

Ele estava cansado. Todos estavam. Vasculhavam os destroços havia horas, se arrastando sobre o entulho com suas lanternas, deslocando qualquer pedra que conseguissem movimentar com as mãos e usando Martin para arrastar as vigas pesadas, contudo ainda não tinham encontrado nada.

– Vamos, Martin! Eia!

Martin cravou as patas no chão e a viga deslizou dos destroços e pela grama. Hugo o acariciou e soltou a corda.

– Alguma coisa? – ele gritou de longe.

– Não! – Isabelle gritou de volta.

Suspirando, um exausto Hugo virou Martin para o outro lado e, juntos, eles voltaram para as ruínas. Isabelle e Tavi estavam ocupadas cavando o local que um dia fora a sala de visita delas. Mover uma coisa geralmente fazia outra parte se soltar. Mais de uma vez, elas tiveram que saltar para sair do caminho de telhas que se soltavam do telhado ou de um pedaço de sarrafo.

Embora ninguém soubesse, a viga que Hugo e Martin tinham acabado de arrastar para o jardim também havia desestabilizado o entulho. Era ela que estava servindo de apoio à pilha de madeira queimada que Isabelle revirava. De costas para a pilha, ela não viu quando o monte começou a chacoalhar e a deslizar.

Mas Hugo viu.

– Isabelle! Cuidado! – ele gritou, se lançando na direção dela.

Ele a agarrou pelo braço e a puxou. Ela tropeçou e o atingiu, fazendo-o perder o equilíbrio. Ambos foram parar no chão. As

madeiras despencaram perto deles. A extremidade pontiaguda de uma delas acertou o ombro de Isabelle, abrindo um corte feio.

Tavi gritou. Ela escalou o entulho até onde estavam Isabelle e Hugo e os ajudou a ficarem em pé.

– Já chega. Paramos por aqui – ela disse com a voz trêmula. – Sinto muito que não achamos nada. Sinto muito por Nero. Mas não há nada aqui. Ah, meu Deus, Isabelle! Veja o seu ombro!

Tavi obrigou a irmã a sair das ruínas e a se sentar sob a tília. Lá, ela pressionou um lenço contra o machucado.

Isabelle não queria se sentar.

– Estou bem – ela assegurou, tomando o lenço de Tavi. – Vou voltar. Só mais uma vez…

– Não – Tavi falou. – Você poderia ter morrido. Ou Hugo. Vamos embora.

Hugo se juntou a elas. Ele deitou na grama, acabado. Tavi se sentou ao lado dele. Isabelle se sentou com eles relutantemente.

– Você está bem? – Tavi perguntou a Hugo, que assentiu de olhos fechados. – Obrigada por salvar Isabelle. Eu não suportaria se algo acontecesse a ela ou a qualquer um de vocês. – Sua voz falhou.

– Está tudo bem – Hugo apaziguou. – Nós dois estamos bem.

– Não, não está tudo bem. Achei que vocês dois estavam mortos. Ah, Hugo, eu… eu não deveria ter feito aquilo.

– Feito o quê?

– Chamado você de imbecil. Outro dia, no galpão de laticínios. Me desculpe. Eu só sei ser má, sabe, então estou sempre tentando ficar cada vez mais má.

Hugo deu um sorriso cansado.

– Você não é má, Tavi. Você é muito melhor que isso. Tenho certeza de que, se você tivesse vivido cem anos atrás, *você* teria descoberto que os círculos são redondos. Não Newton da Vinci.

Se a atenção de Isabelle não estivesse voltada por completo para as ruínas, ela teria visto um pedacinho do tesouro que já brilhava entre as cinzas – a recém-descoberta capacidade de Tavi de se desculpar por seu mau comportamento; a intenção de Hugo de proferir palavras gentis em vez de rudes. Mas Isabelle só tinha um pensamento em mente – salvar Nero, e seu tempo estava acabando.

Com um gemido, Hugo se levantou. Ele pegou sua corda, a enrolou e a colocou sobre o ombro.

– O céu está ficando claro – ele constatou. – Minha mãe vai acordar daqui a pouco. É melhor eu estar na minha cama quando ela vier me chamar para levantar.

Tavi também se ergueu. Ela se virou para Isabelle.

– Vamos, Iz. Levante-se. É hora de ir embora.

SESSENTA E NOVE

ISABELLE SE LEVANTOU. Suas mãos estavam em carne viva, seu ombro vertia sangue na manga do vestido.

Ela olhou para sua irmã, Hugo e Martin enquanto eles começavam a percorrer o caminho de volta, mas, em vez de ir atrás deles, pegou sua lanterna e retornou às ruínas.

O desespero a envolveu como uma neblina densa, mas ela se recusou a ceder. Ou a desistir.

Quando ela se inclinou para mover um pedaço de madeira, sentiu algo puxando a barra de seu vestido. Certa de que havia enroscado as saias em algum prego, ela olhou para baixo, pronta para soltá-las com um puxão, e viu que não era um prego.

Era um camundongo.

As patas minúsculas da criatura estavam enfiadas na barra do vestido de Isabelle. Ela se agarrava ao tecido com toda a força; suas patas traseiras mal tocavam o chão.

– Xô! – Isabelle espantou-o. – Não quero pisar em você.

Mas o camundongo não soltava.

Suas garras devem estar presas, Isabelle pensou, esticando a mão para soltar o animal. Mas assim que fez isso, o camundongo largou a barra do vestido. Ele ficou de pé sobre as patas traseiras e guinchou.

Isabelle reconheceu a criaturinha. Era a mesma mamãe camundongo que ela vira procurar lentilhas nas rachaduras entre as pedras da lareira, aquela a quem Isabelle deixara um pouco de queijo.

– Olá – Isabelle disse. – Não tenho nenhuma comida para dar a você. Gostaria de ter. Eu…

A mamãe camundongo ergueu uma pata, como uma mãe que silencia uma criança tagarela. Ela guinchou de novo. E de novo.

No início era apenas um sussurro. Um som baixo e farfalhante, como brisa girando na grama. Mas então o som ficou mais alto, mais urgente e atingiu Isabelle, vindo de todos os lados dos destroços.

A jovem segurou sua lanterna no alto e perdeu o fôlego, atônita. À sua volta, parados sobre as pedras, encarapitados sobre as madeiras, com bigodes agitados, olhos negros brilhando e rabos erguidos acima do corpo feito interrogações, estavam camundongos. Centenas deles.

Ao ouvirem a mamãe camundongo guinchar mais uma vez, todos sumiram nos destroços. Isabelle ouviu barulho de coisas sendo arrastadas e arranhadas, guinchos e gritos.

Perplexa, ela olhou para a mamãe camundongo.

– Aonde eles foram? – ela perguntou. – O que eles…

Parecendo irritada, mamãe camundongo ergueu a pata para a garota de novo. Ela escutava atentamente, suas orelhas grandes tremendo.

Isabelle também apurava os ouvidos, mas não sabia o que mamãe camundongo estava escutando. Ela olhou para cima. As estrelas desapareciam. A escuridão diminuía. Restava a ela pouco tempo.

Então uma série de chamados agudos soou nos destroços. Mamãe camundongo guinchou animada, pulando de pé para o lado. Ela acenou chamando Isabelle e apontou.

Isabelle baixou a lanterna e se ajoelhou no chão com o intuito de ver melhor o que o camundongo indicava. Quando o fez, outro camundongo, forte e grande, surgiu em meio às ruínas. Ele usava algo na cabeça, que parecia uma coroa.

– Este é o seu rei? – Isabelle perguntou, totalmente pasma. – Você quer me mostrar o seu rei?

Outros camundongos reapareceram nos destroços. Eles responderam à pergunta de Isabelle com barulhinhos esquisitos que soavam como uma gargalhada. Mamãe camundongo acenou para o grande camundongo, que fitou Isabelle, desconfiado, e balançou a cabeça em negativa. Mamãe camundongo bateu o pé no chão. O grande camundongo se aproximou.

Ele tirou sua coroa com as duas patas e a entregou a Isabelle. Sem saber ao certo o que fazer, Isabelle pegou o objeto e o segurou perto da lanterna. Deixou escapar uma exclamação ao ver que não se tratava de uma coroa, de forma alguma.

Era um anel de ouro.

SETENTA

O coração de Isabelle se encheu de gratidão. Por um instante, ela perdeu a fala.

Ela reconheceu o anel, foi Maman quem lhe dera. Era fino; a pedra – uma ametista – era pequena. Ainda assim, devia valer quatro *livres.* Talvez mais.

– Obrigada – ela enfim conseguiu pronunciar.

Mais dois camundongos saíram dos destroços arrastando algo atrás de si. Eles entregaram o objeto a ela. Era um bracelete de ouro feito de pequenos elos; um coraçãozinho de ouro com um rubi no meio balançava pendurado em um dos elos. Seu pai o havia dado a ela. Estava coberto de fuligem, mas dava para limpar.

O anel ela daria em troca de Nero. O bracelete, em troca de sua liberdade. Poderia vendê-lo e usar o dinheiro para alugar um quarto no vilarejo para ela e sua família. Elas se livrariam de Madame, suas vacas e seus repolhos.

Grata pelos presentes, Isabelle colocou a mão no chão, com a palma voltada para cima, diante da mamãe camundongo. Ela hesitou, mas subiu na mão. Isabelle a ergueu até ficarem cara a cara.

– Obrigada – ela disse mais uma vez. – Do fundo do meu coração, *obrigada.* Você não sabe o que isso significa para mim. Jamais poderei retribuir sua ajuda.

Ela beijou o camundongo no topo da cabeça e o colocou no chão com delicadeza. Então se levantou, agarrou suas joias, e deixou as ruínas para trás.

O sol despontava no horizonte. Pássaros canoros davam bom-dia ao alvorecer. Quando Isabelle chegou à estrada, corria.

SETENTA E UM

– Você voltou – o homem musculoso disse ao abrir os portões. – Não achei que voltaria. Trouxe o meu dinheiro?

Isabelle, que havia chegado aos portões só um minuto antes que ele, estava dobrada, com as mãos nos joelhos, tentando recuperar o fôlego. Ela havia corrido sem parar todo o caminho desde a Maison Douleur até o abatedouro.

– Trouxe isto – ela falou, se endireitando. Ela enfiou a mão no bolso, pegou o anel e o entregou ao homem.

Ele o devolveu, ultrajado.

– Eu disse quatro *livres,* não um anel! Tenho cara de penhorista?

O pânico a dominou. Nem por um segundo ela imaginara que talvez ele não aceitaria o anel.

– Mas é… é de ouro. Vale mais que quatro *livres* – ela gaguejou.

O homem fez um gesto com a mão, indicando a recusa.

– Eu teria que vendê-lo ao joalheiro, que é mão-de-vaca. Seria um problema.

– *Por favor…* – Isabelle implorou. Sua voz falhou.

O homem olhou para ela de relance, e depois tentou desviar a visão, mas não conseguiu. O rosto dela estava sujo de fuligem. O vestido, encharcado de suor. Uma manga estava manchada de sangue.

– Por favor, não mate meu cavalo – ela conseguiu expressar.

O homem olhou além dela, para a rua, e praguejou. Resmungou que ele era manteiga derretida, sempre fora, que isso seria sua ruína. E então enfiou o anel no bolso.

– Vá buscá-lo – ele falou, indicando o pátio com um movimento de cabeça. – Mas ande logo. Antes que eu mude de ideia.

Isabelle não lhe deu essa chance.

– Nero! – ela exclamou.

O cavalo estava parado do outro lado do pátio, amarrado a um poste. Suas orelhas se ergueram quando ouviu a voz de Isabelle. Os olhos negros se arregalaram. Isabelle correu pela lama até ele e passou os braços em volta de seu pescoço. O bicho relinchou e depois a cutucou com o focinho.

– Sim, tem razão. Precisamos dar o fora daqui – Isabelle disse. Ela rapidamente desamarrou o animal e o conduziu através do pátio.

Em sua pressa de chegar até Nero, ela não havia reparado nos outros cavalos do pátio. Mas agora reparava. Havia dois deles.

Eles devem ter chegado ontem depois que eu saí daqui, ela pensou. Estavam esqueléticos e infestados de moscas. Seu pelo era sem vida, as caudas cheias de carrapichos. Ela desviou o olhar. Não havia nada que pudesse fazer.

Mais homens haviam chegado. O rapaz musculoso agora preparava café num fogãozinho em um galpão caindo aos pedaços. Os outros estavam parados ao redor dele, esperando para tomar uma xícara da bebida, mas logo pegariam suas facas e malhos e começariam a trabalhar.

Isabelle passou por eles conduzindo Nero e os dois atravessaram os portões.

Quando estava prestes a ir embora com ele, olhou novamente para os cavalos. Ninguém havia lhes dado comida ou água. E por que fariam isso? Por que desperdiçar comida com animais que iam morrer? Eles eram velhos, acabados. Imprestáveis. Inúteis.

Isabelle apertava tanto a guia de Nero que suas mãos doíam. O bracelete, que ela usaria para dar à Madame em troca de liberdade, sua, de Tavi e de Maman, pesava em seu bolso. Pesava ainda mais em seu coração.

Isabelle olhou para o céu.

– O que estou fazendo? – ela se questionou, como se esperasse que as nuvens lhe respondessem. Então amarrou Nero na cerca, tirou o bracelete do bolso e voltou para dentro do abatedouro.

– Que idiota é a Isabelle – muitos diriam. – Que idiota desperdiçar seu bracelete com um caso perdido.

Nunca dê ouvidos a pessoas desalmadas.

O cachorro que é só pele e osso e aparece em sua porta. O pássaro de asa quebrada que você trata até sarar. O gatinho que você encontra chorando na beira da estrada.

Você acha que os está salvando, não é?

Ah, criança. Não percebe?

São eles que estão salvando você.

SETENTA E DOIS

Isabelle, de cabeça baixa, seguia pela estrada depois de deixar o abatedouro, depois de ter passado pelas áreas mais afastadas de Saint-Michel, levando os três cavalos atrás de si.

Madame vai me matar, ela pensava, preocupada. *Ela não queria nem o Martin, que ganha seu sustento. O que ela dirá quando vir Nero e estes dois pobres-diabos?*

E então um pensamento mais perturbador lhe ocorreu. *E se Madame ficasse tão brava que ameaçasse mandá-las embora novamente?*

Isabelle não havia considerado tal possibilidade enquanto barganhava a vida dos cavalos – tudo o que importava era que ela os havia salvado –, mas agora a ideia lhe assombrava. Tantine conseguira convencer Madame a deixá-las ficar depois do desastre do cachorro morto suado, mas Isabelle duvidava que seria capaz de salvá-las mais uma vez.

– Isabelle? É você? O que está fazendo?

Isabelle ergueu os olhos ao ouvir a voz. Ela esboçou um sorriso forçado.

– Não sei, Félix. Os camundongos encontraram um anel para mim, e um bracelete. E eu ia usá-los para nos livrar de Madame e seus malditos repolhos. Mas troquei os objetos por Nero e estes dois aqui. Não podia deixá-los lá para morrer. Ah, Deus. O que fiz? – ela disse tudo isso sem pausa para respirar.

Félix, que estava a caminho de comprar pregos no ferreiro, inclinou a cabeça.

– Espere aí… este é o *Nero*? E que camundongos? Por que você está sangrando? – ele perguntou.

Isabelle explicou tudo.

Félix olhava para longe enquanto ela falava. Esfregava os olhos. Isabelle, que chutava terra de nervoso, nem notou o brilho prateado

nos olhos dele.

Ela estava terminando de contar sua história quando um grupo de garotos barulhentos, saindo em bando do rio, a interrompeu.

– Vejamos o que temos aqui… são três cavalos ou quatro? – um deles disse.

– Três cavalos e uma garota feia com cara de cavalo! – outro gritou.

Todos caíram na gargalhada. Isabelle se encolheu de vergonha.

– Saiam daqui antes que eu chute seus traseiros – Félix ameaçou, indo na direção deles.

Eles dispersaram.

– Não dê atenção a eles – Félix disse a Isabelle, que disseram… não é verdade.

– Então por que disseram? – Isabelle perguntou baixinho.

Félix olhou para ela. Para aquela garota, que estava exausta e suja, sangrando e encharcada de suor, mas ainda assim rebelde. Aquela garota – que havia salvado do abate três criaturas desamparadas que ninguém queria.

– A questão não é essa, Isabelle – ele disse, gentil. – A questão é: por que você acredita neles?

SETENTA E TRÊS

– Nelson, Bonaparte, Lafayette, Cornwallis! – Chance gritou. – Vocês tinham mesmo razão, senhores! Jamais viajarei do lado de dentro de novo!

Chance estava de pé no teto de sua carruagem, com as pernas separadas para manter o equilíbrio, enquanto avançava pela estrada ruidosamente na direção de Saint-Michel. Um carteado começaria em breve, num quarto acima da loja do ferreiro. Ele não queria se atrasar. Seus quatro macacos-pregos estavam com ele, perseguindo uns aos outros por todos os lados, guinchando de alegria.

– Mais rápido, mais rápido! – gritou para o condutor.

– Se eu for mais rápido, levantaremos voo! – o condutor berrou de volta.

Nelson aproveitou o momento para roubar a echarpe que Chance havia amarrado na cabeça feito um pirata – seu chapéu tinha sido levado pelo vento milhas atrás – e correu para a parte traseira do teto. Chance o perseguiu e, ao fazê-lo, viu alguém cruzando a galope os campos que margeavam a estrada. A pessoa quase emparelhou com sua carruagem.

Era uma jovem. Suas saias esvoaçavam atrás dela. Seus cabelos estavam soltos. Ela montava como homem, com uma perna de cada lado do animal, não com uma sela lateral feminina. Sua cabeça estava abaixada, perto do pescoço do cavalo, seu corpo tenso em posição de agachamento. Ela saltou sobre um muro de pedras, destemida, em total sintonia com seu magnífico cavalo negro. Com um choque de satisfação, Chance se deu conta de que a conhecia.

– Mademoiselle! Isabelle! – chamou. Mas ela não o ouviu.

– Aquele é Nero, deve ser – ele disse para si mesmo, sua pulsação acelerando de empolgação. – Ela recuperou seu cavalo!

O marquês pegou de volta sua echarpe de Nelson e acenou com ela, finalmente chamando a atenção de Isabelle. Ela se surpreendeu e riu. Chance, incapaz de resistir a uma aposta, uma competição ou um desafio, indicou um ponto à frente. Havia uma igreja ao longe, no topo de uma colina. Ele colocou as mãos em concha em volta da boca e gritou:

– Aposto que chego primeiro!

Isabelle sorriu. Seus olhos faiscaram. Ela tocou as laterais do cavalo com os calcanhares e disparou num galope. Sem esforço, ele saltou sobre uma cerca, passou por dois córregos e então atravessou um campo. A garota fazia Chance comer poeira, mas quando estava chegando ao fim do campo, uma sebe surgiu – uma parede alta e larga de vegetação rasteira e arbustos que separava o terreno de um fazendeiro do de seu vizinho. Tinha bem um metro e meio de altura e cerca de um metro de largura.

– Hurra, meus bons camaradas! – Chance declarou aos macacos. – A vitória é nossa! Ela não conseguirá pular aquilo. Ela terá que…

As palavras morreram em sua garganta. *Dar a volta*, era o que ele estava prestes a verbalizar. Mas Isabelle não ia contornar a sebe. Ela estava rumando direto para o arbusto.

– Não, não faça isso! É alta demais! Você vai quebrar o pescoço! – Chance gritou para ela. – Não quero nem ver. – Ele tapou os olhos, e então abriu um pouco os dedos e espiou pelos vãos.

As mãos de Isabelle subiram pelo pescoço do cavalo para deixá-lo mais livre. O garanhão se aproximou da sebe. Ele deu um impulso com suas pernas negras e poderosas, dobrou as patas dianteiras e voou por cima da sebe. Chance não os viu aterrissar – o arbusto bloqueava sua visão – mas os ouviu. Isabelle soltou um grito animado, o cavalo relinchou, e eles completaram o resto do caminho colina acima.

Ela fazia o cavalo trotar em círculos para acalmá-lo quando Chance e seu condutor despontaram na via de entrada da igreja.

– Mademoiselle, você é perigosa! Uma garota intrépida e audaciosa! Totalmente inconsequente! – Chance gritou, irritado, com as mãos nos quadris. Então sorriu. – Seremos melhores amigos!

– *Eu* sou inconsequente? – Isabelle disse, rindo. – Sua Graça, você está de pé no teto de sua carruagem!

Chance baixou os olhos para os próprios pés.

– É mesmo. Quase havia me esquecido. – Ele ergueu os olhos de novo. – Meus macacos estavam se divertindo tanto, sabe, e então pensei *por que não?* Mas me diga, onde arranjou esse cavalo formidável?

– Eu o resgatei. Ele era meu, e depois não era mais, e então o encontrei no abatedouro. É uma longa história.

Abatedouro?, Chance pensou, indignado. *Aposto que aquela velha miserável teve alguma coisa a ver com isso.*

– Qual o nome dele? – perguntou, indiferente.

– Nero.

Rá!, Chance exclamou mentalmente. Era tudo que ele podia fazer para não sair dançando no teto da carruagem. *O cavalo dela… o segundo pedaço de seu coração havia voltado para ela!*

Ele estivera observando o mapa de Isabelle atentamente e notara que duas linhas novas tinham aparecido nele. Uma dava uma guinada para Wildwood e cruzava o caminho de Félix. A outra desviava para o abatedouro. Chance não conseguira adivinhar o que levara Isabelle a fazer esse segundo desvio. Agora ele sabia.

O garoto, o cavalo, Chance pensou, *agora só falta a meia-irmã*.

Chance sabia que, se ia ajudar Isabelle a encontrar o terceiro pedaço, precisava mantê-la ali com ele mais um pouco, falando, e, com sorte, talvez conseguisse abordar o assunto Ella. Fate havia impedido Isabelle de ir ao Château Rigolade e o proibido de visitar a fazenda dos LeBenêt. Aquela era a primeira oportunidade que ele tinha de falar com ela desde que Nelson atirara no ladrão de galinhas.

Ele se sentou no teto da carruagem, balançando as pernas penduradas na lateral do veículo.

– Você o cavalga como se o tivesse criado – ele disse, esticando a mão. Nero se aproximou e permitiu que Chance coçasse seu focinho.

– Eu o criei – Isabelle afirmou, acariciando o pescoço do animal. – Eu o ganhei quando ele era apenas um potrinho. No meu aniversário de onze anos. Foi um presente do pai de Ella… Quer dizer, do pai da *rainha…* meu padrasto. Tavi e eu, nós somos parentes da rainha, somos suas…

– Vocês são suas meias-irmãs. Sim, eu sei. Minha mágica me disse. Que presente incrível. Octávia não ficou com inveja? E Ella?

– Tavi havia ganhado de aniversário uma edição encadernada em couro de *Princípios matemáticos da filosofia natural,* de Isaac Newton, um mês antes. Ela nem notaria se nosso padrasto tivesse me dado uma manada de elefantes. E Ella nunca fora invejosa. No entanto, tinha receio com relação a Nero, de que eu acabasse me matando ao cavalgá-lo. – Isabelle deu um sorriso melancólico. – Ela ficava preocupada toda vez que eu saía galopando nele. Geralmente com Félix, seu carpinteiro. Ele era um de nossos cavalariços…

– É mesmo? – Chance fingiu surpresa.

– Ella nos abraçava toda vez que voltávamos e nos beijava, como se temesse que uma noite não retornássemos mais… – Sua voz foi sumindo. – Ela sempre foi tão doce, tão bondosa.

Chance enxergou aí sua oportunidade.

– Você sente falta dela – ele inferiu.

Isabelle baixou os olhos para as rédeas em suas mãos.

– Todos os dias. É difícil admitir isso.

– Por quê?

Isabelle deu uma risada triste.

– Porque ela certamente não sente a minha falta. Ela me odeia.

– Como sabe disso?

– Por que não odiaria?

– Porque você é valente e audaciosa. Quem não amaria uma garota assim?

Isabelle balançou a cabeça em negativa.

– Você é gentil, Sua Graça, mas não me conhece. Eu não era… eu não era boa para ela.

– Conheço oficiais da cavalaria que não saltariam aquela sebe. Reconheço uma alma corajosa quando vejo uma.

Isabelle lançou para ele um olhar inquisitivo.

– Está me dizendo…

– Que deveria ir ver sua meia-irmã? Tentar fazer as pazes? Nossa, menina! Você leu minha mente!

– Acha que ela me receberia? – Isabelle perguntou, hesitante. E esperançosa.

Chance se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos sobre os joelhos.

– Acho que todos cometemos erros. O que importa é não deixarmos nossos erros nos definirem.

O sino da igreja começou a soar indicando as horas: oito em ponto. Chance fez uma careta. O carteado provavelmente já havia começado.

– Receio que seja hora de dizer adeus, tenho um assunto a tratar no vilarejo. Paris não fica longe, jovem Isabelle!

Ele saltou para o chão e abriu a porta da carruagem. Depois de entrar, baixou o vidro, se debruçou na janela e deu um tapinha na porta do veículo. O condutor virou os cavalos para o outro lado e os conduziu de volta à estrada.

Chance e Isabelle acenaram em despedida e então Chance se recostou no assento.

As coisas estavam indo bem. Isabelle estava criando seus próprios caminhos. O cavalo era dela. O garoto, também. Ou melhor, ele *seria* se os dois conseguissem parar de brigar um com o outro. E agora Isabelle tentaria ver sua meia-irmã.

Chance deveria ter se alegrado com tal pensamento, mas ficou preocupado. Ele tinha o mapa de Isabelle. Ele observava o mapa todos os dias e, independentemente do progresso que ela fazia, a terrível caveira de cera na margem inferior do pergaminho continuava escurecendo. Ele imaginava que Isabelle só tinha mais alguns dias antes que a caveira ficasse totalmente preta.

Encontrar Ella e ganhar a ajuda da rainha fada… eram a única esperança dela. E a dele também.

Chance se debruçou na janela de novo, procurando por Isabelle. Ele a avistou galopando pelos campos, ficando cada vez menor.

– Vá, garota magnífica – ele sussurrou. – Cavalgue com garra. Cavalgue rápido. Crie seu próprio caminho. *Depressa*.

SETENTA E QUATRO

Madame LeBenêt sovava a massa de pão sobre a mesa como se quisesse matá-la.

– Duas vezes, Tantine! – ela reclamou, ressentida. – Não uma, mas *duas* vezes essas garotas se aproveitaram da minha natureza generosa. Primeiro o queijo; agora os cavalos!

– Isabelle tem coração de manteiga, Avara. Como você – Tantine disse.

Sua voz era tranquilizadora, sua expressão era serena, mas por dentro ela estava furiosa. As coisas vinham se encaixando tão bem, e agora estava tudo desmoronando. Aquele maldito cavalo deveria estar morto, não pastando alegremente nos campos dos LeBenêt. Fate o havia comprado de uma pobre viúva, depois o vendido ao abatedouro, dizendo a eles que o animal era selvagem demais para servir de montaria, um assassino, e deveria ser abatido.

E se o simples fato de ele ainda estar vivo não bastasse, na hora do almoço, que geralmente era o momento mais sem graça e enfadonho do dia, Isabelle havia anunciado que iria a Paris no dia seguinte para tentar ver sua meia-irmã. Fate fingira se alegrar com o desejo de reconciliação de Isabelle. Avara não ficara nada feliz, mas Isabelle prometera fazer a ordenha da manhã antes de ir e voltar a tempo da ordenha da tarde. Além disso, era domingo, supostamente um dia de descanso, e então não havia muito o que Avara pudesse questionar sobre o assunto.

O cavalo, o garoto e agora a meia-irmã – será que Isabelle estava criando os próprios caminhos sozinha? Ou Chance os teria desenhado no mapa? Ele ainda tinha o pergaminho, é claro. E se, de algum modo, ele houvesse aprendido a fazer tintas mais fortes? Fate tremeu ao pensar no caos que aquele vigarista causaria se tivesse tal poder em suas mãos.

– Três cavalos ela traz do abatedouro. *Três!* – Avara bufava, enterrando as mãos na massa com tanta força que a mesa chacoalhava.

Fate não aguentava mais as reclamações de Madame.

– Viu Losca por aí? – ela perguntou, levantando-se. – Tenho um remendo para ela fazer.

– Provavelmente está na horta. Parece ser o lugar favorito dela – Avara respondeu. – *Aquela* sim é uma garota que não causa problemas. É quieta, útil e come feito um passarinho.

Avara falou outras coisas, mas Fate, que já estava lá fora, não a ouviu. Losca estava mesmo na horta, sentada perto do canteiro de tomates, tirando grandes lagartas verdes das plantas e as enfiando na boca. Suas bochechas estavam ruborizadas. A gola de seu vestido, encharcada de suor. Ela parecia exausta.

– Por onde andou? – Fate perguntou.

Losca, de boca cheia, não pôde responder. Em vez disso, pegou algo que estava no chão ao seu lado e entregou à sua senhora.

Os olhos de Fate se iluminaram quando ela viu do que se tratava – era o mapa de Isabelle.

– Você é uma garota *maravilhosa*! Como conseguiu pegá-lo? – ela perguntou.

Losca engoliu as lagartas e então explicou a Fate, com sua voz rouca e alta, que estivera sobrevoando o Château Rigolade mais cedo naquela manhã, antes que todos acordassem. Ela se esgueirara por uma janela aberta do quarto e voara em silêncio até a sala de jantar. O mapa estava aberto sobre a mesa, e Chance estava tombado sobre ele, roncando.

Havia um decantador de conhaque sobre a mesa, perto dele. Cartas de baralho e uma pilha de moedas de ouro estavam ao seu lado.

Ainda em sua forma de corvo, para o caso de ter que escapar depressa, ela agarrara uma ponta do mapa com seu bico e o puxara com cuidado de debaixo de Chance, centímetro por centímetro, até soltá-lo. Chance resmungara e se mexera durante o sono, mas não despertara. Depois de enrolar o mapa com o bico, Losca o segurara com as garras e saíra voando pela mesma janela. Aterrissar no canteiro de tomates não fora sua intenção, mas voar milhas

carregando o mapa a havia deixado com tanta fome que achou que fosse desmaiar.

– Descanse, Losca, e coma o quanto quiser – Fate disse. – Esse seu ótimo trabalho merece uma recompensa especial. Esta noite iremos à floresta para ver se encontramos algo morto cheio de vermes gostosos e suculentos.

Losca sorriu e voltou à cata de lagartas.

Fate foi depressa para o seu quarto e abriu o mapa sobre a mesa. Com seu dedo torto e enrugado, ela seguiu o caminho de Isabelle. Alívio surgiu em seu rosto ao ver que, embora Isabelle tivesse criado desvios, o curso principal de sua vida permanecia inalterado, bem como seu fim. Chance não tinha conseguido alterá-los. A caveira de cera era de um preto-azulado como as asas de um corvo. Em quatro dias, cinco no máximo, Fate calculou, estaria tão negra quanto uma sepultura.

Mesmo assim, Fate sabia que aquela não era hora para comemorar. E se a garota conseguisse mesmo uma audiência com sua meia-irmã? E se Ella a perdoasse e a convidasse para morar no palácio?

– Talvez seja hora de acelerar um pouco os eventos – Fate pensou em voz alta. – Talvez eu possa reduzir quatro ou cinco dias para um.

Ela se sentou à mesa, pegou uma pena e a mergulhou em um frasco de tinta. Com movimentos hábeis e precisos, acrescentou novos contornos ao cenário existente. Quando terminou, destacou as colinas com *Sina*, um cinza-escuro, e sombreou os vales com *Derrota*, um roxo tão escuro e sarapintado quanto um hematoma.

Enquanto ela trabalhava no mapa, Losca entrou no quarto, recuperada do esforço. Seus olhos estavam novamente brilhantes como contas, suas bochechas pálidas como sempre.

– Ah, Losca! Que bom que está aqui – Fate disse.

Ela explicou que Isabelle iria a Paris no dia seguinte e que ela gostaria que sua criada voasse cedo na manhã seguinte e fizesse um pequeno preparativo para a viagem da garota. Quando terminou de falar, voltou ao mapa de Isabelle, mas em vez de enrolá-lo e guardá-lo, fez cara feia. Ainda faltava alguma coisa.

A velha pegou outra tinta, o vermelho-vivo *Destruição*, e a usou generosamente no caminho de Isabelle.

– Agora sim – ela avaliou, com um sorriso de satisfação. – Isso deve bastar. Talvez, em vez de tentar impedir a garota de mudar seu destino, seja hora de fazê-la chegar mais rápido até ele.

SETENTA E CINCO

A raposa correu na frente de Isabelle.

Então parou e se sentou em um toco de árvore à beira da estrada, enquanto Isabelle, cavalgando Nero, a alcançava.

– Era você, não era, Tanaquill? – ela indagou, parando Nero a alguns passos do toco. Ao contrário de Martin, ele não tinha medo de raposas.

A raposa piscou seus olhos cor de esmeralda.

– Você perseguiu Martin até o abatedouro para que ele encontrasse seu velho amigo. Você me devolveu Nero. Obrigada, ele é um dos pedaços, sei que é.

A raposa ergueu o focinho e ganiu.

Isabelle assentiu.

– Acho que eu estava errada desde o início, sobre os pedaços serem bondade, gentileza e caridade. Você disse que meu coração tinha sido destruído pedacinho por pedacinho por pedacinho, mas não se pode acabar com algo que nem existia.

A raposa lambeu sua pata.

– Agora estou indo para Paris. Para ver Ella. Acho que ela também é um pedaço – Isabelle arriscou, esperando pela reação da raposa. Mas se ela concordou, não demonstrou.

– Nero fez de mim uma pessoa melhor. Ele me deu coragem – Isabelle prosseguiu. – E Ella? Se um dia já fui boa, pelo menos um pouquinho, foi por causa dela.

A raposa agitou sua cauda.

– Tavi acha que Félix também é um pedaço. Mas ele não é. *Sei* que ele não é. Pode me dizer o que é o outro pedaço? Me dar uma dica? Uma indicação? *Qualquer coisa,* Sua Graça?

A raposa virou a cabeça e observou a estrada com atenção, como se visse alguma coisa, ou escutasse algo lá. Isabelle seguiu o olhar

dela, mas não viu nada. Quando voltou seu olhar para a raposa, a criatura tinha desaparecido.

– Agora estou falando com raposas. É quase tão ruim quanto conversar com repolhos – constatou, e então ela e Nero seguiram viagem. Eles já haviam percorrido quase dez quilômetros do trajeto de trinta e dois quilômetros, e, durante todo o percurso, Isabelle se perguntara se estava ficando maluca.

Todos achavam que ir ver Ella era uma péssima ideia. Tantine argumentara que os guardas nunca a deixariam passar. Tavi dissera que Ella não a receberia. Madame pontuara que ela provavelmente seria roubada, assassinada e jogada numa vala antes da metade do caminho.

Só Maman achara que a viagem era uma boa ideia. Ela dissera a Isabelle para arranjar um duque e se casar enquanto ainda estivesse por lá. E, obviamente, o marquês queria que ela fosse.

Sua determinação vacilara por um momento, mas então ela se lembrara do marquês de pé no teto de sua carruagem em movimento, com o vento soprando suas tranças e fazendo seu casaco esvoaçar atrás dele.

A maioria das pessoas teria berrado de medo; ele rira, jogando a cabeça para trás, com os braços erguidos para o céu.

Ela se lembrou de seus brilhantes olhos cor de âmbar, e de como, quando ele a olhara, fizera com que sentisse que a sorte estava do seu lado, como se algo assim fosse possível.

E então ela estalou a língua e impeliu Nero a se mover.

Eles já estavam galopando havia mais ou menos um quilômetro e meio quando viram um homem parado na beira da estrada mais adiante. Era um domingo tranquilo, e raramente eles tinham encontrado alguém, exceto umas poucas carroças e uma carruagem.

Isabelle não pensou nada a respeito do homem, até chegar mais perto e perceber que ela conhecia a curva de seus ombros e seu jeito descontraído de andar a passos largos. Ela reconheceu a bolsa pendurada em suas costas e o chapéu de palha surrado em sua cabeça.

Era Félix.

Isabelle sentiu um frio na barriga. Ela não queria vê-lo. Sempre que haviam ficado juntos por mais de dois minutos, coisas ruins tinham acontecido. Eles haviam brigado, gritado. Ele a havia beijado e depois ido embora. Félix podia ser incrivelmente gentil e impiedosamente cruel.

Isabelle decidiu ultrapassá-lo galopando, fingindo que não o havia reconhecido, mas ele se virou de repente ao ouvir alguém se aproximar a cavalo e ela perdeu essa chance.

– Isabelle – ele disse, indiferente, ao perceber que era ela. Não parecia que ele tampouco estava ansioso para vê-la.

– Oi, Félix – ela respondeu com frieza. – Estou indo a Paris. Desculpe, mas não posso parar.

– Que pena.

O tom de provocação na voz dele irritou Isabelle. Ela fez cara feia, mas Félix não viu sua reação. Ele não estava mais olhando para ela; seus olhos estavam voltados para Nero.

As orelhas do cavalo ficaram de pé assim que ele ouviu a voz de Félix. Ele trotou até o garoto, o cheirou, e então bufou com força.

– Obrigado, garoto – Félix agradeceu, rindo enquanto limpava o hálito do cavalo de seu rosto.

Sua expressão dura havia desaparecido. Isabelle sabia que Félix amava Nero e que Nero também o amava. O cavalo baixou a cabeça, convidando Félix a coçar suas orelhas. O irritadiço Nero, que evitava o toque de qualquer um exceto Isabelle, que era mais propenso a morder ou dar coices do que a se comportar.

Vira-casaca, Isabelle disse mentalmente.

– Por que está indo a Paris? – Félix perguntou.

– Para ver Ella.

Félix olhou para ela de relance por debaixo da aba de seu chapéu.

– Uma audiência com a rainha. Isso não acontece todo dia. Quando ela a convocou?

Isabelle hesitou.

– Ela não fez isso, exatamente. Me convocou, quero dizer.

– Então quer dizer que você simplesmente vai aparecer sem aviso para ver a rainha da França?

O tom cético de sua voz abalou a confiança de Isabelle e a irritou ainda mais. Fez com que ela ponderasse, de novo, se a ideia do marquês não era, talvez, um pouco maluca. E se ela também não era.

– Vou *tentar* vê-la – ela corrigiu. – Eu preciso. Tem… tem uma coisa que preciso dizer a ela.

– Isabelle?

– O quê?

– O que quer que seja que pretende dizer a Ella… *diga,* não grite. Há guardas no palácio. Um monte deles. Com espadas e rifles. E não atire coisas. Nem ovos. Nem nozes.

– Aonde *você* está indo? – Isabelle perguntou, ofendida, querendo mudar logo de assunto. Era óbvio que Félix também ficara sabendo do incidente com os órfãos.

– Também a Paris – Félix replicou, passando a mão pelo pescoço de Nero e descendo até o ombro dele. – Vou entregar um rosto – ele continuou. – Quer dizer, meio rosto.

– Mais um ferido de guerra? – Isabelle perguntou, deixando o ressentimento de lado por um instante.

Félix assentiu.

– Um estilhaço arrancou a face esquerda do capitão. Seu olho também. Ele não pode sair. As pessoas ficam encarando, fogem dele. Fiz uma meia máscara para cobrir o ferimento. Espero que ajude.

Isabelle estava prestes a dizer que certamente ajudaria, mas ele falou antes que ela pudesse abrir a boca.

– Nero está suado – ele notou, franzindo a testa. – Você devia descer e caminhar um pouco. Deixá-lo descansar. Ainda faltam muitos quilômetros até Paris.

– Está me dizendo como devo cuidar do meu próprio cavalo? – Isabelle perguntou. Mas se inclinou e também tocou no ombro de Nero.

– Estou.

Isabelle, irritada, não se mexeu.

– Está com medo? – Félix perguntou em tom de provocação.

– Do quê?

– De que eu a beije de novo?

Isabelle olhou feio para ele, mas apeou porque ele tinha razão, infelizmente; Nero *estava* um pouco suado.

– Quem tem medo é *você* – ela retrucou, exasperada, enquanto tirava as rédeas do cavalo por cima de sua cabeça e o guiava.

– Ah, estou, é?

– Deve estar. Toda vez que me beija você foge.

Félix zombou dela, o que foi um erro.

O som rude e a expressão de desdém em seu rosto fizeram explodir a raiva de Isabelle, que ardia em fogo baixo. Ela parou repentinamente no meio da estrada, o agarrou pelo pescoço e o puxou para si. O beijo que ela lhe deu não foi nem doce nem delicado; foi um beijo ardente e intenso, cheio de fúria e desejo.

Isabelle o beijou com cada fibra do seu corpo, até perder o fôlego, e então o soltou. Félix cambaleou para trás. O chapéu caiu de sua cabeça.

– Fuja. Vá – ela ordenou, indicando a estrada. – É isso que você faz.

A mágoa se agitava nos olhos azuis dele. Doía em Isabelle saber que fora ela quem a colocara lá, mas ela não conseguia controlar a raiva que sentia do garoto. Era um sentimento reprimido por tempo demais.

– Por que, Félix? Só me diga o porquê – ela exigiu saber. – Você me deve isso. Você mudou de ideia? Conheceu uma garota melhor? Uma garota bonita?

Parecia que Félix tinha sido atravessado por uma espada bem no coração.

– Não, Isabelle, não foi nada disso – ele falou. – Eu esperei. Sozinho na floresta, noite após noite. Por alguém que jurou me encontrar, mas jamais apareceu. Esperei até ficar frio demais, então tive que sair de Wildwood, e de Saint-Michel, e arranjar um trabalho. Achei que *você* é que havia mudado de ideia. Conhecido um garoto rico, o filho de algum nobre.

A dúvida correu pelo coração de Isabelle feito camundongos na parede.

– Isso não é verdade – ela disse devagar, balançando a cabeça em negativa. – Depois que Maman descobriu sobre nós e obrigou

você e sua família a irem embora, você disse que voltaria por mim. Prometeu deixar um bilhete na tília, mas não deixou.

Félix jogou a mão para cima e olhou para o céu.

– Meu Deus! – ele exclamou. – Todo esse tempo… todo esse tempo você achou que eu…

– Sim, Félix, achei. Pensei que você me amasse – Isabelle disse com amargura.

– Mas, Isabelle – Félix disse. – Eu *deixei* um bilhete.

SETENTA E SEIS

Isabelle balançou a cabeça.

Ela sentia como se tivesse se arriscado a atravessar um lago que não estava totalmente congelado e agora o gelo estivesse rachando sob seus pés.

– *Não* deixou – ela insistiu. – Eu olhei. Toda noite.

– E eu esperei toda noite. Exatamente onde você me disse para esperar: onde vimos a mamãe cervo e seus filhotes.

– Não, não é verdade – Isabelle disse, mas com menos convicção.

– É verdade. Eu *juro*.

– E o que aconteceu com o bilhete, então?

– Eu… eu não sei – Félix disse, jogando as mãos para cima. – Não imagino o que *pode* ter acontecido. Fiquei preocupado, achando que o vento o levaria, então pus uma pedra em cima dele para fazer peso.

Não pode ser verdade. Ele deve estar mentindo, Isabelle pensou. *Nada disso faz sentido*.

E, de repente, fez. O gelo quebrou e o choque congelante da verdade puxou Isabelle para baixo.

– Maman – ela disse. – Ela estava tão vigilante. Aposto que viu quando você escondeu o bilhete lá. Aposto que ela o pegou e o queimou.

Isabelle sentiu como se estivesse se afogando. A mágoa, a tristeza, a amargura… todas as emoções que sentia havia anos, emoções que sempre lhe pareceram tão reais, ela agora percebia que eram falsas. Mas uma nova emoção ameaçava tomar conta dela, agarrá-la e envolvê-la, fazendo-a sufocar em suas profundezas geladas: arrependimento.

Ela viu a si mesma correndo até a tília noite após noite, na esperança vã de encontrar um bilhete. Ela viu Félix, esperando por

ela na floresta de Wildwood. E ela viu os dois desistindo. Pensando o pior um do outro. E deles mesmos.

– Oh, Félix – ela disse, sua voz aflita apenas um pouco mais audível que um sussurro. – Se eu tivesse encontrado o bilhete… Como teria sido nossa vida se eu o tivesse encontrado? Estaríamos em Roma a esta altura, felizes.

– Talvez estivéssemos morando perto do mar azul-turquesa em Zanzibar. Ou em uma fortaleza no alto das montanhas no Tibet. – Ele deu uma risada triste. – Ou talvez estivéssemos mortos. De fome. Ou de pura estupidez. Não tínhamos exatamente um plano. Eu só tinha umas moedas. Você ia levar uns ovos cozidos e um bolo de gengibre.

Isabelle queria desesperadamente se soltar, subir à superfície, encontrar alguma esperança nas águas escuras e turvas e usá-la para sair dali. Será que conseguiria?

Ela colocou uma mão sobre o peito de Félix. Sobre o coração dele. E então o beijou.

– Você vai se afastar de novo? – ela perguntou, encostando a cabeça em seu peito. – Não. Prometa que não fará isso.

– Não posso prometer isso, Isabelle – ele respondeu.

Ela o olhou, pasma, e tentou se soltar, mas ele agarrou sua mão e a segurou com força.

– Estou deixando Mestre Jourdan. E Saint-Michel. Estou deixando a França – ele disse, num só fôlego.

– Eu… eu não entendo…

– Estou indo para Roma, Isabelle. Para ser escultor, como sempre quis ser. – Ele levou a mão dela aos lábios e a beijou. – Venha comigo.

SETENTA E SETE

Isabelle e Félix caminhavam pela estrada em silêncio, Nero fazendo barulho de cascos atrás deles.

Meia hora havia se passado desde que ele convidara Isabelle para ir com ele a Roma.

Primeiro, ela rira, achando que era uma piada impulsiva, mas logo percebera que ele falava sério.

– Consegui uma vaga para trabalhar com o mestre escultor – ele explicara. – Ele me escreveu no mês passado. Farei os piores trabalhos, aqueles que ninguém quer fazer, mas é um começo. Pedi demissão, comprei minha passagem.

– Félix, quando… como… – Isabelle disse, perplexa.

– Tenho guardado o dinheiro de cada trabalho que fiz nos últimos dois anos – ele falou. – De todos os pés, mãos, olhos e dentes que esculpi nos meus momentos de folga. E do meu exército de madeira. Eu o vendi. Um nobre de Paris o comprou. Ele já me enviou o dinheiro. Só faltam três oficiais para eu terminar. Assim que eu o avisar, ele mandará seu criado vir buscá-los. – Ele fez uma pausa e então disse: – Tenho o suficiente. Para comprar sua passagem também, para alugar um quarto no sótão em algum lugar. Venha comigo.

Isabelle queria dizer sim mais do que jamais desejara qualquer outra coisa, mas era impossível e ela sabia disso.

– Não posso ir, Félix. Maman perdeu o juízo e a cabeça de Tavi está sempre nas nuvens. Se eu for, quem cuidará delas? Mal conseguimos sobreviver estando nós três. Elas não durariam uma semana sem mim.

– Não posso ter recuperado você só para perdê-la de novo – Félix falou, dissipando o silêncio. – Deve haver um jeito. Vou descobrir como.

Isabelle esboçou um sorriso, mas não conseguia imaginar que jeito seria aquele.

– Tenho que ir – ela anunciou. Félix ia passar a noite na cidade, na casa do capitão para quem fizera a máscara, mas ela precisava chegar a Paris e voltar a Saint-Michel até a noite.

– Fique comigo por mais um quilômetro. Tem uma placa. – Félix indicou com a cabeça um poste pintado de branco à frente deles. – Já estamos quase lá.

– Tudo bem – Isabelle concordou. – Mais um quilômetro.

Pouco depois, eles passaram pelo poste. Nele havia uma placa nova e recém-pintada sinalizando que Paris ficava à esquerda. Outra sinalizava que Malleval ficava à direita. Sem pensar duas vezes, Isabelle e Félix foram para a esquerda.

Se os seus sentimentos não estivessem tão confusos, se eles não estivessem tão distraídos com a conversa sobre Roma, se não tivessem parado, bem no meio da estrada, para trocar outro beijo, talvez tivessem notado que as placas não só haviam sido pintadas recentemente como a tinta ainda estava fresca. E que dava para ver grossas letras negras sob a tinta – Paris por baixo de Malleval, Malleval por baixo de Paris.

Talvez eles tivessem visto pegadas ao redor do poste de sinalização e terra revolvida recentemente a alguns passos de distância da placa. Se eles tivessem se dado o trabalho de cavar aquele buraco, teriam encontrado duas latas vazias de tinta e dois pincéis usados – todos eles roubados mais cedo naquele dia do celeiro de um fazendeiro da região.

Mas eles não viram nenhuma dessas coisas, e continuaram seguindo seu caminho.

Assim que ficaram fora de alcance do som, o corvo negro da cor do carvão, que estivera empoleirado escondido em um galho frondoso, agitou suas asas ruidosamente e alçou voo.

Não havia necessidade de ficar, sua senhora lhe dissera.

A garota e o garoto que a acompanhava não retornariam.

SETENTA E OITO

A PRIMEIRA COISA QUE CHAMOU a atenção de Isabelle foi a fumaça.

O cheiro de palha queimada, pungente e deslocado na brisa de verão.

Os fazendeiros queimavam seus campos para se livrar de ervas daninhas e restolho no outono, quando a colheita estava em curso. Não em agosto.

– Está sentindo esse cheiro? – ela perguntou a Félix.

– Estou – ele respondeu, perscrutando ao redor para identificar de onde vinha a fumaça.

Nero relinchou inquieto. Puxou as rédeas. Isabelle percebeu que nada à sua volta lhe era familiar. Ela já estivera em Paris antes, várias vezes, para comprar vestidos com Tavi e Maman, mas não se lembrava do enorme pomar de macieiras à direita da estrada. Ou do velho celeiro de pedras caindo aos pedaços à esquerda.

– Pegamos a estrada certa, não? – ela perguntou a Félix, percebendo que ela mal olhara para a placa.

– Tenho certeza que sim. Lembro de ter visto a placa sinalizando que Paris ficava à esquerda. Foi esse caminho que tomamos.

Eles continuaram andando. Alguns minutos depois, avistaram outra placa. Havia um homem sentado sob ela, encostado no poste de madeira, de cabeça baixa, obviamente descansando. Ele usava roupas rústicas de fazendeiro – botas gastas, calças compridas, uma camisa vermelha. Seu chapéu de palha estava inclinado sobre seu rosto.

Quando Isabelle e Félix se aproximaram, viram que só havia uma placa no poste, onde se lia *Malleval*.

– *Não pode* ser verdade – Félix disse. – Malleval fica na direção oposta.

Isabelle decidiu perguntar. Ela entregou as rédeas de Nero a Félix e se aproximou do homem que descansava.

– Com licença, senhor, esta é a estrada que leva a Paris?

O homem não respondeu.

– Parece que ele está dormindo – Isabelle disse.

Ela odiava ter que acordá-lo, mas precisava saber onde estavam. E não tinha tempo a perder.

– Senhor? Com licença – falou. Mas o homem continuou dormindo. Isabelle se inclinou e tocou com delicadeza em seu braço. O chapéu do homem caiu. A cabeça dele tombou de um jeito estranho para o lado, seu corpo tombou feito um saco de batatas.

Foi quando Isabelle percebeu que ele não estava tirando um cochilo nem usava uma camisa vermelha. Vestia uma camisa branca que tinha ficado vermelha. Sua garganta tinha sido cortada de um lado ao outro. O sangue tinha escorrido em cascata do corte pela frente de seu corpo e ainda pingava um pouco de sangue.

O terror a invadiu.

– Por favor, alguém ajude! Pelo amor de Deus, ajuda! – ela gritou.

Num instante Félix estava ao seu lado. Ele ficou pálido ao ver o homem assassinado, agarrou o braço de Isabelle e a puxou para longe. Nero, ao ouvi-la gritar e sentir o cheiro de sangue, arregalou os olhos, assustado. Isabelle pegou as rédeas das mãos de Félix e tentou acalmá-lo. Félix gritou pedindo ajuda novamente. Mas ninguém respondeu. Ninguém apareceu.

A brisa aumentou, bem como o cheiro de fumaça. O cheiro penetrante foi como um tapa; ele fez Isabelle cair em si, percebendo o quão idiota eles tinham sido.

– A pessoa que matou este homem ainda deve estar por perto – ela confidenciou a Félix. – E acabamos de avisá-la que estamos aqui.

– Se aquela placa estiver correta, Malleval está próximo – Félix disse. – Estaremos seguros lá. Podemos contar o que aconteceu. Eles mandarão alguém buscar este pobre homem.

Lançando um olhar receoso para os lados, Isabelle colocou o pé no estribo. Félix a ajudou a subir na sela e depois subiu atrás dela.

– Vá – ele disse, passando os braços pela cintura dela.

Isabelle incitou Nero a andar. Ele galopou cerca de um quilômetro e meio até o vilarejo, mas quando viu o local parou, ergueu a cabeça e soltou um relincho agudo.

Isabelle arregalou os olhos e levou a mão ao peito.
– Não – ela falou baixinho. – Deus do céu… *não*.
Eles não conseguiriam ajuda nenhuma em Malleval.
Nem agora, nem nunca.

SETENTA E NOVE

ISABELLE DESCEU DA SELA e cambaleou pelos campos de trigo nos limites de Malleval feito um bêbado. Félix a seguiu.

Nero ficou parado na estrada onde fora deixado, suas rédeas balançando ao sabor do vento.

No chão, entre hastes recém-cortadas de trigo, havia corpos. De homens, mulheres, crianças. Eles tinham sido baleados e esfaqueados, muitos pelas costas. Havia um homem com um buraco na lateral do corpo, ainda segurando seu forcado. Havia uma velha senhora com uma ferida de baioneta no peito.

Fumaça cinza-escura subia em colunas acima deles. As casas do vilarejo, seus estábulos e celeiros, todos tinham telhados de palha e estavam queimando.

Isabelle começou a tremer tanto que não conseguia parar. Suas pernas cederam. Ela caiu de costas ao lado de uma mulher morta com seu filho. O som de um lamento baixo se formou em seu peito, subiu pela garganta e explodiu em um uivo selvagem de dor. Soluços abafados vieram na sequência. A jovem se dobrou, enfiou as mãos na terra e chorou.

Tempos depois – minutos? Uma hora? –, Isabelle ouviu vozes. Masculinas. Ela ergueu a cabeça e olhou à sua volta. Não era Félix; ele carregava através dos campos uma senhora idosa que sangrava muito, correndo com ela para uma das únicas casas que não estava em chamas.

Então Isabelle viu os homens. Eram soldados, estavam reunidos do outro lado do campo. Eles conversavam e riam. Alguns seguravam as rédeas de seus cavalos, outros, sacos com a pilhagem.

Um deles se virou. Seu olhar pousou em Isabelle e um sorriso feio surgiu-lhe no rosto. Ele avançou na direção da garota através das colunas de fumaça, através das cinzas que caíam, tal qual um

demônio fugido do inferno. Outros dois soldados fizeram menção de segui-lo, mas ele gesticulou para que ficassem no mesmo lugar. Ela seria a diversão dele, e apenas dele.

Isabelle nunca tinha visto aquele homem antes, mas o conhecia. De rumores e histórias. Da visão que tivera quando uma carroça carregada de soldados feridos passara por ela na estrada até Saint-Michel. Ele segurava uma espada em uma mão e um escudo na outra. Não usava casaco. Seu colete de couro e sua camisa branca estavam manchados de sangue. Seus cabelos negros, com alguns fios prateados, estavam presos atrás da cabeça. Uma cicatriz cobria uma bochecha. Seus olhos ardiam em chamas escuras: era Volkmar.

Dentro de Isabelle, sob o seu coração, o lobo adormecido despertou.

OITENTA

ISABELLE ESTAVA APAVORADA. Ela ia morrer, sabia disso. Mas não fugiria; enfrentaria Volkmar.

Ela se levantou, rezando para que Félix continuasse com a senhora dentro da casa, e olhou em volta à procura de uma arma. Tinha de haver *alguma coisa* com que ela pudesse lutar – um forcado, uma pá, um garfo de feno. Ela miraria no pescoço de Volkmar se tivesse a chance. Em sua coxa. Em seu pulso. Daria o seu melhor para fazê-lo sangrar.

Volkmar se aproximou. Ele estava a apenas vinte jardas de distância agora.

– Como deixei passar este ratinho no campo de trigo? – ele disse, erguendo sua espada.

E, imóvel, Isabelle continuava indefesa. Seu coração estava aos pulos. Sua pulsação, acelerada, seu sangue ecoava nos ouvidos. Mas acima desse ruído, ela escutou outro. Parecia um tecido se rasgando. Ela sentiu um peso, repentino e grande, em sua roupa.

Ela olhou para baixo de relance e viu que seu bolso estava rasgado e aberto, porque a casca de noz dentro dele crescia.

Isabelle puxou a noz depressa para fora do bolso antes que ela rasgasse seu vestido todo. Quando o fez, a noz se achatou e aumentou de tamanho até ficar com a metade da altura da garota. Tiras de couro surgiram na face voltada para ela. Isabelle notou que segurava um escudo. Ela enfiou os braços nas tiras e ergueu o escudo sobre a cabeça.

No momento exato.

Se tivesse demorado um segundo a mais, a espada de Volkmar teria acertado sua cabeça. Agora Isabelle era forte, com braços bem torneados devido ao trabalho infinito na fazenda, e conseguiu segurar o escudo com firmeza. Se não fosse por isso, o golpe a teria partido ao meio.

Ela enfiou a mão no bolso novamente, lembrando do primeiro presente de Tanaquill. Seus dedos se fecharam ao redor do osso. Ela o puxou para fora e, ao fazê-lo, ele se transformou na mesma espada medonha usada para lutar contra o ladrão de galinhas.

– Covarde! – ela gritou para Volkmar. – Assassino! Essa gente era inocente!

O horror e a tristeza haviam recuado. Ela sentia como se eles tivessem se transformado em raiva.

O sorriso de Volkmar virou um rosnado. As palavras da jovem eram uma ofensa para ele. Um golpe no coração agora seria pouco para ela; ele queria a cabeça de Isabelle, queria fazer a cabeça voar.

Ele girou a espada no alto, como a garota sabia que ele faria. Ela se esquivou e a lâmina passou sobre sua cabeça. Suas pernas a impulsionaram para trás. A ponta de sua espada acertou a lateral do corpo dele e abriu um talho em sua costela. Ele berrou, surpreso, e cambaleou para trás.

O coração de Isabelle parecia um tambor de guerra. Seu sangue cantava.

Volkmar tocou sua ferida com as pontas dos dedos, que voltaram vermelhas.

– O rato tem dentes afiados – ele disse. E então atacou outra vez.

Isabelle sabia que tinha apenas uma chance. Ela precisava de algo melhor do que um ferimento superficial.

Ela levantou o escudo, ergueu a espada, mas, antes que pudesse usá-los, ouviu o som de uma corneta. Dois homens chegaram a galope cruzando o campo à esquerda dela. Um cavalo sem cavaleiro veio atrás deles.

– A cavalaria real está chegando! – um dos homens gritou. – Suba! Depressa!

Os homens se aproximaram mais. O cavalo sem cavaleiro reduziu a velocidade para meio-galope. Volkmar baixou suas armas e segurou o arreio do cavalo. Ele correu, emparelhando com o animal, deu alguns passos largos, e se lançou para a sela. E então os três cavaleiros se foram, desaparecendo na fumaça.

Isabelle baixou a espada e o escudo. Ao fazê-lo, os objetos voltaram a ser uma mandíbula e uma casca de noz. Ela os guardou

no bolso e, segundos depois, quarenta soldados chegaram galopando ao vilarejo. Eles cercaram Isabelle e perguntaram o que havia acontecido. Ela contou a eles, apontando a direção em que Volkmar tinha ido e os instou a partirem depressa.

O capitão gritou ordens aos seus homens e eles se foram.

Isabelle os observou partir, desejando ir com eles para caçar Volkmar. Então, enojada e esgotada, ela procurou por Félix. O rapaz estava cuidando de um moribundo de peito desnudo, pressionando sua camisa dobrada na lateral do corpo do homem, tentando impedir que sua vida se esvaísse pingando no chão.

Quando Isabelle o viu, ajoelhado entre um mar obsceno de cadáveres, seu corpo sujo de sangue, seu rosto banhado em lágrimas, uma dor, profunda e lancinante, a fez chorar. Aquilo era pior do que qualquer coisa que vivera naquele dia. Ela levou a mão ao peito e dobrou o corpo, com a respiração rápida e curta, desejando que aquilo acabasse.

Dentro dela, o lobo, impedido de cumprir seu trabalho, mostrou seus dentes afiados e os cravou no coração dela.

OITENTA E UM

O GRITO AGUDO ARRUINOU A TARDE TRANQUILA.

A ele se seguiu um barulho alto de algo se quebrando e o som de pés correndo.

Fate, que descascava maçãs à mesa da cozinha, ergueu a cabeça, alarmada. Avara, que mexia uma sopa na lareira, deixou cair sua concha nas cinzas.

– O que diabos está acontecendo lá? – ela gritou. – Hugo! Huuuugo!

Fate e Avara chegaram à porta ao mesmo tempo e viram uma tigela de louça em pedaços nos degraus de pedra. Ervilhas verde-claras estavam espalhadas em volta dela. Duas galinhas tinham corrido até lá e comiam os grãos com avidez.

Fate logo notou que fora Maman quem gritara e Tavi quem derrubara a tigela. Elas desciam o caminho de entrada correndo. Duas figuras subiam por ali. Félix estava sem camisa. Seus longos cabelos castanhos, molhados e escorridos, desciam pelas costas. Sua calça estava suja de sangue. Ele tinha um olhar perdido, como se focasse em algo que apenas ele enxergava. Seu braço estava em volta do pescoço de Isabelle, possessivo, protetor, como se temesse que ela fosse levada à força. As saias do vestido de Isabelle estavam manchadas de carmim. Havia suor e terra em seu rosto. Os cabelos, salpicados de cinzas, escapavam de seu coque cuidadosamente preso.

– Deus do céu! O que aconteceu? – Avara gritou. Ela desviou da bagunça espalhada nos degraus e se juntou aos outros. Hugo saía dos estábulos, limpando as mãos em um trapo. Ele largou o pano e começou a correr quando avistou Isabelle e Félix.

Fate permaneceu no vão da porta.

– *Não pode* ser – ela sibilou. – Como ele ainda está vivo?

Percebendo que pareceria insensível permanecer onde estava, Fate também rumou depressa para o caminho de entrada. Maman chorava, apertando o rosto de Isabelle entre as mãos em um minuto, perguntando o nome do bravo cavaleiro que estava ao lado dela no minuto seguinte. Tavi tentava fazê-la se calar.

Félix pediu desculpas por estar sem camisa e imundo. Ele explicou que havia deixado a camisa encharcada de sangue em Malleval e tentado se limpar na bomba d'água do vilarejo, mas não fora o suficiente. Depois, contou o que havia acontecido. Como acabaram em Malleval depois de Volkmar ter assassinado os moradores. Como Isabelle de algum modo havia achado uma espada e um escudo e enfrentado o assassino. Como eles tinham abandonado os planos de ir a Paris e percorrido o longo caminho de volta para casa.

Fez-se silêncio quando terminaram de falar. Ninguém se pronunciou.

Então Tavi, com a voz tremendo de raiva, disse:

– Você podia ter *morrido*, Isabelle. No que estava *pensando*?

– Que eu queria matar Volkmar – Isabelle retorquiu com uma voz firme e grave. – Que eu queria acertar seu coração maldoso e fazê-lo sangrar aos meus pés. Era nisso que eu estava pensando. – Calada e com uma expressão vazia, ela conduziu Nero aos estábulos para tirar os arreios dele.

Todos ficaram observando enquanto ela andava, e então Hugo se virou para Félix e disse:

– Entre. Sente um pouco. Beba alguma coisa.

Félix balançou a cabeça em negativa.

– Vou até o acampamento para alertar o Coronel Cafard. O quanto antes eu chegar lá, melhor.

Hugo insistiu em levá-lo na carroça. Ele já estava de saída para o acampamento, explicou. O cozinheiro tinha mandado buscar leite. Homens tinham partido para o front naquela manhã. Todas as carroças do acampamento tinham sido usadas para transportar barracas, armas e munição. Não havia sobrado nenhuma para buscar comida para os homens que ficaram.

Félix agradeceu e pediu uma camisa emprestada. Avara geralmente faria objeção, e atormentaria Félix dizendo para ele não

manchar ou desgastar a camisa nos cotovelos, mas não abriu a boca para protestar. A preocupação fazia enrugar a pele ao redor dos olhos dela. Seu olhar percorreu seus campos, seus pomares, seu gado, seu filho.

Fate sabia o que ela estava pensando, o que todos estavam pensando: Malleval ficava a apenas dezesseis quilômetros de distância.

– Volkmar não chegará aqui – Fate alegou em tom tranquilizador, a mentira saindo sem dificuldade de seus lábios. – Ele não se atreveria. Não com o Coronel Cafard acampado bem no limite do vilarejo.

Avara assentiu, mas as rugas não sumiram.

– Você está certa, Tantine. É claro que está – ela concordou, então respirou fundo. – Octávia, você quebrou minha tigela! Faz ideia de quanto custa uma tigela dessas? Limpe a bagunça e termine de debulhar as ervilhas! – Mas não havia a irritação usual em sua voz.

Tavi se inclinou sobre os cacos da tigela e segurou a ponta do avental para poder colocar os pedaços ali. Maman a ajudou. Avara voltou para a sua sopa.

E Fate continuou lá fora, observando Félix vestir a camisa de Hugo e então subir e se sentar ao lado dele na carroça. Assim que os dois garotos começaram a descer o caminho de entrada, seus olhos brilhantes inspecionaram os campos da fazenda à procura de Isabelle. Eles a localizaram perto do lago. Ela havia levado Nero até a água; ele estava imerso até os ombros e matava a sede.

Isabelle também entrou no lago, totalmente vestida, exceto pelas botas e meias. Enquanto Fate observava, ela mergulhou. Quando voltou à superfície, ela se sentou na margem e esfregou as manchas de sangue de seu vestido, e depois esfregou as mãos com força, com fúria, como se o que quer que houvesse nelas não fosse sair jamais.

Quanto terminou, ela baixou a cabeça e chorou. Mesmo de longe, Fate notou os ombros da garota balançando, seu corpo estremecendo.

Como diabos Volkmar conseguiu não matá-la?, Fate perguntou a si mesma. *Ela é apenas uma garota surtando com o banho de*

sangue que presenciou.

Fate pretendia obter uma resposta para sua pergunta. Alegando estar cansada depois de toda a confusão, abandonou a tigela de maçãs que estivera descascando, se trancou no quarto e tirou o mapa de Isabelle do baú. Ela se movia em silêncio. Losca dormia em uma cama de dobrar, com a cabeça enfiada sob o braço.

Fate abriu o mapa sobre a mesa, se sentou e o observou.

Ela tentara encurtar o caminho de Isabelle até sua morte, mas não dera certo. Será que eram as suas tintas? Talvez os ingredientes não fossem da melhor qualidade. A luz era fraca naquele quarto; talvez suas habilidades artísticas tivessem sido prejudicadas por causa disso.

Mas não, não era nada daquilo. Os olhos experientes de Fate encontraram o problema. Ela havia desenhado um novo caminho para Isabelle, um desvio que passava por Malleval e levava a Volkmar, e a menina tinha seguido esse caminho – a maior parte dele. Bem perto do final, no entanto, ela tinha abandonado o desvio e voltado para o caminho antigo.

Fate se recostou na cadeira. Ela tamborilou os dedos em seu braço. *Será que eu a subestimei?,* ela se perguntou.

Isabelle se recusara a abandonar a mãe em uma casa em chamas. Ela salvara três cavalos à custa da própria liberdade. Enfrentara Volkmar. Não era a mesma garota que apoiara Maman enquanto transformava Ella em criada, ou que trancara a meia-irmã no quarto quando o príncipe fora até sua casa. Ah, ela estava até andando mais ereta nos últimos tempos, mais confiante.

Pelo menos Isabelle não conseguiu ver Ella, Fate pensou com certo alívio. Aquela fora a única coisa boa do dia.

Mas o garoto – o primeiro pedaço – era um problema. Ele tinha um braço em volta de Isabelle enquanto subiam o caminho de entrada. Parecia que tinham se reaproximado. Fate consultou novamente o mapa de Isabelle, observando com atenção o desvio que ela havia criado, e então bateu com o punho cerrado na mesa. O barulho fez Losca acordar. Ela se sentou, piscando os olhos brilhantes.

– Eles fizeram as pazes! – Fate fervia de raiva. Ele fez uma sapatilha para ela, por *isso* ela conseguia andar mais ereta. – Ele

até a convidou para ir à Itália com ele! – Ela espiou o mapa mais uma vez. – Ela disse que não podia… Isso é bom. Mas ele prometeu dar um jeito. – Ela balançou a cabeça, desgostosa. – E se ele conseguir? E se Isabelle *for embora*?

Fate se levantou; ela andava de um lado para o outro.

– Isso não pode acontecer – concluiu. A velha sabia que precisava encontrar uma maneira de manter Isabelle em Saint-Michel, mas seus truques estavam acabando. Com calor por causa da movimentação, ela atravessou o quarto para abrir a janela. Era uma janela de caixilhos com dobradiças de metal e uma delas sempre rangia.

– Preciso pedir a Hugo para consertar isto – ela murmurou.

Hugo.

Fate girou nos calcanhares. Ela correu até sua escrivaninha e escreveu às pressas uma carta em um pedaço de pergaminho.

– Levante, garota! – ela latiu para Losca quando terminou.

Losca se levantou e desamarrotou o vestido.

– Leve isto a Monsieur Albert, gerente do banco de Saint-Michel. Ele deve estar em casa, desfrutando de seu jantar de domingo. Preciso de uma boa soma, mais do que ele tem em seu cofre. Darei a ele um dia ou dois para arranjar o dinheiro, sem dúvida, e precisamos agir rápido. Agora vá! Depressa! – Fate ordenou.

Ela acompanhou Losca quarto afora, atravessou a casa com a criada, passou por Tavi debulhando ervilhas, e pelo caminho de entrada abaixo, dando a ela instruções de como chegar à casa de Monsieur Albert. A garota começou a correr com a carta na mão.

Fate ficou assistindo até vê-la sumir na estrada, e então voltou para a casa. Um movimento chamou sua atenção. Era Isabelle que estava no pasto, montando Nero. Ela havia improvisado um espantalho. Seu corpo era feito de galhos; a cabeça era um repolho. Ele estava preso a um poste da cerca que ela enfiara em uma área com terra fofa. A menina brandia algo na mão direita. Fate apertou os olhos e viu que era uma velha espada que pertencera a Monsieur LeBenêt e que ficava pendurada nos estábulos.

Enquanto ela observava, Isabelle investiu contra o espantalho com a espada erguida e cortou sua cabeça fora. Ela virou Nero para o outro lado depressa e atacou novamente. O espantalho perdeu

um braço. Depois seu corpo foi partido em dois. Fate não gostou do que viu.

Sua expressão ficou ainda mais sombria quando passou por Tavi de novo e notou que a garota estava usando as ervilhas debulhadas para formar equações. Seus olhos se demoraram na garota.

Algumas semanas antes, após o incidente com o queijo, Hugo fora até ela reclamando de Tavi, pedindo a Fate que arranjasse alguém para se casar com ela.

Naquela ocasião, Fate considerara a ideia desnecessária, mas talvez já fosse hora de aceitar a sugestão de Hugo. Com algumas pequenas alterações.

Um casamento seria um bom negócio.

– Para todos – Fate sussurrou, malévola. – Exceto para a noiva e para o noivo.

OITENTA E DOIS

– Mais uma vez do início. Com sentimento, por favor! – Chance gritou.

Ele estava parado na frente do palco, com um copo na mão, observando o ensaio de seus atores, que estavam fazendo um péssimo trabalho. Errando as deixas. Confundindo as falas. A luz do archote, dançando em seu rosto, revelava novas rugas ao redor dos olhos.

– Mais alto, por favor! – ele berrou, erguendo a mão com a palma voltada para cima. – Mal consigo ouvir vocês!

A vidente gritou suas falas. A atriz e a diva se juntaram a ela no palco e disseram as suas. Chance bateu palmas em ritmo rápido para que acelerassem.

Uma das luzes da ribalta, sem a cúpula de vidro, tinha sido colocada muito para dentro do palco. A saia da vidente esbarrou nela. O tecido pegou fogo. O engolidor de espadas gritou, gesticulando, e correu para abafar as chamas. Assustada com o fogo, a vidente correu, mas não antes de o pé do engolidor de espadas pisar na barra de sua saia. Ouviu-se um som de tecido rasgando, e então a vidente se viu no meio do palco de anágua.

O pirofagista, que estava na passarela cuidando do mecanismo cênico, olhou para baixo a fim de distinguir o que acontecia, perdeu o equilíbrio e caiu. Seu pé enroscou em uma corda que estava presa a uma cortina de fundo pintada. A cortina foi içada a toda velocidade e atingiu o mecanismo cênico com força. Pedaços de madeira voaram pelos ares, arrancando a peruca da diva e a coroa da atriz. O pirofagista balançou pendurado, com a cabeça a centímetros do chão do palco.

Chance fechou os olhos e apertou a ponte do nariz. O mapa de Isabelle tinha sumido. Sem dúvida, Fate o estava redesenhando

para apressar a morte da garota. E o que ele estava fazendo? Dirigindo uma peça desastrosa.

Chance abriu os olhos.

– Alguém o solte, por favor – ele pediu, indicando o pirofagista, que ainda estava pendurado de cabeça para baixo, girando em círculos lentos feito um prumo humano.

– Você conta a ele – uma voz sibilou às costas de Chance.

– Não, *você* conta.

– Onde está o conhaque? Vamos encher o copo dele de novo. Más notícias sempre descem melhor com um copo de conhaque.

– Eu realmente acho que *você* deveria contar a ele.

Chance se virou.

– Me contar o quê? – o marquês perguntou.

O cozinheiro e a mágica estavam parados atrás dele, com ar solene.

– Isabelle não conseguiu chegar a Paris – relatou a mágica. – Não viu Ella.

Chance praguejou. Ele se virou e atirou seu copo contra uma árvore. Todos os atores pararam o que estavam fazendo. O silêncio se abateu sobre a companhia.

Ele inclinou a cabeça para trás. Cobriu os olhos com as mãos. Sentia que estava a apenas um passo vacilante da derrota.

– Esta peça é isso – ele disse, baixando as mãos. – Minha última jogada. É tudo que me resta para convencer Isabelle de que ela é capaz de criar seu próprio caminho. Se a peça falhar, eu terei falhado. E Isabelle estará perdida.

Os atores começaram a falar ao mesmo tempo. A gritar uns com os outros. A apontar dedos, agitar punhos. O barulho só aumentava.

Até que a vidente, ainda de anágua, deu um basta àquela situação.

– Calem a boca, todos vocês! – ela gritou, batendo o pé no chão. – Em seus lugares! Mais uma vez do início…

– Isso mesmo. Dê o melhor de si – a mágica a encorajou, indo para o lado de Chance.

– Digam suas falas como se a vida de Isabelle dependesse disso – o cozinheiro disse, se juntando a eles.

Chance assentiu, sério.

– Porque é exatamente esse o caso.

OITENTA E TRÊS

– Octávia! Isabelle! Acordem!

Isabelle se sentou, grogue. Ela havia adormecido rápido. *Alguém me chamou?,* ela pensou.

– *Acordem*, garotas! Preciso falar com vocês!

Era Madame LeBenêt. Isabelle esticou a mão na direção do vestido, que botou pela cabeça, e foi depressa até a beirada do palheiro, lutando para fechar os botões.

Madame estava parada ao lado da escada, com as mãos nos quadris.

– Venham até a casa – ela disse bruscamente. – Tragam sua mãe.

Isabelle ficou onde estava, olhando lá de cima da beirada, piscando confusa.

– O que estão esperando? Tirem as palhas dos cabelos e andem logo! – Madame latiu.

Ela girou nos calcanhares e se afastou do celeiro a passos largos, e Isabelle sentiu como se Madame estivesse pisando em seu coração. O pânico cresceu dentro de si. Tentou adivinhar o que elas teriam feito. Será que era por causa dos cavalos que salvara? Da tigela que Tavi quebrara? *Madame vai nos botar na rua*, ela pensou*. Nós a temos irritado com muita frequência.*

– Tavi, Maman, levantem. Troquem de roupa. Madame quer falar com a gente – Isabelle chamou, tentando falar com voz firme.

Quando terminaram de se vestir, as três mulheres desceram a escada do palheiro e atravessaram o terreno até a casa. Isabelle passou a mão pelos cabelos quando elas chegaram na entrada, e então bateram à porta.

– Entrem! – Madame gritou.

Com o coração na boca, Isabelle entrou. Tavi e Maman a seguiram.

Tantine estava perto da mesa, dispondo as xícaras. Madame tirava uma grande frigideira de cobre de um tripé na lareira. Ela levou a frigideira até a mesa, e então deu uma batidinha nela com a mão. Ela virou uma omelete amarela e fofinha em uma travessa.

– Há dez ovos aqui! – ela resmungou. – São dez ovos que não posso vender.

– Tudo bem, tudo bem, Avara – Fate ralhou.

Havia um bule de café preto sobre a mesa com um jarro de creme para acompanhar, pão fatiado, um prato de manteiga fresca e um outro com geleia de morango. Isabelle, que, junto a Tavi e Maman, vinham sobrevivendo de pão amanhecido e sopa rala, sentiu seu estômago se contorcer de maneira dolorida. Ela torcia desesperadamente para que Madame lhes desse algo para comer antes de mandá-las embora. Deparar-se com tanta comida deliciosa era uma tortura para a garota faminta; ela se virou e ficou olhando o cômodo para se distrair.

Isabelle só havia entrado na casa de Madame LeBenêt algumas vezes e sempre rapidamente. Agora ela tinha tempo para observar com atenção. O cômodo em que estavam – que fazia as vezes de cozinha e sala de jantar – era pequeno e de teto baixo. Não havia quadros nas paredes de pedras cinzentas, nem flores em um vaso, nem tapetes no chão, nada aconchegante ou acolhedor. De repente, ela sentiu compaixão por Hugo, que vivia em uma casa fria e sem amor, com uma mãe que raramente, se é que alguma vez, lhe dirigia uma palavra gentil.

– Sentem-se, garotas – Madame disse, impaciente, indicando a mesa com a colher de pau que segurava.

Isabelle e Tavi trocaram olhares, confusas.

– Sentar? À mesa? – Isabelle perguntou.

– Quer dizer, nós três? – Tavi completou.

– Eu disse *sentem-se*, não? – Madame respondeu.

– Não, você disse sentem-se, *garotas* – Tavi observou.

Madame segurava sua colher de pau como se quisesse estrangulá-la. Tantine, que havia terminado de arrumar a mesa, conduziu as três mulheres aos seus lugares.

Isabelle não fazia ideia do que estava acontecendo. Será que Madame as deixaria ficar? Ou estava oferecendo um bom desjejum

antes de mandá-las embora só para aliviar a consciência? Não foi preciso esperar muito para descobrir.

Quando todos se sentaram em volta da mesa, Madame contou as fatias que tinham sido cortadas de um grande pão redondo.

– São duas fatias para cada um. *Duas!* – ela constatou, furiosa. – Tantine, você vai nos arruinar.

– Avara, sirva o desjejum, por favor – Tantine disse entredentes.

Madame, com os lábios crispados, serviu omelete nos pratos.

– Devo explicar por que nós as chamamos aqui – Tantine falou enquanto passava o pão para uma delas. – Este café da manhã é uma espécie de comemoração. Como sabem, meu falecido marido deixou uma pequena herança a Monsieur LeBenêt. Como ele morreu, fiquei encarregada de decidir quem da família dele receberia o dinheiro. É com satisfação que digo que me decidi: o dinheiro ficará com o LeBenêt mais próximo do sexo masculino, Hugo.

Hugo ficou pasmo. Permaneceu sentado feito uma truta, de boca aberta, sem piscar, até que sua mãe o chutou por debaixo da mesa.

– Obrigado, Tantine! – ele disse afinal. O rapaz estufou o peito e se inclinou tanto para trás na cadeira que quase caiu. Sob o olhar de censura de sua mãe, ele se sentou direito novamente, pousando os pés dianteiros da cadeira no chão com um estrondo.

– Isso é *ótimo*! – ele grasnou, esfregando as mãos sob a mesa. – Quer dizer que eu posso…

Isabelle nunca o vira tão animado. Nem sua mãe, aparentemente, pois sua expressão passou de censura para desconfiança.

– Que você pode fazer o quê? – ela perguntou.

Hugo se encolheu na cadeira, com uma expressão furtiva.

Casar com Odette, Isabelle pensou. *Mas ele tem medo demais de expressar sua vontade.*

– Eu… hã… eu posso… – ele gaguejou. E então seu rosto se iluminou. – Eu posso ter um dinheiro!

– Use a grana para comprar um cérebro! – Tavi comentou baixinho.

Tantine prosseguiu.

– A herança é suficiente para garantir o futuro desta fazenda e a continuação da linhagem dos LeBenêt, que era o desejo do meu

amado marido. Mas… – Ela ergueu um dedo. – Fortuna só é *boa* fortuna se dividida, e eu gostaria de ver *todos* vocês bem cuidados. Não apenas minha família, mas você também, Isabelle, e sua família. Vocês são três mulheres sozinhas no mundo, não podem viver para sempre em um palheiro. Que tipo de vida é essa? O que será de vocês quando o inverno chegar? Por isso, tomei algumas medidas. Fiz uns arranjos.

Tantine pegou sua xícara de café e bebeu um gole. As mãos de Isabelle apertaram seu guardanapo. A esperança cresceu dentro dela. O que Tantine tinha feito? Será que ela lhes daria um dinheiro também? Ela havia mencionado o palheiro… será que tinha encontrado um lugar melhor para elas? Isabelle tinha medo de perguntar, de criar expectativas altas demais, mas precisava saber.

– Você encontrou outro lugar para nós, Tantine? – ela arriscou. – Um quarto em algum canto? Uma casinha?

– Sim, criança. Uma casa e algo mais – Tantine replicou, baixando sua xícara.

Isabelle lançou um olhar ansioso para Tavi e depois para Maman.

– O que mais? – ela perguntou.

Tantine pousou sua xícara no pires. Sorrindo para Isabelle, ela disse:

– Um marido!

OITENTA E QUATRO

O SANGUE DE ISABELLE gelou em suas veias. Seu corpo ficou rígido na cadeira; ela não conseguia se mexer.

– O que quer dizer com um… um *marido,* Tantine? – ela perguntou com um fiapo de voz.

– Ora, exatamente o que eu disse, criança… Um homem! Um homem alto e forte de calça de montaria e botas! O que toda garota deseja.

– *Isabelle?* – Hugo indagou, parecendo surpreso. – Mas eu achei que… achei que Tavi se casaria primeiro. Ela é a mais velha.

Tavi não abriu a boca; o choque a deixara muda.

Maman, no entanto, ficou felicíssima.

– Que notícia *maravilhosa*! – ela exclamou. – Quem é ele? Um barão? Um visconde? – Ela olhou de Tantine para Avara e depois de Avara para Tantine, mas elas não disseram nada. – Não? Bem, não importa. Um escudeiro também é aceitável. Afinal, são tempos difíceis.

– Quando será o casamento? – Hugo perguntou.

– Dentro de alguns dias – Tantine respondeu.

– *Oba!* – Hugo grasnou. – Conte para a gente, Tantine – ele a instou, balançando nas pernas traseiras da cadeira novamente. – Quem é ele? Com quem Isabelle se casará?

Tantine se inclinou sobre a mesa e cobriu uma das mãos de Hugo com a sua.

– Ora, meu querido, ainda não adivinhou? – ela perguntou. – Com *você*!

OITENTA E CINCO

Tudo aconteceu ao mesmo tempo.

Hugo caiu de costas com um estrondo que fez o chão tremer, batendo a cabeça com tanta força que desmaiou. Maman desfaleceu. Tavi se levantou depressa para fazê-la recobrar os sentidos, e simultaneamente Madame fez o mesmo com Hugo. As cabeças delas se chocaram e elas cambalearam para trás, tontas.

E Isabelle apertou sua xícara com tanta força que a quebrou, derramando café quente nas mãos. Ela nem sentiu. Ela mal conseguia respirar. Seu coração estava aos pulos; suas batidas repetiam *Hu*-go, *Hu*-go, *Hu*-go sem parar, como uma marcha fúnebre.

Isabelle não podia acreditar que Tantine fizera aquilo. Instantes atrás ficara esperançosa, acreditando que a velha senhora as ajudaria a encontrar outro lugar para morar. Agora ela se sentia como um animal numa armadilha. *Por que* ela tinha feito aquilo? Isabelle jamais demonstrara o menor interesse em Hugo, nem ele nela.

– Tantine, não posso… Hugo e eu, nós não… nós nunca… – ela disse, se esforçando para achar as palavras certas.

Tavi, que friccionava os pulsos de sua mãe, saiu em seu socorro.

– Mas Hugo e Isabelle não se suportam! É uma péssima ideia, Tantine. Estamos no século dezoito, não no dez. Ela não é obrigada a fazer isso!

– Garotas, garotas, se acalmem! É claro que Isabelle não é *obrigada* a se casar com Hugo. Ela não é obrigada a se casar com *ninguém* – Tantine tentou tranquilizá-las. – Mas seria uma pena se ela não se casasse com ele. Sabe, tem uma ou duas coisinhas que esqueci de mencionar. A herança de Hugo? Ele só receberá se estiver casado. Como ele dará continuação à linhagem da família sem uma esposa? E, de verdade, que garota não gostaria de se

casar com um rapaz tão bom, principalmente com um que tem uma fazenda de vinte mil metros quadrados? – Ela fez uma pausa. Seu olhar encontrou o de Isabelle e o sustentou. Isabelle sentiu como se estivesse sendo arrastada, desesperada e impotente, para um abismo frio e cinzento. – Obviamente, Isabelle é livre para recusar a proposta – Tantine continuou. – Ela também é livre para deixar a fazenda e encontrar, para si e para sua família, outro lugar para morar.

Isabelle sentiu o abismo cinzento se aproximar e a engolir. Ela lutava para voltar para cima. Ela precisava encontrar uma saída entre as duas opções que Tantine lhe oferecera.

– Madame – ela disse, se dirigindo à mãe de Hugo. – Nem de longe sou boa o bastante para o seu filho.

– Verdade – Madame concordou, com a boca cheia de omelete. – Mas como sua própria mãe disse, são tempos difíceis e não é hora de ser exigente. Você não é bonita, mas as vacas não se importam com a aparência; os repolhos tampouco. Você trabalha duro, eu reconheço, e é o que conta em uma fazenda. Além disso, você é forte e robusta, com ancas boas para parir filhos e bons peitos para amamentá-los. Dará uma boa parideira, acho.

Isabelle ficou muito vermelha, pois não estava acostumada a ser tratada como uma égua de reprodução.

– Isso! Estamos todos de acordo, então? – Tantine perguntou alegremente, colocando mais omelete no prato de Isabelle. – Agora coma seu desjejum, criança – ela repreendeu. – Você precisará de energia. Tem um casamento para preparar. Estou pensando no próximo sábado, daqui a uma semana. É tempo suficiente para fazer todos os preparativos necessários. O que acha, Avara?

Isabelle não se importava com o que os outros achavam. Fitou a omelete fria e mole em seu prato. Sentiu náusea e se levantou.

– Com licença – ela falou e se dirigiu apressada para a porta.

– Ela provavelmente precisa se recompor. Derramar umas lágrimas de felicidade a sós – Tantine comentou sabiamente. – Noivas são criaturas *tão* sentimentais.

Isabelle escancarou a porta, correu para fora e vomitou seu desjejum na grama.

OITENTA E SEIS

– Uma semana – Isabelle repetiu secamente, se recostando na parede do celeiro. – É tudo o que me resta.

– Pensaremos em algo – Tavi disse. Ela estava sentada no mesmo banco que Isabelle. – Tem de haver uma saída.

Hugo, que recuperara a consciência, estava sentado entre elas, com a cabeça apoiada nas mãos e os cotovelos sobre os joelhos, gemendo.

O desjejum tinha acabado. A louça havia sido lavada. Maman, inconsolável por Isabelle se casar com um fazendeiro em vez de com um aristocrata, tinha voltado ao palheiro. Madame cuidava de uma galinha doente. Tantine havia se recolhido em seu quarto. Isabelle, Tavi e Hugo estavam ocupados, oscilando entre pânico e desespero.

– Não há saída – Isabelle concluiu, infeliz. – Ou me caso ou morremos de fome.

Hugo levantou a cabeça.

– Não posso fazer isso. Simplesmente não posso. Por que vocês duas tinham que vir para cá? *Por quê?* – Ele gemeu mais uma vez.

– Pare com isso. Você parece um bezerro com cólica – Tavi censurou-o, irritada.

Hugo se virou e olhou para ela.

– Você é bem irritante, sabia?

– Não me diga, Hugo.

– Você poderia ao menos ser mais compreensiva. Estou em uma situação terrível – Hugo disse. – Não era para acabar assim.

Tavi estreitou os olhos.

– O que quer dizer com *acabar assim*? – ela perguntou.

Hugo parecia alarmado. E culpado.

– Nada – ele replicou depressa.

Mas Tavi não se convenceu.

– Você sabe alguma coisa sobre isto. Diga o que é.

Hugo parecia encurralado.

– Eu… eu disse a Tantine que queria que vocês fossem embora. Pedi a ela para arranjar um casamento. Para arranjar um marido para *você,* Tavi – ele admitiu. – Achei que, se você se casasse, iria embora e levaria Isabelle e sua mãe com você. Eu queria que partisse porque não suporto você, mas também porque assim talvez eu tivesse uma chance maior de convencer minha mãe a permitir meu casamento com Odette. A probabilidade de ela concordar seria maior se houvesse menos bocas para alimentar. – Hugo lançou um olhar para Tavi e depois para Isabelle. – Foi isso… hã… foi isso que pensei.

– Então isto é culpa *sua*! – Isabelle disse, zangada. – Você pretendia arruinar a vida de Tavi, mas em vez disso acabou arruinando a minha!

Tavi esfregou as têmporas.

– Faça um favor para a gente, Hugo, e não pense mais. Apenas não pense – ela aconselhou.

– Não pensarei mais – Hugo concordou, fervoroso. – Prometo. Só me tire desta enrascada, Tavi. *Por favor.* Não posso me casar com Isabelle. Quero me casar com Odette. Não paro de pensar nela. Sinto aquilo por ela.

– Sente o quê? – Tavi perguntou.

– Aquilo que você sente quando deseja ter o corpo e a alma de alguém, quando quer fugir com essa pessoa, tê-la só para si para todo o sempre – Hugo respondeu, sonhador. – Isso se chama amor.

– Não, isso se chama *sequestro* – Tavi falou.

Um poço de desesperança se abriu no peito de Isabelle quando ouviu as palavras de Hugo. Ela baixou a cabeça e a apoiou nas mãos.

Tavi notou o movimento da irmã.

– Farei isso, Iz – ela afirmou num impulso. – Me casarei com ele.

– Ah, Tav – Isabelle falou, encostando a cabeça no ombro da irmã.

– Farei isso. Mesmo. Eu me sacrificarei por você – Tavi ofereceu com coragem.

Hugo se virou e olhou para ela, ofendido.

– Você se *sacrificará?* – ele perguntou.

Isabelle ficou comovida. Sabia que sua irmã, séria e sóbria, não falava só por falar. Se ela dizia algo, é porque realmente tinha a intenção de cumprir.

– Você *faria* isso mesmo, não é? Aceitaria um destino pior do que a morte por mim.

– Pior do que a *morte*? – indagou Hugo.

– Sim. Apenas imagine nós dois casados – Isabelle sugeriu a ele. – Ordenhando vacas e fazendo queijos pelo resto da vida.

Hugo empalideceu.

– Juntos. Na mesma casa. Na mesma cozinha – ele afirmou, soturno.

– Na mesma cama – Tavi acrescentou.

– Meu Deus, Tavi! Cale a boca! – Isabelle implorou, aflita.

– Só estou acrescentando um aspecto das coisas à equação.

– Bem, não faça isso!

– Aposto que você ronca, Isabelle. Você tem cara de quem ronca – Hugo disse.

– Ah, é, Hugo? Bem, aposto que você peida a noite toda.

– Aposto que você baba no travesseiro.

– Aposto que você tem bafo.

– Aposto que você tem chulé.

– Não tanto quanto você. Só uns três quartos, na verdade.

– Tomando café da manhã juntos. Almoçando. Jantando. Olhando para a sua cara do outro lado da mesa pelos próximos vinte anos. Trinta. Cinquenta, se tivermos muito azar – Hugo falou.

– Cinquenta *anos* – Isabelle gemeu. – Meu Deus! Consegue *imaginar* isso?

Hugo, com o rosto branco feito gordura de toucinho, disse:

– Tem de *haver* uma saída.

Isabelle esperava que ele dissesse algo terrível, que proferisse algum insulto. Mas não foi o que aconteceu. Em vez disso, ele baixou os olhos para as mãos e anunciou:

– Você me assusta, Isabelle. Nunca conheci uma garota como você. Você é lutadora, destemida como ninguém. Você não desiste jamais. Nem sabe o que é isso. Nunca vi alguém cortar repolhos tão depressa só para conseguir uma tigela da sopa horrorosa da minha

mãe. Você não precisa de ninguém. Certamente não precisa de mim. – Ele ergueu os olhos. – E também não quero me casar com você, Tavi. Você não é assustadora. É só esquisita.

– Obrigada – Tavi falou.

– Não quero uma garota destemida. Nem uma garota esquisita. Quero uma menina doce. Uma mulher para quem eu seja o mundo todo, não uma cuja ambição seja virar o mundo de cabeça para baixo. – Ele deslizou contra a parede do celeiro. – Tavi, consegue pensar em alguma solução?

– Estou tentando. Estou dando o meu melhor.

Hugo suspirou.

– Onde estará Leo Newdanardo quando se precisa dele? – ele questionou.

Tavi deu um sorriso sem graça.

– Realmente, onde estará?

OITENTA E SETE

– Eu só quero que você saiba que, o que quer que seja que você tenha ouvido, não é verdade. Juro por Deus que não é.

Félix estava na oficina de seu mestre, esculpindo a insígnia de um regimento na tampa de um caixão de luxo, o caixão de um tenente. Ele se virou devagar.

– O que é que você aprontou agora, Isabelle? – ele perguntou, com um sorriso dançando nos cantos de seus lábios.

Isabelle, torcendo a barra de seu casaco, olhava para o chão coberto de serragem.

– Fiquei noiva de Hugo.

O formão de Félix atingiu a tampa do caixão com um baque.

– *O quê?*

Isabelle ergueu a cabeça depressa.

– Mas não é culpa minha!

Outros dois homens que trabalhavam na oficina ergueram a cabeça, lançando olhares curiosos na direção de Isabelle.

Félix, com as bochechas vermelhas, agarrou a mão de Isabelle e a arrastou atrás de si. Através da comprida oficina, passando por caixões em cavaletes, por bancadas cheias de ferramentas, e saindo pela porta dos fundos do edifício que dava para os estábulos adjacentes, onde o mestre guardava a carroça de entregas e os cavalos que a puxavam.

Assim que ele fechou a porta às suas costas, Isabelle, falando numa velocidade absurda, contou a Félix o que havia acontecido, e como Tantine estava pressionando os dois, ela e Hugo, para que se casassem dentro de uma semana.

– Vamos encontrar uma saída, Félix. Eu, Hugo, Tavi… todos nós estamos tentando pensar numa solução – ela justificou. Olhando de relance para as portas abertas dos estábulos, ela acrescentou: –

Eu… eu preciso voltar ao mercado. Deixei Hugo sozinho com a carroça e esta manhã está sendo bem agitada…

Desde o desjejum na casa de Madame, dois dias atrás, Isabelle estava desesperada para ver Félix, para contar o acontecido, para assegurar que ela não tinha intenção de manter o noivado, antes que ele ficasse sabendo por outra pessoa. Tantine vinha falando a quem quisesse ouvir sobre o casamento. Ela havia encomendado um bolo chique de um confeiteiro, avisado ao pastor que precisaria de seus serviços muito em breve, e até se oferecido a pagar pelo vestido de noiva.

Durante todo o tempo em que Isabelle estivera falando, Félix permanecera em silêncio, com os braços esticados ao lado do corpo e o olhar baixo. Ele não se mexeu, não comentou nada, nem mesmo depois que ela terminou de falar.

– Félix? Félix, diga alguma coisa – ela implorou, querendo saber se ele estava magoado ou zangado.

– Ele será um marido decente.

Isabelle piscou, atônita.

– Hugo não é tão ruim.

– Então se case *você* com ele!

– Só estou dizendo que talvez você devesse pensar a respeito.

Isabelle recuou, arrasada. Ela se sentiu traída pelas palavras de Félix, confusa com o olhar triste e estranho em seu rosto. Apenas um instante atrás ele parecera chocado ao saber que ela e Hugo estavam noivos. Agora lhe aconselhava a considerar o casamento.

– Félix, por que está *dizendo* isso? – ela perguntou. – Hugo não me ama. Ele ama Odette. E eu não o amo. Eu… eu amo você.

As palavras dela foram como um punhal no coração do rapaz. Ela percebeu e isso a fez se sentir pior ainda.

– Eu não deveria ter dito isso? É o garoto que supostamente tem que dizer primeiro? É essa a regra? – ela perguntou, totalmente desnorteada. – Parece que nunca fui muito de seguir regras. Talvez se eu soubesse quais são elas, eu as seguiria, mas achei que você… achei que nós…

– Sente-se – Félix pediu, apontando para um banco de madeira.

– Eu não vou me casar com Hugo! – ela enfatizou, irritada, com lágrimas começando a encher seus olhos.

– Tudo bem, Isabelle. Não tem que fazer isso. Não *precisará* fazer.

O que ele queria dizer com aquilo? Por que estava agindo de forma tão estranha?, ela se perguntou.

Félix logo respondeu às suas perguntas.

Quando ela se sentou, ele enfiou a mão no colete e tirou de lá uma bolsinha de couro com a boca bem amarrada. O rapaz se ajoelhou ao lado de Isabelle, abriu a bolsinha, e despejou seu conteúdo no colo dela.

Seis moedas de ouro brilhantes cintilaram para ela tal qual uma promessa.

– Pegue estas moedas – ele falou. – É o suficiente para você ir para Roma. Leve sua irmã e sua mãe também. Vocês podem arranjar um quartinho, levar uma vida modesta. Estarão seguras lá, Isabelle. Longe desta guerra.

– O que quer dizer com *pegue estas moedas?* Por que eu pegaria seu dinheiro? E por que diz que eu *ficarei* segura? E você?

– Não vou mais para a Itália.

A cabeça de Isabelle começou a girar.

– Eu… eu não entendo, Félix. Alguns dias atrás você disse que *estava* indo. Você disse que queria que eu fosse com você…

Félix baixou os olhos.

– Sim, eu disse. Mas a situação mudou.

– Você se arrependeu. Você não me quer. Você não me ama…

Félix a interrompeu.

– Amo você. Sempre amei e sempre amarei – ele retorquiu com avidez. – Amo mais do que minha própria vida.

– Então *por quê?*

Félix segurou as mãos dela entre as suas. Seus olhos azuis encontraram os dela.

– Isabelle – ele disse. – Eu me alistei.

OITENTA E OITO

Era suicídio.

Félix era um sonhador, um artista, não um combatente.

Isabelle tentou se afastar. Ela tentou argumentar com ele, mas Félix segurava suas mãos com força e não a deixava falar.

– Não tenho escolha – ele disse. – Não depois de Malleval. Eu mal consigo trabalhar. Não consigo dormir, vejo cadáveres nos meus sonhos.

Isabelle se lembrou do cheiro de fumaça no ar, dos corpos nos campos.

– Pode me culpar? – ele perguntou.

A raiva dela, seus argumentos – tudo caiu por terra.

– Não – ela respondeu. – Não posso.

– Lembra do seu livro? *História ilustrada dos maiores comandantes militares do mundo*? Em todas as histórias que lemos, os melhores guerreiros foram relutantes para a guerra. Volkmar é uma criatura diferente.

– Ele não é um guerreiro; é um assassino – Isabelle disse, endurecendo a voz.

– E se ele atacar Saint-Michel? Como poderei viver sabendo que não fiz nada para detê-lo?

– Quando você parte? – ela perguntou.

– Em quatro dias.

Isabelle perdeu o fôlego.

– Mas já? – ela questionou, sabendo que não conseguiria mais falar.

– O sargento recrutador queria que eu fosse imediatamente, mas expliquei que precisava de um tempo. Que eu tinha que terminar um caixão. E uma mão. E um general para o meu exército de soldadinhos de madeira.

Isabelle baixou os olhos para que Félix não percebesse as lágrimas se formando. As moedas de ouro ainda estavam em seu colo. Ela as juntou e colocou de volta na bolsinha, fechando bem a abertura.

– Esperarei por você. Você voltará. Voltará, *sim* – ela afirmou, devolvendo a bolsinha.

Mas ele não a pegou.

– Você tem visto as carroças lotadas de feridos retornando para o acampamento, assim como eu também tenho visto – ele disse. – E as cruzes de madeira brotando nos campos próximos. Nós dois sabemos que não sou muito bom com um rifle.

– Félix, não. Não diga essas coisas – ela pediu, encostando sua cabeça na dele.

As palavras do rapaz criaram um vazio dentro dela. Bem quando o reencontrava, ia perdê-lo novamente. Por que o destino era tão cruel?

– Vá, Isabelle. Vá embora por nós dois. Deixe Saint-Michel para trás. E as vacas e os repolhos. Deixe para trás Hugo e uma vida que você não deseja. Não há nada para você aqui. Nunca houve.

– Havia você.

Félix soltou as mãos dela, se levantou. Seus olhos estavam brilhantes e ele não queria que ela os visse. Agora ele era um soldado. E soldados não choram.

– Eu o verei outra vez? Antes de sua partida? – ela perguntou.

– É difícil, Isabelle – Félix respondeu.

Ela assentiu. Ela entendia. *Era* difícil dizer adeus à pessoa amada. Era uma tortura.

– Escreverei para você – ele anunciou. – Se eu puder.

Enquanto puder, você quer dizer, Isabelle pensou. *Antes que uma bala o atinja.*

Félix se virou para ir embora, mas ela agarrou seu braço e o impediu. Então a garota segurou o rosto dele entre as mãos e o beijou. Beijou-o até encher seu coração com o coração dele. E sua alma. Beijou-o o suficiente para durar a vida toda.

Quando finalmente ela se afastou dele, suas bochechas estavam molhadas, mas não eram suas próprias lágrimas. Félix balançou a

cabeça; ele a puxou de volta para si, apertou-a contra seu corpo. E então foi embora. E Isabelle ficou sozinha.

Ela imaginou Félix em um campo de batalha, correndo através da lama e da fumaça. Ela escutou o barulho de canhões disparando, o estrondo dos cavalos ao ataque, os lamentos da batalha e os gritos de morte. Ela viu Volkmar, ávido por sangue, brandindo sua espada apavorante.

Emoções misturadas a invadiram. Tristeza. Raiva. Terror. Pesar.

E mais uma. Uma que surgiu numa névoa verde, como a fúria de uma fada má que não tinha sido convidada para uma festa. Uma que Isabelle conhecia muito bem, embora ela não entendesse por que a sentia naquele momento.

Inveja.

OITENTA E NOVE

– Antes tinha muita aranha aqui. Agora não vejo nenhuma. Não acha estranho? Não ter aranha? Em um *estábulo*?

– Estranhíssimo, Hugo – Isabelle concordou, distraída, enquanto pendurava o arreio de Martin.

Ela e Hugo haviam acabado de retornar do mercado. Eles tinham levado a carroça vazia até os campos, para que fosse carregada novamente na manhã seguinte; depois conduziram Martin de volta aos estábulos. Após colocá-lo na baia com aveia e água fresca, limparam o equipamento de montaria e guardaram tudo.

Hugo franziu o cenho.

– Você tem andado muito calada. Mal abriu a boca no trajeto de volta do mercado. Algum problema?

Sim, o que restava do meu coração acaba de ser arrancado, Hugo, ela pensou. *O problema é esse.*

Ela só conseguia pensar em Félix e nas moedas de ouro que ele lhe dera. Ainda não havia decidido o que fazer com o dinheiro. Primeiro, pensou em escondê-lo e guardá-lo, como se não gastá-lo fosse garantir que ele retornasse do campo de batalha.

Ela se casaria com Hugo e sacrificaria sua felicidade se isso significasse que Félix sobreviveria. Mas ao pensar melhor sobre o assunto, percebeu que guardar uma bolsinha de moedas não garantiria a vida dele, e que ela estaria sacrificando a felicidade de Hugo também. E a de Odette. Talvez a de Tavi e de Maman. E se deu conta de que não tinha o direito de fazer tal coisa.

Quando Martin chegou ao caminho de entrada da propriedade dos LeBenêt, ela já tinha tomado uma decisão – ela contaria a Hugo e a Tavi sobre o dinheiro e eles decidiriam juntos o que fazer com ele.

– Hugo, espere aqui um pouco, por favor – ela pediu.

– Por quê? Aonde vai?

– Buscar Tavi. Eu já volto.

Isabelle encontrou a irmã no galpão de laticínios e a fez acompanhá-la até os estábulos, onde se reuniu novamente com Hugo, levou-os a uma baia vazia e pediu que se sentassem na palha.

– Por que estamos escondidos numa baia? – Hugo perguntou.

– Para que ninguém nos veja. Ou nos ouça.

Tavi lançou para ela um olhar inquiridor.

– Tudo isso é muito misterioso, Iz.

Isabelle esperou até eles se acomodarem e então disse:

– Félix nos ofereceu uma maneira de evitar o casamento. Se quisermos aceitá-la.

– Oba! – Hugo gritou, se pondo de pé num salto. – Queremos! É claro que queremos!

– Fique quieto! – Isabelle sibilou, agarrando o braço dele e fazendo-o se abaixar.

Quando ele se sentou outra vez, Isabelle contou a eles o que havia acontecido. Os dois garantiram a ela que Félix retornaria, e ambos acharam que usar o dinheiro para deixar Saint-Michel era a única forma de evitar o casamento.

Isabelle os escutou, mas continuava incomodada com a decisão.

– Talvez haja outra saída – ela disse.

– Prossiga – Tavi incitou.

– Eu poderia usar o dinheiro para alugar quartos para nós aqui em Saint-Michel – Isabelle ofereceu. – Se fizermos isso, Hugo e eu não precisaremos nos casar, mas Maman, você e eu teremos abrigo.

Tavi cruzou os braços.

– Isso, vamos alugar quartos. Bem no meio do vilarejo, se possível – ela disse. Será muito mais fácil para Cecile, a esposa do padeiro e seja lá quem foi que botou fogo na nossa casa nos chamar de feias e atirar objetos em nós. Ah, poderemos ter nossas janelas quebradas todos os dias!

Isabelle, atingida pelo sarcasmo, lançou-lhe um olhar reprovador.

– Tavi está certa. As pessoas daqui não se esquecem das coisas. E jamais deixarão que *vocês* se esqueçam – Hugo complementou. – Recomece, Isabelle. Em outro lugar. É isso que Félix gostaria que você fizesse. É por isso que ele lhe deu o dinheiro. Não percebe?

Isabelle sabia que Hugo tinha razão, assim como Tavi. O abuso nunca teria fim se elas ficassem ali.

– Será difícil chegar à Itália, Tavi. E quando estivermos lá, teremos que levar uma vida modesta para fazer o dinheiro durar. Um quarto para nós três. Poucos prazeres ou luxos – Isabelle advertiu.

Tavi deu de ombros.

– Será difícil, mas não será ruim. Para mim, pelo menos – ela disse. – Na verdade, será maravilhoso. Tão maravilhoso quanto tem sido a vida aqui na fazenda. Talvez ainda mais.

– *Maravilhoso?* – Isabelle repetiu, incrédula. – Caso não tenha notado, estamos morando num palheiro, ordenhando vacas, cortando repolhos e cavando batatas o dia inteiro. O que tem de maravilhoso nisso?

Tavi examinou suas mãos calejadas.

– Meus vestidos de festa foram queimados, meus sapatos de cetim e corpetes de seda foram destruídos. Festas e bailes são preocupações do passado. Não há mais pretendentes na minha porta. O mundo me chama de feia e mantém distância.

Isabelle sentiu uma dor no coração ao ouvir as palavras da irmã, mas então Tavi ergueu a cabeça e Isabelle viu que ela não estava triste; ela sorria.

– E assim o mundo me liberta – Tavi concluiu, sorrindo ainda mais. – Sim, os dias são difíceis. Mas à noite tenho uma vela, silêncio e meus livros. Tudo o que eu sempre quis. Então, sim. *Maravilhoso.* Não percebe? Uma garota bonita tem que agradar ao mundo. Uma garota feia? Ela é livre para agradar a si mesma.

– Tudo bem, então – Isabelle respondeu, engolindo o nó na garganta. – Partiremos.

Tavi sorriu. Hugo a abraçou. E então os três começaram imediatamente a elaborar um plano.

Isabelle não queria nem saber de deixar Nero para trás, então ela, Tavi e Maman iriam a cavalo para a Itália. Ela havia conseguido salvar duas selas dos estábulos quando a Maison Douleur pegara fogo; Hugo disse que lhes daria uma de suas selas velhas. Elas dormiriam em hospedarias pelo caminho, mas precisariam comprar comida, cantis para água e oleados para o caso de chuva. E

também novos vestidos, já que os delas não passavam de trapos, e roupas mais quentes para enfrentar o clima mais frio. Já era setembro e seria outono quando elas chegassem ao seu destino.

Isabelle havia levado os outros dois cavalos que salvara do abatedouro para o pasto da Maison Douleur com o intuito de deixar Madame mais feliz. Eles tinham enchido a pança de grama fresca e ganhado um pouco de músculo. Tavi poderia montar um, Maman, o outro. Martin teria que ficar para trás. Isabelle sentiu um nó na garganta ao pensar nisso, mas ele era velho demais para a jornada.

– Só vou se você jurar por sua vida que cuidará bem de Martin – ela exigiu a Hugo.

– Cuidarei.

– *Jure*, Hugo, ou ficarei aqui e me casarei com você!

Hugo jurou, depressa e com veemência.

Tavi calculou que elas levariam quatro dias para arranjar os suprimentos, o que significava que poderiam partir na sexta-feira – um dia antes do casamento. As garotas se revezariam indo ao mercado com Hugo a fim de comprar as provisões enquanto estivessem lá. Elas decidiram não contar sobre os planos a Maman – em quem não se podia confiar para guardar segredos –, a Tantine ou à mãe de Hugo. Avara e Tantine provavelmente ficariam furiosas quando soubessem que o casamento tinha sido cancelado e poderiam obrigar Isabelle e sua família a deixar a fazenda antes que estivessem prontas.

Eles se levantaram, saíram da baia e deixaram os estábulos juntos. Estavam resolutos, determinados a realizar suas tarefas e manter suas rotinas para não levantar suspeitas.

Quando saíram para a tarde luminosa, não faziam ideia de que havia outra pessoa com eles nos estábulos. Se tivessem olhado para cima ao menos uma vez, eles a teriam visto, uma garota de cabelos negros sentada nas vigas, com as pernas balançando.

Observando. Escutando.

Comendo aranhas.

NOVENTA

ISABELLE ENCARAVA as vigas do teto do palheiro.

Maman e Tavi dormiam; dava para ouvir a respiração regular das duas. Mas ela não conseguia pegar no sono, não importava o quanto tentasse. Embora vestisse apenas uma combinação fina, ela suava. Estava calor. Não havia vento. Ela tinha se virado e se remexido durante as últimas horas, incapaz de achar uma posição confortável.

Com um suspiro, Isabelle se levantou, atravessou a plataforma, e se sentou lá embaixo, perto das portas abertas do celeiro, torcendo para que uma brisa soprasse e trouxesse algum alívio.

A lua estava quase cheia. Sua luz incidia sobre a fazenda, iluminando os campos e pomares. O lago e os pastos. O galinheiro, o galpão de laticínios, a pilha de lenha.

E, para surpresa de Isabelle, uma raposa. Ela estava sentada no cepo de rachar lenha, perto do machado, com sua cauda enrolada ao redor de seus pés.

– Sua Graça – Isabelle cumprimentou a raposa com um aceno de cabeça.

Com um mau pressentimento, ela se deu conta de que sabia por que Tanaquill viera.

– Ficou sabendo, não foi? Sabe que vou embora.

A raposa assentiu. O gesto foi discreto, rápido, mas ainda assim Isabelle percebeu o descontentamento e a decepção da rainha fada.

Isabelle baixou a cabeça, envergonhada.

– Encontrei dois pedaços – ela disse. – Encontrei Nero. E jamais deixarei que alguém o tome de mim outra vez. Encontrei Félix… só para perdê-lo novamente. – Sua voz falhou. As lágrimas que ela vinha segurando o dia todo rolaram, dessa vez ela não pôde impedi-las. – Ele não retornará, Tanaquill. Não importa o que Tavi e Hugo digam. Félix é gentil demais para enfiar uma baioneta em outro ser

humano. – Ela enxugou os olhos com as costas da mão. – Ella é o terceiro pedaço, não é? Tentei vê-la, tentei dizer a ela que sinto muito. Mas não consegui. E agora nunca mais terei outra chance.

Isabelle ergueu a cabeça; seus olhos encontraram os da raposa mais uma vez.

– Receio ter fracassado. Não consegui juntar todos os pedaços. É por isso que meu coração dói tanto? – Ela pressionou o órgão com a palma da mão, aflita. – Algo dentro dele mastiga sem parar, e às vezes acho que não parará jamais, e que isso me atormentará até o fim da vida. O que é isso, essa dor? Você sabe?

A raposa não respondeu.

– Ah, enfim… – Isabelle disse com um sorriso forçado. – Acho que não era mesmo para eu ser bela, e garotas feias nunca têm um final feliz, não é? – Ela ficou calada um instante, depois disse: – Obrigada pelos presentes. A espada e o escudo salvaram minha vida. Parece que não descobrirei o que a vagem de sementes faz, mas gostaria de ficar com eles, se puder. Para me lembrar de você. E da tília. E de casa.

A raposa assentiu. E então, num piscar de olhos, ela sumiu.

Isabelle sabia que nunca mais veria a rainha fada, e saber disso a deixava triste. Ela nunca mais veria Wildwood outra vez, ou Saint-Michel. A inquietação que sentia com relação à partida se transformou em certeza de que ir embora era errado. Mas sabia que era isso que Hugo e Tavi queriam. Félix, também. E agora a decisão já estava tomada; era preciso ir até o fim.

– O que mais posso fazer? – ela perguntou à escuridão.

Então uma cara, pequena e peluda, surgiu no vão da porta.

NOVENTA E UM

Isabelle cambaleou para trás, assustada.

Então viu que era apenas Nelson, usando as habituais pérolas.

– Você me deu um susto e tanto! – ela o repreendeu aos sussurros, para não acordar ninguém. – O que está fazendo aqui? E como pegou de volta essas pérolas? Eu as dei à diva!

Nelson estendeu a pata. Ele segurava um pedacinho de papel dobrado várias vezes.

Isabelle pegou o papel e o desdobrou. Floreios e arabescos em tinta dourada decoravam as bordas. No centro, um convite, escrito numa caligrafia apressada.

Sua Excelência, o Marquês de la Chance, solicita sua presença no Château Rigolade para a estreia de seu novo espetáculo teatral, História ilustrada dos maiores comandantes militares do mundo.

– Que estranho – ela comentou devagar. – É o título de um livro. Um que eu tenho faz tempo. – Ela olhou para o macaco, perplexa. – Como pode?

Nelson desviou o olhar. Ele brincava com as pérolas.

– Quando será? Amanhã?

Nelson agarrou o pedaço de papel da mão de Isabelle e o agitou perto do rosto dela. Ela olhou o convite de novo, com mais atenção desta vez. Bem no canto havia uma só palavra: *Agora*.

Isabelle fechou os olhos e os manteve apertados.

– Isto é um sonho. Estou sonhando. *Só pode* – falou.

Ela abriu os olhos. Nelson continuava lá. Ele agarrou uma mecha do cabelo dela e a puxou com tanta força que ela gritou.

– Ok. *Não* estou sonhando – a garota disse, soltando os cabelos da mão dele. – Mas é madrugada. E o *château* fica a quilômetros daqui. E é um *château,* e o marquês é um marquês, então deve ter

convidado outras pessoas. E todas elas serão importantes e estarão muito bem-vestidas. Eu só tenho um vestido, que está todo furado. Não posso ir. Seria constrangedor.

Nelson examinou Isabelle; então examinou suas pérolas. Ele soltou um suspiro ansioso, abriu o fecho do colar e o entregou a ela. Isabelle ficou muito comovida. Ela sentia que aquelas pérolas eram a coisa mais importante do mundo para a criaturinha.

– Você vai me emprestá-las? Sério?

Nelson olhou melancólico para o seu tesouro e então fechou os dedos de Isabelle sobre as pérolas. Dava para notar que ele estava sofrendo com a decisão, mas assentiu, respondendo à pergunta dela.

– Tudo bem, então – ela concordou, pendurando o colar no pescoço. – Vamos.

Ela ia sair para ver uma peça. Na casa de um marquês, com um macaco, no meio da noite.

– Ainda *estou* sonhando – afirmou enquanto colocava o vestido pela cabeça. – Pelo menos espero que esteja. Porque se não estiver, significa que perdi o juízo.

NOVENTA E DOIS

A LUA ILUMINAVA O CAMINHO enquanto Nero levava Isabelle e Nelson pelos prados e colinas até o terreno do Château Rigolade.

Eles tinham pegado um atalho e saído na mata dos fundos do *château*. Isabelle ficou surpresa ao ver que o edifício estava totalmente às escuras.

No entanto, uma luz amarela misteriosa vinha de outra parte da propriedade – da clareira atrás do *château*. Isabelle se lembrou de que fora lá que Félix construíra o palco do marquês. Ela virou Nero naquela direção.

Quando se aproximaram da estrutura, Isabelle notou que eram as luzes da ribalta que geravam o brilho. Elas iluminavam o palco, com suas cortinas de veludo vermelho e seus festões de rosas frescas enfeitando o proscênio.

Estranhamente, o palco em si, bem como as áreas à sua volta, estavam desertos. Isabelle esperava encontrar dúzias de pessoas deslumbrantes conversando e rindo. Joias balançando nos decotes. Penteados altos parecidos com merengue. O farfalhar de sedas. Poltronas douradas dispostas em fileiras.

Mas só havia uma poltrona diante do palco. Um calafrio percorreu seu corpo. *É como se o marquês estivesse esperando por mim, e apenas por mim*, ela pensou, inquieta.

Nelson pulou do ombro dela para a garupa de Nero, depois para o chão e saiu em disparada. Isabelle também apeou, e passou pela poltrona, indo até a beira do palco.

– Marquês de la Chance? – ela chamou.

Ele não respondeu. Ninguém respondeu. Isabelle se deu conta de que estava em um lugar estranho, no meio da noite, sozinha.

– Acho que é melhor voltarmos para casa – ela disse a Nero.

Foi quando um homem de máscara saiu de detrás das cortinas.

NOVENTA E TRÊS

Isabelle se afastou do palco com cautela. Sua mão apertou mais forte as rédeas de Nero.

O homem fez uma reverência. Isabelle relaxou ao perceber que era o marquês. Embora estivesse usando máscara e figurino, ela reconheceu suas longas tranças. Ele se endireitou, e então começou a falar, com uma voz grave e ressonante.

Saudações, honrada convidada.
Estamos aqui a pedido de Chance em pessoa.
Aguarde.
Nós imploramos, fique.
Atenda às nossas súplicas e veja nossa peça.

Estas não são como as histórias que você conhece
Em versos declamados ou palavras escritas.
De reis e imperadores,
Senhores da guerra e cavaleiros
Massacrando os inimigos que estão à vista.

Estas são histórias pouco conhecidas
De generais poderosos, governantes destemidos,
Cuja coragem, astúcia,
Inteligência e habilidade
Andam junto com uma determinação inabalável.

Heróis todos eles, mas em sua maioria desconhecidos.
Reduzidos pelo tempo a poeira e ossos.
Mas neste palco,
Eles vivem novamente.
Tal poder tem a pena de nosso dramaturgo.

Ouça suas histórias, todas praticamente esquecidas.
Veja-os se levantar e pagar o preço.
Alguns perderão
E alguns vencerão.
Sente-se agora. Nossa peça já vai começar.

Assim que Chance proferiu as últimas palavras, as luzes da ribalta se acenderam todas, causando uma surpresa tão grande em Isabelle que ela cambaleou para trás e sentou na poltrona. As cortinas foram erguidas. Clarins retumbaram. Tambores rufaram. Címbalos soaram. Isabelle agarrou os braços da poltrona com o coração acelerado. Ela olhou à sua volta à procura de Nero. Com o susto, acabara soltando as rédeas dele. Ela logo viu que o cavalo estava a alguns metros de distância, sem se incomodar com o barulho, pastando tranquilamente no gramado do marquês. A tranquilidade dele a acalmou. Ela voltou sua atenção para o palco.

As cortinas recém-abertas revelaram um livro. Estava de pé e tinha pelo menos oito pés de altura. *História ilustrada dos maiores comandantes militares do mundo* se lia em letras enormes na capa.

Será que o marquês sabia que ela tinha um exemplar daquele livro e que ele era tudo para ela? Ou isso não passava de coincidência?

Enquanto ela observava, fascinada, a capa se abriu devagar. Páginas viraram como se tocadas por um dedo invisível, e então pararam. O livro ficou aberto no capítulo sobre os generais mais estimados da Roma antiga. De repente, uma porta, cortada na página, se abriu, e dela saiu um homem com um peitoral de couro e uma saia curta de tecido. Na cabeça, ele tinha um elmo de aço com uma pluma vermelha. Em sua mão, ele levava uma espada assustadora.

Isabelle o reconheceu. Era Cipião Africano. Ela já havia olhado para seu retrato e lido atentamente sua história umas mil vezes.

As páginas viraram novamente e a Cipião se juntou Aquiles. Depois Gengis Khan. Pedro, o Grande. E Sun Tzu. Todos vestidos e armados para a batalha. Juntos, eles andaram a passos largos até a frente do palco, de armas erguidas e escudos no alto.

O romano falou primeiro, proferindo as palavras com uma voz de palco estrondosa.

Eu, Cipião, bravo e forte,
Empreendi uma batalha sangrenta e longa,
Contra meus inimigos nas planícies de Cartago.
A derrota deles foi a vitória orgulhosa de Roma.

Depois veio Aquiles.

Na fornalha da própria guerra fui forjado,
E com o sangue dos meus inimigos matei minha sede.
Filho de Ares, nascido para a glória,
Todos tremem para ouvir a história de Aquiles.

Então foi a vez de Gengis Khan.

Um conquistador mongol sem igual
Um rei guerreiro, um deus para seu povo…

– Oh, já *basta*! – exclamou uma voz vinda de fora do palco.

Isabelle procurou sua fonte. Ela viu a cortina do lado direito ondular, e então ouviu passos indignados e pesados. Segundos depois, uma mulher emergiu da coxia.

Ela era esguia e empertigada, com seus cabelos vermelho-vivo presos no topo da cabeça. Uma gola de renda engomada emoldurava seu rosto. Usava um vestido de festa branco bordado com pérolas, esmeraldas e rubis. Em uma mão cheia de joias, ela segurava um balde de tinta; na outra, uma brocha.

Pedro, o Grande, deu um passo à frente. E estufou o peito.

– Quem é *você,* madame? – ele perguntou.

– Elizabeth I. Mexa-se – a mulher disse, gesticulando com a brocha para que ele e os outros saíssem de sua frente.

Atônitos e atrapalhados, todos fizeram o que ela ordenava, metade indo para a direita do palco, metade para a esquerda.

Elizabeth caminhou pelo espaço que fora aberto até o enorme livro. Ela chutou a capa com um pé bem-calçado. O livro se fechou. Então ela mergulhou a brocha na tinta, riscou uma palavra,

mergulhou a brocha de novo, e escreveu alguma coisa. Agora se lia *História ilustrada DAS maiores comandantes militares do mundo.*

NOVENTA E QUATRO

ISABELLE SE SENTOU na ponta do assento, hipnotizada.

– Não tem isso no livro – ela sussurrou.

Enquanto assistia, Elizabeth foi até a frente do palco e falou diretamente com ela.

– Sou a filha de Henrique VIII da Inglaterra – ela disse. – Fui uma decepção para ele por não ser o filho que desejava. Sobrevivi à negligência dele, ao ódio de minha meia-irmã, a ataques em meu próprio país e a atentados contra a minha vida para me tornar a melhor monarca que a Inglaterra já teve. – Ela deu um sorriso presunçoso, e então acrescentou: – Ou terá.

O livro recuou. As luzes da ribalta se acenderam de novo. Os atores que interpretavam Cipião e seus companheiros se agacharam, usando as mãos para projetar sombras de cavalos e cavaleiros nas paredes.

Ouviu-se uma mistura de ordens gritadas, relinchos agudos, fanfarra. Um canhão disparou, fez-se um clarão e então a parede esquerda do teatro foi ao chão com um estrondo, e depois foi a vez da parede direita. A parede dos fundos caiu em seguida, levando o proscênio consigo. Depois, diante dos olhos espantados de Isabelle, as sombras ganharam vida. Cavalos de guerra em cotas de malha batiam seus cascos no chão e bufavam. Oficiais os montavam. Soldados se aglomeravam perto deles, trazendo arcos, lanças, espadas e alabardas. A clareira margeada por carvalhos se transformou em um acampamento do exército às margens do rio Tâmisa.

E Elizabeth, que usava um vestido de festa um minuto atrás, agora cavalgava um corcel de combate branco, usando um peitoral de aço. Ela segurava as rédeas em uma mão e uma espada na outra. Seus cabelos vermelhos desciam soltos por suas costas.

– Acampamento de Tilbury, 1588! – ela gritou para Isabelle. – O rei da Espanha envia sua armada, a força naval mais poderosa do mundo, para invadir meu país. Seu sobrinho, o Duque de Parma, se une a ele. Eles têm navios de guerra, tropas e armas assustadores. – Ela sorriu. – Mas a Inglaterra tem *a mim*!

A mulher esporeou o cavalo e cavalgou até suas tropas.

– Meu amado povo! – dirigiu-se a eles. – Aqui estou, entre vocês… determinada, em meio ao calor da batalha, a viver e morrer entre vocês; a tombar, ainda que seja na poeira, por Deus, e por meu reino, meu povo, minha honra e meu sangue!

Enquanto Isabelle observava, encantada, o Tâmisa aumentou de volume e se transformou em um mar azul encrespado e uma batalha naval teve início. Velozes navios de guerra ingleses atiraram contra embarcações espanholas. Canhões dispararam. Navios queimaram. Fumaça se acumulou. Quando a cena finalmente clareou, a armada já seguia sua rota. A Inglaterra era vitoriosa.

O cenário mudou. Sinos repicavam enquanto Elizabeth percorria as ruas de Londres. Havia rosas espalhadas em seu caminho. Ela se aproximou de Isabelle e apeou. Um cavalariço levou seu cavalo embora; as comemorações cessaram.

– A vitória foi a maior da Inglaterra, e a minha maior também – Elizabeth disse. – Mas há outras batalhas. Outras guerras. Outras vitórias. Nenhuma delas contada nos livros.

Ela fez um sinal com a mão. Soaram clarins. E então uma mulher surgiu em meio às árvores e caminhou em sua direção. E depois outra. E mais outra. Até haver dúzias delas. Inúmeras. Centenas. Quando todas já estavam posicionadas, Elizabeth as apresentou, uma a uma.

– Yennenga, princesa de Dagomba – ela anunciou, e uma jovem ganense, usando túnica e calças feitas de um tecido vermelho, preto e branco, deu um passo à frente. Ela segurava uma lança de arremesso. Londres deu lugar a planícies exuberantes. Dois leões saíram de trás da grama dourada e se sentaram, cada qual de um lado dela.

– Comandei meu próprio batalhão e lutei contra os inimigos do meu país – ela disse. – Ninguém era páreo para mim sobre um cavalo.

Ela arremessou sua lança para o alto, que cortou o céu noturno e explodiu em uma chuva prateada de estrelas cadentes.

Isabelle mal podia respirar, de tão animada. Durante toda a sua vida, ela fora ensinada que governantes do sexo feminino eram apenas fantoches, que mulheres não lutavam nem lideravam soldados na guerra. Ela ficou em pé na poltrona para enxergar melhor aquelas criaturas memoráveis.

– Abbakka Chowta – Elizabeth disse enquanto uma jovem indiana usando um sari rosa de seda se dirigia ao centro do palco. – Uma mulher que atirava flechas flamejantes de sua sela, uma mulher tão corajosa que ficou conhecida como Abhaya Rani, a rainha destemida.

Abhaya Rani encaixou uma flecha no arco que carregava, mirou o céu e a lançou. A flecha se transformou em brilhantes chamas azuis. Ela sorriu para Isabelle.

– Combati os invasores do meu país por quarenta anos. Fui capturada, mas morri como vivi: lutando pela liberdade.

Isabelle achou que seu coração fosse explodir. Uma a uma, rainhas, piratas, imperatrizes e generais de todos os cantos do mundo contaram suas histórias, fizeram uma mesura, e saíram do palco.

Elas não eram belas, aquelas mulheres. Bela era uma palavra que não bastava nem para começar a descrevê-las.

Elas eram sagazes. Poderosas. Ardilosas. Orgulhosas. Perigosas.

Elas eram fortes.

Elas eram corajosas.

Elas eram lindas.

Por fim, depois do que a Isabelle pareceram ser apenas alguns minutos, mas que na verdade foram horas, apenas Elizabeth restou no palco.

– Estranho que as histórias que nunca são contadas são aquelas que mais precisamos ouvir, não é? – ela disse, então também fez uma mesura e sumiu na escuridão.

Isabelle se deu conta de que a peça estava chegando ao fim.

– Não – ela sussurrou, ávida. – Não se vá.

O marquês, ainda usando a máscara, reapareceu. Em uma mão trazia um pesado castiçal de prata com uma vela acesa. Ele

avançou pelo palco e começou a falar.

Agora nossas rainhas contaram suas histórias,
De batalhas vencidas, de conquistas, de glórias.
Mas o poder é traiçoeiro,
Sua mordida é doce, seu beijo pode doer,
E, a menos que eu esteja muito enganado,
Ele nunca é dado, sempre conquistado.

Cada uma dessas rainhas já foi uma garota como você.
A quem era dito o que deveriam ser e fazer.
Nada belas, nada agradáveis, rudes demais.
A elas faltava algo, elas não bastavam, não eram boas o suficiente.

Até que pessoas feridas e a morte angustiante
Passaram a importar mais do que o que os outros diziam.
Então, feito uma bandeira, elas se desfraldaram.
Agora vá, garota. Mude o mundo.

O marquês fez uma mesura. Ele levou a vela aos lábios e a soprou.

A maioria das luzes da ribalta já havia apagado, apenas algumas ainda brilhavam com debilidade. À luz delas, Isabelle pôde notar que o marquês e seus atores haviam desaparecido. O palco estava vazio e silencioso. Tudo que a jovem podia ouvir era o som do seu coração batendo.

O encanto da peça se quebrou. Isabelle olhou à sua volta e percebeu que ainda estava de pé na poltrona. Ela desceu, com os punhos cerrados. A empolgação, o maravilhamento e a pura alegria que ela sentira instantes atrás tinham desaparecido. Uma dor, agonizante e intensa, preencheu o vazio deixado.

– Para que me mostrar isso? – ela gritou, infeliz, para a escuridão. – Para que me mostrar algo que jamais terei? Algo que jamais serei?

Não havia ninguém lá. Isabelle falava consigo mesma.

Ela tirou as pérolas de Nelson do pescoço e as deixou sobre o assento da poltrona de veludo, onde ele certamente as encontraria.

Pouco depois, ela e Nero galopavam pela propriedade do marquês, retornando para casa. Antes de sumir na mata, Isabelle olhou para trás. Para o palco destruído. Para o *château* escuro.

– Maldição – ela sussurrou. – *Maldição.*

NOVENTA E CINCO

Tavi se espreguiçou e depois se abaixou para soltar suas saias.

– Quando eu for embora daqui, nunca mais quero ver um repolho na vida – afirmou.

Isabelle concordou com ela. O dia no campo, colhendo repolhos debaixo do sol quente, tinha sido longo e exaustivo. O vestido de Isabelle estava encharcado de suor. Suas botas, sujas de terra preta. Ela desejava se enfiar no lago dos patos e depois desabar em sua cama no palheiro.

Ela se sentira cansada o dia todo. A noite anterior tinha sido agitada. Tivera um sonho estranho. Nelson aparecia no palheiro. Então ela cavalgava à meia-noite até o Château Rigolade, onde o marquês e seus amigos apresentavam uma peça.

O sonho parecera tão real, mas não podia ser. Todas aquelas mulheres… liderando exércitos em batalhas, lutando por seus reinos… aquilo não passava de fantasia alimentada por sua imaginação fértil, era isso. Um doce desejo de infância.

– Você precisará de uma pistola. Não tínhamos pensado nisso. Vocês serão três mulheres viajando sozinhas.

Hugo, que estivera trabalhando em outro canteiro, cavando batatas, havia se juntado a Isabelle e Tavi. Suas palavras dissiparam as imagens restantes do sonho de Isabelle.

– Se estaremos nós três, não estaremos sozinhas – Tavi falou.

Hugo olhou para Tavi como se ela fosse idiota.

– Não haverá um homem com vocês. É claro que estarão sozinhas. Vocês podem comprar uma pistola de segunda mão no vilarejo enquanto estivermos no mercado amanhã. Usem um pouco do dinheiro de Félix. Também precisarão de pólvora e balas.

Tavi pegou sua faca e a cesta que costumava usar para levar os repolhos até a carroça. Isabelle fez o mesmo. Hugo pousou sua pá no ombro e, juntos, os três foram para o celeiro, conversando o

caminho todo sobre seu plano secreto. Isabelle e Tavi partiriam em três dias, e ainda havia muita coisa a ser feita.

Enquanto contornavam a casa da fazenda, Isabelle inclinou a cabeça na direção de Tavi; ela estava concentrada no que a irmã dizia. Seus olhos estavam voltados para o chão.

Se ela tivesse prestado mais atenção, teria visto os sinais de futuros problemas.

As várias marcas de cascos na terra.

O borrão de fardas azuis perto dos estábulos.

O alto e imperioso Coronel Cafard examinando o cavalo que tinha sido trazido do pasto por ordem sua.

Um cavalo negro. O cavalo dela.

Nero.

NOVENTA E SEIS

Foi só quando Isabelle dobrou a esquina do celeiro que percebeu que havia algo muito errado.

Nero estava no gramado em frente ao celeiro, já com arreios. Ele tinha os olhos arregalados e empinava. Um jovem soldado lutava para controlá-lo.

– Solte-o! – Isabelle gritou. Ela correu até o homem e tomou a guia das mãos dele.

O soldado não a tinha visto chegar. Ele cambaleou para trás, assustado, e caiu sentado no chão. Havia outros soldados com ele. Eles vaiaram e riram. Tantine, Avara e Maman estavam paradas ali perto, com preocupação estampada em seus rostos.

– Parece que a garota é mais brava que o cavalo! – um dos soldados gritou. – Talvez ela também precise de uma boa chicotada no traseiro!

Isabelle se virou para encará-lo.

– *Também?* Você bateu no meu cavalo, seu imbecil?

O soldado parou de rir. A crueldade surgiu em seu olhar.

– Talvez ela precise de uma boa chicotada na boca – ele disse. – E talvez seja eu quem deva fazer isso.

– Isabelle! – Tavi gritou, alarmada. Ela alcançou a irmã. Hugo estava bem atrás dela.

Mas Isabelle não a escutou. Estava focada no adversário. Ainda agarrando a guia de Nero, ela deu um passo na direção do homem.

– Talvez você tenha razão. Pegue um chicote. Eu também pegarei um. Então veremos. – Quando o soldado não se mexeu, ela inclinou a cabeça. – Está com medo? Vou tornar a luta justa. Lutarei com uma mão presa às costas.

Uma onda de risos emanou dos demais soldados.

– Ei, ela não é uma das meias-irmãs feias? – o que havia caído sentado gritou.

– Sim, é ela. É mesmo feia – disse o soldado desafiado por Isabelle.

A vergonha tão familiar ardeu dentro de Isabelle, mas desta vez ela não corou. Não baixou a cabeça. Ela olhou o soldado nos olhos e disse:

– Tão feia quanto um homem que bate em um animal indefeso.

– Isabelle, *por favor*! – Tavi sibilou.

Isabelle a ignorou.

– Por que estão aqui? O que estavam fazendo com meu cavalo? – ela perguntou ao seu antagonista.

Outro homem, usando chapéu bicorne e botas pretas tão brilhantes que ele podia ver o próprio reflexo quando olhava para a ponta de seus calçados – o que ele fazia com frequência – deu um passo à frente.

– Receio que ele seja meu cavalo agora, mademoiselle – anunciou o homem.

Isabelle o examinou de cima a baixo.

– Quem diabos é você? – ela perguntou, apertando mais a guia de Nero em sua mão.

Imediatamente, Tantine surgiu ao seu lado.

– Este é o Coronel Cafard, Isabelle, o oficial responsável pelo acampamento do exército próximo ao vilarejo.

– Isso não dá a ele o direito de pegar meu cavalo – Isabelle falou.

– Na verdade, dá sim – o coronel disse. – O exército está com pouca montaria. Os cavalos são a primeira coisa em que o inimigo atira. Estamos requisitando qualquer animal razoável que pudermos encontrar.

– Por ordem de quem? – Isabelle perguntou, com o pânico crescendo dentro dela.

– Do rei – o coronel respondeu, obviamente cansado da conversa. – Está bom pra você?

– Já chega, Isabelle! – Tantine sibilou. – Entregue logo o animal antes que mandem todos nós para a cadeia! – Ela arrancou a guia da mão de Isabelle e a entregou a um soldado. E então puxou a garota para longe. – Estamos em guerra, garota tola! – ela repreendeu.

Isabelle se soltou das garras de Tantine. Ela correu até Cafard, pronta para suplicar, pronta para se ajoelhar e implorar que ele não levasse seu cavalo. Que seus soldados rissem e zombassem! Ela não se importava. Tudo que ela conseguia era imaginar seu amado cavalo caído em um campo de batalha, com seu corpo rasgado por uma bala.

– Por favor, Coronel – ela suplicou, com as mãos unidas. – Por favor, não…

E então Tantine estava ao seu lado mais uma vez, enterrando os dedos no braço de Isabelle, um aperto tão forte quanto ferro.

– Por favor, não deixe Volkmar vencer – ela disse, baixando a voz. – Use o cavalo para derrotá-lo. É uma honra, para nós, ajudar o rei.

Cafard assentiu brevemente. Então ele caminhou a passos largos até sua própria montaria, uma égua castanho-avermelhada de olhar bovino. O equino se encolheu um pouco quando ele se lançou sobre a sela. Os olhos experientes de Isabelle inspecionaram o animal em busca de um motivo, e ela logo o encontrou. Havia sangue nas laterais do corpo da égua, atrás dos estribos. Ela olhou para Cafard; ele usava esporas prateadas brilhantes. O coração de Isabelle acelerou.

– Coronel! – ela chamou, correndo atrás dele.

Cafard se virou. Seu sorriso falso não escondia sua irritação.

– Sim?

– Por favor, não use esporas nele. Ele escuta se você for gentil. E fará qualquer coisa por uma maçã. Ele adora maçãs.

O sorriso de Cafard desapareceu.

– Meus homens também adoram maçãs. É raro conseguirem alguma ultimamente, mesmo assim fazem o que eu lhes digo para fazer. – Ele indicou Nero com um movimento de cabeça. – Aquela criatura é um cavalo, mademoiselle, e será tratado como tal. Animais intratáveis devem se tornar dóceis.

Nero relinchou alto; ele balançou a cabeça, ainda tentando se livrar da guia que o soldado segurava. Quando isso não deu certo, ele se virou e deu um coice no soldado.

Uma imagem surgiu na mente de Isabelle. De Elizabeth em seu corcel de combate branco. De Abhaya Rani, atirando flechas

flamejantes montada em seu cavalo. Elas não deixariam *ninguém* levar seus cavalos.

– Ele está com fome, senhor – ela continuou. – Ele geralmente come a esta hora. Se me deixar alimentá-lo, ele ficará mais calmo durante o trajeto de volta para o seu acampamento.

Cafard olhou para o cavalo selvagem e para seus homens, que se atropelavam tentando controlar o animal.

– Você tem dez minutos – Cafard retrucou. E então latiu para que seus homens entregassem o cavalo a ela.

Isabelle sussurrou no ouvido de Nero para acalmá-lo. De cabeça baixa, ela o conduziu aos estábulos.

Se os soldados tivessem visto a determinação em seus lábios e o fogo em seus olhos, jamais teriam entregado o cavalo a ela.

NOVENTA E SETE

ISABELLE SE DIRIGIU AO CELEIRO numa velocidade normal. Agir de outro modo levantaria suspeitas.

O celeiro tinha duas portas de entrada grandes – uma que ela e Nero tinham acabado de atravessar, e uma diretamente oposta, que levava ao pasto. Uma vasta área aberta se estendia no espaço entre as duas portas. À direita, ficavam as baias dos cavalos; à esquerda, o curral das vacas.

Isabelle caminhava devagar, voltada um pouco para a direita, como se estivesse levando Nero para uma baia. Durante a caminhada, ela lançou um olhar de relance casual por cima do ombro. Três soldados conversavam com o coronel. Alguns perambulavam ali perto. Um a observava. Ela o fitou nos olhos; ele sustentou o olhar. Ela esfregou os olhos, torcendo para que parecesse que ela estava chorando. Deu certo. O soldado, constrangido, se voltou para seus companheiros.

Em segundos, ela e Nero alcançaram a outra porta. Ela ficou tensa quando eles saíram do outro lado do celeiro, esperando ouvir gritos ou o som de passos. Mas tudo continuava calmo. Ninguém os havia visto.

Havia um velho tambor de leite sob o beiral do celeiro. Isabelle o usou como bloco de montaria. Assim que subiu em Nero, ela prendeu a ponta solta da guia no cabresto. Serviria de rédea. Não dava tempo para pegar as rédeas de verdade, nem arreios ou sela. Quando terminou de arranjar seu equipamento improvisado, ela discretamente incitou Nero a andar. Ele estava na estreita faixa de saibro que separava o celeiro do pasto.

Isabelle sabia que enquanto mantivesse o celeiro entre ela e os soldados, eles não poderiam vê-la partir. Raiva, cega e irracional, a movia. Nero era *dela;* não deixaria Cafard tomá-lo.

Ela segurou com força as rédeas improvisadas e estalou a língua. Como se entendesse os motivos dela, Nero saltou a cerca de madeira que circundava o pasto e aterrissou silenciosamente na grama.

Isabelle tocou as laterais do cavalo com os calcanhares e ele disparou. Em segundos, chegou ao outro lado do pasto. O animal saltou a cerca novamente e eles começaram a cruzar o vasto prado rumo à floresta. Ela olhou para trás, só por um instante, quando eles alcançaram os limites da mata. Não havia ninguém atrás dela. Ainda não. Ela provavelmente teria mais um ou dois minutos antes de Cafard mandar um de seus homens ir ver por que ela estava demorando tanto, mas aí já seria tarde demais; eles jamais a encontrariam. Eles não conheciam Wildwood tão bem quanto ela.

Isabelle voltou a olhar para a frente. A mata era fechada e andar por ali exigiria toda a sua atenção. Suas mãos tremiam, seu coração estava aos pulos.

Ela começou a rumar para o Vale do Diabo.

NOVENTA E OITO

Algumas pessoas têm medo da floresta; outras só se sentem realmente seguras quando protegidas pelas copas das árvores da mata.

Isabelle fazia parte desse último grupo. As paisagens e os cheiros da floresta lhe eram familiares e a confortavam. Ela tinha vivido os dias mais felizes de sua vida nas matas de Wildwood.

Depois de escaparem, ela e Nero cavalgaram depressa por entre as árvores durante uma boa meia hora para ganhar distância do Coronel Cafard; então Isabelle desmontou, desamarrou as rédeas improvisadas e conduziu o cavalo. A noite caía quando eles chegaram à trilha que levava ao Vale do Diabo. Isabelle queria chegar lá antes que escurecesse. O caminho era traiçoeiro em suas partes visíveis; suicida nos trechos invisíveis.

A floresta de Wildwood cobria a inclinação suave da face sul de uma montanha baixa e dava lugar a uma superfície escarpada do lado norte. O caminho estreito que levava ao Vale descia em ziguezague pela face norte e desaparecia em alguns trechos, encoberto por arbustos espinhosos e emaranhados. Depois, serpenteava por entre rochas e rochedos na base da montanha, e terminava em um rio. Costumava ser usado por viajantes com destino a Saint-Michel, mas conforme o vilarejo cresceu e as estradas da região se tornaram melhores, o caminho que cortava o Vale do Diabo foi abandonado.

Isabelle e Nero escolheram sua trilha com cautela ao longo da via e por entre as rochas. Quando finalmente chegaram ao rio, o estômago de Isabelle roncou alto. Ela se deu conta de que não havia comido nada desde o meio-dia, e já eram quase oito da noite. Nero não havia comido sua ração noturna de aveia. E nem comeria, pois ela não havia trazido nada. Ela não tinha comida nem dinheiro para comprar alguma coisa. As moedas que Félix lhe dera estavam

no palheiro. Assim como todas as provisões que ela e Tavi tinham conseguido arranjar. A garota enfiou a mão no bolso, na esperança de encontrar algum pedaço de pão. Em vez disso, encontrou os presentes de Tanaquill. A vagem de sementes espetou seus dedos.

Havia outra questão tão incômoda quanto a sensação que sentia nos dedos: sua consciência. Ela caminhava devagar para garantir que Nero pudesse apoiar as patas com cuidado, mas então parou, atormentada por uma incerteza aflitiva.

– O que foi que eu fiz? – ela disse em voz alta.

Ela estivera tão determinada em salvar a vida de Nero que nem por um segundo havia considerado o impacto que suas ações impulsivas poderiam ter sobre as outras pessoas. Ela havia enganado um coronel do exército francês. E se ele descontasse sua fúria na família dela? Ou nos LeBenêt e em Tantine?

Isabelle se deu conta de que deixara a raiva guiar suas ações, mais uma vez. Assim como acontecera com Ella. Com a esposa do padeiro. Com os órfãos. Ela tinha sido egoísta. Ela não queria que Nero morresse, mas havia mães, esposas e crianças que também não queriam que seus filhos, maridos e pais morressem. Os homens estavam perdendo suas vidas naquela guerra; Félix poderia ser um deles.

Gemendo, ela enterrou o rosto no pescoço de Nero. Ela queria ser uma pessoa melhor. Ela queria mudar, mas lá estava ela, colocando em risco pessoas que precisavam dela, fugindo de suas responsabilidades.

– Tenho que voltar – ela concluiu, com o coração pesado. Era a atitude certa a tomar, a única coisa a fazer.

Foi só quando tais palavras deixaram seus lábios que ela ouviu vozes, que chegaram a ela vindas do outro lado do rio, das profundezas da mata.

Ela ficou totalmente imóvel, só escutando. O medo agitava seus nervos. Será que os mais velhos tinham razão, e o Vale era assombrado? Ou se tratava de um bando de foras da lei ou desertores?

Ou talvez fossem as vozes dos homens de Cafard, que a caçavam. Não, não era possível. Havia um outro jeito de chegar ao Vale, mas envolvia uma longa cavalgada circundando a montanha,

descendo uma estrada estreita e esburacada. Era improvável que seus soldados tivessem chegado ali tão depressa.

Isabelle esperava as vozes se pronunciarem de novo, mas só o que escutava era a respiração de Nero.

– Fique aqui, garoto – ela pediu, passando a guia em volta do pescoço dele.

Ela se aproximou mais da água e olhou para a outra margem. À luz fraca do crepúsculo, ela só enxergava a margem oposta e a linha densa formada pelas árvores ao longo do rio, nada mais. Aqui e ali folhas farfalhavam, mas podia ser só a brisa. Bem quando ela se convenceu de que havia imaginado as vozes, ela as escutou mais uma vez. E então o cheiro forte de tabaco chegou até ela.

Isabelle nunca tinha visto um fantasma. Não sabia muita coisa sobre eles, mas tinha certeza de uma algo: fantasmas não fumavam charuto.

NOVENTA E NOVE

NELSON SE ESGUEIROU em silêncio através da janela parcialmente aberta.

Ele pulou para o banco debaixo dela, e então lançou um olhar ansioso para Chance.

– Vá! – Chance disse a ele só mexendo os lábios, sem produzir qualquer som. – Pegue o mapa!

De onde estava, ele podia ver o pergaminho, aberto sobre a mesa de Fate; a caveira no canto do mapa estava escura como ébano.

Fate, ocupada fuçando em seu baú, de costas para a janela, não viu a pequena criatura atravessar o cômodo.

Mas Losca, pousada no topo do guarda-roupa, viu.

Com um guincho horroroso, ela se lançou contra ele. O macaco saltou do chão para a cama. O corvo fez uma curva e avançou contra ele novamente. Nelson rolou pela cama, se esquivando dela, e pulou sobre as costas da ave.

Fate se virou. Seu olhar foi direto para os animais engalfinhados.

– Mas que *diabos…* – ela começou a dizer, mas um rangido alto de coisa enferrujada a interrompeu. Era a dobradiça da janela. Chance tinha acabado de entrar por ali. Ele correu até a mesa para pegar o mapa estendido sobre ela. Mas Fate chegou antes que ele. Ela ficou entre Chance e a mesa, bloqueando o invasor, com um longo punhal de prata na mão.

– Afaste-se. Não quero brigar com você – Chance advertiu.

Um sorriso maligno surgiu nos lábios de Fate. Ela fez um movimento de pulso e, menos de um segundo depois, o punhal voava direto para o coração de Chance.

Chance desviou para a direita. O punhal cravou com um baque na parede atrás dele. O marquês estava prestes a avançar novamente, mas naquele instante uma raposa saltou pela janela. Ela se lançou contra os animais que brigavam. O macaco, assustado, pulou nos

braços de Chance. O corvo alçou voo, circulou pelo quarto, e voltou a pousar no topo do guarda-roupa.

Rosnando e arreganhando os dentes, a raposa subiu na mesa de Fate. Com um movimento de sua cauda, ela fez as tintas de Fate irem pelos ares. Os frascos se espatifaram no chão; cores extravagantes se infiltraram nos vãos entre as tábuas. Ela saltou para o chão e, segundos depois, onde antes havia uma raposa surgiu uma mulher com o mapa em sua mão.

– *Já chega* – Tanaquill esbravejou, guardando o pergaminho entre as dobras de sua capa.

– Esse mapa é meu – Fate retrucou, avançando na direção da mulher. – Me devolva.

Tanaquill mostrou os dentes, rosnando.

– Venha, velha. Venha pegar – a rainha fada desafiou a outra.

Chance deu um passo à frente.

– Fique com o mapa, Tanaquill. Mas ajude Isabelle. Salve a garota.

– A garota dará seu próximo passo sozinha. Nenhum de vocês fará isso por ela. Agora só há uma pessoa que poderá salvar Isabelle… a própria Isabelle.

Com um redemoinho vermelho, ela desapareceu pela janela aberta. Fate e Chance foram deixados a sós.

Chance arrancou o punhal da parede e o devolveu a Fate. Ela colocou o objeto sobre a mesa e então lançou um olhar pelo quarto, para o estrago que Tanaquill havia causado. Losca já tinha descido do guarda-roupa e, em sua forma humana, juntava os cacos dos frascos quebrados.

– Tenho uma garrafa de vinho do Porto – Fate disse com um suspiro. – Pelo menos a rainha fada não a quebrou.

– De uma boa safra antiga?

– Sou velha demais para beber as novas.

Chance balançou nos calcanhares, considerando a oferta dela.

– Eu bem que *gosto* de um bom vinho do Porto.

Fate atravessou o quarto e fuçou em seu baú novamente. Tirou de lá um par de cálices feitos à mão. Uma travessa de porcelana. O vinho do Porto. Uma caixa de figos secos cobertos com chocolate

meio amargo. Amêndoas torradas salgadas. Um pedaço de parmesão farelento envolto em papel-manteiga.

– Faça alguma coisa – Fate mandou. – Leve as cadeiras para perto do fogo.

Uma cadeira, baixa e com almofada macia, já estava perto da lareira. Chance a empurrou mais para perto; depois carregou a cadeira de madeira que estava ao lado da mesa. Ele notou um banquinho e o posicionou entre as cadeiras. Fate arrumou a comida na travessa e a colocou sobre o banquinho. Ela encheu os dois cálices com vinho do Porto e entregou um deles a Chance.

– Isto não muda nada – ela avisou.

– Sem clemência…

– Nem adianta pedir – Chance completou.

– A caveira está preta como azeviche. Duvido que Isabelle sobreviva a esta noite.

– Enquanto ela estiver respirando, há esperança – Chance respondeu, confiante.

Fate balançou a cabeça, resmungando alguma coisa sobre tolos e sonhadores, mas os dois velhos adversários permaneceram sentados diante da lareira e aproveitaram a breve trégua em sua guerra eterna. Eles fizeram um brinde aos humanos idiotas, que tropeçam e caem, fazem mais escolhas erradas do que certas, que têm seus corações partidos repetidas vezes, mas que, de algum modo, conseguem fazer uma ou duas coisas direito, enquanto dividiam um vinho excelente e um bom queijo.

E lá fora, na escuridão, a raposa correu, levando o mapa na boca. Cruzando campos e saltando muros de pedras, através da grama alta e dos arbustos, até chegar às ruínas de um incêndio e a uma tília que ficava perto delas.

A raposa deixou cair o mapa no oco da base da árvore, se virou e se sentou, observando e esperando. Seus pensamentos estavam silenciosos, só ela os conhecia. Mas os enviou a Isabelle.

Pare de culpar os deuses. Pare de xingar o diabo. Eles não traçarão um caminho para você. Eles lhe deram seus presentes sombrios: razão e vontade. Agora você deve traçar seu próprio caminho.

O que está feito, feito está. Seja para você ou por você, e você não pode mudar isso.

Mas o que não foi feito, feito não está.

E é aí que estão a esperança e o perigo.

Acredite que pode traçar seu próprio caminho. Ou não. De todo modo, você está certa.

Toda guerra é diferente, mas ainda assim toda batalha é igual. O inimigo é apenas uma distração. A coisa contra a qual você luta, sempre, é você mesma.

CEM

– Volto já, Nero. Fique aqui e não se mexa – Isabelle sussurrou.

Ela queria saber quem estava no Vale. Era perto de Saint-Michel e de sua família, e foras da lei e desertores eram perigosos. Um deles a havia roubado e quase a matado.

Isabelle puxou a saia para cima, amarrou-a e entrou na água. Felizmente, ali o rio não era muito fundo, e a água estava pouco acima de seus joelhos. Suas botas estavam ficando encharcadas, e a sapatilha que Félix fizera para ela também, mas ela não ousava tirá-las e deixá-las na margem. Sem elas, ela andava devagar, e talvez precisasse correr. Quando chegou ao outro lado, começou a subir engatinhando a margem íngreme e argilosa. Ela foi agarrando as raízes nodosas das árvores e tomou o cuidado de não fazer barulho enquanto subia, pois não queria alertar ninguém de sua presença. Ao chegar ao topo do barranco e espiar da beirada, ela arquejou. Diante dela havia barracas, centenas delas. Não em fileiras organizadas, mas espalhadas por todo o terreno. Eram feitas de tecido escuro e se misturavam perfeitamente às árvores.

Então ela viu os homens. Eles estavam de farda. Falavam em voz baixa. Limpavam seus rifles. Afiavam suas baionetas.

Deve haver uns mil deles. Serão do exército real? O que fazem aqui?, ela se perguntou.

Pedaços de conversas chegavam aos seus ouvidos, mas eram tão fragmentados que não faziam sentido.

Após alguns minutos, no entanto, ela conseguiu juntar uns fragmentos, e então entendeu tudo. E o terror a fez perder o fôlego.

Os homens eram do exército, sim, mas não do exército real.

Eram do exército de Volkmar.

CENTO E UM

Isabelle correu para se esconder atrás de uma grande árvore. Seu coração estava aos pulos.

Depois de alguns segundos, ela espiou dali e reprimiu um grito. Um dos soldados vinha na direção dela, com um charuto aceso preso entre os dentes. Será que ele a tinha visto? Ela se escondeu atrás da árvore outra vez, tentando se encolher ao máximo.

O homem parou pouco antes de seu esconderijo, então firmou os pés na terra e se aliviou. Isabelle não se mexia; ela não respirava.

Enquanto ele continuava regando o outro lado da árvore, vários soldados companheiros o chamavam. Isabelle ouviu o nome Volkmar repetidamente. As vozes dos homens eram baixas, mas ansiosas.

Por fim, o soldado abotoou a calça e voltou para junto de seus amigos. Isabelle deixou seu corpo desabar, aliviada. Ela arriscou outra espiada ao acampamento do inimigo. Todos os soldados iam com pressa das barracas para o centro do acampamento.

Por quê?, ela se perguntou. *O que está acontecendo?*

Isabelle sabia que devia correr, devia fugir enquanto tinha chance. O que poderia fazer ali? Estava sozinha, indefesa. Era só uma garota.

Como Elizabeth, arguiu uma voz dentro dela. *Como Yennenga. Abhaya Rhani. Elas também eram só garotas.*

Ela saiu de trás da árvore e, agachada, andou por entre as barracas até o coração do acampamento inimigo.

Dentro dela, o lobo parou de mastigar. Ele ficou imóvel. Tenso.

Preparado.

CENTO E DOIS

ELES ESTAVAM REUNIDOS em um grande círculo, com várias fileiras de largura.

Um homem estava parado no centro, falando. Isabelle não conseguia vê-lo – os soldados bloqueavam sua visão – mas podia ouvi-lo.

Se alguém me vir… Se eu for pega…, o medo tagarelava para ela.

Ela o fez se calar e tentou achar um jeito de chegar mais perto.

Havia um rochedo mais acima. Ela poderia ver os homens se subisse ali, mas, se um deles se virasse, ele também a veria. Então ela viu um pinheiro. Seus galhos mais baixos estavam nus, mas os mais altos tinham muitas agulhas. Se ela subisse alto o bastante, conseguiria ver sem ser notada. Ela avistou uma barraca com estrutura de madeira, maior que as outras, perto da árvore. Serviria para ocultá-la enquanto escalava o tronco.

Fazia anos que Isabelle não subia numa árvore, mas não havia esquecido como fazê-lo. Ela escalou os galhos sem dificuldade e em silêncio, exatamente como costumava fazer quando ela e Félix fingiam subir no mastro do navio de Barba Negra. Ela subiu cada vez mais alto. Quando teve certeza de que ninguém a perceberia, deitou-se sobre o galho, baixando um pouco as agulhas para ter uma visão desobstruída.

Várias lanternas tinham sido posicionadas no centro do círculo. A luz gerada por elas iluminava um homem com um chapéu de três pontas. Seus cabelos negros, com mechas grisalhas, estavam presos num rabo de cavalo por baixo do chapéu. Uma capa de viagem esvoaçava quando ele se movia. Ele era alto, tinha ombros largos e andava de forma imponente. Uma cicatriz descia por uma bochecha. A luz da lanterna refletia em seus olhos cruéis.

Volkmar, Isabelle proferiu baixinho, com o coração quase parando repentinamente.

Ele está aqui.

CENTO E TRÊS

ISABELLE SE SENTOU IMÓVEL, observando Volkmar falar.

Ele dizia aos seus homens para atacar Saint-Michel. Eles matariam todas as pessoas do vilarejo, como tinham feito em Malleval. É por isso que havia tantos soldados.

Volkmar terminou de falar e fez um gesto amplo à sua frente. Ao fazê-lo, outro homem apareceu. Ele ficou parado fora da luz das lanternas, acompanhado por meia dúzia de soldados de Volkmar.

Isabelle levou a mão à boca. *Não*, ela pensou. *Deus nos ajude, não.*

Era o grão-duque.

O pavor cresceu em sua barriga, e suas trepadeiras escuras envolveram o coração de Isabelle. As forças de Volkmar o haviam prendido. Eles deviam tê-lo emboscado quando ia ou voltava de Paris para o acampamento de Cafard. De que outro modo eles poderiam tê-lo capturado? O que fariam com ele? Será que ele seria torturado? Executado? Ele era um dos homens mais poderosos do reino. Acima dele, só havia o rei.

Enquanto Isabelle observava, atônita, Volkmar von Bruch se aproximou do grão-duque a passos largos.

E o abraçou.

CENTO E QUATRO

ISABELLE SE SENTIU como se fosse feita de gelo. Seu coração congelou. O sangue estava sólido em suas veias. Seu hálito era como geada. Se ela mexesse um músculo, se despedaçaria.

O grão-duque, que tinha jurado proteger o rei e o país, era aliado de Volkmar von Bruch. Volkmar, que massacrara milhares de soldados franceses. Que incendiara cidades, matado pessoas em fuga.

Isabelle pensou em sua família, em Félix, em seu vilarejo. Ela pensou em Remy, na cruz de prata que ele lhe dera, e em Claude, o amigo dele, e em todos os outros jovens soldados que talvez jamais voltassem para casa.

Ela observou, atônita, quando os soldados de Volkmar ergueram os punhos em uma saudação silenciosa ao seu líder e ao grão-duque. Ela observou quando os soldados voltaram às barracas com as chamas da guerra ardendo em suas faces, quando Volkmar e o grão-duque caminharam até a barraca de Volkmar – aquela que estava embaixo da árvore em que ela se encontrava – e se sentaram em duas cadeiras de lona diante da barraca. Ela observou um jovem soldado aparecer com lanternas, uma caixa de charutos, um decantador de conhaque e dois copos de cristal.

O medo se dissipara. Isabelle agora só sentia uma emoção – fúria fria e letal. Mas desta vez a fúria não a controlou, e sim o contrário. Isabelle deixou que a emoção a ajudasse, em vez de prejudicá-la.

Devagar, ela começou a descer da árvore, tão silenciosa quanto uma sombra, baixando um pé depois do outro, sem mover uma única agulha do pinheiro.

Ela desceu cada vez mais, até ficar a apenas um metro acima da cabeça deles. E então ela escutou.

– Ao novo Lorde Protetor da França – Volkmar saudou, tocando o copo do grão-duque com o seu. – Assim que eu derrotar o rei, o

país será meu e você o governará para mim.

Sorrindo, o grão-duque acenou com a cabeça. Depois, entregou a Volkmar um pergaminho enrolado.

– Um presente.

Volkmar pegou o pergaminho, quebrou o selo de cera vermelha – o selo do rei da França – e o abriu.

– Um mapa… – ele observou, correndo os olhos pelo documento.

– Mostrando o tamanho e a localização de cada batalhão restante do rei.

– Muito bom! – Volkmar exclamou. – Agora será muito mais fácil acabar com eles. – Ele tomou um grande gole de seu conhaque. – Está tudo em ordem para amanhã?

– Está. Você atacará o acampamento de Cafard ao anoitecer. Ele enviou quatro regimentos a Paris e só deixou um aqui. Depois que matar as tropas restantes dele, vá para o hospital de campanha e mate os feridos. Eles não servem para nada. Deixe Cafard vivo, é claro, e o leve como prisioneiro para manter as aparências. Nós o recompensaremos quando a guerra tiver acabado. Ele tem sido um aliado fiel.

Volkmar olhou o mapa novamente.

– Os civis de Saint-Michel… eles resistirão?

O grão-duque deu uma risada.

– Com o quê? Colheres de pau? Tenho percorrido o interior de ponta a ponta, pedindo a eles para doar qualquer arma que tenham em um esforço de guerra. Eles estão totalmente indefesos.

O jovem soldado, criado de Volkmar, reapareceu. Volkmar entregou a ele o mapa, pediu que o guardasse em sua barraca e então trouxesse comida.

– Quero passar logo para as outras guarnições do rei assim que acabarmos com Saint-Michel. Atacar uma a uma até atacarmos o rei em pessoa – afirmou Volkmar.

– Eu diria para atacar o rei primeiro. Ele se renderá e isso acabará com os ânimos das tropas restantes.

– E se ele não se render?

– Se renderá. Tenho certeza. Não se esqueça que temos algo muito valioso para barganhar.

Volkmar ergueu a sobrancelha.

– Você não é muito fã do seu jovem soberano, não é?

O grão-duque fez uma careta.

– O rei é um tolo. Ele podia ter escolhido a princesa que quisesse de prestigiosas casas reais e preferiu se casar com uma criada. Ele permite que ela prossiga com suas missões idiotas: cuidando de feridos, abrigando órfãos nas residências de nobres… quando seria muito menos oneroso para os cofres da Coroa simplesmente deixá-los morrer. Meu próprio *château* está lotado de pirralhos caipiras. – Ele balançou a cabeça, desgostoso. – O rei tem aviltado a Coroa. Enquanto ele luta nos campos, uma garota sem berço se senta no trono da França. Pior ainda, o herdeiro do trono terá o sangue plebeu correndo nas veias.

– Não precisa se preocupar com isso – Volkmar disse. – O rei está com os dias contados. Ele não viverá o bastante para fazer um filho.

O grão-duque terminou sua bebida.

– A menos que ele já tenha feito isso.

Volkmar permaneceu calado enquanto se inclinava para a frente a fim de encher o copo de seu convidado outra vez. Então se recostou em sua cadeira e anunciou:

– Não posso ter herdeiro nenhum reivindicando meu trono. Sabe o que quero dizer.

O grão-duque tomou um gole de sua bebida e então ergueu os olhos para Volkmar.

– Quer dizer que a rainha também deve morrer.

CENTO E CINCO

Isabelle subiu para um galho mais alto e se sentou, com as costas apoiadas no tronco, as mãos agarrando troncos menores e os pés balançando.

Dizem que os grandes comandantes têm sangue frio no inferno ardente do campo de batalha. Que o rugido dos canhões, os gritos de morte, a fumaça, o suor e o sangue só servem para aguçar a percepção deles, para fazê-los enxergar melhor suas vantagens.

Agora Isabelle entendia isso.

Ela estava em uma árvore, apenas alguns metros acima de dois homens sanguinários que a matariam sem pestanejar se a descobrissem, e, ainda assim, estava calma, considerando tranquilamente suas opções e determinada a seguir em frente.

Volkmar queria matar o rei e também a rainha; ela precisava achar um jeito de detê-lo. Isabelle podia tentar mais uma vez ir a Paris a fim de ver Ella, ou chegar ao rei para lhe contar o que ficara sabendo, mas não fazia ideia de como realizar tais ações, nem se algum deles acreditaria nela se de alguma maneira ela conseguisse falar com eles.

Então uma lembrança emergiu na mente de Isabelle, como um peixe saltando em um lago. Ela estava de volta à Maison Douleur. Sangue de seu pé mutilado pingava na terra. O grão-duque caminhava na direção de Ella, carregando o sapatinho de cristal em uma almofada de veludo, quando de repente tropeçou e deixou cair o calçado. Isabelle se lembrou do som do sapatinho estilhaçando. Fora um acidente, ele dissera. Só que não era verdade. Ele tropeçara de propósito; ela vira.

Porque ele não queria que Ella se casasse com o príncipe. Porque ela não era bem-nascida. Não era boa o bastante. Ella, que era gentil e boa. Ella, que era mais bonita que o sol. Com algumas palavras frias, o grão-duque a havia definido e descartado.

Então Isabelle ouviu outra voz: a do velho comerciante. Ele tinha feito a mesma coisa com *ela,* chamando-a de feia. Ele a havia definido antes mesmo que a própria Isabelle tivesse chance de definir a si mesma. Em uma fração de segundo, ele havia decidido o que ela era e o que seria pelo resto da vida.

Mas agora Isabelle viu algo que nunca tinha enxergado antes – que o comerciante não agira sozinho. Ele tivera um cúmplice – ela mesma. Ela dera ouvidos a ele. Acreditara nele. Permitira que ele lhe dissesse quem ela era. E, além dele, Maman, pretendentes, o grão-duque, Cecile, a esposa do padeiro, os moradores de Saint-Michel.

– Eles cortaram fora pedaços de mim – ela sussurrou na escuridão. – Mas eu dei a faca a eles.

A voz do comerciante ainda ecoava em sua cabeça. A dos outros também.

… apenas uma garota… uma pestinha feia… meia-irmã feia… forte… indomável… má…

Isabelle se sentou, escutando as vozes, se esforçando para escutar a sua própria.

E então conseguiu. *O mapa*, ela dizia. *Você precisa pegar o mapa*.

A voz não era estridente nem temerosa. Era clara, serena e parecia vir do seu âmago. Isabelle a reconheceu. Quando era criança, era a única voz que ela escutava. Ela nunca se perdera, e ali estava.

Se ela pegasse o mapa, poderia impedir o ataque de Volkmar. Ela o leria e cavalgaria tão depressa quanto o vento até o acampamento do exército aliado mais próximo. O comandante do acampamento certamente iria querer saber como ela conseguira o mapa secreto que trazia o selo real. Ela contaria a ele, e ele enviaria suas tropas para ajudar Saint-Michel. Ela tinha até o anoitecer do dia seguinte. Era quando Volkmar atacaria.

O criado de Volkmar tinha guardado o mapa na barraca de seu mestre. Isabelle sabia que precisava entrar na barraca, pegar o mapa e sair de novo. Olhando para baixo, ela viu que Volkmar e o grão-duque ainda estavam bem envolvidos em uma conversa. O criado de Volkmar havia posto a mesa para eles do lado de fora da

barraca e servido o jantar. Eles ainda não estavam nem na metade da refeição.

É agora ou nunca, ela pensou, e então desceu o resto da árvore. Agachada, se dirigiu para a parte traseira da barraca. Ela apurou os ouvidos um instante, para garantir que não tinha ninguém do lado de dentro, então ergueu a aba de lona e entrou. Uma grande mesa de campanha ocupava o centro do espaço. Espalhados sobre a mesa havia penas, um frasco de tinta, cartas, um telescópio… e um mapa.

O coração de Isabelle estava aos pulos. *Você consegue fazer isso*, ela disse a si mesma. *É só pegar o mapa e ir embora.*

Ela estava tão focada em encontrar o mapa que seus olhos se voltaram direto para a mesa em vez de inspecionar o ambiente. Quando se aproximou da mesa, um movimento à sua direita chamou sua atenção. Ela parou subitamente, com o coração na boca.

Ali, sentada em uma cama de campanha, com os pulsos amarrados e a boca cruelmente amordaçada, havia uma garota. Isabelle arregalou os olhos. Deu um passo na direção da garota.

Então sussurrou uma única palavra.

– *Ella?*

CENTO E SEIS

Isabelle meio que caiu de joelhos, meio que se ajoelhou ao lado da cama. Então soltou a mordaça de Ella.

– Isabelle! – Ella sussurrou, engolindo um soluço.

– O que aconteceu? Como veio parar aqui? – Isabelle sussurrou de volta, horrorizada ao ver sua meia-irmã amarrada feito um animal.

– O grão-duque – Ella disse. – Ele e seus guardas deviam me escoltar até um solar na parte leste de Saint-Michel. Eu ia ver se era possível abrigar órfãos lá. Na metade do caminho, saímos da estrada. Ele mandou seus homens me amarrarem e me trazerem para cá. Volkmar…

– Eu sei – Isabelle disse, soturna. – Ouvi a conversa dele com o grão-duque. Vou pegar o mapa do rei. Depois iremos embora daqui.

– Como, Isabelle? – Ella perguntou. – Há centenas de soldados neste acampamento!

– Se eu entrei, posso sair.

– Mas estou presa aqui… – Ella ergueu as mãos. Ela tentou falar mais alguma coisa, mas começou a soluçar novamente.

Isabelle segurou o rosto dela entre as mãos.

– Me escute, Ella – ela pediu, séria. – Você precisa confiar em mim. Não tem nenhum motivo para fazê-lo, eu sei, mas vou tirá-la daqui. Prometo. Eu…

– Onde está aquele maldito garoto? Não importa, eu mesmo pego… – berrou uma voz.

Vinha de fora da barraca. E pertencia a Volkmar.

CENTO E SETE

Simples é o contrário de difícil, Isabelle pensou. *Fácil também é o contrário de difícil. Mas simples não é o mesmo que fácil. Não mesmo. Aposto que Tavi tem um teorema sobre isso*.

Isabelle balbuciava consigo mesma. Em silêncio. Para acalmar seu coração despedaçado. Para forçar seus pulmões a puxarem ar. Para se distrair do fato de as grandes botas pretas de Volkmar von Bruch estarem a centímetros de seu rosto.

O que ela tinha a fazer era simples – tirar Ella e a si mesma dali –, mas estava longe de ser fácil. E Volkmar ter entrado na barraca só tornava tudo dez vezes mais difícil.

No instante em que ouviu a voz dele, Isabelle colocou a mordaça de volta em Ella. E se jogou debaixo da cama de campanha, puxando as saias da meia-irmã para baixo em busca de se esconder atrás delas. Isabelle gelou e quase perdeu o fôlego quando ele levantou a aba da barraca e entrou.

– Ah, Sua Majestade. Está confortável? Não? Bem, não precisará suportar por muito tempo mais. Amanhã, o grão-duque e eu atacaremos o acampamento do seu esposo e trocaremos a sua vida pela rendição dele. Obviamente, não tenho a intenção de cumprir a minha parte do trato. Mas não se preocupe. Nenhum de vocês dois vai sofrer. Os homens do meu pelotão de fuzilamento têm excelente pontaria.

Temos algo muito valioso para barganhar, o grão-duque dissera. Ella.

Isabelle tinha os punhos cerrados. Ela podia sentir o cheiro de Volkmar – álcool, suor e carne de cordeiro gordurosa que ele tinha acabado de comer.

– Ora, onde está o conhaque? – Isabelle o ouviu dizer. E então complementar: – Ah! Aqui está!

Volkmar saiu da barraca. Num átimo, Isabelle saiu de debaixo da cama e ficou de pé. Ela tirou a mordaça de Ella de novo, pegou uma adaga de cima da mesa e a usou para cortar as cordas que prendiam os pulsos e tornozelos da meia-irmã. Ela se levantou meio vacilante.

– Ande! – Isabelle sussurrou. – Faça o sangue voltar a circular direito nos seus pés! Depressa!

Enquanto Ella dava alguns passos, Isabelle pegou o mapa de cima da mesa e o enrolou. Ao fazê-lo, um documento que estava escondido debaixo dele chamou sua atenção. Era outro mapa – um que mostrava a localização das tropas de Volkmar. A pulsação de Isabelle acelerou ao se deparar com tal imagem. Aquilo viraria o jogo contra Volkmar e o víbora do grão-duque.

Isabelle enrolou o segundo mapa ao redor do primeiro e gesticulou para Ella sem dizer nada. As duas garotas saíram da barraca discretamente, do mesmo jeito que Isabelle havia entrado. Do lado de fora, Isabelle levou um dedo aos lábios para pedir silêncio e apurou os ouvidos. O acampamento estava calmo. Os soldados reunidos por Volkmar e pelo grão-duque já haviam dispersado. A maioria deles agora estava em suas barracas – a maioria, mas não todos. Alguns ainda andavam entre as fileiras. Isabelle conseguia ouvi-los conversando.

Quando teve certeza de que não havia ninguém por perto, ela pegou a mão de Ella e a puxou. Abaixadas, elas andaram depressa, se escondendo atrás das barracas, tomando cuidado para não pisar em nenhum graveto, de olhos atentos a qualquer movimento. Elas tiveram que voltar e encontrar uma nova rota quando a aba de uma barraca se abriu e um soldado colocou suas botas do lado de fora, e depois mais uma vez, quando elas quase deram de cara com um grupo de homens que fumava debaixo de uma árvore.

Embora assustada e desorientada na escuridão profunda, Isabelle conseguiu encontrar um caminho que levava aos arredores do acampamento. Assim que chegaram ao limite da área, no entanto, um alarme soou. Vozes grossas rapidamente espalharam a mensagem de que a rainha havia escapado e que tinha que ser encontrada. Agachadas atrás da mesma árvore que ocultara Isabelle quando ela descobrira o acampamento, elas observaram os

soldados deixarem suas barracas às pressas, levando espadas e rifles. Então Isabelle agarrou a mão de Ella e correu às cegas até a margem do rio. Meio deslizando, meio tropeçando, elas desceram o barranco.

Quando chegaram ao rio, Isabelle puxou as saias para cima com uma mão e ergueu a outra, que segurava os mapas, e entrou na água. Ella, que usava delicados sapatos de seda, os tirou e segurou na mão, levantou as saias e seguiu a meia-irmã. As pedras do rio eram traiçoeiras. Depois de dar apenas alguns passos, Ella escorregou em uma delas e caiu. Ao cair, ela deixou escapar os sapatos, e as águas rápidas do rio os levaram para longe. Encharcada e puxada para baixo graças ao peso das roupas molhadas, ela se esforçou para ficar em pé, tentou pegar seus sapatos, e caiu de novo.

– Deixe pra lá! – Isabelle sibilou.

As quedas de Ella fizeram um grande barulho na água. Será que alguém tinha escutado no acampamento? Era o que Isabelle, ansiosa, queria saber. Ao enfiar os mapas na parte da frente do vestido para que não molhassem, lançou olhares nervosos para a margem às suas costas. Então foi até Ella e estendeu a mão para a meia-irmã, que a segurou. Isabelle a ajudou a se levantar e, juntas, as garotas escolheram com cuidado um caminho em meio às pedras.

Elas estavam na metade do rio quando ouviram uma voz ríspida.

– Paradas aí! Mãos para cima! Não se mexam ou eu atiro!

CENTO E OITO

Isabelle não conseguia ver o homem que gritava as ordens, não conseguia ver nada. Os soldados apontavam lanternas para sua direção, o que a cegava. Isabelle tentava proteger os olhos erguendo as mãos, podia ouvir cães latindo e rosnando, rifles sendo apoiados em ombros, armas sendo engatilhadas. Seu estômago doía de medo.

E então uma voz disse:

– Ah, aí está você, Majestade. Eu estava me perguntando onde teria ido. E quem está aqui com você?

– Baixem as lanternas, idiotas! – ordenou o grão-duque.

Os soldados obedeceram. Isabelle usou as mãos para proteger os olhos.

– É a meia-irmã da rainha. A garota que cortou seus dedos fora – informou o grão-duque. – Eu a reconheço.

– Eu também a reconheço – disse Volkmar. – Nós nos conhecemos em Malleval. – Seus olhos brilharam de um jeito sombrio. – Agora podemos terminar o que começamos lá. – Ele desceu o barranco.

Ele não pode matar nós duas; não ao mesmo tempo, Isabelle pensou. *E está escuro. Os soldados que estão mirando em nós podem errar.*

– Corra, Ella, *corra*! – ela sussurrou. – Nero está na estrada que leva a Wildwood. Você consegue.

Ella começou a chorar.

– Não vou deixar você – ela falou.

– Não há motivo para lágrimas, Majestade – Volkmar zombou. – Eu não vou matar *você*. Ainda não. Só a sua meia-irmã feia. Você deveria me agradecer por isso.

Ele puxou sua espada da bainha. A visão da arma fez Isabelle se lembrar, chocada, que ela também tinha uma espada. E um escudo.

Instintivamente, ela enfiou a mão no bolso onde guardava os presentes da rainha fada.

– Mantenha as mãos para cima! – um soldado gritou. – Ou atirarei em você!

Volkmar chegou à margem e entrou no rio. Isabelle sentiu um frio na barriga. O medo ameaçava dominá-la, mas, antes que isso acontecesse, sentiu uma dor aguda na coxa. Ela olhou para baixo. Seu bolso inchava. Escuros espinhos curvos varavam o tecido de seu vestido.

A vagem de sementes!, ela pensou, com a esperança crescendo dentro dela. *O último presente de Tanaquill!*

Mas Volkmar também viu os espinhos.

– O que você tem aí? – ele ladrou.

A vagem de sementes aumentou ainda mais de tamanho e começou a forçar o tecido, que se rasgou. O osso e a casca de noz caíram no rio.

– Não! – Isabelle gritou. O desespero tomou conta dela. Tudo que lhe restava era a vagem. Talvez ela também se transformasse em uma arma. Se conseguisse pegá-la.

Mas enquanto Isabelle observava, a vagem explodiu. As sementes, que eram vermelhas, brilhantes e grandes feito bolinhas de gude, caíram todas na água e afundaram. Então a vagem vazia também caiu e foi levada embora, fazendo desaparecer a última esperança da garota.

Volkmar agora estava perto. Isabelle sabia que ele a mataria ali mesmo e deixaria o rio carregar seu corpo. E depois ele usaria sua meia-irmã para colocar em ação seu plano cruel. Saint-Michel estava perdido. Tudo estava perdido.

Ele ergueu sua espada, pronto para o golpe. A rainha gritou. Isabelle se preparou para morrer.

Mas o golpe não foi dado. Porque um instante depois a espada de Volkmar saiu voando pelo ar.

Assim como Volkmar.

CENTO E NOVE

– Isabelle, o que está acontecendo? – Ella perguntou com a voz trêmula de medo.

– Eu… eu não sei, Ella – Isabelle disse esticando a mão para ela novamente.

Uma trepadeira, tão grossa quanto a coxa de um homem, tinha se erguido da água violentamente. Ela tinha agarrado a espada de Volkmar e a lançado no topo das árvores; depois tinha jogado Volkmar contra o barranco. Espinhos, alguns do tamanho de um pé, brotaram da trepadeira. Eles riscaram o peito de Volkmar de vermelho.

– Roseira-brava – Isabelle sussurrou. Exatamente como as trepadeiras que cresciam no tronco da tília, as trepadeiras de onde Tanaquill pegara a vagem de sementes.

Enquanto Isabelle observava, outra trepadeira emergiu da água, e depois mais outra, e outra, girando vertiginosamente. Até que havia dúzias delas. Crescendo, girando, estalavam feito chicotes, pegando rifles, atacando cães que rosnavam, derrubando soldado após soldado, forçando o grão-duque a recuar. Conforme se retorciam, seus espinhos se enroscavam uns nos outros, criando um grande emaranhado.

Algumas das trepadeiras tinham brotado na frente das garotas; outras cresciam atrás delas.

– Ficaremos presas! – Isabelle gritou. – Vamos, Ella, corra!

Isabelle puxou a meia-irmã atrás de si, que cambaleou nas rochas escorregadias, tropeçou, deu topadas com o dedão, caiu de joelhos. Toda vez que a garota caía, Isabelle a fazia se levantar, até que finalmente elas chegaram à outra margem. Enquanto saíam da água, vacilantes e ofegantes, Isabelle olhou para trás. As trepadeiras da roseira-brava tinham se entrelaçado, formando um muro impenetrável, de seis metros de altura. Ouvia-se ordens sendo

gritadas do outro lado desse muro, armas sendo disparadas, cães latindo, mas nada o atravessava. Isabelle e Ella estavam a salvo. Por enquanto.

– Temos que ir – Isabelle atestou, ainda segurando com força a mão de Ella.

– O que é aquela coisa, Isabelle? – Ella perguntou, olhando, pasma, para o muro de roseira-brava.

– Magia de Tanaquill.

Ella se virou para a meia-irmã, sorrindo.

– Você encontrou a rainha fada? – ela perguntou, empolgada.

– Foi ela quem me encontrou. Depois conto tudo a você. Não podemos ficar aqui.

– Isabelle, como você me achou? – Ella perguntou enquanto ambas atravessavam, apressadas, a vegetação rasteira. – O que você estava fazendo no acampamento de Volkmar?

Isabelle não sabia por onde começar a responder.

– Eu estava fugindo. Com Nero – ela começou.

– *Nero?* Mas Maman o havia vendido.

– Eu o recuperei. Mas Madame LeBenêt, nossa vizinha; se lembra dela? A casa pegou fogo…

– *Quê?!*

– Estávamos morando no palheiro dela, e ela queria que eu me casasse com Hugo…

– *Hugo?*

– Para que Tantine desse a ele uma herança. Mas eu não amo Hugo. E ele com certeza não me ama.

Ella parou de repente e fez Isabelle parar também.

– Como foi que *tudo isso* aconteceu? – ela perguntou, aborrecida.

– Não há tempo, Ella – Isabelle protestou, lançando um olhar na direção de onde tinham vindo. – Mais tarde conto tudo a você. Eu…

Suas palavras morreram. Estivera tão concentrada em tirar Ella do acampamento que não tivera tempo de pensar em mais nada. Agora se dava conta do tamanho do perigo que corriam. O grão-duque era um traidor, aliado de Volkmar, e as tropas de Volkmar estavam escondidas no Vale do Diabo, e a rainha sabia de tudo. Volkmar e o grão-duque tentariam detê-la a qualquer custo. Isabelle e a meia-irmã talvez não chegassem a um lugar seguro. Talvez não

conseguissem sair de Wildwood, nem subir pelo caminho esquecido. Talvez fosse sua única chance de dizer a Ella o que precisava dizer.

E foi o que Isabelle fez; contou à meia-irmã tudo que havia acontecido desde o dia em que Ella fora embora com o príncipe. Contou sobre Tanaquill. O incêndio. O marquês. Os LeBenêt. O ultimato de Tantine. E, por último, sobre Félix e seu bilhete, e como Maman havia destruído a mensagem e causado tanto sofrimento aos dois.

– As coisas teriam sido tão diferentes, Ella. Se nós tivéssemos fugido como planejado. Se Maman não tivesse encontrado o bilhete e o destruído. *Eu* teria sido diferente. Melhor. Mais gentil.

– Isabelle…

– Não, me deixe terminar. Eu preciso. Me desculpe. Sinto muito por ter sido cruel, por ter magoado você. Você era bela, eu não. Você tinha tudo, e eu tinha perdido tudo. E por isso sentia inveja. – A vergonha ardia sob sua pele. Isabelle se sentia impotente e exposta ao dizer essas coisas, feito uma pequena criatura do deserto, arrancada de sua toca e deixada para morrer sob o sol. – Você não sabe como é.

– Talvez eu saiba mais do que você imagina – Ella replicou com delicadeza.

– Será que um dia você poderá me perdoar?

Ella sorriu, mas não era o sorriso doce que Isabelle conhecia tão bem. Era amargo e triste.

– Isabelle, você não sabe o que está me pedindo.

Isabelle assentiu e baixou a cabeça. A débil esperança que sentira ao expressar à meia-irmã seu arrependimento se despedaçou. Ela havia encontrado sua meia-irmã, outro pedaço de si mesma que tinha sido arrancado dela, mas não tinha importância. Não haveria perdão, não para ela. As feridas que causara eram profundas demais. Lágrimas rolaram por suas bochechas. Isabelle não sabia que o remorso podia ser um sentimento tão parecido com a dor.

– Isabelle, não chore. Por favor. Por favor, não chore. Eu…

A frase de Ella foi interrompida por latidos.

Isabelle levantou a cabeça depressa.

– Precisamos ir andando – ela avisou, enxugando os olhos. – Temos que achar um lugar seguro para você.

– Onde?

– Não sei. Pensarei em alguma coisa. O mais importante é você chegar lá sem ser baleada. Tudo bem?

Ella assentiu.

– Tudo bem – respondeu.

Isabelle esticou a mão para Ella, que a pegou e a segurou com força. As duas garotas recomeçaram a correr.

Por suas vidas.

CENTO E DEZ

ISABELLE ATIROU uma pedrinha na janela.

A pedrinha acertou a vidraça e caiu na rua.

A jovem estava parada diante de um edifício antigo de pedra nos limites de Saint-Michel. Olhando nervosa para os lados, pegou outra pedrinha e atirou de novo. E mais outra. Por fim, a janela se abriu.

Félix se debruçou usando um camisolão de linho aberto na gola, segurando uma vela e piscando na direção da escuridão.

– Félix, é *você*! – Isabelle exclamou, animada. Ele havia dito que morava na oficina do carpinteiro, mas a garota não tinha certeza se estava atirando pedrinhas na janela certa.

– O que faz aqui, Isabelle? – ele perguntou, com os olhos embaçados de sono.

– Podemos entrar? Estamos em apuros. Precisamos nos esconder.

– Nós?

– Félix, *por favor*!

Félix saiu da janela. Pouco depois, estava no portão da oficina com sua vela. Isabelle o encontrou lá e apontou para o outro lado da rua. Ella estava parada sob o grande arco de entrada de uma marmoraria, segurando as rédeas de Nero. Ela andou depressa até eles.

– É Ella – Félix disse a Isabelle. – Sua meia-irmã. A rainha da França.

– Sim.

– Esqueci minha calça. A rainha da França está parada diante da minha porta e eu estou de camisolão. – Ele olhou para as próprias pernas. – Mostrando os joelhos.

– Gosto dos seus joelhos – Isabelle comentou.

Félix corou.

– Eu também – Ella falou.

– Sua Majestade – ele reverenciou.

– Pode me chamar de Ella.

– Sua Ella-stade – Félix emendou. – Eu me curvaria, mas… hã… o camisolão é um pouco curto.

Ella riu.

O rapaz as guiou ao pátio de trabalho. Então rapidamente levou Nero pela lateral da oficina até os estábulos, nos fundos. Depois de lhe dar água e colocá-lo em uma baia vazia, Félix retornou ao pátio de trabalho e fechou o portão. Rápido e silencioso, ele conduziu as garotas pela oficina e por um lance de escadas estreito que levava ao seu quarto, no andar superior. Assim que deixou a vela sobre uma mesinha de madeira no meio do cômodo, pegou sua calça, que estava jogada no pé da cama e a vestiu desajeitadamente.

– Sentem-se – ele pediu, indicando um par de cadeiras bambas, uma de cada lado da mesa. Ella realmente se sentou, agradecida, mas Isabelle não. Estava agitada demais; em vez disso, começou a andar de um lado para o outro.

– Você está sangrando – Félix avisou, apontando para os pés descalços de Ella.

Havia um corte no peito de um dos pés. Félix lhe deu um trapo e água para que ela lavasse a ferida, e também um par de botas surradas.

– Minhas botas velhas – ele constatou. – São grandes demais para você, mas é melhor que nada. – Ele se voltou para Isabelle. – E então, o que você fez?

– O que o faz pensar que *eu* fiz alguma coisa?

– Porque era sempre você quem se metia em confusão, não Ella – Félix respondeu, pegando um lampião na prateleira.

Enquanto Ella, exausta, fechava seus olhos por alguns minutos, e Félix removia a cúpula do lampião, Isabelle contou o que havia acontecido. A raiva endureceu seu semblante enquanto ele escutava.

– Depois de escaparmos de Volkmar, subimos pela estradinha e cavalgamos através de Wildwood – ela relatou, terminando a história. – Eu não sabia aonde ir. Não posso voltar à fazenda dos LeBenêt. Os homens de Cafard podem estar esperando por mim lá. Sinto muito, Félix. Não queria envolvê-lo nisto.

– Não tem problema – Félix disse. – Fico feliz em poder ajudar você e Ella. Só não sei como. – Enquanto falava, ele acendeu o lampião na chama da vela.

– Também não sei o que fazer – Isabelle afirmou, sentada diante de Ella, então empurrou as coisas para o lado: formões, facas, dentes de madeira. Apoiou os cotovelos na mesa e segurou a cabeça com as mãos.

– Temos que levar os mapas que roubei, e Ella, ao acampamento do rei – ela disse. – Precisamos impedir o ataque de Volkmar a Saint-Michel. Mas como? Haverá soldados à nossa procura.

– Os homens de Volkmar? – Félix perguntou.

– Acho que não – Isabelle disse. – Ele não arriscaria mostrar sua cara. Ainda não. Só depois de acabar com as tropas de Cafard. É com o grão-duque que temos que nos preocupar. Ninguém sabe que ele e Cafard são aliados de Volkmar. Ninguém exceto Ella e eu. Ele pode ter saído do Vale do Diabo e voltado para o acampamento de Cafard para enviar grupos de busca. Se ele encontrar Ella, estará perdida.

Félix aparou o pavio do lampião, que agora ardia luminoso, e então recolocou a cúpula. Quando a chama iluminou o grande quarto de sótão, Ella soltou uma exclamação. Não era de medo ou pavor, e sim de maravilhamento.

– O que foi? – Isabelle perguntou, erguendo a cabeça.

E então ela os viu.

De pé sobre as estantes estreitas que cobriam as paredes, em cima do aparador da lareira, em uma cômoda, enfileirados debaixo da pequena cama e amontoados em vários caixotes e em uma grande cesta de colheita, havia soldadinhos esculpidos em madeira.

– Minha nossa, Félix. Deve haver *centenas* deles – Ella conjecturou, levantando-se para admirá-los.

– Pouco mais de dois mil – informou Félix.

Isabelle foi até uma estante e pegou um dos soldadinhos. Era um fuzileiro, completo com um archote. Ele parecia cansado e extenuado pela guerra, como se soubesse que iria morrer.

– São lindos – Ella falou.

Félix, que aquecia um bule de café frio sobre algumas brasas na pequena lareira, agradeceu a ela com timidez.

– Você deve estar trabalhando neles há anos – Ella disse.

– Desde que fui embora da Maison Douleur.

– Você colocou muitos sentimentos neles. Dá para notar – Ella disse. – Amor, medo, triunfo, tristeza, está tudo ali.

– Eu tinha que colocá-los em algum lugar – Félix comentou, lançando um olhar para Isabelle.

Ella se encolheu, como se tais palavras a tivessem cortado. Ela se levantou abruptamente da cadeira, segurou os cotovelos e andou até a janela. Então se virou e caminhou de novo, como se estivesse tentando se livrar de alguma coisa.

– Ella? Você está bem? – Isabelle perguntou.

A garota começou a responder, mas suas palavras foram interrompidas pelo som de cascos batendo nas pedras do calçamento. O ruído vinha da rua e entrava pela janela aberta. Félix, Isabelle e Ella trocaram olhares ansiosos.

– Soldados – Isabelle afirmou, sucinta. – E se estiverem indo de porta em porta?

Félix arriscou espiar lá fora. A tensão em seu rosto diminuiu. Ele sorriu.

– Soldados, não – ele disse. – Mas talvez salvadores.

CENTO E ONZE

Isabelle num instante saiu pela porta do quarto e desceu a escada.

Correra até a janela para ver do que Félix estava falando e avistara Martin, que puxava uma carroça cheia de batatas. Hugo estava no assento do condutor. Tavi estava sentada ao seu lado.

Isabelle entrou na frente deles, acenando.

– Por que estão no vilarejo tão cedo? Ainda nem amanheceu.

Tavi explicou que primeiro eles tinham que ir ao acampamento do exército com o propósito de entregar as batatas, depois voltariam para a fazenda a fim de ordenhar as vacas e então retornariam ao mercado com uma nova carga de batatas.

– Coronel Cafard ficou tão furioso quando você sumiu que Tantine teve que dar a ele batatas de presente. Para ajudar no esforço de guerra. E para que ele não jogasse todos nós na cadeia. Minha mãe passou metade da noite acordada, fervendo de raiva por causa disso. Muito obrigado, Isabelle – Hugo alfinetou.

Isabelle ignorou a reclamação dele.

– Vocês chegaram bem na hora – ela disse. – Precisamos de vocês.

– Quem precisa de nós? – Tavi perguntou, olhando à sua volta.

– O vilarejo de Saint-Michel. O rei. Toda a França. E Ella.

– *Ella?* – Tavi repetiu.

– Soldados inimigos estão tentando matá-la. E tentando me matar.

Isabelle explicou rapidamente o que havia acontecido desde que os deixara. Tavi e Hugo escutaram; então Tavi, com os olhos faiscando de raiva, disse:

– Temos que impedi-los. Eles não podem fazer isso. Eles *não vão* fazer isso.

– Subam. Depressa – convidou Isabelle.

Tavi desceu da carroça e correu para o quarto de Félix. Hugo rapidamente prendeu Martin em um poste de amarração e a seguiu.

– Ella, é *você*? – Tavi perguntou ao entrar no quarto.

Ella assentiu. A expressão geralmente dura de Tavi, aquela usada para manter as pessoas afastadas, se suavizou. Seus olhos brilharam.

– Jamais pensei que fosse vê-la de novo – ela sussurrou. – Jamais pensei que teria a chance de… Oh, Ella. Sinto muito. Me desculpe.

– Está tudo bem, Tavi – Ella disse, esticando a mão para ela.

– Ei, Ella. Bonitas botas – Hugo elogiou timidamente, olhando para as enormes botas surradas que ela calçava. – Devo me curvar ou algo assim?

– Talvez mais tarde, Hugo – Ella falou.

– Precisamos tirar Ella e Isabelle daqui antes que todo o vilarejo acorde – Félix explicou, entregando xícaras de café quente. – E se nós as escondermos na carroça, debaixo das batatas, e rumarmos para um acampamento que seja fiel ao rei?

– De acordo com o mapa que roubei, o mais próximo fica a oitenta quilômetros daqui – informou Isabelle. – Martin não chegará lá.

Ella soltou a mão de Tavi; ela estava novamente sentada à mesa, olhando pela janela, com uma expressão preocupada.

– Não podemos usar Nero? – Hugo sugeriu.

Isabelle balançou a cabeça em negativa.

– Ele nunca puxou uma carroça. Vai destruí-la no coice.

Ella cobriu o rosto com as mãos.

Era a segunda vez que Isabelle notava a agitação dela.

– Ella? O que foi? – perguntou, colocando sua xícara sobre a mesa.

– Vocês todos são tão bons para mim. Tão bons – Ella respondeu, baixando as mãos. – Isabelle, você salvou minha vida. Mas eu… eu não mereço sua bondade.

– Não seja ridícula – Isabelle disse. – Você merece isso e muito mais. Você…

– Não! Me *escute*! – Ella exclamou. – Você me pediu desculpas, Isabelle, lá no Vale do Diabo, e agora você, Tavi, fez o mesmo. E isso foi muito corajoso da parte de vocês. Muito mesmo. E agora é

minha vez de ter coragem. Como eu deveria ter tido anos atrás. – As palavras saíram de sua boca como se fossem cobertas por pregos afiados. – Isabelle, mais cedo você pediu meu perdão e eu disse que você não sabia o que estava pedindo. Eu disse isso porque *sou eu* quem precisa ser perdoada.

– Não estou entendendo… – Isabelle falou.

– O bilhete – Ella disse, com a voz cheia de remorso. – Aquele que Félix deixou para você na tília. Você disse que Maman o havia encontrado e destruído, mas estava errada. Fui *eu* quem o encontrou. Eu o peguei e queimei e arruinei sua vida. Ah, Isabelle, não percebe? Sou a meia-irmã mais feia de todas.

CENTO E DOZE

Isabelle se sentou na cama de Félix. Ela se sentia como se Ella tivesse lhe passado uma rasteira.

Ella tinha destruído o bilhete. Não Maman. *Ella.* Não importava quantas vezes Isabelle repetisse isso para si mesma, continuava não fazendo sentido.

– *Por quê?* – ela perguntou.

– Porque eu também tinha inveja.

– Inveja? De quem? – Isabelle perguntou.

– De *você*, Isabelle. Você era tão destemida, tão forte. Você ria feito um pirata. Cavalgava feito um ladrão. E Félix a amava. Ele a amou desde o dia em que meu pai levou você, Tavi e Maman para a Maison Douleur. Ele era meu amigo e você o afastou de mim.

– Continuei sendo seu amigo, Ella. Sempre fui seu amigo – Félix protestou, magoado.

Ella se virou para ele.

– Não era a mesma coisa. Eu não saltava muros de pedra montada em garanhões. Não apostava com você quem chegava primeiro no topo das árvores. – Ela voltou a olhar para Isabelle. – Você e Félix estavam sempre vivendo aventuras. Parecia tão maravilhoso e eu não suportava aquilo. Não suportava que ele gostasse mais de você do que de mim. Não suportava ser deixada para trás. Então quis garantir que não seria.

Isabelle se lembrou de como Ella ficava aborrecida quando ia com Félix a Wildwood a cavalo e como sempre ficava aliviada quando voltavam. *Eu deveria estar brava, deveria estar furiosa*, pensou. Mas não estava – só o que sentia era uma tristeza profunda e dolorosa.

– Depois fiquei tão arrependida – Ella continuou. – Quando vi o quão triste você ficou. Mas tive muito medo de contar a você o que eu havia feito. Achei que fosse me odiar por aquilo. E então tudo mudou entre nós e você passou a me odiar de um jeito ou de outro.

Ella se levantou, atravessou o quarto e se sentou ao lado de Isabelle.

– Diga alguma coisa. Qualquer coisa – ela implorou. – Diga que me odeia. Diga que gostaria que eu estivesse morta.

Isabelle expirou ruidosamente. Grosseiramente. Como se estivesse prendendo o ar não durante alguns segundos ou minutos, mas durante anos.

– É como o fogo, Ella – Isabelle falou.

– O quê?

– A inveja. Ela queima, tão quente e brilhante. Ela devora você, até transformá-la em ruínas fumegantes, até não restar mais nada dentro de você.

– Nada além de cinzas – Ella completou.

Isabelle fechou os olhos e revirou aquelas cinzas.

Tudo teria sido diferente se Ella não tivesse queimado o bilhete de Félix. Isabelle não teria perdido Félix. Ou Nero. Não teria perdido a si mesma.

Então pensou no dia em que Félix fora embora, nos anos que se seguiram. Nos professores de música e nos instrutores de dança. Nas provas de vestido. Nas horas que passou sentada bordando, quando seu coração ansiava por cavalos e montanhas. Nos jantares torturantes com pretendentes que a mediam de cima a baixo, nos sorrisos forçados, nos olhos fechados enquanto tentavam disfarçar sua decepção. Na solidão dolorosa de descobrir que não se encaixava. Que nada lhe cabia. Nem sapatos delicados nem corpetes rígidos. Nem conversas nem expectativas, nem amizades nem desejos. Toda a sua vida parecia um lindo vestido que fora feito para outra pessoa.

– Sinto muito, Isabelle. Me desculpe – Ella disse.

Isabelle abriu os olhos. Ella tinha os punhos cerrados pousados no colo. Isabelle esticou a mão e tocou um deles. Soltou os dedos da meia-irmã, abriu sua mão e então entrelaçou seus dedos nos dela.

Ela sentia muito por várias coisas. Sentia muito por sua mãe, que sempre buscara a verdade nos espelhos, por Berthe, que tinha chorado quando fora má, e por Cecile, que não o fizera. Sentia muito por Tavi ter que escrever equações nas folhas dos repolhos.

Ela sentia muito por todas as garotas de contos sombrios que eram trancadas em torres solitárias. Aprisionadas em casas feitas de doces. Que se perdiam em florestas escuras, onde um caçador aparecia para arrancar seus corações.

Ela sentia muito pelas três garotinhas que tinham ganhado uma maçã envenenada enquanto brincavam debaixo de uma tília em um dia claro de verão.

CENTO E TREZE

Ella se levantou.

Ela atravessou o quarto e se ajoelhou diante da cadeira de Tavi.

– Sinto muito, Tavi – ela disse. – O que eu fiz prejudicou você também.

– Está tudo bem, Ella – Tavi respondeu, se levantando. Depois, puxou a meia-irmã e a abraçou. Isabelle se uniu a elas. As três ficaram paradas um instante, envolvidas em um abraço apertado e regado a lágrimas.

Então Ella se virou para Félix.

– Preciso pedir desculpas a você também – ela falou, esticando a mão na direção dele. – Sua vida também teria sido diferente se eu não tivesse roubado o bilhete.

– Oh, Ella – Félix disse, segurando a mão dela. – Sinto muito que você tenha achado que eu não era mais seu amigo.

Em seguida, Ella se voltou para Hugo.

– Você não estaria aqui agora se não fosse por minha causa – disse a ele. – Neste quarto. Nesta confusão…

Hugo deu de ombros.

– Na verdade, minha vida meio que melhorou. As últimas semanas, com vocês duas por perto – ele indicou Isabelle e Tavi com um movimento de cabeça –, têm sido realmente terríveis, mas ao mesmo tempo empolgantes. Quer dizer, o que eu fazia antes de vocês chegarem? Plantava e colhia repolhos, só isso. Agora tenho amigos.

Isabelle passou um braço em volta do pescoço de Hugo e o puxou para um abraço. Ele tentou sorrir, mas o resultado foi uma careta. Ele rapidamente deu tapinhas nas costas de Isabelle, se soltando. Ela sabia que Hugo não estava acostumado com demonstrações de afeto.

– É melhor irmos andando. Temos que dar um jeito de levar Ella a um local seguro e entregar os mapas ao rei – Hugo disse. – E fazer isso depois que o sol nascer vai ser bem mais difícil.

– Precisaremos de uma escolta armada – Tavi complementou, desanimada. – Nosso próprio regimento. Não, precisamos de um exército inteiro.

Isabelle estava calada. Ela caminhava lentamente pelo quarto de Félix, observando suas estantes. Sua cômoda. O aparador da lareira. Então se voltou para os outros e anunciou:

– Não precisamos encontrar um exército. Já temos um.

– Temos? E onde ele está? – Tavi perguntou.

Isabelle pegou um soldadinho de madeira de uma estante e o colocou na palma de sua mão.

– Bem aqui.

CENTO E QUARTORZE

Hugo piscou, sem entender, olhando o soldadinho na palma da mão de Isabelle. Ele forçou um sorriso.

– Você pode se deitar, sabe. Na cama de Félix. Se estiver cansada, pode descansar – ele sugeriu.

Isabelle olhou para ele.

– Não estou cansada. Nem louca, que é o que está insinuando. Estou falando sério. Tem a rainha fada. Ela vai e vem na forma de raposa e mora no oco da tília. Ela tem uma magia poderosa.

– Uma fada rainha… – Hugo repetiu, erguendo a sobrancelha.

– É verdade, Hugo – Ella falou. – Ela apareceu para mim uma noite, quando meu coração estava partido, e me perguntou o que eu mais desejava. Eu lhe disse, e ela me ajudou a conseguir o que eu queria. Como acha que consegui ir ao baile?

– Já vi essa raposa – Félix disse. – Quando era garoto. Seu pelo é avermelhado como folhas no outono. Ela tem olhos verdes profundos.

– Ela transformou camundongos em cavalos e uma abóbora em carruagem – Ella contou.

– A rainha fada poderia encantar estes soldadinhos de madeira e transformá-los em soldados de carne e osso. *Sei* que poderia – ponderou Isabelle. – Tudo que temos a fazer é levá-los até a tília.

– Mas como? – Tavi perguntou, girando em círculo. – Há tantos deles.

– Dois mil, cento e cinquenta e oito, para ser exato – Félix disse.

– Teríamos que arranjar malas ou baús para guardá-los. Você tem algum?

– Não, mas temos muitos caixões – propôs Félix. – Aposto que dois bastariam.

– Poderíamos usar Martin e a carroça para transportá-los – falou Isabelle. – Só temos que descarregar as batatas.

– Então vamos descarregá-las – Ella disse, determinada. – Temos um inimigo a derrotar. Um rei e um país a salvar. E traidores a capturar. – Ela deu um sorriso sombrio. – E depois enforcar, arrastar e esquartejar.

Hugo ergueu as sobrancelhas e coçou a cabeça por baixo do chapéu.

– Você está diferente, Ella. Não é mais a garota de que me lembrava. Acho que é verdade o que dizem. O que não mata…

– Faz de você a rainha da França – Ella terminou a frase. – Vamos! – a garota acrescentou, espiando pela janela de Félix. – Hugo tem razão. Será muito mais difícil levar dois mil soldados até uma fada rainha em plena luz do dia.

CENTO E QUINZE

Félix abriu os portões do pátio de trabalho, e Hugo levou a carroça até lá o mais rápido que conseguiu.

Trabalhando juntos, os cinco descarregaram as batatas, empilhando-as no chão. Ficou decidido que primeiro colocariam os caixões na carroça, depois os encheriam com os soldadinhos que trariam do quarto de Félix em caixotes, cestas, lençóis – qualquer coisa que encontrassem.

Os caixões eram simples, caixas compridas de pinho, não tão pesados. Félix e Isabelle pegaram o primeiro pelas alças de corda, levaram-no para fora da oficina e o colocaram na carroça. Félix o empurrou, tentando fazê-lo deslizar para debaixo dos assentos, mas não conseguiu. Parecia que algo obstruía o caminho. Ele estava prestes a empurrar de novo quando Hugo e Tavi apareceram, trazendo o segundo caixão.

– Espere! Félix, não faça isso! – Hugo exclamou. – Você vai derrubar!

– Derrubar o quê? – Félix perguntou, confuso.

– O cachorro morto suado – Hugo respondeu enquanto ele e Tavi deslizavam o segundo caixão para cima da carroça.

– Tem um cachorro morto na carroça? – Ella perguntou, perdida.

– Não. É um queijo. Tavi o inventou. Está numa caixa debaixo dos assentos – Isabelle explicou.

– Cheira tão mal, mas não consegui me livrar dele – Hugo disse. – Tome cuidado. Você não vai querer abrir a tampa daquela caixa, tenho certeza.

Ele subiu na carroça, empurrou a caixa de madeira para a esquerda, e então deslizou o primeiro caixão para o lado dela. Isabelle empurrou o segundo caixão para debaixo do assento. Eles couberam direitinho.

Todos trabalharam juntos para levar os soldadinhos para baixo. Em pouco tempo, os dois caixões estavam cheios. Enquanto Félix fechava as tampas, martelando uns pregos nelas para impedir que se abrissem durante o trajeto, Isabelle foi até o estábulo dar uma olhada em Nero. Ela teria que deixá-lo ali, escondido, visando protegê-lo. Se Cafard o visse, ele o tomaria dela, e ela não queria que um traidor ficasse com seu cavalo.

Ela coçou as orelhas de Nero, deu um beijo em seu focinho e o instruiu a se comportar. Ela não sabia se chegariam à Maison Douleur, nem se ela veria seu amado cavalo outra vez depois daquela noite. Como se percebesse a angústia dela, Nero a empurrou com o focinho. Ela o beijou novamente e depois se afastou depressa, sem olhar para trás. Nero ficou observando a garota à distância, piscando seus enormes olhos escuros; então deu um bom coice na porta da baia.

Os outros, exceto Félix, já estavam na carroça quando Isabelle voltou para junto deles. Ela subiu no veículo e se ajeitou no assento traseiro. Tavi e Ella estavam na frente. Hugo, no assento do condutor, guiava Martin para fora do pátio de trabalho. Félix fechou os portões e então subiu e se sentou ao lado de Isabelle.

Hugo estalou as rédeas e Martin trotou pela rua abaixo no escuro. Isabelle olhou para cima. A lua ainda estava alta, mas o céu começava a clarear. A preocupação fazia seu estômago revirar.

– Os homens de Volkmar estão a poucos quilômetros de distância, e o que estamos fazendo? – ela indagou, voltando-se para Félix. – Levando soldadinhos de madeira para uma raposa mágica que mora no oco de uma árvore. Esta é a maior loucura do mundo em uma noite que já foi cheia de maluquices. Ella diz que contou a Tanaquill o que seu coração desejava. E Tanaquill realizou seu desejo. Acha que isto vai dar certo?

Félix olhou para Ella, sentada entre Hugo e Tavi. Depois pegou a mão de Isabelle e a segurou.

– Talvez já tenha dado – ele replicou.

CENTO E DEZESSEIS

O VELHO FAZENDEIRO, de olhos baços e cabelos grisalhos, ergueu a mão num cumprimento.

Hugo fez o mesmo, e as duas carroças se cruzaram em silêncio.

Eles tinham conseguido sair de Saint-Michel sem encontrar ninguém pelo caminho. Desde que haviam deixado a segurança do quarto de Félix, Isabelle sentia como se houvesse barras de ferro apertando seu peito. Quando eles começaram a rumar para as colinas suaves além dos limites do vilarejo, ela finalmente achou que poderia respirar, como se fossem de fato chegar à Maison Douleur.

Isso até Hugo praguejar e apontar para alguma coisa adiante. A única coisa que Isabelle conseguia ver era a silhueta da velha igreja no topo da colina na escuridão que se extinguia. Na estrada próxima, cavalgando rápido, havia um grupo de soldados.

– Se mantivermos a calma, conseguiremos passar por eles – Tavi disse.

– Como? Eles vão reconhecer Ella no mesmo instante – Hugo comentou.

Ele tem razão, Isabelle pensou.

– Ella, troque de lugar com Félix – Isabelle orientou. – Talvez eles não enxerguem direito se você estiver sentada no banco de trás. Tavi, venha para cá também. Ella sentará entre nós.

Eles mudaram de lugar depressa, mas isso não bastava, e eles sabiam. Ella ainda brilhava feito uma estrela.

Félix tirou um lenço chamativo do bolso.

– Prenda os cabelos e ponha isso na cabeça – ele sugeriu.

Hugo entregou a ela seus óculos.

– Use isto também.

Ella fez o que pediam. As três garotas estavam sentadas sobre uma velha manta de cavalo dobrada várias vezes para servir de

estofado. Tavi arrancou a manta de debaixo delas e a colocou nos ombros de Ella. Isabelle avistou um torrão de terra perto de seus pés. Ela o pegou, esfarelou e esfregou nas mãos macias de Ella, principalmente nos nós de seus dedos e em suas unhas, para que ficassem tão sujos quanto os seus e os de Tavi.

– Pode dar certo – Tavi comentou.

Félix, com os olhos fixos à sua frente, disse, sombrio:

– É bom que dê certo mesmo. Eles têm rifles.

Minutos depois, os soldados se aproximaram, uma fila de cada lado. Os nervos de Isabelle estavam tão retesados quanto uma corda de arco.

Hugo cumprimentou solenemente os primeiros cavaleiros com um aceno de cabeça. Os homens olharam para ele e seus companheiros, mas não pararam. As duas filas passavam por eles depressa. Isabelle notou que eles usavam a farda do exército francês. Eram homens de Cafard, só podiam ser. Por sorte, o grão-duque não estava entre eles. O comandante dos cavaleiros vinha no final. Também ele os examinou enquanto passava trotando.

Continue andando, Isabelle ordenou mentalmente. *Não há nada para ver aqui*.

– Parem! – o comandante gritou de repente aos seus homens, virando o cavalo para o outro lado.

O coração de Isabelle acelerou.

– Deixem que eu falo – Tavi disse baixinho. – Tenho uma ideia.

– *Você* tem uma ideia? – sussurrou Hugo, com as mãos apertando as rédeas. – Que Deus nos ajude.

CENTO E DEZESSETE

– Por que estão na rua a esta hora? Aonde vão? – o comandante exigiu saber, olhando para Hugo.

Mas foi Tavi quem respondeu.

– Aonde vamos? Para onde *estaríamos* indo com dois caixões na carroça e um cemitério de igreja logo à frente? – ela guinchou. – Não é exatamente um mistério, sargento!

– É *tenente*. E é cedo demais para ir ao cemitério.

Tavi bufou, desdenhosa.

– A morte não trabalha em horário comercial. Meu marido aqui – ela deu um tapinha no ombro de Hugo – precisa estar nos campos assim que amanhecer. Meu cunhado também – ela disse, indicando Félix com um movimento de cabeça. – Minha irmã e eu acabamos de perder dois irmãos nesta maldita guerra. Seus corpos chegaram em casa ontem. Um deles era casado. Agora, esta minha cunhada – ela apontou para Ella – é uma viúva com três filhos pequenos.

Ella baixou a cabeça e fungou na manta de cavalo.

– Eles não têm ninguém para sustentá-los. Meu marido e eu os acolheremos – Tavi continuou. – Mais quatro bocas para alimentar quando mal temos o bastante para nós. Então, tenente, se já estiver satisfeito, pode nos dar licença? Cadáveres não resistem ao calor.

– A rainha está desaparecida – informou o tenente. – O grão-duque teme que ela tenha sido sequestrada, então deu ordens para que parássemos todos os que parecessem suspeitos e inspecionássemos todas as carroças.

Tavi deu uma risada.

– A rainha é belíssima, tenente. Quem é bonita aqui? Eu, com meu vestido velho? Minha irmã com seus trapos? Ou talvez minha cunhada quatro-olhos?

Ella olhou para cima e apertou os olhos através das lentes dos óculos de Hugo. O olhar do tenente passou direto por ela.

– Deixe-me ver seus pés. De todas vocês, senhoras – ele disse. – Todos sabem que a rainha tem os pezinhos mais delicados do mundo.

Uma por vez, as três garotas mostraram seus pés ao tenente. Os de Isabelle eram grandes, com suas botas imundas. Os de Tavi também. Os de Ella eram enormes nas botas gastas de Félix.

– Bem, se já terminou de incomodar uma família de luto… – Tavi disse.

Hugo se preparou para estalar as rédeas, mas o tenente ergueu a mão.

O que foi agora?, Isabelle se perguntou, com o pânico crescendo dentro de si.

– Você pode estar levando a rainha escondida num desses caixões – especulou o tenente, que mandou dois de seus homens para a parte traseira da carroça. – Abram os caixões!

Isabelle ficou paralisada de medo e lançou olhares para os outros. Félix ergueu os ombros até as orelhas. Hugo arregalou os olhos. Tavi empalideceu, mas não desistiu.

– Isso é um sacrilégio! – ela gritou. – Vocês não têm vergonha?

Os dois soldados designados para a tarefa trocaram expressões de constrangimento.

– Eu dei uma ordem! – o tenente ladrou de volta.

Os soldados apearam de seus cavalos.

– Os cadáveres já têm vários dias! – Tavi protestou. – Nossas últimas lembranças dos entes queridos têm que ser um fedor pavoroso?

Um fedor pavoroso.

Ao ouvir tais palavras, Isabelle saiu do transe. Ela sabia exatamente o que fazer. Assim, virou-se para a parte de trás da carroça, fingindo observar os soldados. Ao fazê-lo, deslizou sua mão direita por baixo do assento. Seus dedos encontraram lá a caixa de madeira. Devagar e com cuidado, a jovem enfiou os dedos por debaixo da tampa da caixa.

Imaginando que as tampas dos caixões estariam pregadas, como geralmente estão, um dos soldados tirou uma adaga de seu cinto para forçá-las a abrir. Ele enfiou a lâmina por baixo de uma das

tampas e forçou sua abertura. Alguns pregos rangeram e se soltaram da madeira. Então Isabelle agiu.

Ela abriu a tampa da caixa de madeira e deixou o cachorro morto suado sair.

CENTO E DEZOITO

O CHEIRO DE CARNIÇA ERA INACREDITÁVEL.

Os cavalos relincharam. Três deles derrubaram seus cavaleiros. Alguns soldados vomitaram suas refeições. Até o tenente ficou verde.

Isabelle, Tavi e Ella, sentadas bem ao lado da abominação fedorenta, sentiram seus olhos arderem por causa dos gases liberados. Lágrimas escorreram por suas bochechas, fazendo com que parecessem ainda mais a família enlutada que fingiam ser.

Tavi percebeu sua vantagem e aproveitou. Ficando de pé na carroça, apontou um dedo ameaçador para o tenente.

– Você deveria ter *vergonha,* senhor! – ela guinchou. – Perturbando os mortos! Aborrecendo os enlutados! Fazendo uma pobre viúva chorar!

– Pelo amor de Deus, fechem isso! – o tenente bradou, com a mão tapando o nariz.

O soldado que tinha erguido um canto da tampa a fechou com pregos freneticamente, usando o cabo de sua adaga.

– Estou pensando em contar ao bom Coronel Cafard o que você fez – Tavi continuou. – Não sequestramos ninguém. Somos pessoas pobres e sofredoras tentando enterrar nossos entes queridos!

– Minhas sinceras desculpas, madame. Prossigam! – ordenou o tenente, gesticulando.

Hugo assentiu e estalou a língua. Martin começou a andar. Isabelle, ainda voltada para a parte traseira da carroça, fechou depressa a caixa que continha o cachorro morto. O fedor diminuiu, mas Hugo fez Martin passar para um meio-galope mesmo assim, em uma tentativa de dissipar os gases restantes. Pouco depois, chegavam ao topo da colina, deixando os soldados para trás.

Quando começaram a descer do outro lado, Hugo parou a carroça. Ele se inclinou para a frente, respirando com dificuldade.

Suas mãos tremiam.

– Essa foi por muito pouco – Félix afirmou com voz trêmula.

– Não sabemos se essa é a única patrulha. Temos que prosseguir – Isabelle urgiu.

Hugo se sentou, recuperando o fôlego.

– Preciso dos meus óculos de volta. Antes que eu nos conduza para fora da estrada.

Ella entregou os óculos a ele.

– Obrigada, todos vocês. Salvaram minha vida – Ella agradeceu.

– Tavi salvou – Hugo disse. – Foi ela quem produziu aquela coisa.

Tavi balançou a cabeça, modesta.

– Foi Leeuwenhoek.

– Quem? – Ella perguntou enquanto Hugo fazia o cavalo recomeçar a andar.

– É uma longa história. Um dia eu conto pra você. Se vivermos até lá – Isabelle disse, soturna. Hugo fez Martin andar a meio-galope novamente. Com isso, uma das rodas da carroça passou em um buraco e lançou Tavi de seu assento.

Ella a agarrou, e então pegou sua mão para mantê-la segura. A rainha segurou na mão de Isabelle também. Enquanto a carroça avançava durante o que restava da noite, Isabelle, Tavi e Ella permaneciam de mãos dadas.

CENTO E DEZENOVE

As estrelas desapareciam quando Martin subiu trotando o caminho de entrada da Maison Douleur até a tília. Antes que Hugo o fizesse parar, os outros já tinham descido da carroça.

Um relincho inquisitivo chegou até eles. Isabelle sabia que era um dos dois cavalos resgatados que agora viviam no pasto. Martin relinchou em resposta. Ella olhou fixamente para o que restava da mansão.

– Sinto muito, Ella. Era a sua casa. Muito antes de ser a nossa – Isabelle falou.

– Não sinto falta dela – Ella disse. – Espero que todos os fantasmas tenham escapado quando as paredes desabaram.

Félix e Hugo já tinham levado um dos caixões até a base da tília. Félix abriu a tampa dele com uma faca que guardara no bolso.

Tavi e Isabelle carregaram o segundo caixão. Félix abriu a tampa dele também. Então todos se voltaram para Ella.

– Como fazemos isso? – Félix perguntou a ela. – Como invocamos Tanaquill?

– Eu… eu não sei, na verdade – Ella disse. – Isabelle, você sabe?

Isabelle sentiu o pânico crescer.

– Não – ela respondeu. – Não lembro exatamente o que eu fiz.

Ella respirou fundo.

– Deixa eu ver… lembro que eu fui até a árvore depois de todo mundo ter ido ao baile. Eu estava muito aborrecida. Eu queria ir ao baile mais do que qualquer outra coisa. Desejei isso com todo o meu coração. E então, de repente, ela simplesmente apareceu.

– Uma mulher alta… – Félix disse com a voz trêmula.

– Sim – Ella confirmou.

– Com cabelos vermelhos, olhos verdes e dentes afiados.

– Como sabe disso?

– É que… – Félix respondeu, apontando para algo além das ruínas – … ela já está aqui.

CENTO E VINTE

Tanaquill saiu das sombras.

Ela usava um vestido feito de carapaças negras de besouros que cintilavam à luz débil da lua. Sua coroa era um diadema de morcegos. Três víboras jovens se enroscavam em volta de seu pescoço; suas cabeças repousavam feito joias sobre a clavícula.

Tanaquill se dirigiu a Ella.

– Eu não esperava vê-la novamente aqui. E com certeza não na companhia de suas meias-irmãs. Tudo que você queria da última vez que nos falamos era escapar deste lugar. Agora está de volta?

– Eu não estaria aqui, diante de você, se Isabelle não tivesse me resgatado, frustrando os planos de um traidor. Se Octávia não tivesse derrotado meus inimigos com um fedor. Devo a elas minha vida. Agora Isabelle precisa de sua ajuda, Sua Graça.

Tanaquill andou ao redor de Isabelle. Ela colocou uma garra negra afiada debaixo do queixo da garota e o ergueu.

– Encontrou todos os pedaços, garota?

– Sim, Sua Graça. Acho… acho que sim. Espero que sim – Isabelle respondeu.

– E agora que seu coração está inteiro, o que ele lhe diz?

Isabelle baixou o olhar para seus punhos cerrados. Ela pensou em Malleval e lágrimas de raiva encheram seus olhos. Ela pensou no grão-duque planejando friamente o assassinato de seu jovem rei e de sua rainha. Ela se lembrou do doce peso de uma espada em sua mão.

– Ele me diz coisas impossíveis – ela sussurrou.

– Ainda deseja ser bela? É só dizer e atenderei seu desejo.

Isabelle olhou para o céu por um instante, para secar as lágrimas de seus olhos.

– Não – ela replicou afinal.

– Então o que deseja? – Tanaquill perguntou.

– Um exército – Isabelle respondeu, olhando a rainha fada nos olhos. – Desejo criar um exército para lutar contra Volkmar e o grão-duque. Desejo salvar minha família, meus amigos, meu país.

– É um pedido e tanto esse seu – Tanaquill comentou. – As coisas não surgem do nada. A magia deve vir de alguma coisa. Abóboras podem se transformar em carruagens; isso é fácil. Mas um exército? Isso é pra lá de difícil. Nem mesmo eu posso transformar uma pedrinha em soldado, um cogumelo em major.

– Nós trouxemos isto – Isabelle disse, indo depressa até os caixões. Ela pegou um soldadinho, um oficial segurando um sabre contra o peito, e o colocou na mão de Tanaquill.

Tanaquill o examinou. Ela inclinou a cabeça.

– Por favor, Sua Graça – Isabelle pediu. – Por favor, nos ajude.

Os profundos olhos verdes de Tanaquill encontraram os de Isabelle. Presa naquele olhar, Isabelle sentia como se a rainha fada pudesse enxergar dentro dela. Tanaquill deu um passo para trás, ergueu uma mão bem no alto e a girou no ar.

Uma brisa soprou. Ela se transformou em vento. E o vento começou a girar e virou um grande tornado.

A pulsação de Isabelle acelerou quando o vento arrancou os soldadinhos dos caixões e os espalhou pelos gramados, jardins, pastos e campos.

Quando os caixões ficaram vazios, o vento parou. E o grupo escutou um novo som.

CENTO E VINTE E UM

Isabelle sentiu o chão sob seus pés tremer e sacudir.

Houve rangidos, estalos e barulho de coisa se partindo – os sons que as árvores fazem durante uma tempestade violenta. Isabelle olhou por sobre as colinas e campos, agora iluminados pela primeira luz da manhã.

Os soldadinhos esculpidos de Félix estavam crescendo.

O coração de Isabelle batia descompassado enquanto ela os observava. Corpos de madeira respiravam. Eles se espreguiçavam, jogando a cabeça para trás, esticando os braços na direção do céu. Bochechas de madeira ganhavam uma cor rosada. Olhos vazios se acendiam com o fogo da guerra.

Gritos vinham dos campos enquanto os sargentos ordenavam seus homens a entrar em formação. Isabelle ouviu os sons metálicos de balas sendo inseridas nas câmaras, e rifles sendo posicionados sobre os ombros. O azul-marinho das fardas a circundava.

Dois cavalos saltaram a cerca do pasto e galoparam até Tanaquill. Enquanto a rainha fada os acariciava e falava com eles, Isabelle notou que aqueles eram os dois animais que ela havia resgatado. Eles não se pareciam em nada com suas versões anteriores. Seus pelos brilhavam; suas crinas ondulavam. Eles bufavam, ventavam e batiam os cascos no chão, impacientes, à espera de seus cavaleiros.

Tanaquill deu um passo para trás quando dois homens – tenentes, Isabelle deduziu com base em suas fardas – vieram buscar os cavalos. Eles se lançaram nas selas com facilidade, esticaram as rédeas, e então se voltaram para Isabelle.

– Nosso general, mademoiselle. Onde ele está? – um deles perguntou a ela. – Aguardamos nossas ordens.

Isabelle esticou o pescoço e olhou além dos tenentes. Para o jardim. Para o pasto. Procurando o general. Ele seria alto e poderoso. Teria cicatrizes de suas muitas batalhas. Um homem intimidante e durão.

Mas ela não o avistou.

– Onde ele está? – ela indagou, se voltando para Félix. – Onde está o general?

– Isabelle… – Félix respondeu, balançando a cabeça em negativa. – Eu… eu não fiz um.

CENTO E VINTE E DOIS

– Félix, o que quer dizer com não fiz um? – Isabelle questionou, entrando em pânico.

– Deixei para esculpi-lo no fim. Terminei de fazer os soldados e todos os outros oficiais… só não cheguei ao general.

– O que faremos agora? – Isabelle indagou.

– E o marquês? – Tavi perguntou. – Ele daria um bom general.

– Sim! O marquês! – Isabelle exclamou, se voltando para Tanaquill. – Vou buscá-lo. Não vou demorar. Eu…

– Não dá tempo – Tanaquill disse, interrompendo-a. Ela apontou para o exército encantado. – Olhe para eles.

Os movimentos dos soldados estavam ficando rígidos e esquisitos. Eles estavam perdendo a cor. Seus olhos estavam ficando baços.

– O que está acontecendo com eles? – Isabelle perguntou, aflita.

– Eles são guerreiros. Existem apenas para lutar. Se não tiverem um general que os conduza nas batalhas, sua chama da vida se apaga. A magia morre.

O pânico de Isabelle se transformou em terror, pois não podia perder aquele exército. Era a única chance que a rainha Ella tinha. A única chance que seu país tinha.

– E Félix? Ou Hugo? Pode transformar um deles em general? – Isabelle perguntou.

Ela se virou para os garotos, esperando ver Félix de farda, ver Hugo com uma espada, mas eles continuavam exatamente como antes.

– Qual é o problema? Por que não aconteceu nada? – ela perguntou.

– Esse é o seu desejo, não o deles – Tanaquill respondeu.

Isabelle se dirigiu aos dois rapazes.

– *Por favor* – ela lhes suplicou.

– Isabelle, sou um *carpinteiro*. Nem me apresentei ainda para o treinamento. Eu acabaria levando esses homens à morte – Félix disse.

Hugo balançou a cabeça em negativa; ele deu um passo para trás.

Isabelle levou as mãos à cabeça.

– O que faremos?

Tanaquill andou em volta dela.

– O que seu coração deseja, Isabelle? O que deseja de verdade? – ela inquiriu.

– Salvar minha rainha, meu rei, meu país – Isabelle balbuciou apressadamente. – Impedir a morte de pessoas inocentes.

Mais uma vez, nada aconteceu.

– Dar a estes combatentes um general corajoso. Um verdadeiro guerreiro. Alguém que dê tudo de si nesta batalha, que dê seu sangue e suas lágrimas. Seu corpo e sua alma. Sua vida.

Tanaquill parou diante de Isabelle. Ela pôs a mão cheia de garras sobre o peito da garota.

Isabelle conseguia ouvir seu coração batendo, cada vez mais alto. O som ecoava em seus ouvidos. Enchia sua cabeça.

A voz de Tanaquill surgiu em meio a aqueles sons feito um trovão.

– Vou perguntar pela última vez, Isabelle: o que seu coração deseja?

CENTO E VINTE E TRÊS

Isabelle tentou falar, formar palavras, mas as batidas de seu coração eram tão altas que o som enchia a garganta e não deixava as palavras saírem.

Ela fechou os olhos e milhares de imagens surgiram rodando em sua mente. Viu a si mesma quando criança, feliz e livre. Antes de lhe dizerem que não era boa o bastante, que tudo que gostava era errado.

Enxergou a si mesma saltando cercas com Nero. Galopando pelos campos, a lama voando dos cascos dele. Ela viu a si mesma escalando uma árvore até o topo com Félix, imaginando que os galhos eram os cordames de um navio pirata. Duelando com um cabo de esfregão. Espantando um lobo faminto do galinheiro com uma vassoura.

Aquelas imagens da infância sumiram e outras assumiram seu lugar. Assistiu a si mesma lutando contra Maman, contra os garotos sem graça com quem ela não queria passar nem dez minutos, quanto mais uma vida inteira. Lutando contra infinitos dias monótonos de chás e bolos, sorrisos falsos e conversa fiada.

Isabelle percebeu que vinha lutando a vida toda para ser quem era.

Com angústia, esperança e desejo intenso, ela perguntou ao seu coração como vencer aquela luta.

E seu coração respondeu.

Ela cobriu a mão de Tanaquill com a sua.

E Tanaquill, sorrindo, anunciou:

– Desejo concedido.

CENTO E VINTE E QUATRO

Isabelle abriu os olhos e contemplou à sua volta.

Tanaquill havia se afastado para as sombras da tília.

Mas Tavi, Ella, Félix e Hugo estavam paralisados. Eles olhavam fixamente para ela. Tavi sorria. Ella tinha os olhos arregalados. Hugo estava boquiaberto. Félix tinha lágrimas rolando pelas bochechas.

Isabelle olhou para si mesma e ficou sem ar.

Seu vestido gasto havia desaparecido. Ela trajava calça de montaria de couro, túnica de cota de malha e peitoral prateado brilhante. Nas mãos, tinha um elmo requintado. O peso de sua armadura e de sua espada presa ao seu quadril lhe dava alegria. Ela se sentia mais alta, mais forte, como se não mais fosse feita de sangue, ossos e carne macia, e sim de ferro e aço.

Um relincho alto e agudo ecoou pela manhã cinzenta.

Isabelle se virou e avistou um cavalo negro subindo a galope pela entrada. Ele usava uma manta de malha de ferro e uma armadura prateada para a cabeça. Ele parecia feroz e majestoso, um cavalo apropriado para um guerreiro.

Ele diminuiu a velocidade para um trote, então parou diante de Isabelle e bufou. Isabelle acariciou seu pescoço.

– Ele estava fechado em um estábulo. Em um estábulo no vilarejo – ela afirmou, virando-se para a rainha fada. – Como saiu de lá?

Tanaquill deu de ombros.

– Derrubou a porta no coice, imagino. Você sabe como ele é.

Isabelle se locomoveu até o lado esquerdo de Nero. Hugo segurou o elmo para ela enquanto Félix a ajudava a subir na sela. Tavi e Ella se aproximaram.

Os tenentes se sentaram eretos em suas selas, aguardando ordens. Por todo o terreno da Maison Douleur, em seus campos e prados, soldados estavam parados e em posição de sentido.

Fazia um silêncio mortal enquanto eles esperavam, seus olhos voltados para Isabelle.

– Estou com medo – ela sussurrou, apertando a mão de Félix. – Não sei fazer isso. Nunca fui general.

– Você sabe o mais importante – Félix incitou-a. – Sabe ser corajosa. Sempre soube.

– Sabe enganar o inimigo – Ella disse. – Nos trouxe até aqui.

– Sabe lutar – Tavi complementou.

– Você é a pior garota que já conheci, Isabelle – Hugo acrescentou, com uma sinceridade comovente. – É durona e teimosa; você me dá pesadelos.

Isabelle deu a ele um sorriso hesitante.

– Obrigada, Hugo. Sei que há um elogio aí em algum lugar.

– Agora vá – Félix disse a ela, soltando sua mão. – E volte depois.

Hugo entregou o elmo a Isabelle. Ela o pegou e então baixou a cabeça em um cumprimento à rainha fada.

– Obrigada – ela agradeceu, com a voz trêmula.

Tanaquill assentiu.

– O que foi despedaçado está inteiro outra vez – ela disse. – Os pedaços do seu coração foram recuperados. O garoto é o amor, constante e verdadeiro. O cavalo é a coragem, selvagem e indomável. Sua meia-irmã é a sua consciência, gentil e compassiva. Saiba que você é uma guerreira, Isabelle, e uma verdadeira guerreira leva amor, coragem e consciência para a batalha, assim como leva sua espada.

Isabelle colocou o elmo. Ela desembainhou sua espada e a ergueu bem alto. Nero pateou o chão. Ele girou em círculo e esticou as rédeas, ansioso para partir. Os músculos dos braços de Isabelle se retesaram. A lâmina prateada da espada reluziu.

Os homens deram vivas, um grito de guerra escapou de milhares de gargantas. O som se espalhou pelo terreno e ecoou nas montanhas. Isabelle sorriu, regozijando-se no barulho estrondoso.

– Soldados! – ela gritou quando eles se calaram. – Marcharemos sobre um inimigo terrível esta manhã! Ele assassina nossa gente, saqueia nossas cidades e vilarejos, devasta nossos campos. Ele não tem direito sobre nossas terras. Ganância e sede de sangue é tudo que o move. Ele e seus soldados não têm piedade. Os

corações deles ardem com as chamas da conquista, mas os nossos brilham com a luz da justiça. Cercaremos o Vale do Diabo. Lutaremos com ele lá, e lá acabaremos com ele!

O barulho que se ouviu então era o som de um tornado, de um maremoto, de um terremoto. E assim continuou, uma força incrível que nada poderia deter. Os soldados estavam fascinados por Isabelle. Eles teriam marchado até as profundezas do inferno e lutado contra o diabo em pessoa se ela lhes pedisse tal coisa.

– Pelo rei, pela rainha e pelo país! – Isabelle gritou.

Ela tocou as laterais de Nero com os calcanhares. Ele empinou com as patas agitadas no ar, e então se lançou para a frente, disparando na direção do muro de pedras e pelo campo além dele. Os tenentes foram atrás dela. Os soldados os seguiram.

Isabelle cavalgou ereta em sua sela. Suas bochechas estavam coradas, seus olhos faiscavam.

Ela era destemida.

Ela era forte.

Ela era linda.

CENTO E VINTE E CINCO

A LUA TINHA DESAPARECIDO. As estrelas tinham se apagado.

O trabalho de Tanaquill estava completo.

Ela observou, com um meio-sorriso, quando Félix, com sua adaga, e Hugo, com um machado que arrancara de um cepo de rachar lenha, foram atrás das tropas, determinados a lutar com elas.

Ella e Tavi subiram de novo na carroça e começaram a descer pelo caminho que levava ao que restava do estábulo de sua antiga casa. Tavi planejava guardar o veículo lá, colocar Martin no pasto e se esconder com Ella no galinheiro até que fosse seguro sair.

Conforme a carroça avançava com dificuldade, duas figuras surgiram de trás das ruínas da mansão. Uma era uma mulher idosa, toda de preto, e a outra era um homem jovem de sobrecasaca azul e calça de montaria de camurça.

– Ela conseguiu. Eu tinha minhas dúvidas – Tanaquill relatou quando as duas figuras se aproximaram dela. – A garota é corajosa. Muito mais do que ela própria imagina.

– Vim buscar o mapa. Ele é meu – avisou Fate. – Você precisa devolvê-lo a mim.

– Você deve dá-lo a mim. Eu ganhei a aposta – falou Chance.

Tanaquill encarou a velha.

– A vida de Isabelle não será mais traçada por você. – Então voltou seus olhos verdes para Chance. – Nem alterada por você – ela disse. – A vida dela agora é uma paisagem vasta, e, se ela sobreviver ao dia de hoje, fará o próprio caminho no futuro.

Assim que proferiu tais palavras, Tanaquill tirou o mapa de Isabelle das dobras de sua capa. Ela o jogou para cima e sussurrou palavras mágicas. O mapa se dissolveu em uma poeira fina e brilhante que foi levada pela brisa.

Fate e Chance ficaram assistindo à poeira sumir, então se voltaram para a rainha fada, cheios de protestos. Mas ela já não

estava mais lá. Eles viram um clarão vermelho enquanto uma raposa saltava um muro de pedras. Os dois a seguiram com o olhar enquanto ela atravessava os campos e as colinas. Ela parou nos limites de Wildwood, lançou-lhes um olhar e desapareceu na mata.

Existe magia neste mundo triste e complicado. Uma magia mais poderosa que o destino, mais poderosa que o acaso. E ela se encontra no mais improvável dos lugares.

Diante da lareira à noite, quando uma garota deixa um pedaço de queijo para um camundongo faminto.

Em um abatedouro, onde o velho e enfermo, o fraco e descartável, ganham mais importância que o dinheiro.

No pequeno quarto de sótão de um pobre carpinteiro, onde três irmãs aprendem que, para ser perdoado, é preciso perdoar.

E agora, em um campo de batalha, quando uma simples garota tenta mudar a situação em uma guerra.

Essa é a magia de uma criatura frágil e falível, capaz tanto de atos de crueldade indizível quanto de bondade imensurável. Ela habita cada ser humano e está sempre pronta para nos redimir. Nos transformar. Nos salvar. Se pudermos encontrar a coragem e lhe dar ouvidos.

Essa é a magia do coração humano.

CENTO E VINTE E SEIS

O BATEDOR trazia boas notícias.

A parede de roseira-brava que se erguia do rio, grossa e impenetrável, continuava lá.

– Ótimo – Isabelle disse baixinho. – Aquela parede fica ao sul do acampamento de Volkmar e acaba com qualquer chance de eles escaparem pela montanha e adentrarem Wildwood.

Enquanto falava, ela traçava um diagrama do Vale com um graveto na terra. Seus tenentes estavam perto da jovem, observando enquanto ela desenhava o acampamento, escondido no centro do vale.

– Precisamos cercar pelos outros três lados e bloquear *todas* as rotas de fuga – ela continuou, desenhando um arco de um lado ao outro da parede de roseira-brava e deixando o acampamento no centro do cerco. – Dividam as tropas em duas. Metade vai para o oeste e metade vai para o leste. Elas se encontram aqui, onde estamos agora – ela disse, indicando com o graveto o ponto mais ao norte do diagrama. – Sejam rápidos. Sejam discretos. Enviem um sinal assim que estiverem posicionados. Vão.

Isabelle havia tirado suas tropas de Saint-Michel contornando Wildwood e percorrendo uma longa estrada esburacada que levava aos limites do Vale do Diabo. Os soldados haviam se locomovido em marcha rápida o caminho todo, mas agora o sol já nascia, e a escuridão não estava mais do seu lado. Isabelle mantinha o que ela esperava ser uma distância aproximada de três quilômetros entre suas tropas e o acampamento de Volkmar, para evitar que eles fossem vistos ou ouvidos, mas ela sabia que as chances de serem avistados aumentavam a cada instante.

Se isso acontecesse, perderia a vantagem da surpresa. Ela acreditava que suas tropas eram maiores que as de Volkmar, mas Malleval havia mostrado a ela do que seu inimigo era capaz.

Isabelle sabia que precisaria de qualquer vantagem que conseguisse. Sua preocupação só diminuiria quando as tropas enviassem o sinal.

Os tenentes foram até suas tropas e deram ordens em um tom de voz baixo e urgente. Os soldados desapareceram de imediato entre as árvores. Eles eram feitos de madeira. Eram criaturas da floresta e, conforme assumiam suas posições, se uniam à mata novamente, fazendo tanto barulho quanto um galho se partindo com o vento ou folhas farfalhando com a brisa.

Isabelle cumprimentou um jovem soldado esguio com um movimento de cabeça, que a saudou e então escalou um pinheiro alto atrás dela com uma luneta enfiada no casaco.

Vinte minutos se passaram. Trinta. Isabelle havia ordenado que cada pelotão mandasse um homem subir em uma árvore, com um pedaço de pano vermelho. Ele deveria acenar com o pano quando todos os membros de seu pelotão estivessem posicionados. Quarenta minutos se passaram.

Ela apertava o cabo de sua espada. *Por que está demorando tanto?,* ela se perguntava, tensa. Nero balançou a cabeça, mas sem fazer barulho.

Quando já achava que seus nervos tensos não aguentariam mais, Isabelle ouviu o som de um falcão vindo do jovem soldado encarapitado na árvore acima dela. Aquele era o sinal. Os tecidos vermelhos tinham sido agitados. Todos estavam posicionados.

Isabelle baixou a cabeça. *Elizabeth, Yennenga, Abhaya Rani, estejam comigo*, ela rezou. *Me deem astúcia e força. Façam com que eu seja destemida. Façam com que eu seja audaciosa.*

E então ela levantou a cabeça, ergueu sua espada e gritou:

– *Atacar!*

CENTO E VINTE E SETE

O GRÃO-DUQUE nem viu Isabelle chegando.

Depois que ela e a meia-irmã escaparam, ele fora até o acampamento de Cafard para ordenar que equipes de busca saíssem à procura delas; depois retornara ao acampamento de Volkmar, onde passara o resto da noite. Ele estava em sua barraca, se barbeando diante do espelho, enquanto Isabelle espalhava suas forças ao longo das margens do Vale do Diabo.

Ele abotoava seu casaco enquanto ela liderava suas tropas.

Ele permanecia sentado à mesa de campanha, passando manteiga em uma torrada, enquanto ela e seus homens desciam para o vale.

Gritos e berros fizeram o grão-duque se levantar. Ele ouviu tiros. Cavalos relinchando. Um jato de sangue atingindo a parede de sua barraca. O som molhado de uma lâmina sendo puxada.

Ele agarrou a bainha de sua espada e a prendeu na cintura, e depois correu para a luta. O acampamento estava um caos. Os soldados de Isabelle estavam por todo lado, atacando com ferocidade as tropas de Volkmar.

– Meu cavalo! Tragam meu cavalo! – ele berrou, mas ninguém respondeu à ordem. Os homens caíam à sua volta. O ar estava repleto de fumaça branca de pólvora. O grão-duque levou a mão ao cabo de sua espada, mas não teve a chance de desembainhá-la. A última coisa que ele viu foi uma garota montada em um cavalo negro, uma fúria vingadora se lançando contra ele. E então Isabelle enfiou a espada no peito dele, atravessando seu coração traiçoeiro.

Ele caiu de joelhos, com uma mancha carmim brotando em seu casaco e uma expressão de surpresa no rosto. Então tombou de cara na terra.

Isabelle não parou para se jubilar, pois não sentia prazer em matar, mas seguiu em frente, determinada a matar outra vez.

Soldado após soldado, eles caíam sob sua espada brutal. Seus homens giravam pelo acampamento feito um rio caudaloso e furioso, alguns lutando com espadas, outros com rifles com baioneta. Ateavam fogo em barracas, devastavam pastos, soltavam cavalos, destruíam carroças.

Embora tivessem sido pegos de surpresa, os homens de Volkmar rapidamente se posicionaram. Eles eram soldados formidáveis que lutavam por suas vidas, e organizaram um poderoso contra-ataque. Mas Isabelle estava lutando pela vida de seus compatriotas e lutava feito um leão, incitando Nero a continuar, avançando cada vez mais no acampamento.

Ela tinha acabado de enfiar a espada em um oficial que apontava seu rifle para um dos tenentes do exército dela quando escutou cascos de cavalo às suas costas. Virando-se em sua sela, ela viu um cavaleiro avançando em sua direção, que usava a farda dos invasores. Tinha uma espada na mão e a morte no olhar.

Alguém acaba de profanar o seu túmulo, sussurrou a voz de Adélie.

É mesmo?

Aqui, no Vale do Diabo, ela finalmente vai descobrir.

Isabelle fez Nero dar a meia-volta.

Ficou cara a cara com Volkmar.

E deixou o lobo correr livre.

CENTO E VINTE E OITO

Faíscas azuis voaram pelo ar quando as espadas se chocaram.

Volkmar era maior e mais forte, mas Isabelle era ágil. Ela defendeu os golpes dele, bloqueando a lâmina com seu escudo.

Eles lutavam e lutavam, com seus cavalos revolvendo a terra ao redor de si, e seus gritos, grunhidos e blasfêmias se misturando àqueles de seus soldados. Volkmar atingia com força o escudo de Isabelle, fazendo seu braço esquerdo estremecer. Ele tinha corrido para fora de sua barraca sem armadura. Isabelle habilmente arremeteu contra a cabeça desprotegida dele, abrindo um talho em sua bochecha, mas nenhum dos dois conseguia desferir um golpe mortal.

Então Volkmar mudou de posição e atacou Isabelle pelas costas, acertando a garota com a parte chata da lâmina. A força do golpe a lançou da sela para o chão. O impacto arrancou seu elmo, mas ela conseguiu manter a espada na mão.

Volkmar apeou de seu cavalo e avançou contra Isabelle. Tonta devido à queda, ela não o viu chegar. Mas quando ele ergueu sua espada, um dos soldados de Isabelle, que lutava a apenas alguns passos de distância, gritou para alertá-la.

A lâmina cortou o ar. Isabelle rolou para a direita, tentando sair do alcance, mas a ponta da espada entrou em sua panturrilha esquerda. Ela gritou e se arrastou pelo chão usando a perna boa.

Volkmar correu até ela e chutou a lateral de seu corpo, por baixo do peitoral. Ouviu-se um barulho de osso se partindo. Ela sentiu uma dor lancinante e rolou para o outro lado, ofegante, com a espada sob seu corpo.

– Levante-se, vadiazinha. Fique de pé feito o homem que você acha que é e encare sua morte.

Isabelle tentou se levantar. Ela se esforçou para ficar de joelhos. Volkmar estapeou seu rosto violentamente com as costas da mão,

derrubando-a outra vez.

Todo o corpo de Isabelle doía. Ela tentava enxergar através da fumaça vermelha. Volkmar estava perto, circulando, brincando com ela antes de matá-la.

– Pegue sua espada! Venha me atacar! – Volkmar gritou.

Cuspindo um monte de sangue, Isabelle ergueu os olhos para ele. Volkmar segurava sua espada atravessada diante de seu corpo, para proteger a barriga. Ela sabia que sua única chance era de algum modo se levantar e fazê-lo baixar a lâmina.

Mas como?, ela se perguntava.

Pareça fraco quando estiver forte, e pareça forte quando estiver fraco, foi a resposta.

– Obrigada, Sun Tzu – ela sussurrou.

– Por favor – ela implorou a Volkmar. – Não me mate.

O inimigo sorriu ao identificar o medo nos olhos dela, ao ouvir a dor na voz dela.

– Oh, eu a matarei, *sim.* Mas ainda não – ele disse.

O braço dele relaxou levemente; sua espada desceu um pouco.

Com esforço, Isabelle se levantou, então tentou se afastar mancando, arrastando a perna ferida atrás de si.

Volkmar andava em volta dela e a insultava. Ele já a contabilizava entre os que havia matado. Ele não fazia ideia de que ela já havia caído de cavalos milhares de vezes e sabia como mascarar a dor. Ele não sabia dos duelos de que ela participara sob a tília quando criança. De como ela praticara com espantalhos na fazenda dos LeBenêt. De como aprendera a defender e empurrar, esquivar, recuar e então atacar. Ele não percebia que naquele momento ela se esquivava. Seu ferimento sangrava bastante, mas não era profundo. O chute que ele lhe dera nas costelas tinha doído absurdamente, mas não a fizera perder nem o fôlego, nem sua determinação ou sua coragem.

Ofegante, fazendo caretas, com uma mão pressionando a lateral do corpo, Isabelle ficou de pé, de cabeça baixa, suplicante. Ela estava apoiada em sua espada, como se fosse uma muleta. Fazia parecer que estava indefesa, desarmada.

Embora ela olhasse para baixo, podia ver os pés e a espada de Volkmar. A ponta da lâmina agora estava a poucos centímetros do

chão. Ele caminhava na direção dela.

Mais perto, ela o encorajava. *Só um pouquinho mais perto…*

– Você luta bem, admito. Para uma garota – Volkmar disse, a apenas alguns passos de distância. – Mas é impulsiva demais para ser uma grande lutadora. Você tem mais coragem do que bom senso.

Mais perto… Isso…

– O grão-duque me falou sobre você. E de como você se mutilou para se casar com o príncipe. – Ele deu uma risadinha. – Aposto que você *o* surpreendeu. Vi quando você o matou. Foi um golpe de sorte, é claro. Mas ainda assim. Tenho certeza de que ele não esperava vê-la aqui outra vez, liderando um exército, por incrível que pareça. Ele nunca esperou muita coisa de uma garota medíocre e patética o bastante para cortar fora os próprios dedos.

Mais perto…

Isabelle segurou o cabo de sua espada com força. Inspirou longa e profundamente, e então levantou a cabeça.

– Não, é claro que não. Por que ele esperaria? Por que você esperaria? – ela perguntou. – Mas agora não corto mais dedos…

E então, com um grito de estourar os tímpanos, ela ergueu sua espada e a baixou com tudo no pescoço de Volkmar.

– Corto cabeças.

CENTO E VINTE E NOVE

A PORTA DA CARRUAGEM de Isabelle se abriu.

Ela saiu do veículo e subiu determinada a grande escadaria de mármore que levava às portas do palácio, altas e banhadas a ouro. Soldados estavam enfileirados nas laterais da escadaria. Eles a saudaram batendo continência; ela retribuiu.

Era um dia especial. Isabelle mal conseguia conter sua empolgação.

Dois lacaios abriram as portas para ela, outro a conduziu para dentro. O saguão, todo de mármore e espelhos, era iluminado por mil velas acesas em lustres de cristal. Enquanto atravessava o saguão, ela se lembrou da primeira vez em que estivera ali – com Tavi e Maman, para o baile do príncipe.

A jovem sentiu um aperto no peito ao lembrar de como elas tinham deixado Ella em casa, soluçando na cozinha. Isabelle, naquela ocasião, usava um vestido de seda rígido, adornado com contas de cristal e enfeitado com renda. Seus cabelos estavam presos para cima, em um penteado absurdo que lembrava um ninho de passarinho. Assim que entrou no palácio, tinha se visto de relance em um espelho – e odiado a garota que a tinha encarado de volta.

Agora passava pelo mesmo espelho, e parou por alguns segundos para observar seu reflexo. Uma garota diferente a olhava desta vez – uma com postura confiante, que andava de cabeça erguida. Esta garota trazia os cabelos presos em uma trança simples. Ela usava um blazer de sarja azul-marinho com gola redonda e uma saia longa com fenda combinando, que lhe permitia andar a cavalo sem dificuldade. Botas de couro negras e brilhantes apareciam por baixo da bainha da saia.

Por baixo de seu uniforme, uma faixa branca tinha sido amarrada bem apertada ao redor de seu tronco para diminuir a dor nas

costelas que Volkmar havia quebrado quando a chutara. Uma linha de pontos descia pelo lado externo de sua panturrilha esquerda, onde ele tinha aberto um talho com sua espada. O ferimento estava cicatrizando bem. Um cirurgião de campanha suturara a ferida após a Batalha do Vale do Diabo.

Aquela fora uma luta longa e sangrenta, mas Isabelle a vencera. Ela e suas tropas, que foram em seguida para Saint-Michel, onde tiraram o Coronel Cafard do comando e o prenderam. Depois, ela seguira para o acampamento do rei.

Ela tinha o mapa que mostrava a localização do resto das tropas de Volkmar. Ela as tinha atacado, uma após a outra, vencendo mais três batalhas antes mesmo de chegar ao rei. Assim que chegou ao acampamento real, explicou quem era e por que estava ali, e então entregou ao rei o mapa de Volkmar e seu próprio mapa – prova da traição do grão-duque. Juntos, eles expulsaram o restante dos invasores.

A magia de Tanaquill era poderosa. Seu efeito não havia terminado à meia-noite, como o feitiço feito para a rainha Ella; ele foi desaparecendo devagar. Depois de cada batalha, quando chegava a hora de recolher e incinerar os mortos, nenhum era encontrado. Nenhum soldado de Isabelle, quer dizer. Os responsáveis por vasculhar os campos após as batalhas só encontravam corpos das tropas de Volkmar e, às vezes, estranhamente, um soldadinho esculpido em madeira enroscado na grama.

A parede de roseira-brava tinha voltado para o fundo do rio depois da Batalha do Vale do Diabo. Isabelle havia voltado até a tília, se ajoelhado e enfiado no oco da árvore a medalha de coragem que havia ganhado.

– Para você – ela disse, baixando respeitosamente a cabeça. – Obrigada.

Um lacaio, que hesitava parado ao lado de Isabelle, pigarreou, arrancando-a de suas lembranças.

– General, o rei e a rainha a aguardam no Salão Principal – ele informou.

Isabelle assentiu e o seguiu. Ele a conduziu por um corredor comprido até um par de portas douradas. Empurrando-as com força,

o lacaio adentrou o Salão Principal do palácio e anunciou o nome de Isabelle.

Do outro lado do salão, sentados em tronos dourados, estavam o Rei Charles e a Rainha Ella. Ao longo das paredes laterais do salão jaziam três fileiras de nobres da França, dezenas de palacianos, ministros, oficiais e amigos.

Quando Isabelle avançou até o centro do salão na direção do casal real, viu Hugo e sua nova esposa, Odette. Tavi estava lá, com sua beca. A pedido da rainha, o rei havia decretado que todas as universidades e faculdades do país tinham o dever de aceitar acadêmicos do sexo feminino. Maman estava ao lado dela, sorrindo para o duque disso, para a condessa daquilo. Após pedir desculpas a Ella, madrasta e enteada se reconciliaram, e desde então Maman passava os dias nas hortas do palácio, conversando com cabeças de repolho reais.

Félix também estava lá, e o coração de Isabelle acelerou quando ela o viu usando uma jaqueta nova. O homem a quem ele vendera os soldadinhos de madeira exigiu que ele devolvesse seu dinheiro, mas o rei estava tão agradecido por Félix ter criado o exército que salvara a França que havia devolvido o dinheiro ao homem e concedido a Félix uma bolsa de estudos na melhor escola de artes de Paris. Félix passava todos os seus dias aprendendo como esculpir em pedras, mas arranjava tempo para cavalgar com Isabelle toda tarde na floresta do rei.

Isabelle estava diante do rei e da rainha. Ela parou a alguns passos de distância deles, baixou a cabeça num cumprimento e se ajoelhou.

O rei se levantou. Um criado de luvas parou ao seu lado segurando uma caixa de ébano brilhante. Ele a abriu, revelando uma pesada corrente de ofício de ouro disposta sobre veludo negro. O rei tirou a corrente da caixa, se aproximou de Isabelle e colocou nela a joia, passando-a por sua cabeça. Ele ajeitou a corrente sobre os ombros dela e a fez se levantar e ficar de frente para a corte.

– Damas e cavalheiros, cidadãos da França, estamos todos aqui hoje graças à coragem e à força desta jovem. Jamais poderei retribuir o que ela fez por nós. E jamais ficarei longe dela. Passei a confiar em seus conselhos sábios. Sua bravura e força me inspiram

e me dão esperança conforme passamos da destruição da guerra para os dias gloriosos de paz. Tomei providências para tê-la sempre ao meu lado. Em reuniões com nobres e ministros e, espero que nunca aconteça novamente, no campo de batalha. – O rei sorriu para Isabelle e então disse: – Minha boa gente, apresento a vocês a guerreira mais destemida da França… e minha nova grã-duquesa.

Os aplausos foram ensurdecedores. Gritos e vivas ecoaram pelas paredes altas de pedra.

O coração de Isabelle batia forte – de alegria, gratidão e orgulho – enquanto mirava os rostos de todos aqueles que amava.

Ella se aproximou de Isabelle e do rei, e, juntos, eles desceram os degraus para cumprimentar a corte. Admiradores cercaram Isabelle. Amigos e familiares a abraçaram e beijaram. Nobres queriam que ela relembrasse as batalhas. Ministros perguntaram o que ela achava do estado das fortalezas ao longo da fronteira.

Toda aquela atenção a deixou zonza. Isabelle se afastou um instante para pedir uma bebida a um criado. Ao fazê-lo, ela notou outro rosto na multidão. E por um momento foi como se o tempo tivesse parado, e o rei e a rainha e todos na corte tivessem congelado em seus lugares.

O Marquês de la Chance sorriu. Ele jogava uma moeda de ouro para cima; jogou-a na direção da jovem, que a pegou. Então ele tirou seu chapéu e desapareceu na multidão.

Apertando a moeda em sua mão, Isabelle observou enquanto ele se afastava.

Ela nunca mais o viu.

Ela jamais esqueceu o dia em que o conhecera, ou como os amigos dele lhe aconselharam a desejar algo mais do que ser bela. Ela jamais se esqueceu de Elizabeth, Yennenga, Abhaya Rani. Ela usou a moeda de ouro que ele deixara com ela até o dia de sua morte. Mas sua lembrança favorita dele era o seu sorriso, um sorriso que era ao mesmo tempo uma piscadela e um desafio. Uma estrada solitária em uma noite de vento. Um beijo no escuro.

Um sorriso que havia lhe dado tudo que ela sempre quisera – uma chance.

Uma chance de ser ela mesma.

EPÍLOGO

O BARULHO DA GRANDE aldrava de latão, usada muito raramente, ecoou de um jeito sinistro pelo antigo palácio.

A matrona ergueu os olhos de seu trabalho. A luz da vela iluminou seu rosto.

– Estamos esperando visita? – ela perguntou.

– Quem está aí? – a velha feia ladrou para um criado.

O criado correu até as enormes portas duplas da sala de mapas e as abriu, então desceu depressa vários lances de escada até a porta da rua.

Na soleira havia um homem usando uma sobrecasaca de veludo marrom. Suas longas tranças negras desciam pelas costas. Uma grande bolsa tipo saco estava pendurada em um ombro. No outro, havia um macaco sentado. O criado olhou feio para o homem, mas o fez entrar e o conduziu até o andar superior.

– Você tinha que trazer seu maldito macaco – a velha reclamou, enquanto o homem entrava na sala de mapas.

– Nelson é muito bem-comportado – Chance argumentou.

– Seu conceito de bom comportamento é estranho – a velha comentou. – O que posso fazer por você?

Chance levou a mão ao peito, fingindo estar ofendido.

– *Fazer* por mim? Vim aqui apenas pelo prazer de sua companhia, não para pedir favores – argumentou.

A velha lançou-lhe um olhar cético.

– Nossa aposta terminou empatada. Não tenho que lhe dar nenhum mapa.

– E eu ainda posso visitar minhas três damas favoritas em seu lindo palácio – acrescentou Chance, dando um sorriso charmoso.

– Se eu deixar você ficar, terá que prometer que não roubará mais nenhum mapa.

Chance ergueu a mão direita solenemente.

– Eu prometo – ele disse.

A velha sinalizou que o marquês entrasse e pediu que se sentasse perto da comprida mesa de trabalho. O criado recebeu ordem de buscar bebidas. Outros criados, de capa e capuz, se moveram com discrição ao longo das fileiras de estantes que continham os mapas das Fate.

Chance colocou sua bolsa no chão e se sentou. Ele se virou para o macaquinho e o acariciou.

– Desça, Nelson – falou. – Vá esticar as pernas.

– Não deixe que ele vá muito longe – a velha advertiu.

– Ele não irá. Ficará brincando aos meus pés – Chance garantiu.

O criado voltou trazendo uma garrafa de vinho do Porto, quatro taças e uma bandeja de queijos finos. Quando todos tinham se servido, a velha perguntou:

– A que se deve a honra de sua visita?

– Verdade seja dita…

– Duvido que seja – disse a donzela.

– … eu me senti mal por causa de minha última visita. Foi um pouco apressada. Fui embora de repente.

– Os ladrões geralmente são assim – ironizou a velha.

– Eu gostaria de fazer as pazes, então trouxe alguns presentes – Chance revelou, afinal.

– Creio que tenha sido isso que os troianos disseram aos gregos – a matrona observou.

Chance se curvou e abriu a bolsa. Tirou os presentes dali um a um.

– Pérolas do Japão – ele disse, entregando um pequeno saquinho de camurça à donzela. – Seda da Índia. – Ele deu um rolo de tecido vermelho brilhante à matrona. – E para você… – ele deu à velha uma caixa revestida de veludo – … opalas negras do Brasil.

– São presentes generosos, obrigada – disse a velha. Então ela deu a ele um sorriso astuto. – Ainda acho que você quer algo em troca.

– Não. Não quero nada – Chance respondeu, inocente. Sorriu, esperou alguns segundos, e então disse: – Bem, talvez *uma* coisinha…

Ele revirou sua bolsa mais uma vez e tirou de lá três frasquinhos, que colocou sobre a mesa.

– Aqui estão umas tintas que preparei especialmente para você – ele disse. – Talvez você devesse testá-las. É tudo que peço. Esta é *Valentia…* – Ele pegou um frasco que continha uma tinta verde-azulada cintilante feita de pena de cauda de pavão. – Esta é *Intrepidez*. – A tinta era de um rosa intestinal, meio cor de carne. – E a minha favorita, *Rebeldia*. – Ele ergueu o frasco contra a luz. A cor era meio vermelho, meio laranja dentro do recipiente, como se fosse fogo líquido.

A velha fez um gesto de desdém na direção das tintas. A matrona olhou para elas com desconfiança. Mas a donzela pegou o frasco de *Rebeldia*, o girou na mão e sorriu.

Quando ela fez isso, um barulho veio das fileiras de estantes altas. Um som parecido com o de uma estante inteira de mapas indo ao chão.

A velha semicerrou os olhos.

– Onde está o macaco? – ela perguntou.

– Está bem aqui – Chance informou, curvando-se na direção do chão. O marquês pegou o macaquinho, que estava sentado ao lado de sua bolsa, e o pôs sobre a mesa. O macaco olhou para a velha e mandou um beijo para ela.

A velha ficou ainda mais carrancuda. Um criado correu para averiguar a causa do barulho, depois voltou dizendo que alguns mapas tinham mesmo caído no chão. Ele sugeriu que talvez a estante estivesse cheia demais e garantiu às Fate que o problema seria resolvido. A velha assentiu; sua carranca se suavizou e se transformou em uma careta.

Chance terminou sua bebida, agradeceu às Fate pela hospitalidade e então falou que precisava ir embora. Ele pegou sua bolsa e a pôs no ombro. Nelson saltou para o seu ombro livre.

A velha o acompanhou até as portas da sala de mapas. Enquanto se despediam, ela segurou o braço dele de repente. Com algo que parecia ser compaixão em sua voz, ela afirmou:

– A garota, Isabelle, foi uma exceção. Não peça aos mortais mais do que eles podem oferecer.

– Você está errada. Eles têm muito a oferecer. Todos e cada um deles. Mais, às vezes, do que eles mesmos sabem.

Fate soltou o braço dele.

– Você é tolo, meu amigo.

Chance assentiu.

– Talvez, mas sou feliz.

– Neste mundo, só os tolos o são.

Um criado o conduziu para fora da sala dos mapas e desceu com ele até a porta da rua. Chance saiu e então se virou para agradecer o criado, mas ele já não estava mais lá. As portas já tinham se fechado às suas costas.

Chance virou o rosto para o céu escuro, feliz em ver as estrelas e a lua, feliz por estar do lado de fora do palácio soturno. Nelson, ainda em seu ombro, apontou para um grupo de pessoas com roupas coloridas que zanzavam por ali, sob o brilho da iluminação da rua. Chance foi depressa até elas.

– E então? – perguntou a mágica, erguendo a sobrancelha.

– Ela me fez prometer que eu não roubaria nada – Chance respondeu. – Honrei minha palavra.

A mágica pareceu desapontada. Todos pareceram.

Então Chance abriu sua bolsa. Três macacos saltaram dela, tagarelando alegremente. Nelson se uniu à conversa.

– Mas ela não *os* obrigou a prometer – Chance disse, dando seu sorriso de trapaceiro.

Ele abriu bem a bolsa para que seus amigos pudessem ver o seu interior. Acondicionados no fundo, um pouco esmagados pelos macacos, havia uma dúzia de mapas enrolados.

Rindo, Chance ofereceu o braço à mágica; e então eles e seus amigos caminharam pela calçada rumo à cidade antiga, à multidão, a uma noite linda, estrelada e cheia e possibilidades.

AGRADECIMENTOS

STEPSISTER É UMA HISTÓRIA que eu queria contar havia anos. E, se enfim consegui contá-la, foi graças a muitas pessoas maravilhosas. Jamais poderei agradecê-las o suficiente, mas tentarei mesmo assim.

Agradeço a Mallory Kass, minha editora incrível, por sua inteligência, coração enorme, senso de humor e carinho por meias-irmãs feias, cavalos bravios, autores nervosos e outras criaturas difíceis. Isabelle e eu tivemos muita sorte de encontrar nossa própria Tanaquill em você – menos a parte dos dentes e garras afiados!

Meu grande e sincero agradecimento a Dick Robinson, Ellie Berger, David Levithan, Tracy van Straaten, Lori Benton, Rachel Feld, Lizette Serrano, Lauren Donovan, Alan Smagler e sua equipe, Melissa Schirmer, Amanda Maciel, Maeve Norton, Elizabeth Parisi e o restante da minha família na Scholastic pelo enorme entusiasmo de vocês com *Stepsister*, e pela adorável recepção em minha nova casa. Isso significa muito para mim.

Agradeço a Graham Taylor e a Negeen Yazdi, da Endeavor Content, Bruna Papandrea, da Made Up Stories, e Lynette Howell Taylor, da 51 Entertainment, pelo trabalho de transformar *Stepsister* em filme. Tenho muito orgulho da minha parceria com todos vocês, e estou animada para ver o resultado. Meu muito obrigada à agente de cinema Sylvie Rabineau, da WME, e a Ken Kleinberg e Alex Plitt, da Kleinberg Lange Cuddy & Carlo LLP, pelos excelentes conselhos e orientação.

Agradeço ao meu maravilhoso agente, Steve Malk, da Writers House, por acreditar em *Stepsister*, em todas as minhas histórias, e em mim. “Aonde quer que você vá, vá com todo o coração”, nos diz Confúcio. Se tenho a chance de contar histórias, de seguir meu coração todos os dias, é porque tenho Steve como companheiro de viagem em minha jornada de escritora. Agradeço também à minha

agente de direitos estrangeiros, a fantástica Cecilia de la Campa, por levar *Stepsister* aos leitores do mundo todo.

Agradeço à minha amada família – Doug, Daisy, Wilfriede e Megan – por ler as primeiras versões da história, fazer valiosos comentários e me encorajar. Um agradecimento extra a você, Doug, pela ótima frase de efeito. Agradeço, acima de tudo, por me aguentarem. Vocês me ensinam todos os dias o que é a beleza verdadeira.

Agradeço à ilustradora Retta Scott por seu trabalho em *Cinderela* para as edições da Big Golden Book. Agradeço à minha avó Mary por ler essa história para mim cinco milhões de vezes. Agradeço a Pablo Picasso. Sua frase "*Estou sempre fazendo aquilo que não sou capaz, numa tentativa de aprendê-lo*" inspirou um comentário semelhante do Marquês de la Chance quando ele conhece Isabelle, e sempre foi uma inspiração para mim.

Agradeço aos padrinhos mágicos – às incontáveis gerações de contadores de histórias que passaram adiante antigas narrativas contando-as a crianças sonolentas reunidas ao redor de uma fogueira à noite, e a coletores como Jakob e Wilhelm Grimm que preservaram essas histórias escrevendo-as. Graças a essas pessoas, as histórias antigas resistiram, sendo tão vitais e relevantes hoje como eram séculos atrás.

Os contos de fadas foram muito importantes para mim quando eu era criança. Eles eram divertidos, instrutivos e inspiradores, e, o mais importante: eram honestos.

O mundo tem mil jeitos de nos dizer que não somos bons o suficiente, que não bastamos, que a vida é uma grande festa à beira-mar para a qual não fomos convidados. Florestas escuras? Que florestas escuras? Lobos? Que lobos? Não se preocupe com eles. É só comprar isto, comer aquilo, usar aquilo outro, e seu nome estará na lista de convidados. Você será popular. Desejado. Adorado. Amado. Feliz.

Os contos de fada falam conosco sem rodeios. Eles nos dizem algo profundo e essencial – que as florestas são reais, escuras e cheias de lobos. Que às vezes nos sentiremos perdidos e impotentes nessas florestas. Mas esses contos também nos dizem que nós nos bastamos, que temos tudo de que precisamos –

coragem, inteligência e talvez um bolso cheio de migalhas – para encontrar nosso caminho de volta para casa.

E por último, mas não menos importante, agradeço imensamente a *você*, querido leitor. Você é tudo o que eu desejava.